



A Alquimia do Amor.

Nicholas Sparks.

Título original: *The Wedding* .
Tradução: Saul Barata.
Editorial Presença, Lisboa, 2003.

PRÓLOGO.

Por vezes, ponho-me a pensar: será possível que um homem venha a sofrer uma transformação radical? Ou será que o carácter e os hábitos encerram as nossas vidas dentro de fronteiras inamovíveis?

Estamos em meados de Outubro de 2003 e eu a ponderar estas questões, enquanto observo uma borboleta a arremeter com força contra a lâmpada que ilumina o alpendre. Estou cá fora, sozinho, pois Jane, a minha mulher, está a dormir no quarto do primeiro andar e nem notou que eu me esgueirei para fora da cama. É tarde, já passa da meia-noite, e o tempo está fresco, como a anunciar a chegada prematura do Inverno. Visto um roupão de algodão grosso e, embora pensasse que ele seria suficiente para me manter aquecido, noto que as mãos me tremem de frio e tenho de as meter nos bolsos.

Por cima de mim, as estrelas são pontos de prata colocados numa tela negra. Distingo Orion e as Pleíades, a Ursa Maior e a Coroa Boreal, e ponho-me a pensar que me deveria sentir inspirado pela ideia de que, ao olhar as estrelas, estou também a olhar o passado. As constelações brilham graças à luz que foi emitida há milhares de milhões de anos e fico à espera de que algo venha ter comigo, as palavras que os poetas usam para iluminar os mistérios da vida. Mas nada acontece.

O que nem me surpreende. Nunca me considerei um sentimental e, se perguntarem à minha mulher, tenho a certeza de que ela concordará. Não me deixo apanhar por enredos de filmes ou de peças teatrais, nunca fui um sonhador e, se aspirasse à mestria num qualquer domínio, escolheria a que fosse definida pelas normas dos Serviços e Contribuições e Impostos e constante da lei. Na sua maior parte, os meus dias, e anos, como advogado especializado em propriedades, foram passados em companhia de pessoas que se preparam para a sua própria morte, o que, suponho, levará muita gente a pensar que a minha vida teve, por isso, menos significado. Porém, mesmo que isso fosse verdade, que poderia eu fazer? Não procuro arranjar desculpas, nunca o fiz, e lá para o fim da minha história espero que o leitor veja com uma certa indulgência esta deficiência do meu carácter.

Não me interpretem mal, por favor. Posso não ser um sentimental, mas não sou completamente destituído de emoções e há momentos em

que sou assaltado por um profundo sentimento de curiosidade. Quase sempre por coisas simples que considero estranhamente comoventes: estar entre as sequoias gigantes da Serra Nevada, ou ver as ondas do oceano a entrecrocarem-se defronte do Cabo Hatteras, lançando espuma salgada para o céu. Na semana passada, senti um aperto na garganta ao ver um rapazinho pegar na mão do pai, quando ambos caminhavam pelo passeio. Mas há também outras coisas. Por vezes, ao olhar um céu de nuvens arrastadas pelo vento, perco a noção do tempo, o que também acontece quando ouço o ribombar do trovão, que me leva sempre para junto da janela para observar os relâmpagos. Quando o clarão seguinte ilumina o céu, sinto muitas vezes que me falta qualquer coisa, embora não consiga explicar aquilo de que na verdade sinto falta.

Chamo-me Wilson Lewis e esta é a história de um casamento. É também a história da minha vida de casado, mas, apesar dos trinta anos que eu e Jane já passámos juntos, acho que tenho de começar por admitir que há quem saiba mais acerca do casamento do que eu. Se algum homem precisar de um conselho, não sou eu a pessoa indicada para o dar. Nos anos que já levo de casado, tenho sido egoísta, teimoso e ignorante como um peixinho dourado, por mais difícil que me seja admiti-lo. No entanto, olhando para trás, creio que fiz uma coisa acertada: amei a minha mulher durante todos os anos que passámos juntos. Embora possa haver quem não veja nada de especial nesta situação, devo dizer-vos que houve um tempo em que tive a certeza de que a minha mulher não sentia o mesmo em relação a mim.

Como é sabido, todos os casamentos têm altos e baixos, o que considero consequências normais da decisão que os casais tomam de ficarem juntos para sempre. Na nossa vida em comum, eu e a minha mulher tivemos de suportar a perda dos meus pais e da mãe dela além da doença do meu sogro. Mudámo-nos quatro vezes e, embora profissionalmente bem-sucedido, tive de fazer muitos sacrifícios para manter a minha posição. Temos três filhos e conquanto nenhum de nós trocasse a experiência de ter filhos por todas as riquezas de Tutankhamen, as noites sem dormir e as idas frequentes ao hospital quando eles eram pequenos deixaram-nos, a ambos, exaustos e por vezes devastados. Não será necessário dizer que os anos da adolescência deles constituíram uma experiência que prefiro não repetir.

Tudo acontecimentos que provocam um certo nível de cansaço e, para duas pessoas que vivem juntas, o cansaço flui nos dois sentidos. Isso, acabei por concluir, é simultaneamente a bênção e a maldição do casamento. E uma bênção por proporcionar um escape para as tensões da vida diária, é uma maldição porque quem serve de escape é alguém com quem nos preocupamos profundamente.

O que é que me leva a falar disto? E a necessidade de sublinhar que passámos por todas as vicissitudes sem que alguma vez duvidasse dos meus sentimentos em relação à minha mulher. É certo que houve dias em que evitámos os olhos do outro enquanto tomávamos o pequeno-almoço, mas, mesmo assim, nunca duvidei da nossa relação. Não estaria a ser honesto se dissesse que nunca me interroguei sobre o que teria acontecido se tivesse casado com outra pessoa; porém, em todos os anos que levámos de vida em comum, nunca lamentei a decisão de a ter escolhido e de ela se ter decidido por mim. Pensei que tínhamos uma relação estável para, afinal, perceber que estava enganado. Apercebi-me disso há pouco mais de um ano - há catorze meses, para ser mais preciso - e, mais do que tudo, foi essa descoberta que veio a desencadear todos os problemas subsequentes.

Querem saber o que aconteceu?

Já da a minha idade, poder-se-ia pensar num incidente inspirado por uma crise da meia-idade. Talvez um desejo súbito de mudança ou uma partida provocada pelo coração. Contudo, não se tratou de nada disso. Não, na grande ordem das coisas, o meu foi um pequeno pecado, um incidente que em circunstâncias diferentes poderia dar assunto para uma boa anedota quando mais tarde fosse recordado. Mas magoei-a, ambos fomos magoados, e é nesse ponto que devo começar a minha história.

Estávamos a 23 de Agosto de 2002 e fiz o seguinte: levantei-me, tomei o pequeno-almoço e, como era habitual, passei o dia no escritório. Os eventos do meu dia de trabalho não influíram minimamente no que veio a seguir; para ser franco, não consigo recordar que se tivesse passado algo de extraordinário. Cheguei a casa à hora do costume e fiquei agradavelmente surpreendido por encontrar Jane na cozinha, a preparar o meu prato preferido. Quando se voltou para me dar as boas-vindas, pareceu-me que o olhar dela me percorreu de alto a baixo, como se quisesse assegurar-se de que não tinha mais nada nas mãos, para além da

pasta. Eu tinha as mãos *vazias*. Uma hora mais tarde, jantámos juntos; acabado o jantar, enquanto Jane estava a levantar a mesa, abri a pasta para tirar uns documentos que pretendia rever. Sentado à secretária, estava a analisar a primeira página, quando reparei que Jane estava à porta da sala, a limpar as mãos com um pano da louça, com um ar de desapontamento que, ao longo dos anos, eu aprendera a reconhecer, mesmo que não conseguisse compreendê-lo totalmente.

- Não tens nada para me dizer? - perguntou, instantes depois.

Hesitei, ao perceber que a pergunta não era tão inocente quanto parecia. Pensei que estivesse a referir-se a um novo penteado, mas depois de olhar com cuidado não notei qualquer diferença. Ao longo dos anos, habituara-me a reparar nesse tipo de coisas. No entanto, ao olharmos um para o outro, continuava a não perceber, embora soubesse que tinha de dizer qualquer coisa.

- Como é que te correu o dia? - acabei por perguntar.

Fez um ligeiro sorriso contrafeito e virou-me as costas.

É claro que agora sei o que ela pretendia, mas, na altura, limitei-me a encolher os ombros e retomei o que estava a fazer, pensando estar perante um exemplo mais da misteriosa maneira de ser feminina.

Mais tarde, deslizei para dentro da cama e estava a ajeitar-me confortavelmente quando reparei que Jane fez uma inspiração rápida e profunda. Estava deitada de lado e, quando notei que os ombros lhe tremiam, senti um choque súbito, percebi que ela estava a chorar. Confuso, fiquei à espera de que me explicasse o motivo do choro; porém, em vez disso, fez mais umas inspirações profundas, como se tentasse respirar por entre os soluços. Cada vez mais assustado, senti o aperto instintivo da garganta, tentei não pensar que tivesse acontecido alguma coisa ao pai dela ou aos miúdos, ou que o médico lhe tivesse dado uma notícia terrível. Tentei não pensar que poderia estar perante um problema que eu não tivesse capacidade para resolver e, julgando que pudesse confortá-la, fiz-lhe uma festa nas costas.

- O que é que se passa? - perguntei.

Levou algum tempo a responder. Ouvia-a suspirar ao puxar a roupa até cobrir os ombros.

- Feliz aniversário - murmurou.

Vinte e nove anos, recordava-me agora, demasiado tarde, ao olhar para o canto do quarto, onde estavam as prendas que ela tinha comprado para mim, devidamente embrulhadas e encostadas à cómoda.

Timha-me esquecido, pura e simplesmente. não me desculpei, nem conseguiria, mesmo que quisesse. Que mais poderia invocar? Pedi perdão, e voltei a pedir na manhã seguinte, mais tarde, ao serão quando abriu o perfume que eu seleccionara com todo o cuidado e a ajuda de uma jovem na loja. Jane sorriu, agradeceu e presenteou-me com uma palmadinha numa perna. Sentado ao lado dela no sofá, senti que a amava tanto como no dia em que nos casámos. No entanto, ao olhar para ela notei, talvez pela primeira vez, a maneira distraída como olhava para o lado e aquela inclinação inequívoca de tristeza da cabeça. De repente, senti-me assaltado pela dúvida de que ela ainda me amasse.

CAPÍTULO UM.

Pensar que não se é amado pela própria esposa é uma ideia terrível e, naquela noite, depois de Jane ter levado o perfume para o quarto, deixei-me ficar no sofá durante horas, a magicar como é que uma situação daquelas podia ter acontecido. A princípio, quis crer que Jane estava apenas a reagir emocionalmente e que eu estava a dar ao incidente uma importância que ele não merecia. Contudo, quanto mais pensava no caso, mais sentia não só o desgosto com que ela julgava a distração do marido, mas também os sinais de uma melancolia que já vinha de trás, como se o meu lapso mais não fosse do que o golpe final numa longa série de erros e descuidos.

Estaria Jane desapontada com o casamento? Embora quisesse recusar-me a admitir a ideia, a expressão dela parecia dizer isso mesmo, pelo que dei comigo a tentar imaginar quais seriam as consequências para o nosso futuro a dois. Estaria Jane a ponderar se devia continuar ou não a viver comigo? Para começar, estaria contente com a decisão que tomara ao casar comigo? Perguntas assustadoras, devo dizê-lo, ainda mais difíceis de considerar por quem sempre partira do princípio de que Jane estava tão contente por ser minha mulher quanto eu estava satisfeito por ser seu marido.

O que seria, pensava eu, que nos tinha levado a alimentar sentimentos tão diferentes em relação ao outro?

Parece que tenho de começar por dizer que muitas pessoas atestariam que levávamos uma vida bastante normal. Como muitos homens, eu tinha a obrigação de sustentar a família, e a minha vida girava muito à volta da carreira. Passara os últimos trinta anos a trabalhar para uma sociedade de advogados, a firma Ambry, Saxon & Tundle, de New Bern, Carolina do Norte, e o meu rendimento, sem ser extravagante, era suficiente para nos situar na classe média alta. Nos fins-de-semana gosto de jogar golfe e de jardinar, prefiro música clássica e leio o jornal todas as manhãs. Embora Jane tivesse sido professora do primeiro ciclo acabou por passar a maior parte da nossa vida de casados a criar os três filhos. Dirigia a casa e a nossa vida social, e os bens de que mais se orgulha são os álbuns de fotografias, cuidadosamente conservados, que contam a história visual das nossas vidas. A nossa casa, construída em tijolo, dispõe de uma cerca feita com estacas e de sistema automático de rega, temos dois carros e somos sócios do Clube de Rotários e da Câmara de Comércio. No decurso da nossa vida de casados juntámos poupanças para quando chegar a reforma, construámos um conjunto de balouços no quintal, que agora não é utilizado, assistimos a dezenas de conferências entre professores e encarregados de educação, votámos com regularidade e demos o nosso contributo financeiro para a Igreja Episcopal, todos os domingos, sem falta. Com 56 anos de idade, sou três anos mais velho que a minha mulher.

Apesar do que sinto por Jane, por vezes dou comigo a pensar que não somos um par talhado para a vida em comum. Somos diferentes em quase tudo e, por muito que os opostos se atraiam, sempre me convenci de que, no dia do casamento, fora eu quem fizera a melhor escolha. Jane é, ao cabo e ao resto, o tipo de pessoa que eu sempre desejei ser. Enquanto eu me oriento pelo estoicismo e pela lógica, Jane é extrovertida e amável, tão simpática que se torna benquista por toda a gente. Ri com facilidade e tem um grupo enorme de amigos. Com o passar dos anos, acabei por perceber que, na sua maioria, os meus amigos são os maridos das amigas da minha mulher, mas quero crer que isso é uma característica comum dos casais dos nossos dias. Sou um homem de sorte, pois, segundo parece, Jane escolhe as amigas a pensar em mim; tenho de estar-lhe agradecido porque em qualquer jantar ou festa há sempre alguém com quem eu posso conversar. Muitas vezes penso que Se ela não tivesse entrado na minha

vida, eu acabaria por tornar-me um recluso, como um monge. E há mais: agrada-me a facilidade infantil com que Jane expressa as suas emoções. Chora quando está triste, ri-se quando está alegre; e nada lhe agrada mais do que ser surpreendida por um gesto bonito. Nesses momentos revela-se possuidora de uma inocência que não tem idade e, a despeito de uma surpresa ser, por definição, algo inesperado, a recordação de uma Surpresa pode, muitos anos depois, despertar-lhe a mesma excitação da primeira vez. Às vezes, quando está absorta e lhe pergunto em que é que está a pensar, pode começar, de repente, a falar em tom apressado de qualquer evento que há muito esqueci. Uma característica que, devo confessar, nunca deixou de me surpreender.

Mesmo tendo sido abençoada com o mais terno dos corações, em muitas coisas Jane é mais forte do que eu. As suas crenças e valores alicerçam-se, como sucede com muitas mulheres do Sul, em Deus e na família; vê o mundo por um prisma que só tem preto e branco, certo e errado. Com ela, as decisões difíceis são tomadas por instinto - e são quase sempre acertadas -, enquanto eu, pelo contrário, me embrenho na ponderação de opções sem fim e muitas vezes decido mal. E, ao contrário do que acontece comigo, é raro que a minha mulher se sinta constrangida. Esta ausência de preocupação com aquilo que os outros pensam dela exige uma confiança que sempre considerei ilusória e, acima de tudo, é um dos traços que mais lhe invejo.

Suponho que algumas das diferenças entre nós derivam da maneira como fomos criados. Jane cresceu numa cidade pequena, com os três irmãos e os pais que a adoravam, mas eu cresci numa casa em plena cidade de Washington, como filho único de dois advogados que trabalhavam para o Governo e os meus pais raramente chegavam a casa antes das sete horas da tarde. Uma situação que me obrigou a passar sozinho a maior parte do meu tempo livre e, ainda hoje, me sinto mais à vontade na privacidade confortável do meu gabinete.

Como já disse, temos três filhos e, mesmo sentindo por eles um amor profundo, não posso deixar de dizer que eles são, em grande parte, produto da educação da mãe. Ela trouxe-os ao mundo e criou-os, é com a mãe que se sentem mais à vontade. Embora por vezes lamente não ter passado com eles tanto tempo quanto devia sinto o conforto de saber que Jane compensou largamente as minhas ausências. Segundo parece, a despeito das minhas falhas, os nossos filhos estão bem. Estão criados e

têm vida própria, mas julgamo-nos felizes por apenas um deles ter decidido ir viver para outro estado. As nossas duas filhas continuam a visitar-nos com frequência e a mãe tem o cuidado de manter as comidas de que elas gostam no frigorífico, para o caso de sentirem fome, o que parece nunca acontecer. Quando se juntam, ficam horas a conversar com Jane.

Anna é a mais velha, tem 27 anos. Com cabelo preto e olhos escuros, o aspecto reflecte a personalidade que desenvolveu durante a adolescência. Era uma rapariga triste que passou os anos da juventude fechada no quarto, a ouvir música lúgubre e a escrever um diário. Nessa altura portava-se como uma estranha em relação a mim, podia passar dias sem dizer uma única palavra quando eu estava presente, deixando-me sem perceber o que eu teria feito para provocar aquelas atitudes. Tudo o que eu dizia parecia provocar apenas encolheres de ombros e o abanar da cabeça da minha filha e, se lhe perguntasse se havia alguma coisa que a preocupasse, fitava-me como se a pergunta fosse incompreensível. A minha mulher não parecia ver nada de anormal naquilo que considerava apenas uma fase típica das adolescentes, mas o facto é que Anna ainda falava com a mãe. Muitas vezes, ao passar junto do quarto da Anna ouvia-a a falar baixinho com a mãe, mas se me sentisse do outro lado da porta, a conversa sussurrada terminava de imediato. Mais tarde, se perguntasse à Jane o que tinham estado a discutir entre elas, a minha mulher encolhia os ombros e fazia um gesto de mão, como a dizer-me que não ligasse, como se o objectivo de ambas fosse manter-me ignorante acerca do que se passava.

No entanto, por ser a primogénita, Anna sempre foi a minha preferida. Não é uma confissão que eu faça a qualquer pessoa, mas acho que ela sabe o que eu sinto e ultimamente tenho estado a chegar à conclusão de que, mesmo durante os seus anos de silêncio, gostava mais de mim do que eu julgava. Ainda me recordo de no meu canto, a trabalhar em procurações e testamentos, e ela se esgueirar pela porta. Andava pela sala, examinava as estantes e mexia em diversos livros, mas, logo que eu lhe dizia qualquer coisa, voltava a sair tão silenciosamente como entrara. Com o tempo, habituei-me a não dizer nada e por vezes ela cirandava pelo escritório durante uma hora a ver-me escrever nos blocos amarelos de modelo oficial. Se olhasse para ela, retribuía-me com um sorriso de cumplicidade de apreciação daquele nosso jogo. Não percebo melhor a

situação do que percebia na altura em que isto acontecia,mas aquelas são as imagens que tenho mais bem guardadas na memória. .

De momento, Anna trabalha para o *Raleigh News and Observer*, mas penso que alimenta o sonho de ser romancista. Na universidade formou-se em escrita criativa, escrevendo histórias tão tristes como a sua personalidade. Recordo-me de ter lido uma, em que uma jovem se tornava prostituta para poder tratar o pai doente, um homem que chegara a violentá-la. Quando pousei o maço de folhas, fiquei a magicar o que se esperaria que eu fizesse com uma coisa daquelas.

Também está loucamente apaixonada. Anna sempre foi cuidadosa e determinada nas suas escolhas, era muito difícil de contentar no que respeitava aos namoros e, graças a Deus, Keith sempre me pareceu um homem capaz de a tratar bem. Pretende ser ortopedista e comporta-se com uma confiança só possível em pessoas que não tiveram de enfrentar muitos revezes na vida. Soube, através da Jane, que da primeira vez que saíram juntos, Keith levou Anna para uma praia perto de Fort Macon, onde se entretiveram a lançar papagaios. Uns dias mais tarde, quando Anna o trouxe a nossa casa, Keith apresentou-se de casaco desportivo, banhado de fresco e a cheirar ligeiramente a água-de-colónia. Quando apertamos as mãos, olhou-me bem de frente e deixou-me impressionado, dizendo:

- Prazer em conhecê-lo, Mr. Lewis.

Joseph, o nosso segundo filho, é um ano mais novo do que Ana. Sempre me tratou por «Pop», embora ninguém mais usasse esse termo na família; também não temos muitas coisas em comum. É mais alto e mais magro do que eu, usa calças de ganga na maioria dos compromissos sociais e quando nos visita, no Dia de Acção de Graças ou no Natal, só come vegetais. Quando estava a crescer, achava que era um miúdo calmo, mas a sua reserva, tal como a da Anna, parecia especialmente dirigida contra mim. Por vezes falava-se do seu sentido de humor, embora, para ser franco eu raramente desse por ele. Sempre que estávamos juntos, dava-me a impressão de que ele tentava avaliar-me.

Em criança, relacionava-se facilmente com as pessoas, como a mãe. Preocupava-se com os outros, a ponto de roer as unhas por eles, pelo que desde os cinco anos de idade nunca lhe vi as unhas crescidas. Nem vale a pena falar do assunto: mas quando sugeri que estudasse Gestão ou

Economia, escolheu Sociologia. Trabalha agora num decadente abrigo para mulheres, em Nova Iorque, embora não nos forneça mais pormenores sobre aquilo que faz. Sei que ele analisa as escolhas que eu fiz na vida, tal como eu analiso as dele e, a despeito das nossas diferenças, é com Joseph que tenho as conversas que sempre desejei vir a ter com os meus filhos quando os punha ao colo em crianças. E extremamente inteligente, quase obteve a nota máxima no exame de admissão e interessa-se por um largo leque de assuntos, desde a história do Médio Oriente às aplicações teóricas da geometria fractal. Também é honesto - dolorosamente honesto, por vezes - e nem preciso de dizer que estes aspectos da sua personalidade me deixam em desvantagem quando pretendo defender ideias contrárias às dele. Embora por vezes me sinta frustrado pela sua teimosia, é nesses momentos que sinto mais orgulho por ele ser meu filho.

Leslie, a menina da família, que pretende ser veterinária, está agora a estudar Biologia e Fisiologia em Wake Forest. Em vez de vir passar o Verão a casa, como faz a maioria dos estudantes, tem aulas suplementares para poder licenciar-se mais depressa e passa as tardes a trabalhar num lugar chamado Animal Farm. De todos os nossos filhos, é ela a mais gregária, com um riso que soa exactamente como o da mãe. Como a Anna, gostava de me visitar no meu covil, embora se mostrasse mais feliz quando eu parava de trabalhar para lhe dar atenção. Em pequena, gostava de se sentar ao meu colo e de me puxar as orelhas; quando cresceu, gostava de entrar e sair, aproveitando para contar anedotas. Tenho as estantes cheias de presentes que me deu quando estava a crescer: moldes de gesso das suas mãos, um colar feito de macarrões. Era a mais fácil de ser amada. sempre à frente para receber abraços e beijos dos pais, e também sentia grande prazer em ficar enroscada no sofá a ver filmes românticos. Não fiquei surpreendido quando, faz agora três anos, foi escolhida rainha na festa de reencontro dos finalistas da escola secundária.

Também é simpática. Todos os colegas de turma eram convidados para as suas festas de aniversário, pois receava que alguém se sentisse magoado e, quando tinha nove anos, passou uma tarde inteira na praia, a parar junto de todas as toalhas estendidas, para tentar descobrir de quem era um relógio que achara no mar e queria devolver ao dono. Foi, de todos os meus filhos, aquela que me causou menos preocupações e, sempre que ela está em casa, largo tudo para passar o máximo de tempo com ela. A

energia da Leslie é contagiosa. Quando estou com ela, maravilha-me pensar que ela é uma bênção.

Agora que todos os filhos saíram, a casa está diferente. Em vez da música alta, temos apenas silêncio, e na despensa, onde costumavam empilhar-se oito tipos diferentes de cereais açucarados, há agora apenas um que promete maior quantidade de fibras. A mobília dos quartos onde os nossos filhos dormiam não mudou mas, por causa dos cartazes e quadros que foram retirados - bem como todos os vestígios da personalidade de cada um - não há nada que diferencie um quarto daquele que vem a seguir. O que agora parece dominar a casa é a própria sensação de vazio; se a nossa era a casa perfeita para uma família de cinco pessoas, de súbito, passei a ver nela uma espécie de caverna que me recorda como as coisas têm de ser. Recordo-me de ter pensado que esta transformação do lar tivesse algo a ver com a maneira como Jane se sentia.

No entanto, qualquer que fosse o motivo, não posso negar que estávamos a afastar-nos um do outro e, quanto mais pensava no caso, mais me apercebia de como o fosso entre nós se tinha alargado. Tínhamos começado por ser um casal e tivemos de nos transformar em pais - algo que sempre considere normal e inevitável .

Mas, ao fim de vinte e nove anos, foi como se voltássemos a ser estranhos um para o outro. Só o hábito parecia manter-nos juntos. As nossas vidas tinham pouco em comum; levantávamo-nos a horas diferentes, passávamos os dias em lugares diversos, tínhamos os nossos hábitos pessoais para passar o serão. Sabia pouco acerca da maneira como ela passava os dias e admito que também não falava das minhas actividades. Não consigo lembrar-me de quando foi a última vez em que a Jane e eu falámos de qualquer assunto fora do habitual.

Porém, duas semanas depois do aniversário esquecido, Jane e eu tivemos de fazer isso mesmo.

- Wilson - começou Jane -, temos de conversar.

Olhei para ela. Em cima da mesa, colocada entre nós, estava uma garrafa de vinho, a refeição estava quase no fim.

- Sobre o quê?

- Estive a pensar em ir a Nova Iorque, para passar algum tempo com Joseph.

- Ele não vem cá durante as férias?

- Ainda faltam uns dois meses para as férias. E como ele não veio a casa neste Verão, pensei que seria interessante ser eu a visitá-lo, até por ser diferente.

No fundo, pensei que até poderia ser bom para nós, como casal, se nos afastássemos de casa durante alguns dias. Talvez a Jane pensasse o mesmo ao fazer a sugestão e, a sorrir, peguei no meu copo de vinho. - Acho uma boa ideia - concordei. - Não voltámos a Nova Iorque desde que nos mudámos para aqui.

Jane fez um sorriso fugidio e baixou os olhos para o prato.

- Há mais uma coisa.

- O que é?

- Bem, acontece que tens bastante que fazer e sei como é difícil afastares-te do escritório.

- Acho que posso preparar a minha agenda de forma a poder ficar fora uns dias - respondi, já a folhear mentalmente o calendário que conservo em cima da secretária. Não seria fácil, mas havia de conseguir.

- Quando é que queres ir?

- Bom, o problema é esse... - respondeu Jane.

- Qual problema?

- Wilson, deixa-me acabar, por favor - disse, a soltar um profundo suspiro, sem tentar esconder a tristeza com que falava.

- O que eu estava a tentar dizer-te é que gostaria de ir sozinha fazer a visita ao Joseph.

Por momentos, fiquei sem saber o que dizer. - Ficaste aborrecido, não ficaste?

- Não - respondi rapidamente. - É o nosso filho. Como podia ficar aborrecido com isso?

A tentar mostrar-me calmo, cortei mais um pedaço de carne.

- Então, quando é que pensas seguir para lá? - perguntei.

- Na semana que vem - respondeu Jane. - Na quinta-feira.

- Na quinta-feira?

- Já comprei o bilhete.

Mesmo sem ter acabado a refeição, levantou-se e dirigiu-se para a cozinha. Pela maneira como evitou o meu olhar, suspeitei de que queria dizer-me mais qualquer coisa, só não tinha a certeza de qual seria a melhor maneira de o fazer. Passado um momento, fiquei sozinho à mesa. Se me voltasse, podia ver o rosto dela de perfil acima do lava-louça.

Falei alto, a tentar mostrar-me descontraído. - Acho que poderá ser interessante para ti. E sei que Joseph também vai ficar satisfeito. Poderás até ver algum espectáculo enquanto lá estiveres.

Pode ser - ouvia-a dizer. - Acho que tudo depende da agenda dele.

Ao ouvir a torneira a correr, levantei-me da mesa e levei o meu prato para o lava-louça. Jane não disse nada quando me aproximei.

- Vais passar um fim-de-semana maravilhoso. Pegou no meu prato e começou a lavá-lo. - Ah, sobre isso... - começou.

- O que é? acrescentei.

- Estava a pensar em ficar lá para além do fim-de-semana. Ao ouvir aquilo, senti os ombros contraírem-se. - Quanto tempo é que pensas ficar lá? Pôs o meu prato de lado.

- Umas semanas - respondeu.

Decerto não culpei a Jane pelo caminho que o nosso casamento parecia estar a levar. Pode dizer-se que me cabe a maior porção da responsabilidade, mesmo que ainda não tenha conseguido juntar todas as peças, saber quando e como as coisas aconteceram. Para começar, tenho de admitir que nunca fui a pessoa que a minha mulher gostaria que eu fosse, mesmo no princípio do nosso casamento. Sei, por exemplo, que gostaria que eu fosse mais romântico, que tivesse com ela um relacionamento como aquele que o pai dela tinha com a mãe. O pai dela era o género de homem para agarrar na mão da mulher nas horas que passavam juntos depois do jantar, ou para, sem razão aparente, lhe trazer um ramo de flores silvestres, que apanhava no caminho para casa. Mesmo em criança, Jane sentia-se encantada pelo eterno namoro vivido pelos pais.

Ao longo dos anos fui ouvindo as conversas telefónicas dela para a irmã, Kate, em que se mostrava admirada por eu considerar o romantismo um conceito difícil. Não é que não tentasse, mas parece que não consigo entender o que é necessário fazer para tocar o coração de outra pessoa. Beijos e abraços não eram gestos comuns na casa onde fui criado, pelo que mostrar as emoções sempre me provocou uma sensação de desconforto, especialmente na presença dos meus filhos. Uma vez conversei com o meu sogro sobre o assunto e ele sugeriu que eu escrevesse uma carta à minha mulher. - Diz-lhe que a amas - recomendou - e apresenta razões específicas. Isto passou-se há doze anos. Recordo-me de tentar seguir o conselho, mas, com a mão perdida por cima do papel, não me pareceu que conseguisse encontrar as palavras adequadas. Acabei por pousar a caneta. Ao contrário do pai da Jane, nunca me sinto à vontade quando se trata de falar dos meus sentimentos. Sou uma pessoa estável e pode-se confiar em mim sem reservas. Sem dúvida que sou fiel.

Porém namorar, fazer a corte, para mim é uma ideia tão estranha como dar a luz. Por vezes ponho-me a pensar quantos homens pensarão exactamente como eu.

Liguei quando Jane estava em Nova Iorque e Joseph atendeu.

- Olá, Pop - saudou.

- Olá. Como é que estás?

- Ótimo - respondeu. Depois do que me pareceu uma eternidade, perguntou: - E tu?

Mudei o peso do corpo de um pé para o outro. - Está tudo muito quieto por aqui, mas estou bem - respondi. Depois de uma pausa, inquiri: - E a visita da mamã está a correr bem?

- Excelente. Mantenho-a sempre ocupada.

- A fazer compras e a visitar a cidade?

- Um pouco. O mais importante é que temos falado de muitas coisas, tem sido interessante.

Hesitei. Bem gostaria de saber o que ele queria dizer, mas Joseph não viu motivos para me explicar. - Oh! - foi só o que consegui dizer, fazendo o possível por manter a voz calma. - Ela está por aí?

- Na verdade, não está. Foi a correr à mercearia. Deve demorar-se poucos minutos, se quiseres voltar a telefonar.

- Não, fica assim. Diz-lhe apenas que eu liguei. Vou estar por aqui toda a noite para o caso de ela querer falar comigo.

Eu digo-lhe - prometeu. Depois, passado um momento: Está, Pop? Quero fazer-te uma pergunta.

- Qual é?;

- É mesmo verdade que te esqueceste do aniversário do casamento?

Respirei fundo, antes de responder: - É verdade, esqueci-me. - Que aconteceu?

- Não sei. - respondi. - Lembrei-me de que a data estava marcada, mas, quando chegou o dia, varreu-se-me da memória, não tenho desculpa.

- Ela ficou magoada - disse Joseph.

- Eu sei.

Houve um silêncio do outro lado do fio. - E conheces o motivo? - acabou por perguntar.

Mesmo sem responder directamente à pergunta, julgo que sei a resposta.

Muito simplesmente, Jane não desejaria que acabássemos como os casais de idosos que por vezes encontrávamos a jantar fora, casais por quem quase sentíamos piedade.

Os membros desses casais costumam ser, que isto fique bem claro, corteses um com o outro. O marido puxa a cadeira para a mulher e é ele quem vai buscar os casacos, ao passo que a mulher pode sugerir um dos pratos especiais da casa. E, quando o empregado de mesa chega, é provável que acrescentem à encomenda do outro os conhecimentos que foram adquirindo ao longo de toda uma vida: não pôr sal nos ovos ou muita manteiga nas tostas, por exemplo.

Mas depois, feita a encomenda, não trocam mais uma palavra entre si.

Em vez disso, vão beberricando as suas bebidas e olham pela janela, esperando em silêncio que a comida chegue. Quando os pratos chegam,

poderão falar com o empregado durante uns segundos - para pedirem mais água por exemplo - mas logo que ele se vai embora não tardam a regressar ao seu mundo de silêncio. Durante a refeição comportam-se como estranhos que, por acaso, se sentam à mesma mesa, como quem está convencido de que o prazer mútuo da companhia exige demasiado esforço para o gozo que proporciona.

Talvez eu esteja a exagerar acerca das vidas destas pessoas, mas muitas vezes dou comigo a pensar no caminho que os casais percorreram até chegarem àquela situação.

Contudo, enquanto a Jane estava em Nova Iorque, fui subitamente assaltado pela ideia de que também nós estávamos a caminhar na mesma direcção.

Lembro-me de me sentir extremamente nervoso quando fui buscar a Jane ao aeroporto. Era uma sensação esquisita e senti-me aliviado ao notar o sorriso fugidio que ela fez, ao caminhar na minha direcção. Quando se aproximou, peguei-lhe na mala. - Como é que foi a viagem? - inquiri.

- Foi boa. Não percebo as razões que levam o Joseph a gostar de viver lá. O movimento e o barulho nunca param. Eu não conseguia.

- Então, estás satisfeita por regressares a casa?

- Claro que estou - respondeu. - Mas sinto-me cansada.

- Faço ideia. As viagens são sempre cansativas.

Por momentos, nenhum de nós disse mais nada. Passei a mala dela para a outra mão. - Como é que está o Joseph? - perguntei.

- Está bem. Acho que engordou um pouco desde a última vez em que estive lá.

- Notaste mais alguma coisa interessante, para além do que me disseste pelo telefone?

- Não. Trabalha demasiado, mas não há mais nada a dizer. Notei uma ponta de tristeza na voz dela, uma tristeza que eu não conseguia entender lá muito bem. Estava a pensar nisso quando vi um casal jovem com os braços à volta um do outro, a abraçarem-se como se não se vissem há muitos anos.

- Estou contente por voltares a casa - disse eu.

Virou-se para mim, fitou-me nos olhos e, lentamente, voltou-se para o carrossel das bagagens. Sei que está magoada. Há um ano atrás, era este o estado das nossas relações.

Gostaria de poder dizer-vos que as coisas melhoraram nas semanas que se seguiram à viagem de Jane, mas tal não aconteceu. Em vez disso, a nossa vida continuou como até ali, continuámos a viver as nossas vidas separadas, com um dia sem história a seguir-se a outro. Não se pode dizer que Jane estivesse zangada comigo, mas também em não parecia feliz, e, por mais que eu tentasse, não conseguia entender os sentimentos dela. Era como se, sem que nos tivéssemos apercebido, um qualquer muro de indiferença tivesse sido erigido entre nós. No final do Outono, três meses depois do aniversário esquecido, estava tão preocupado com a nossa relação que achei que tinha de ir falar com o pai de Jane.

Chama-se Noah Calhoun e, se o conhecessem, perceberiam o motivo que me levou a ir procurá-lo naquele dia. Cerca de onze anos antes, no quadragésimo sexto aniversário do seu casamento, ele e a mulher, Allie, tinham-se insralado no Creekside Extended Care Facility. Embora costumassem partilhar o leito, actualmente Noah dorme sozinho e não fiquei surpreendido ao verificar que não estava no quarto. Na maioria dos dias em que vou visitá-lo, costume encontrá-lo sentado num banco, perto do lago, e lembrei-me de ir à janela para ver se ele estava lá.

Mesmo de longe, reconheci-o perfeitamente: os tufos brancos de cabelo ligeiramente levantados pela brisa, os ombros um pouco inclinados para a frente, o casaco de malha azul que, havia pouco tempo, Kate tricotara para ele. Tinha 87 anos, estava viúvo, tinha os dedos encurvados pela artrite e a saúde era precária. Trazia sempre consigo um frasquinho de comprimidos de nitroglicerina e sofria de cancro da próstata, mas os médicos estavam mais preocupados com a sua saúde mental. Uns anos antes, tinham-nos feito sentar, a mim e a Jane, num gabinete e olharam para nós com ar grave. Informaram-nos de que o Noah andava a sofrer de falhas de memória, que poderiam vir a agravar-se. Por mim, não tinha bem a certeza. Pensei que o conhecia melhor do que qualquer outra pessoa e certamente melhor do que os médicos. Com excepção da Jane, era o mais querido dos meus amigos e, sempre que via a sua figura solitária, nunca deixava de sentir mágoa pelo que ele tinha perdido.

O casamento dos meus sogros acabara cinco anos antes, mas os cínicos diriam que tinha acabado muito antes disso. Nos últimos anos de vida, Allie sofrera de Alzheimer, doença que acabei por considerar uma verdadeira invenção do demónio. E um lento desfazer de tudo aquilo que a pessoa já foi. Afinal, o que somos nós sem as nossas memórias, sem os nossos sonhos? Observar a progressão da doença foi como ver, em câmara lenta, o filme de uma tragédia inevitável. As visitas eram difíceis, tanto para Jane como para mim; Jane desejava recordar a mãe como ela fora, nunca a pressionei para ir, pois aquelas visitas eram igualmente penosas para mim. Contudo, quem mais sofria era Noah.

Mas essa é outra história.

Deixei o quarto do meu sogro e dirigi-me para o quintal. Mesmo para o Outono, a manhã estava fresca. As folhas brilhavam ao sol oblíquo e o ar trazia até ali o cheiro ténue do fumo da chaminé. Esta era, segundo me recordava, a melhor época do ano para Allie e não pude deixar de pensar na solidão de Noah. Como era hábito, estava a dar de comer ao cisne e quando cheguei perto dele, pus um saco de compras no chão. Trazia três pães da marca *Wonder Bread*. Comprava as mesmas coisas sempre que o visitava.

- Viva, Noah - cumprimentei. Sabia que podia chamar-lhe «papá», como Jane costumava fazer com o meu pai, mas nunca me sentira à vontade com essa forma de tratamento e Noah nunca me dera a ideia de se importar.

Voltou a cabeça ao ouvir a minha voz.

- Viva, Wilson. Obrigado por teres passado por cá. Pus-lhe a mão no ombro. - Como é que tem passado?

- Podia ser melhor - respondeu. Depois, com um sorriso malicioso, acrescentou: - Mas também podia ser pior.

Era sempre assim que nos cumprimentávamos. Noah deu uma palmada no banco, a indicar onde me devia sentar. Olhei para longe, para além do lago. As folhas caídas pareciam formar um caleidoscópio flutuante na superfície da água. A superfície brilhante reflectia um céu sem nuvens.

- Vim cá para lhe fazer uma pergunta - comecei. - Ah sim!

Ao falar, Noah cortou um pedacinho de pão e lançou-o para a água. O cisne abriu o bico para o pedaço de pão e logo endireitou o pescoço para o engolir.

- É acerca da Jane - acrescentei. - A Jane - murmurou -, como é que ela está?

- Está bem - respondi, mexendo-me com desconforto.

- Suponho que virá mais tarde - o que era verdade. Nos últimos anos as nossas visitas eram frequentes, umas vezes juntos, outras sozinhos. Bem gostaria de saber se falavam de mim na minha ausência. - E os miúdos?

- Vão igualmente bem. A Anna está a escrever guiões e Joseph lá acabou por encontrar um apartamento. É em que penso eu, mas muito perto do metropolitano. Nesta semana Leslie foi acampar nas montanhas juntamente com as amigas e disse-nos que os exames semestrais lhe correram bem.

Ele assentiu, de olhos sempre postos no cisne. - És um homem de sorte, Wilson - comentou. - Espero que percebas quanto foste afortunado por eles se terem tornado uns adultos maravilhosos.

- Eu percebo.

Ficámos em silêncio. Vistas de perto, as rugas do rosto formavam sulcos e eu conseguia ver as veias que pulsavam por baixo da pele fina das suas mãos. Nas nossas costas, o terreno estava vago pois o ar frio mantinha as pessoas recolhidas.

- Esqueci-me do nosso aniversário - informei.

- Oh!

- Vinte e nove anos - acrescentei.

- Hum.

Por detrás de nós ouviam-se as folhas secas a ser arrastadas pela brisa.

- Estou preocupado connosco - acabei por admitir.

Noah olhou-me de lado. A princípio pensei que iria perguntar-me o motivo, mas, em vez disso, semicerrou os olhos, a tentar ler o que eu tinha

em mente. Depois, voltou-se de novo para o lago e lançou outro pedaço de pão ao cisne. Quando falou, fê-lo em voz macia e baixa, uma voz de barítono envelhecido, temperada pelo sotaque do Sul.

- Recordas-te de quando a Allie adoeceu? De quando eu costumava ler para ela?

- Recordo - respondi, sentindo as memórias invadir-me. Costumava ler de um livro de apontamentos que começara a escrever antes de se mudarem para Creekside. Naquele livro descrevia como ele e a Allie se tinham apaixonado e, por vezes, depois da leitura, e apesar dos estragos provocados pela doença de Alzheimer, ela ficava lúcida por momentos. O estado de lucidez nunca era duradouro e com a progressão da doença cessou por completo mas quando acontecia, a melhoria da Allie era suficientemente extraordinária, o que levava os especialistas a deslocarem-se de Chapel Hill á clinica na esperança de a conseguirem compreender. Não havia dúvidas que por vezes, a leitura fazia melhorar o estado da doente. No entanto, os especialistas nunca conseguiram descortinar as razões. - Conheces o motivo que me levava a ler para ela? - perguntou Noah.

Descansei as mãos em cima das coxas. - Acho que sim, para ajudar a Allie. E porque ela o fizera prometer que o faria.

- Pois, isso mesmo. - corroborou, antes de fazer uma pausa, que me permitiu ouvir-lhe a respiração, um som parecido com o do ar escapar-se de um velho acordeão.

- Mas essa não foi a única razão por que o fiz. Também o fiz por mim. Há muitos tipos que não conseguem entender uma razão destas.

Embora ficasse em silêncio, eu sabia que ele ainda não acabara. Naquele silêncio, o cisne deixou de andar às voltas e chegou-se para mais perto. Com excepção de uma pequena mancha preta no peito, do tamanho de um dólar de prata, o cisne era da cor do marfim. Pareceu ficar indeciso no momento em que o Noah recomeçou a falar.

- Sabes aquilo que melhor recordo dos nossos tempos felizes? - perguntou.

Sabia que ele estava a referir-se aos raros dias em que Allie conseguia reconhecê-lo, mas abanei a cabeça.

- Não - foi a resposta.

- De me apaixonar - continuou. - É daquilo que me recordo. Nos seus dias bons, parecia que podíamos, uma vez mais, recomeçar tudo de novo.

Sorriu.

- É isso que quero dizer quando afirmo que fazia aquilo por mim. De cada vez que lia para ela, era como se voltasse a fazer-lhe a corte, porque às vezes, apenas algumas vezes, ela tornava apaixonar-se por mim, como acontecera muitos anos antes. E trata-se do mais maravilhoso sentimento do mundo. Quantas pessoas é que alguma vez tiveram uma tal oportunidade? Fazer com que a alguém se apaixone por nós, uma e muitas vezes.

Não parecia esperar qualquer resposta e eu também não.

Em vez disso, passámos a hora seguinte a falar dos filhos e da saúde dele. Não voltou a falar de Jane ou de Allie. Contudo, depois de sair, fiquei a pensar naquela visita ao meu sogro. Apesar das cautelas dos médicos, Noah parecia tão penetrante de espírito como sempre fora. Não só pensara que eu iria visitá-lo, concluí, como também antecipara o motivo da minha visita. E à maneira típica de um sulista, tinha-me dado a resposta, sem me obrigar a fazer-lhe a pergunta directamente.

E, então, percebi o que tinha de fazer.

CAPÍTULO DOIS.

Tinha de voltar a fazer a corte à minha mulher.

Parece simples, não parece? Afinal, uma situação como a nossa apresentava diversas vantagens. Para começar, Jane e eu vivíamos na mesma casa e, após três décadas de vida em comum, não se vê necessidade de começar tudo de novo. Podíamos dispensar as histórias das famílias, as anedotas e situações humorísticas da infância de cada um, a questão de saber o que cada um fez para ganhar a vida e de descobrir se os nossos objectivos eram ou não compatíveis. Além do mais, os pequenos pormenores que os indivíduos tendem a esconder durante as primeiras fases de uma relação já eram conhecidos. Por exemplo, a minha mulher já

sabia que eu ressonava, pelo que não faria sentido tentar esconder-lhe uma coisa que estava bem patente. Pela minha parte, lembrava-me de a ter visto quando estive de cama com gripe e não me fazia impressão o aspecto do cabelo dela quando se levantava pela manhã.

Tendo em conta estas realidades práticas, parti do princípio de que seria relativamente fácil voltar a conquistar o amor de Jane. Era apenas uma questão de tentar recriar tudo aquilo que tínhamos apreciado durante os nossos primeiros anos de vida juntos - como Noah fizera com Allie, ao ler para ela. Porém, pensando melhor, cheguei pouco a pouco à conclusão de que nunca percebera verdadeiramente o que, de início, ela vira em mim. Embora me considere responsável, naqueles tempos não era esse o pormenor que as mulheres consideravam mais atraente. Eu era, afinal, um *baby*, um mero produto da geração egoísta, das facilidades.

Estávamos em 1971 quando vi Jane pela primeira vez. Eu tinha 24 anos, estava no segundo ano da Faculdade de Direito da Universidade de Duke e muitas pessoas diriam que eu era um estudante a sério, mesmo no curso secundário. Nunca tive um companheiro de quarto durante mais de um período, pois tinha o costume de estudar até tarde, com o candeeiro aceso. Na sua maioria, os meus antigos companheiros pareciam encarar a universidade como uma série de fins-de-semana separados por conjuntos de aulas aborrecidas, enquanto para mim era a instituição onde me ia preparar para enfrentar o futuro.

Embora esteja disposto a admitir que era sério, Jane foi a primeira pessoa a chamar-me tímido. Conhecemo-nos numa manhã de sábado, num café da baixa. Foi no princípio de Novembro e devido às minhas responsabilidades na *Law Review*, as aulas estavam a constituir um desafio difícil. Receoso de me atrasar no estudo, tinha procurado um café, na esperança de encontrar um lugar sossegado de estudo, onde não me conhecessem e não fosse interrompido.

Foi Jane quem se aproximou da mesa para saber o que eu queria e ainda hoje recordo o momento como se estivesse a repetir-se. Usava o cabelo escuro preso num rabo-de-cavalo, os olhos cor de chocolate destacavam-se graças ao brilho dourado da pele. Usava um avental azul-escuro por cima de um vestido azul-celeste e fiquei espantado pelo ar de facilidade com que me sorriu, como se quisesse mostrar-se satisfeita por eu ter escolhido o sector dela para me sentar. Quando me perguntou o que

queria, notei o sotaque sulista arrastado, característico da parte leste da Carolina do Norte.

Na altura ainda não sabia que poderíamos acabar por jantar juntos, mas recorde-me de ter lá voltado no dia seguinte e de me sentar à mesma mesa. Sorriu ao ver-me sentar e não posso negar que me agradou o facto de ela parecer lembrar-se de mim. Estas visitas de fim-de-semana continuaram por cerca de um mês, durante o qual nunca iniciámos qualquer conversa ou tentámos saber os nomes um do outro, mas depressa notei que a mente me começava a divagar sempre que a via aproximar-se para me encher a caneca de café. Por razões que não consigo explicar muito bem, parecia-me que ela cheirava sempre a canela.

Para ser franco, em rapaz não me sentia completamente à vontade com indivíduos do sexo oposto. Na escola secundária não fui atleta, nem membro do conselho dos estudantes, os dois grupos mais populares. Em compensação, gostava bastante de xadrez e fundei um clube que chegou a ter onze membros. Infelizmente nenhum dos sócios era do sexo feminino. A despeito da minha falta de experiência, consegui sair com meia dúzia de mulheres durante os primeiros anos da faculdade e apreciei esses serões. No entanto, como tomei a decisão de não ter uma relação estável até estar financeiramente apto, não cheguei a conhecer bem nenhuma dessas mulheres e passado pouco tempo deixava de pensar nelas.

Todavia, depois de sair do café passou a ser frequente dar comigo a pensar na empregada de mesa com rabo-de-cavalo, por vezes quando menos esperava. Mais do que uma vez, deixei que a mente divagasse no decurso das aulas, imaginando-a a caminhar pela sala, com o seu avental azul, a entregar impressos com a ementa. Embora aquelas imagens fossem um embaraço para mim, sentia-me incapaz de evitar que regressassem para me dar volta à cabeça.

Não faço ideia de qual seria a evolução do caso se, finalmente, ela não tivesse decidido tomar a iniciativa. Tinha passado a maior parte da manhã a estudar entre nuvens de fumo, produzido pelos cigarros dos outros presentes na sala, quando começou a chover. Uma chuva fria e violenta, uma tempestade vinda das montanhas. A verdade é que, pensando que aquilo podia vir a suceder, tinha-me munido de um chapéu-de-chuva.

Quando ela se aproximou da mesa, levantei os olhos, à espera de que voltasse a encher-me a caneca de café mas, em vez disso, reparei que trazia o avental dobrado debaixo do braço. Tirou o elástico do rabo-de-cavalo e o cabelo caiu-lhe em cascata pelos ombros.

- Não se importa de me acompanhar até ao carro? - pediu - é que tem um chapéu-de-chuva e não me agrada a ideia deficar encharcada.

Um pedido impossível de recusar; por isso, recolhi as minhas coisas e abri a porta para a deixar passar e, juntos, caminhámos por poças de água fundas como latas de conserva. Os ombros dela roçavam nos meus e, enquanto patinhávamos naquele dilúvio, gritou-me o seu nome e mencionou o facto de estar a frequentar Meredith, um colégio feminino. Estava a formar-se em inglês e esperava vir a ser professora. Não lhe respondi grande coisa concentrado como ia em mantê-la seca. Quando chegámos junto do carro, esperava que ela entrasse de imediato mas, em vez disso voltou-se para mim.

- Você é um bocado tímido, não é?

Não soube bem o que responder e penso que ela notou o meu ar atrapalhado, pois riu-se quase de imediato.

- Não faz mal, Wilson. Por acaso, até gosto dos tímidos.

O facto de ela se ter dado ao trabalho de indagar o meu nome devia ter-me deixado admirado, mas tal não aconteceu. Em vez disso, ao vê-la ali, em plena rua, com a chuva a cair e a esborratar-lhe a maquilhagem, tudo o que consegui pensar foi que nunca tinha visto uma mulher mais bonita.

A minha mulher continua a ser bonita.

Como é evidente, a sua beleza é agora mais suave, uma beleza que a idade tornou mais profunda. A pele é macia e tem uns vincos onde dantes era lisa. Os lábios tornaram-se-lhe mais redondos, o estômago um pouco mais cheio, mas continuo a sentir-me cheio de desejo quando a vejo a despir-se no quarto.

Nos anos mais recentes não temos feito amor com muita frequência e, quando o fazemos, falta-nos a espontaneidade e a excitação de que desfrutámos no passado. Contudo, não foram as cenas de amor que me fizeram mais falta. O que tenho desejado é a expressão de desejo, de há

muito ausente dos olhos da Jane, ou um simples gesto que me demonstre que ela me deseja tanto quanto eu a desejo. Uma coisa, qualquer coisa, que assinale que ainda sou especial para ela.

Mas como, reflectia, é que vou conseguir que tudo volte a acontecer? Claro, sabia que tinha de cortejar Jane novamente, mas comecei a aperceber-me de que a tarefa não era tão fácil como eu a julgara a princípio. A nossa familiaridade total, que parecia poder vir a simplificar as coisas, acabou por tornar tudo mais difícil.

As nossas conversas ao jantar, por exemplo, eram afectadas pela rotina. É verdade que, durante as semanas que se seguiram a ter falado com Noah, passei parte das minhas tardes no escritório a procurar novos temas de conversa mas, sempre que conseguia introduzi-los, logo me pareciam forçados e malograva-se a oportunidade. Comecei a compreender que a nossa vida em comum se tinha cristalizado num padrão que nunca poderia conduzir a um recomeço de qualquer género de paixão. Durante anos, para podermos levar as nossas vidas profissionais separadas, tínhamos adoptado horários diferentes. Nos primeiros anos da nossa vida de casados, eu passava muito tempo na firma - incluindo noitadas e fins-de-semana - para me assegurar de que seria visto como um sócio válido quando chegasse a altura própria. Nunca utilizei todo o tempo de férias a que tinha direito. Talvez pecasse por excesso de zelo, por desejar tanto impressionar Ambry e Saxon mas, com uma família cada vez mais numerosa para sustentar, tinha de agarrar todas as oportunidades. Compreendo agora que a busca do êxito profissional, agravada pela minha reserva natural, me afastou do resto da família, acabando até por me convencer de que nunca passei de um estranho na minha própria casa.

Enquanto eu me mantinha atarefado no meu próprio mundo, Jane estava de mãos atadas por causa dos filhos. Conforme as actividades e as exigências deles se foram tornando mais numerosas, por vezes dava a impressão de que ela era apenas uma mancha apressada e sempre em actividade, com quem me cruzava nos corredores. Houve anos, tenho de o admitir, em que foram mais os dias em que jantámos sozinhos do que aqueles em que comemos juntos e, embora uma vez por outra achasse que a situação era estranha, não fiz nada para a corrigir.

É provável que nos tenhamos habituado a esta maneira de viver mas uma vez que os filhos já cá não estavam para governar as nossas vidas,

não parecemos capazes de preencher os espaços vazios que eles deixaram entre nós. E, a despeito das minhas preocupações acerca do estado da nossa relação, a súbita tentativa de alterar os nossos hábitos era como tentar abrir um túnel na rocha, tendo uma colher como única ferramenta. Não quer isto dizer que não tenha tentado. Em Janeiro, por exemplo, adquiri um livro de culinária e comecei a preparar refeições para nós os dois aos sábados à tarde, algumas delas, é bom que se diga, bastante originais e deliciosas. Com o intuito de perder um pouco de peso, para além do jogo regular de golfo, comecei a fazer caminhadas pela vizinhança, três vezes por semana. Até passei tardes inteiras na livraria, a folhear livros, na secção dedicada aos autodidátas, na esperança de descobrir o que mais poderia fazer. Conselhos dos especialistas para melhorar o casamento? Concentre-se nos quatro: atenção, apreciação, afeição e atracção. É isso, recordo-me de ter pensado, faz todo o sentido e dirigi todos os meus esforços para esse objectivo. Aos serões passei a estar mais tempo na companhia da Jane em vez de ficar a trabalhar no escritório, elogiava-a com frequência e escutava-a atentamente quando falava das suas atividades diárias, assentindo quando me parecia apropriado dar-lhe a entender que estava a ouvi-la com toda a atenção. Não alimentava quaisquer ilusões de que algum daqueles remédios restaurasse, como por magia, a paixão de Jane por mim, nem julgava possível uma solução a curto prazo para o problema. Se tínhamos gasto 29 anos a afastarnos um do outro, sabia que umas semanas não podiam ser mais que um longo processo de aproximação. Mesmo que as coisas fossem melhorando um pouco, o progresso estava a ser mais lento do que esperara. Para o final da Primavera, cheguei à conclusão que, para além das mudanças de carácter diário, precisava de fazer mais qualquer coisa, algo de espetacular, algo capaz de convencer a Jane que ela era e continuaria a ser a pessoa mais importante da minha vida. Então, certa noite, dei comigo a folhear os albúns de fotografias da família. Surgiu-me então uma ideia. Na manhã seguinte, acordei cheio de energia e de boas intenções. Sabia que o meu plano tinha de ser conduzido em segredo e metódicamente, começando, por isso por alugar um apartado nos correios. Contudo os meus planos não puderam prosseguir de imediato, porque foi por essa altura que Noah sofreu um acidente vascular. Não foi o primeiro, mas foi o mais grave. Esteve no hospital perto de oito semanas, durante as quais a atenção da minha mulher lhe foi inteiramente dedicada. Passava os dias no hospital e, chegada a noite, estava demasiado cansada e apreensiva para reparar nos meus esforços de

renovação do nosso relacionamento. Noah acabou por poder voltar a Creekside e não tardou a entregar-se à sua tarefa de alimentar o cisne do lago, mas julgo que a doença foi o aviso de que ele não andaria por cá durante muito mais tempo. Passei muitas horas calado a enxugar as lágrimas de Jane e a confortá-la como podia.

De tudo o que fiz durante aquele ano, foi isso, penso eu, o que a minha mulher mais apreciou. Talvez fosse a estabilidade que lhe proporcionei, ou o resultado concreto dos meus esforços dos meses recentes, mas, fosse o que fosse, comecei a notar manifestações ocasionais de renovado carinho por parte de Jane. Embora pouco frequentes, saboreava-as com sofreguidão, na esperança de que as nossas relações estivessem de certa forma a regressar à normalidade.

Graças a Deus, Noah continuou a melhorar e, no início de Agosto, estava a aproximar-se de novo o dia do aniversário esquecido. Tinha perdido quase dez quilos desde que iniciara os meus passeios pelas redondezas e tinha adquirido o hábito de passar todos os dias pela estação dos correios para recolher artigos encomendados. Para que Jane não suspeitasse de nada, trabalhava no meu projecto especial quando estava no escritório. Além disso, decidira fazer férias de duas semanas, uma antes e outra depois do nosso trigésimo aniversário - as férias mais longas que tivera até então - com a intenção de passar mais tempo junto de Jane. Tendo em atenção a maneira como me portara no ano anterior, queria que este aniversário fosse o mais memorável possível.

Então, na noite de sexta-feira, 15 de Agosto, o meu primeiro dia de férias e exactamente oito dias antes do nosso aniversário, aconteceu uma coisa que nem a Jane nem eu jamais esqueceremos.

Estávamos ambos descontraídos na sala de estar. Eu, sentado no meu cadeirão preferido, a ler uma biografia de Theodore Roosevelt, enquanto a minha mulher folheava as páginas de um catálogo. De súbito, Anna irrompeu pela porta da frente. Na altura, ainda estava a viver em New Bern, mas pouco tempo antes entregara o sinal para compra de um apartamento em Raleigh, com a intenção de se juntar a Keith para o primeiro ano de residência dele na Faculdade de Medicina de Duke.

Apesar do calor, Anna vinha vestida de preto. Ambas as orelhas apresentavam furos duplos, o batom parecia um pouco mais escuro do que eu diria aceitável. Por essa altura, já me habituara aos aspectos mais

complicados da sua personalidade, mas quando se sentou diante de nós, voltei a verificar quanto era parecida com a mãe. Estava corada e juntou as mãos, como se estivesse a tentar acalmar-se.

- Mamã e papá - começou -, tenho uma notícia a dar-vos. Jane endireitou-se e pôs o catálogo de lado. Eu sabia que, pelo tom de voz da Anna, também ela descobrira logo que se tratava de coisa séria. Na última vez em que Anna se portara daquela maneira fora para nos informar de que decidira ir viver com o Keith. Pois, eu sei, mas ela era adulta, e que podia eu fazer?

- De que se trata, minha querida? - perguntou Jane. Anna olhou para Jane, depois para mim, para voltar a fitar o olhar na mãe, antes de respirar fundo.

- Vou casar-me - anunciou.

Eu já chegara à conclusão de que os filhos vivem para o prazer de surpreenderem os pais e o anúncio de Anna não era excepção à regra.

De facto, tudo o que se associa à situação de pai é surpreendente. Existe a ideia generalizada de que o primeiro ano do casamento é o mais duro, mas, para a Jane e para mim, não foi assim. Nem o sétimo, o ano da suposta vontade de mudar, foi o mais difícil.

Não, para nós - com a provável excepção destes anos mais recentes - os dias mais problemáticos foram os que se seguiram ao nascimento dos nossos filhos. Parece existir o preconceito, especialmente entre os casais que ainda não tiveram filhos, de que o primeiro ano de vida de uma criança se parece com um anúncio da *Hallmark*, a que não faltam bebés a arrulhar e pais de sorrisos tranquilos.

Pelo contrário, a minha mulher ainda hoje se refere a esse período como «os anos detestáveis». Não o diz do coração, mas acredito piamente que ela não tenha mais vontade de os reviver do que eu.

Quando fala em «detestável», Jane quer dizer o seguinte: houve momentos em que ela detestou praticamente tudo. Detestava o seu aspecto e a maneira como se sentia. Detestava as mulheres que não tinham dores nos peitos e mulheres que continuavam a caber dentro dos vestidos. Detestava a gordura que parecia ressumar-lhe da pele e as borbulhas que já não tinha desde a adolescência. Contudo, as noites sem dormir eram o que mais a punha fora de si e, por consequência, nada a irritava mais do

que ouvir histórias de outras mães cujos filhos dormiam a noite inteira, poucas semanas depois de deixarem a maternidade. Efectivamente, detestava toda a gente que tinha possibilidades de dormir mais de três horas de cada vez e, muitas vezes, parecia até detestar-me pelo meu papel em toda aquela situação. Afinal, eu não podia amamentar e, por causa das muitas horas que passava na firma de advogados, não tinha outro remédio e dormia uma vez por outra no quarto das visitas, de modo a estar apto a trabalhar no dia seguinte. Mesmo convencido de que ela compreendia tudo isto racionalmente, na prática, às vezes, não parecia.

- Bom dia - podia ser o meu cumprimento, ao vê-la na cozinha, pouco firme em cima das pernas. - Como é que o bebé dormiu?

Em vez de responder, poderia suspirar com impaciência e ir ver o que se passava com a cafeteira.

- Dormiu bastante? - insistia eu.

- Tu não aguentavas uma semana.

Mesmo a propósito, o bebé começava a chorar. Jane cerrava os dentes, tapava a cafeteira com estrondo e ficava com aquele ar de quem pergunta por que motivo Deus parecia odiá-la tanto.

Com o tempo, aprendi que o mais sensato era não fazer perguntas.

Depois, não há dúvida de que o facto de ter um filho altera o relacionamento básico entre o casal. Deixa de haver apenas marido e mulher, passa a haver também pai e mãe, desaparecendo de imediato toda a espontaneidade. Jantar fora? Tem de se verificar se os avós estão dispostos a ficar com o bebé, ou se há outra pessoa disponível. Uma estreia no cinema do bairro? Há mais de um ano que não vamos ao cinema. Escapadas de fim-de-semana? Nem vale a falar disso. Não havia tempo nem para aquelas coisas que nos tinham levado ao namoro, como passear, conversar, passar tempo juntos, o que tornava as coisas difíceis para mim e para a Jane.

Não quero com isto dizer que o primeiro ano foi uma desgraça completa. Quando me perguntam como é ser pai, respondo que é uma das coisas mais difíceis que se pode fazer, mas, em compensação, ensina-nos o que significa o amor incondicional. Qualquer coisa que o bebé faz revela-se aos pais como a mais mágica das coisas que até então lhes foi dado ver. Recordarei sempre a primeira vez que cada um dos meus filhos me sorriu;

recordo-me de bater palmas e ver as lágrimas escorrerem pelas faces de Jane quando eles deram os primeiros passos; e não há nada de mais repousante do que segurar um filho a dormir no conforto dos nossos braços e reflectir como é possível amá-lo tão profundamente. São esses os momentos que agora recordo com pormenores mais vivos. Os problemas - embora consiga falar deles sem paixão - não são mais do que imagens distantes e desfocadas, mais perto do sonho do que da realidade.

Não, não existe experiência semelhante à de ter filhos e, apesar das dificuldades que tivemos de enfrentar, sinto-me feliz por termos criado uma família.

Todavia, como já disse, mal aprendi a estar preparado para as surpresas.

Ao ouvir o anúncio de Anna, Jane saltou do sofá, soltou uma exclamação de prazer e foi abraçar-se à filha. Tanto ela como eu gostávamos muito do Keith. Quando lhe dei os parabéns, seguidos de um abraço, Anna respondeu-me com um sorriso enigmático.

- Oh, querida - repetia Jane -, isso é simplesmente maravilhoso... Como é que ele te pediu?... Quando?... Quero que me contes tudo... Deixa-me ver o anel...

Depois da catadupa de perguntas, notei o desencanto na cara de Jane quando Anna começou a abanar a cabeça.

- Não vai ser esse género de casamento, mamã. Já vivemos juntos e nenhum de nós quer dar uma importância desmedida a isto. Não se trata de precisarmos de mais uma misturadora ou de outra terrina para a salada.

Nada do que ela disse me surpreendeu. Anna, como já vos disse, sempre fez as coisas à sua maneira.

Oh... - começou Jane, todavia, antes que ela conseguisse dizer algo mais, Anna pegou-lhe na mão.

- Mamã, há ainda outra coisa. Que tem a sua importância.

Embaraçada, Anna olhava ora para mim ora para a mãe.

- É o seguinte... bem, sabem como o avô está de saúde, não sabem?

Assentimos. Como todos os meus filhos, Anna sempre gostara do avô.

- E com este acidente vascular e tudo... bem, Keith gostou mesmo muito de o conhecer e eu adoro-o mais do que tudo...

Fez uma pausa. Jane fez-lhe pressão na mão, como a pedir-lhe que continuasse.

- Bem, quero casar-me enquanto ele ainda tem alguma saúde e nenhum de nós sabe até quando ele a terá. Por isso, o Keith e eu começámos a falar de datas possíveis, e como ele está de partida para Duke, para fazer o internato, tem de se ir embora dentro de poucas semanas, e dado o facto de eu também estar para me mudar, e com a saúde do avô... bem, pensámos que não se importariam se...

Interrompeu o discurso, até finalmente fixar o olhar na mãe.

- Então? - sussurrou Jane.

Anna respirou fundo. - Estamos a pensar em nos casarmos no próximo sábado.

Os lábios de Jane formaram um pequeno «o». Anna continuou a falar, claramente interessada em dizer tudo antes que tivéssemos ocasião de a interromper.

- Sei que é o vosso aniversário... e, claro, admitimos perfeitamente que digam não, mas ambos pensámos que seria uma maneira maravilhosa de homenagear os dois. Por tudo o que fizeram um pelo outro, por tudo o que fizeram por mim e parece-me ser a melhor solução. Quero dizer, queremos uma cerimónia simples, no registo, e talvez um jantar em família. Não desejamos prendas nem nada de complicado. Fazem-nos esse favor?

Logo que olhei para a cara de Jane, percebi qual ia ser a sua resposta.

CAPÍTULO TRÊS.

Tal como Anna, Jane e eu não namorámos durante muito tempo. Logo depois da licenciatura em Direito, comecei a trabalhar como

estagiário na firma Ambry and Saxon, pois Joshua Tundle ainda não era sócio. Ele era apenas um estagiário como eu, e os nossos gabinetes davam para o vestibulo, um em frente do outro. Natural de Pollocksville, uma aldeola a uns vinte quilómetros a sul de New Bern, frequentara a Universidade da Carolina do Leste e, durante o meu primeiro ano na firma, perguntava-me com frequência como é que estava a adaptar-me à vida numa pequena cidade. Não era, confessava eu, exactamente aquilo que esperara. Ainda na Faculdade de Direito, julguei que ia trabalhar numa grande cidade, como os meus pais tinham feito, mas acabei por aceitar um emprego na cidade onde Jane fora criada.

Vim para aqui por causa dela, embora não possa afirmar que tivesse alguma vez lamentado a decisão. New Bern pode não ter uma universidade ou um parque de diversões, mas o que tem a menos em tamanho é compensado pelo carácter. A cidade está situada a 145 quilómetros a sudeste de Raleigh, numa zona baixa e plana, entre florestas de pinheiros e rios largos, de águas mansas. As águas salobras do rio Neuse banham os arrabaldes da cidade e parecem mudar de cor a cada hora que passa, desde o cinzento metálico da alvorada ao castanho do pôr-do-sol, passando pelo azul das tardes soalheiras. À noite formam um redemoinho de carvão líquido.

O meu escritório fica na baixa, perto da zona histórica e, depois do almoço, faço passeios frequentes por entre as velhas casas. New Bern foi fundada em 1710, por colonos suíços e palatinos, o que faz dela a segunda cidade mais antiga do estado da Carolina do Norte. Quando vim viver para cá, muitas das casas com história estavam desocupadas e ameaçavam ruir. A situação mudou neste últimos trinta anos. Com novos proprietários, uma a uma, as velhas casas começaram a ser restauradas na sua antiga glória, pelo que, nestes dias, um passeio a pé deixa-nos o sentimento de que a renovação pode acontecer onde menos se espera. Quem se interessa por arquitectura pode encontrar janelas com vidraças ainda feitas por sopro, portas com puxadores antigos de latão, lambris de madeira que rematam os soalhos de pinho das divisões interiores. Pórticos graciosos bordejam as ruas estreitas, fazendo-nos regressar a uma época em que as pessoas se sentavam cá fora, no princípio da noite, para gozar da brisa fresca. As ruas são sombreadas por carvalhos e abrunheiros, e milhares de azáleas florescem em cada Primavera. E, em palavras simples, um dos mais belos lugares que eu já vi.

Jane foi criada nos arredores da cidade, na casa de uma antiga plantação, construída cerca de duzentos anos antes. Noah restaurou-a nos anos a seguir à Segunda Guerra Mundial e fez um trabalho meticuloso, pelo que, como acontece com as outras casas históricas da cidade, também esta conserva um ar de grandeza que só tem aumentado com a passagem do tempo.

Por vezes visito a velha casa. Passo por lá depois de largar o trabalho ou no caminho para o supermercado; em outras ocasiões vou lá de propósito. Trata-se de um dos meus segredos, pois Jane não sabe que eu faço isto. Embora tenha a certeza de que não se importaria, sinto um estranho prazer em guardar o segredo das visitas para mim. Vir até aqui faz-me sentir simultaneamente misterioso e fraternal, pois sei que toda a agente tem segredos, incluindo a minha mulher. Ao olhar a propriedade, é frequente pensar de quem ela será.

Há uma única pessoa que sabe das minhas visitas. Chama-se Harvey Wellington, é um negro, mais ou menos da minha idade, que vive numa pequena casa de madeira na propriedade adjacente. Um ou mais membros da sua família habitaram a casa desde antes do início do século XX, sei que é pastor na igreja baptista local. Sempre foi amigo de todos os membros da família de Jane, especialmente dela, mas desde que Allie e Noah se mudaram para Creekside, a maior parte da comunicação consiste nos cartões de boas-festas que se trocam uma vez por ano. Já o vi de pé, no alpendre a necessitar de reparação da sua casa, mas, devido à distância, não me é possível saber o que pensará ele das minhas visitas.

Raramente entro em casa de Noah. As janelas foram entaipadas quando ele e Allie se mudaram para Creekside, a mobília está coberta, como os fantasmas tapados com lençóis do Dia das Bruxas. Prefiro andar pelo terreno à volta. Arrasto os pés pela vereda coberta de gravilha, caminho ao longo da vedação e toco nos postes. Vou até às traseiras da casa, onde o rio passa. Nas traseiras da casa o rio é mais estreito do que na parte baixa da cidade e há momentos em que a água está perfeitamente imóvel, um espelho que reflecte o céu. Por vezes deixo-me ficar junto da margem, a olhar o céu reflectido na água e a ouvir a brisa agitar docemente as folhas das árvores, por cima da minha cabeça.

Uma vez por outra, dou comigo debaixo da latada que Noah construiu depois de se casar. Allie sempre gostara de flores e o marido plantou-lhe um roseiral com a forma de corações concêntricos, que era

visível da janela do quarto do casal e rodeava uma fonte de três bicas. Também instalou uma série de luzes que permitiam ver as flores mesmo quando estava escuro e o efeito era deslumbrante. A latada feita à mão conduzia ao jardim, e como Allie era artista, uma e outro aparecem nos seus quadros, em pinturas que, por qualquer razão, contêm sempre uma certa amargura, apesar da sua beleza. O roseiral não tem sido tratado e está transformado num matagal, a latada está velha e a desfazer-se, porém, diante dela, continuo a sentir-me comovido. Tal como no trabalho de restauração da casa, Noah esforçou-se por tornar únicos quer o jardim quer a latada; por vezes, toco-lhes para seguir os contornos com os dedos ou limito-me a olhar para as rosas, talvez com a esperança de absorver talentos que sempre me evitaram.

Venho aqui por se tratar de um lugar especial para mim. Afinal, foi aqui que me apercebi, pela primeira vez, de que estava apaixonado por Jane e, embora saiba que a minha vida melhorou por causa disso, tenho de admitir que, mesmo agora; continuo algo atónito pela forma como aconteceu.

Certamente que não era minha intenção apaixonar-me por Jane, quando a levei até ao carro naquele dia chuvoso de 1971. Mal a conhecia mas, ao ficar ali, debaixo do chapéu de chuva, a vê-la afastar-se, assaltou-me repentinamente o desejo de voltar a vê-la. Horas mais tarde, à noite, enquanto estudava, as palavras dela continuavam a ecoar-me na cabeça.

«Não faz mal, Wilson», dissera. «Por acaso até gosto dos tímidos."

Incapaz de me concentrar, pus o livro de lado e levantei-me. Dizia a mim mesmo que não tinha tempo nem desejos de me embrenhar numa relação, enquanto caminhava pelo quarto a reflectir no programa apertado que tinha de cumprir, bem como no meu desejo de me tornar financeiramente independente, e decidi não voltar àquele restaurante. Não era uma decisão fácil, mas era a decisão certa, pensei, resolvido a não tocar mais no assunto.

Na semana seguinte, estudei na biblioteca, mas mentiria se dissesse que não vi Jane. Em cada noite dava comigo a reviver o nosso breve encontro, o cabelo caindo-lhe em cascata sobre os ombros, a cadência da sua voz, o seu olhar paciente enquanto a chuva caía. Quanto mais me esforçava por esquecer-la, mais poderosas se tornavam aquelas imagens.

Soube, então, que a minha decisão não resistiria a uma segunda semana e, na manhã de sábado, dei comigo a pegar nas chaves.

Não fui ao restaurante para lhe pedir que saísse comigo. Em vez disso, fui lá para provar a mim mesmo que aquilo não passara de uma paixão momentânea. Dizia para mim que ela era apenas uma rapariga normal e que, quando a encontrasse de novo, veria que não tinha nada de especial. Estava quase convencido no momento em que arrumei o carro.

Como sempre, o restaurante estava cheio, passei por um grupo de homens que estava de saída e segui para o meu canto habitual. A mesa fora limpa pouco tempo antes e, depois de me sentar, usei um guardanapo de papel para a secar antes de pousar o livro.

De cabeça baixa, estava à procura do capítulo que me interessava quando a vi aproximar-se. Fingi não reparar até que ela se colocou ao lado da mesa; porém, ao levantar os olhos, reparei que não era a Jane. Em vez dela, aparecera uma mulher na casa dos quarenta anos. Trazia o bloco das encomendas no bolso do avental e uma esferográfica presa numa orelha.

- Esta manhã vai querer um café? - perguntou. Tinha maneiras sacudidas, dando a entender que provavelmente trabalhava ali há muito e custou-me a perceber como é que não tinha reparado nela antes.

- Sim, se faz favor.

- É só um minuto - chilreou, deixando ficar a ementa. Logo que ela se voltou rodei os olhos pela sala e vi Jane, a sair da cozinha com uma pilha de pratos, que levou para uma mesa na outra ponta do restaurante. Olhei-a por instantes, a pensar se me teria visto entrar, mas ela tinha a atenção concentrada no trabalho e nem olhou para o sítio onde eu estava. À distância, não havia nada de mágico na sua maneira de estar e de andar, pelo que dei comigo a soltar um suspiro de alívio, convencido de que conseguira sacudir aquela estranha fascinação que me tinha atormentado ultimamente.

O café chegou e fiz a minha encomenda. De novo absorvido no manual, tinha lido metade de uma página quando ouvi a voz dela a meu lado.

- Bom dia, Wilson.

Estava a sorrir quando olhei para ela. - Não o vi no passado fim-de-semana - continuou, a falar com descontração. - Até cheguei a pensar que talvez o tivesse assustado.

Engoli em seco, incapaz de falar, a julgá-la ainda mais bonita do que na minha recordação. Não sei quanto tempo estive a olhar para ela sem dizer nada, mas foi o tempo suficiente para que a cara dela revelasse preocupação.

- Wilson? - indagou. - Está a sentir-se bem?

- Sim - respondi mas, que situação estranha, não consegui pensar em nada para dizer.

Passado um momento, ela acenou com a cabeça, parecendo confusa. - Bem... bom. Desculpe mas não o vi entrar. Tê-lo-ia sentado na minha secção. O senhor é o que mais se aproxima da ideia de um meu cliente certo.

- Sim - repeti. Sabia, mesmo então, que a minha resposta não fazia sentido, mas aquela parecia ser a única palavra que conseguia articular na presença dela.

Esperou que eu dissesse mais qualquer coisa. Como não disse, não deixei de notar o seu ar de desapontamento. - Vejo que está ocupado - acabou por dizer, apontando para o meu livro. - Só quis cumprimentá-lo e agradecer-lhe por ter-me levado ao carro. Bom proveito para o seu pequeno-almoço.

Ela estava quase a ir-se embora quando consegui romper o encantamento em que parecia ter caído.

- Jane - balbuciei.

- O que é?

Pigarreei. - Talvez possa levá-la até ao seu carro numa outra altura. Mesmo sem estar a chover.

Estudou-me por momentos, antes de responder: - Seria agradável, Wilson.

- Pode ser hoje?

Sorriu. - Com certeza.

Quando se voltou, tornei a chamá-la.

- E, Jane!

Desta vez olhou-me por cima do ombro. - Estou a ouvir.

Percebendo finalmente o verdadeiro motivo da minha ida àquele café, pus ambas as mãos em cima do manual, tentando captar a energia de um mundo que eu percebia. - Gostaria de jantar comigo neste fim-de-semana?

Pareceu divertida por eu ter levado tanto tempo a fazer a proposta.

- Claro que sim, Wilson. Gostaria mesmo muito.

Era difícil de acreditar que estivéssemos ali, três décadas mais tarde, sentados com a nossa filha, a discutir o seu casamento iminente.

O pedido que Anna fizera, de surpresa, para um casamento a realizar rapidamente, foi recebido com um silêncio total. A princípio, Jane pareceu assombrada, mas depois, recuperando a compostura, começou a abanar a cabeça, murmurando com velocidade crescente: - Não, não, não...

Em retrospectiva, aquela resposta não teve nada de inesperado. Suponho que um dos momentos mais agradáveis para uma mãe é assistir ao casamento da filha. Toda uma indústria foi montada à volta da cerimónia do casamento e é natural que as mães alimentem expectativas sobre a maneira como ela vai decorrer. As ideias de Anna representavam um contraste nítido com tudo o que Jane desejara para as filhas e embora se tratasse do casamento de Anna, Jane não podia negar aquilo em que acreditava, nem o seu próprio passado.

O problema de Jane não estava na data escolhida por Anna e Keith para a cerimónia coincidir com o nosso aniversário de casados, pois, mais do que ninguém, ela conhecia o estado de saúde do pai, além de também ser verdade que Anna e Keith iam mudar-se dentro de duas semanas, mas não lhe agradava a ideia de um casamento realizado na presença do juiz de paz. Nem lhe agradava dispor apenas de oito dias para todos os arranjos necessários ou o desejo expresso por Anna de que a festa fosse pequena.

Quando as negociações se iniciaram a sério, mantive-me em silêncio. Se Jane perguntava: - E quanto aos Sloan? Ficarão desolados se não os

convidares. Ou John Peterson? Passou anos a ensinar-te piano e sei quanto gostavas dele.

- Mas não se trata de um facto importante - repetia Anna.

- O Keith e eu já estamos a viver juntos. Afinal, a maioria das pessoas acha que já somos casados.

- Pois, e quanto ao fotógrafo? Certamente que vais querer umas fotografias.

- Tenho a certeza de que muitas pessoas vão levar máquinas fotográficas - contrapunha Anna. - Ou podes encarregar-te disso. Ao longo dos anos tiraste milhares de fotografias.

Chegadas a este ponto, Jane abanava a cabeça e lançava-se numa tirada apaixonada acerca do que iria ser o dia mais importante da sua vida, ao que a Anna responderia que, mesmo sem todos aqueles adornos, seria um casamento válido. Não se tratava de uma guerra, mas era evidente que tinham chegado a um impasse.

Interpus. Tenho o hábito de deixar para Jane a maior parte daquele género de questões, especialmente quando envolvem problemas das raparigas, mas apercebi-me de que, desta vez, tinha algo a acrescentar, pelo que me sentei muito direito no sofá.

- Talvez possamos chegar a um compromisso - interpus.

A Anna e a Jane voltaram-se para mim.

- Sei que o teu coração aponta para o próximo fim-de-semana - comecei, dirigindo-me a Anna -, mas estarias de acordo se nós convidássemos mais algumas pessoas, para além da família? Se nós ajudássemos em todos os preparativos?

- Não sei se dispomos de tempo para entrarmos em algo desse género... - começou Anna.

- Mas não te importas que tentemos?

As conversações continuaram durante mais uma hora mas, no fim, conseguimos acordar alguns pontos. Segundo parecia, Anna ficara agradavelmente surpreendida por eu me ter metido na conversa. Conhecia um pastor, informou, e tinha a certeza de que ele estaria de

acordo em celebrar a cerimónia no fim-de-semana seguinte. A Jane parecia feliz e aliviada por ver os planos iniciais a tomarem forma.

Entretanto, eu não estava a pensar só na cerimónia do casamento da minha filha, estava também a tratar do trigésimo aniversário do meu casamento. Ora, o nosso aniversário - que eu esperava tornar memorável - e a cerimónia do casamento iam acontecer no mesmo dia e, de entre os dois, eu sabia qual o evento que, subitamente, se tornara mais importante.

A casa que partilho com a Jane fica à beira do rio Trent, que tem uns oitocentos metros de largura por alturas do nosso quintal. À noite, costumo sentar-me na sacada e fico a observar ondas minúsculas quando o luar incide sobre elas. Conforme o tempo, há momentos em que a água parece um ser vivo.

Ao contrário da de Noah, a nossa casa não dispõe de um alpendre a toda a volta. Foi construída numa época em que o ar condicionado e as emissões contínuas de televisão mantêm as pessoas dentro de casa. Quando vimos a casa pela primeira vez, Jane deu uma vista de olhos pelas traseiras e decidiu que, se não podia ter um alpendre, teria pelo menos uma sacada. Foi o primeiro de diversos pequenos projectos de construção que acabaram por transformar aquela casa num espaço a que podíamos confortavelmente chamar o nosso lar.

Depois de Anna ter saído, Jane ficou sentada no sofá, a olhar as portas de correr, em vidro. Não conseguia ver-lhe a expressão mas, antes que pudesse perguntar-lhe em que é que estava a pensar, levantou-se e saiu. Reconhecendo que o serão constituíra um choque, fui à cozinha e abri uma garrafa de vinho. Jane nunca fora uma grande consumidora, mas apreciava um copo de vinho uma vez por outra; pensei que aquela noite seria uma boa ocasião.

De copo na mão, caminhei para a sacada. Lá fora, o ar zumbia com os sons das rãs e dos grilos. A Lua ainda não estava visível e, do outro lado do rio, podia ver as luzes amareladas de casas espalhadas pelos campos. Levantara-se uma brisa que fazia tilintar o carrilhão que Leslie nos oferecera no Natal do ano anterior.

Para além disso, havia silêncio. Na luz fraca do alpendre, o perfil de Jane lembrava-me uma estátua grega, e uma vez mais, fiquei encantado pela semelhança de agora com a mulher que eu vi pela primeira vez há tantos anos. Ao olhar aquelas maçãs do rosto salientes e os lábios

carnudos, senti-me grato por as nossas filhas se parecerem mais com a mãe do que comigo e agora, quando uma delas ia casar-se, suponho que esperava ver nela uma expressão radiante. No entanto, ao aproximar-me, percebi que Jane estava a chorar.

Hesitei, na entrada da sacada, a pensar se a minha tentativa de me juntar a ela não teria sido um erro. Contudo, antes que me pudesse voltar, Jane pareceu sentir a minha presença e espreitou por cima do ombro.

- Ah, estás aí - disse, por entre duas fungadelas.

- Estás bem? - perguntei. - - Estou.

Fez uma pausa e abanou a cabeça. - Quero dizer, não estou. Na verdade, nem sei como me sinto.

Fui até junto dela e pus o copo de vinho em cima do corrimão. Na escuridão, o vinho parecia petróleo bruto.

- Obrigada - agradeceu Jane. Depois de beber um gole, deixou escapar um profundo suspiro e ficou a olhar para lá da massa de água.

- Isto é mesmo da Anna - acabou por dizer. - Acho que nem devia estar nada surpreendida, mas, mesmo assim...

Não consegui continuar e pousou o copo de vinho.

- Pensei que gostavas do Keith.

- E gosto - asseverou Jane. - Mas, uma semana? Não sei onde ela foi arranjar tais ideias. Se pretendia fazer uma coisa destas, não percebo por que não fugiu com o namorado e acabava-se a história.

- Preferias que tivesse agido assim?

- Não. Teria ficado furiosa com ela. - Sorri. Jane nunca deixava de ser franca.

- E que há tantas coisas a fazer - continuou -, e não faço ideia de como é que poderemos organizar tudo. Não estou a exigir que o casamento se faça no salão de baile do Hotel Plaza, mas, mesmo assim, seria de esperar que estivesse lá um fotógrafo. Ou alguns dos seus amigos...

- Mas ela não acabou por concordar com tudo isso? - Jane hesitou, a escolher as palavras com todo o cuidado.

- Estou em crer que ela não percebe quantas vezes se vai recordar do dia do casamento. Está a agir como se o dia não tivesse qualquer importância.

- Lembrar-se-á sempre, qualquer que seja o modo como vai acontecer - contrariei, com bons modos.

Jane ficou muito tempo de olhos cerrados. - Tu não percebes - concluiu.

Mesmo sem falar mais no assunto, eu soube exactamente o que ela quis dizer-me.

Muito simplesmente, Jane não queria que Anna incorresse no mesmo erro que ela consentira.

A minha mulher nunca deixou de lamentar a maneira como nos casámos e sei que sou responsável por isso. Tivemos o género de casamento em que eu insisti e, embora eu aceite a responsabilidade, os meus pais tiveram um importante papel na minha decisão.

Os meus pais, ao contrário do que acontece com a maioria dos cidadãos deste país, eram ateus e eu fui educado segundo esses princípios. Ao crescer, recordo-me de sentir curiosidade acerca da igreja e dos misteriosos rituais de que ia tomando conhecimento através de leituras, mas a religião foi um assunto que nunca discutimos. Nunca se falou dela ao jantar e, mesmo em alturas em que me senti diferente das outras crianças da vizinhança, nunca foi assunto a que eu desse muita importância.

Agora penso de maneira diferente. Considero a minha fé cristã como a maior graça que alguma vez recebi e não quero discorrer mais sobre o tema a não ser para afirmar que, em retrospectiva, sempre achei que a minha vida não estava totalmente preenchida. Os anos passados na companhia de Jane vieram provar isso mesmo. Jane era uma pessoa devota, tal como os pais, e foi ela que começou a levar-me à igreja. Também foi ela quem comprou a *Bíblia* que começámos a ler ao serão e quem começou por encontrar respostas para as minhas dúvidas iniciais.

No entanto, nada disto aconteceu até depois de estarmos casados.

Se houve algum foco de tensão durante os anos em que namorámos, foi a minha falta de fé, havendo alturas em que, tenho a certeza, Jane

perguntou a si mesma se seríamos compatíveis. Contou-me que, se não tivesse a certeza de que eu acabaria por aceitar Jesus Cristo como meu Salvador, jamais teria casado comigo. Vi que o comentário de Anna lhe trouxera de volta uma recordação dolorosa, pois foi a mesma falta de fé que nos levou a casar no Registo Civil. Na altura, não consegui ultrapassar a ideia de que o casamento na igreja faria de mira um hipócrita.

Houve outra razão para sermos casados por um juiz em vez de sermos unidos por um padre, uma razão que teve a ver com o orgulho. Não quis que os pais de Jane pagassem um casamento tradicional na igreja, mesmo sabendo que eles podiam suportar a despesa. Agora que eu próprio sou pai, vejo esse dever como um direito, que também é, mas, na altura, era de opinião que o único responsável pelas despesas devia ser eu. Segundo o meu raciocínio, não tendo eu capacidade para pagar uma festa como devia ser, não haveria qualquer festa.

Na altura, não tinha dinheiro para um casamento de gala. Era novo na firma e tinha um salário razoável, mas estava a fazer o possível para poupar o suficiente para a entrada de uma casa. Embora conseguíssemos comprar a primeira casa nove meses depois de casados, já não considero que aquele sacrifício valeu a pena. A frugalidade, conforme vim a saber, tem os seus custos e alguns deles duram para sempre.

A nossa cerimónia de casamento durou menos de dez minutos; não se ouviu uma só oração. Eu vestia um fato cinzento-escuro, Jane levava um vestido amarelo e um gladiolo preso no cabelo. Os pais dela assistiram uns degraus mais abaixo e despediram-nos com um beijo e um aperto de mão. Passámos a lua-de-mel numa estalagem fantástica, em Beaufort, e embora Jane adorasse a cama de dossel antigo em que fizemos amor pela primeira vez, nem ficámos lá todo o fim-de-semana, porque eu tinha de estar de volta ao escritório na segunda-feira.

Aquele não fora o género de casamento com que Jane sonhara quando era adolescente. Agora sei isso. O que gostaria de ter tido era o que agora tentava levar Anna a fazer. Um noiva radiante, levada ao altar pelo pai, um casamento celebrado por um ministro da igreja, com a assistência de familiares e amigos. Uma recepção, com comida, bolos e flores em todas as mesas, em que os noivos receberiam os cumprimentos das pessoas de quem mais gostassem. Talvez até com música, para a noiva poder dançar com o marido e com o pai que a tinha criado, enquanto as outras pessoas assistiam com os olhos cheios de alegria.

Era assim que Jane desejaria ter-se casado.

CAPÍTULO QUATRO.

Na manhã de sábado, o dia a seguir ao anúncio de Anna, o sol já escaldava quando arrumei o carro em Creekside. Como sucede na maioria das cidades do Sul, Agosto abranda o ritmo de vida em New Bern. Os condutores conduzem com mais cuidado, os semáforos parecem ficar fechados mais tempo do que é habitual e quem caminha usa o mínimo de energia necessária para se mover, como se as pessoas estivessem a participar num concurso de lentidão.

Jane e Anna já tinham ido tratar das suas vidas. Na noite anterior, depois de sair da sacada, Jane sentara-se à mesa da cozinha e começara a tomar notas de tudo o que tinha a fazer. Embora não alimentasse ilusões de conseguir fazer tudo o que queria, a lista enchia três páginas, com objectivos marcados para cada um dos dias da semana seguinte.

Jane sempre tivera jeito para fazer projectos. Quer se tratasse de uma recolha de fundos para os escuteiros ou da organização de um sorteio para a igreja, a minha mulher era sempre a voluntária mais desejada. Embora, por vezes, se sentisse sobrecarregada - afinal, tinha três filhos ocupados noutras actividades -, nunca se recusava. Recordando como por vezes ela fica exausta, tomei mentalmente nota de que na semana seguinte lhe pediria apenas o indispensável.

Para lá da propriedade de Creekside, os terrenos eram delimitados por sebes regulares e por tufos de azaleas. Depois de passar pelo edifício - tinha a certeza de que Noah não estaria no seu quarto -, segui o trilho curvo de gravilha, caminhando na direcção do lago. Avistei Noah e abanei a cabeça ao reparar que, a despeito do calor, envergava o seu casaco de malha preferido. Só ele podia sentir frio num dia daqueles.

Acabara de dar de comer ao cisne, que continuava a nadar em pequenos círculos à volta dele. Ao aproximar-me, ouvi-o falar com o animal, mas não consegui perceber o que dizia. O cisne parecia confiar inteiramente nele. ...Um dia, contou-me que o cisne já viera por diversas vezes descansar aos seus pés, embora eu nunca tivesse assistido a uma dessas cenas.

- Bom dia, Noah - saudei.

Era-lhe difícil voltar a cabeça. - Olá, Wilson - respondeu, ao mesmo tempo que levantava a mão. - Obrigado por teres vindo até cá.

- Tem passado bem?

- Podia estar melhor - respondeu. - Mas também podia estar pior.

Mesmo indo lá com frequência, por vezes sentia-me deprimido em Creekside, um lugar que me parecia cheio de pessoas que a vida deixara para trás. Os médicos e os enfermeiros diziam que Noah tinha a sorte de receber visitas com frequência, mas muitos dos outros internados passavam o dia a ver televisão, a tentarem combater a solidão dos seus anos finais. Noah continuava a passar os serões a ler poesia para as pessoas que ali viviam. Era um admirador da obra de Walt Whitman e quando cheguei ao pé dele vi *Leaves of Grass* em cima do banco. Raramente vai aonde quer que seja sem aquele livro, e, por também o ter lido, tal como a Jane, não consigo compreender as razões que o levavam a atribuir tão grande significado aos poemas.

Ao observá-lo, fui novamente assaltado pela ideia de que é muito triste assistir ao envelhecimento de um homem como o meu sogro. Durante a maior parte da minha vida, não pensei nele nestes termos, mas agora, quando o ouço respirar, parece-me ouvir o ar a escapar-se de um velho acordeão. Não mexia o braço esquerdo, uma consequência do acidente vascular que sofrera na Primavera. Noah encontrava-se em curva descendente e, mesmo sabendo que isso tinha de acontecer, pareceu-me que, finalmente, também ele estava a aperceber-se do mesmo.

Estava a observar o cisne e, seguindo-lhe o olhar, reconheci a ave pela mancha preta do peito. Lembrava uma verruga ou um umbigo, um pedaço de carvão caído na neve, uma tentativa da natureza para atingir a perfeição. Em certas épocas do ano, era provável ver uma dúzia de cisnes na água, mas este era o único que nunca partia. Já o vira a flutuar no lago mesmo quando a temperatura descia a pique, em pleno Inverno e depois de os outros cisnes terem migrado mais para sul. Certa vez, Noah contou-me o motivo por que aquele cisne nunca se ia embora e a explicação constava do conjunto de razões que levavam os médicos a achar que o meu sogro tinha as ideias baralhadas.

Sentei-me ao lado dele e relatei o que acontecera na noite anterior entre Anna e Jane. Quando acabei, Noah olhou para mim com um ligeiro sorriso.

- A Jane ficou surpreendida? - perguntou.

- Quem não ficaria?

- E quer que as coisas aconteçam de uma certa maneira?

- Quer - concordei, para lhe falar dos planos que ela traçara na mesa da cozinha, antes de discutir uma ideia minha, algo a que Jane não tinha dado atenção.

Noah estendeu a mão válida e deu-me uma ligeira palmada na perna, como que a dar-me autorização para avançar.

- E quanto à Anna? - perguntou. - Como é que ela está?

- Está óptima. Não penso que ficasse minimamente surpreendida com a reacção da mãe.

- E o Keith?

- Também está óptimo. Pelo menos, a Anna diz que sim. Noah assentiu. - Um belo casal de jovens, aqueles dois. Ambos têm bom coração. Fazem-me lembrar a Allie e eu próprio.

Ficámos em silêncio até Noah apontar na direcção da água.

- Sabias que os cisnes têm o mesmo companheiro durante toda a vida? - perguntou.

- Pensei que isso era um mito.

- É verdade - insistiu Noah. - Allie não se cansava de dizer que era uma das afirmações mais românticas que alguma vez ouvira. Para ela, era a prova de que o amor é a mais poderosa força que existe na Terra. Antes de casarmos, ela esteve noiva de outro homem. Sabias disso, não sabias?

Assenti.

- Pensei que saberias. De qualquer das maneiras, veio visitar-me, sem dizer nada ao namorado, e eu levei-a na canoa a um lugar onde vimos milhares de cisnes juntos. Parecia que a água estava coberta de neve. Alguma vez que te contei isto?

Voltei a fazer um sinal afirmativo. Embora sem lá ter estado, a imagem vivia na minha imaginação, tal como na de Jane. Por vezes, falava da história com admiração.

- Nunca mais voltaram em tão grande número - murmurou. - Havia sempre alguns na lagoa, mas nunca como naquele dia - continuou, fazendo uma pausa, perdido em recordações.

- Contudo, mesmo assim, a Allie gostava de lá ir. Gostava de deitar comida aos que lá estivessem e costumava apontar-me os casais. Ali vai um, acolá está outro. Não é uma maravilha que andem sempre juntos? - recordou. A cara de Noah enrugou-se num sorriso. - Julgo que era uma maneira de ela me recomendar que me mantivesse fiel.

- Não acho que ela necessitasse de se preocupar com isso.

- Não?

- Penso que você e a Allie foram feitos um para o outro.

Ele sorriu com melancolia. - Sim - acabou por dizer -, fomos. Mas tivemos necessidade de nos aperfeiçoarmos. Também passámos por momentos difíceis.

E provável que estivesse a referir-se à doença de Alzheimer. E, muito antes disso, à morte de um dos filhos. Também houve outras coisas, mas esses eram os eventos que ainda mostrava relutância em discutir.

- Mas faziam com que tudo parecesse tão fácil - protestei. Noah abanou a cabeça. - Não era. Nem sempre. Todas aquelas cartas que eu costumava escrever-lhe eram uma forma de lhe recordar não só os meus sentimentos em relação a ela, mas também os juramentos que tínhamos trocado.

Eu pensava se ele estaria a sugerir que tinha chegado a altura de eu fazer o mesmo em relação a Jane, mas não fiz menção ao caso. Em vez disso, lancei outra pergunta que desejava fazer-lhe.

- Para si e para a Allie, a vida tornou-se mais difícil depois de todos os filhos terem saído de casa?

Noah ficou a matutar na pergunta por momentos. - Não sei se difícil será a definição correcta, mas tornou-se diferente.

- Em que sentido?

- Silenciosa, para começar. Realmente calma. Com a Allie a trabalhar no seu estúdio, na maior parte do tempo ficava só eu para andar pela casa. Acho que foi nessa altura que comecei a falar comigo mesmo, só para ter companhia.

- Como é que a Allie reagiu à situação de não ter os filhos à volta dela?

Como eu - respondeu o Noah. - Pelo menos de início. Os filhos foram a nossa vida durante muito tempo e há sempre necessidade de fazer ajustamentos quando a situação muda. Mas depois de feitos, julgo que começou a apreciar o facto de estarmos novamente sozinhos.

- Quanto tempo é que levou a ajustar-se? - perguntei.

- Não sei, talvez um par de semanas.

Senti os ombros cederem. Um par de semanas? pensei.

Noah pareceu perceber a minha frustração e, passados momentos, clareou a voz: - Agora que penso melhor nisso, tenho a certeza de que nem levou tanto tempo. Penso que decorreram apenas alguns dias, antes de tudo voltar ao normal.

Uns dias? Na altura, não consegui encontrar uma resposta.

Ele levou a mão ao queixo. - Na realidade - continuou -, se bem me lembro, nem foram precisos dias. De facto, dançámos a dança da despedida, mesmo em frente de casa, logo que acabámos de carregar as coisas de David no carro. Deixa, contudo, que te diga: os primeiros minutos foram difíceis. Verdadeiramente maus. Por vezes, pergunto a mim mesmo como é que conseguimos sobreviver.

Embora se tivesse mantido sério enquanto falava, notei-lhe aquele brilho malicioso no olhar. - A dança da despedida?

- É uma dança.

- Eu sei o que é.

- Costumava ser muito popular.

- Isso era há muito tempo.

- O quê? Já ninguém a dança?

- Foi mais uma arte que se perdeu, Noah.

Deu-me uma ligeira cotovelada. - Tem sido difícil para ti, não tem?

- Um pouco - admiti. Sorriu.

- Percebi.

Por momentos, ficou sentado em silêncio, parecendo satisfeito consigo próprio. Depois, sabendo que não respondera à minha pergunta, mudou de posição no banco e respirou fundo.

- Foi difícil para nós ambos, Wilson. Na altura em que se foram embora, já não eram apenas os nossos filhos, eram também os nossos amigos. Ambos nos sentimos sozinhos e, durante algum tempo, não sabíamos muito bem o que fazer em relação ao outro.

- Nunca me falou deste assunto.

- Tu nunca perguntaste - respondeu. - Senti a falta deles mas, entre nós os dois, penso que foi a Allie quem sofreu mais. Podia ter sido pintora, mas foi, antes de tudo, e principalmente, mãe. Uma vez que os filhos saíram de casa, ficou sem saber exactamente o que era. Não o soube, pelo menos durante algum tempo.

Tentei imaginar a situação, mas não consegui. Não era aquela Allie que eu conhecera, nem imaginava que pudesse existir.

- Como é que isso aconteceu? - indaguei.

Em vez de responder, Noah olhou para mim e ficou em silêncio durante uns momentos. - Alguma vez te falei do Gus? - acabou por perguntar. - O que costumava visitar-me quando eu andava a reparar a casa?

Acenei que sim. Sabia que Gus era parente de Harvey, o pastor negro que por vezes via, quando ia visitar a propriedade do meu sogro.

- Bem, o velho Gus - explicou Noah -, gostava de contar histórias incríveis, quando mais extravagantes melhor. De vez em quando, sentávamo-nos no alpendre, à noite, tentando arranjar histórias anedóticas para nos rirmos um bocado. Ao longo dos anos, houve algumas muito boas, mas queres saber qual era a minha preferida? A mais extravagante que o Gus alguma vez inventou? Ora bem, antes de a contar, tens de saber que o Gus estava há meio século casado com a mesma rapariga e que

tinham oito filhos. Sempre juntos, aqueles dois seres já tinham passado por tudo. Bom, de qualquer forma, tínhamos passado o serão assim, ora contas tu, ora conto eu, até que ele disse: - Tenho uma boa respirando fundo, muito sério, olhando-me nos olhos, exclamou:

- Noah, eu entendo de mulheres!

Noah soltou uma risada, como se ouvisse aquilo pela primeira vez. - O engraçado é que - continuou - não há homem vivo que possa honestamente dizer aquelas palavras, sem se rir. Tal não é possível, pelo que nem vale a pena tentar. O que não significa que, bem vistas as coisas, não possamos amá-las. E não quer dizer que não devamos fazer tudo o que pudermos para lhes fazer crer quanto elas são importantes para nós.

Estava a observar o cisne no lago, a vê-lo adejar e ajeitar as asas, sem deixar de pensar no que acabara de ouvir. Aquela era a maneira que, havia um ano, Noah escolhera para falar comigo. Nunca me dera qualquer conselho específico, jamais me indicara o que devia fazer. Porém, nunca deixara de ter consciência da minha necessidade de ser apoiado.

- Julgo que Jane desejaria que eu fosse mais parecido consigo.

Noah recebeu estas minhas palavras com uma boa risada. - Estás a portar-te muito bem, Wilson. Estás a portar-te mesmo muito bem.

Para além do tiquetaque do relógio do avô e do zumbido contínuo do ar condicionado, a casa estava silenciosa quando eu entrei. Ao pôr as chaves em cima da mesa da sala de estar, dei comigo a olhar as estantes colocadas de ambos os lados da lareira. Estavam cheias de fotografias da família, tiradas ao longo dos anos: uma de nós os cinco vestidos de calças de ganga e camisas azuis, dois verões antes, outra na praia, perto de Fort Macon, quando os nossos filhos eram adolescentes, ainda outra em que eram ainda mais jovens. Depois, havia as tiradas por Jane: Anna com o vestido do seu primeiro baile, Leslie vestida de chefe da claque, uma fotografia do Joseph com o nosso cão, o *Sandy*, que lastimosamente morreu há uns verões. Mas havia mais, algumas ainda da infância dos miúdos e, mesmo sem estarem dispostas cronologicamente, testemunhavam a forma como a família tinha crescido e mudado ao longo dos anos.

No centro da estante, mesmo por cima da lareira estava uma fotografia a preto e branco, de mim e de Jane no dia do nosso casamento.

Allie tirara a foto das escadas do Registo Civil. Já então, a arte de Allie era evidente e, embora Jane tenha sempre sido bonita, naquele dia as lentes da máquina também foram simpáticas para mim. Era assim que eu sempre desejara parecer quando estivesse ao lado dela.

Todavia, era estranho que nas prateleiras não houvesse mais fotografias de Jane e de mim juntos. Nos álbuns existem dezenas de instantâneos tirados pelos miúdos, mas nenhum deles mereceu a distinção de ser emoldurado. Em várias ocasiões, ao longo dos anos, Jane sugeriu que tirássemos outra fotografia, mas, com a vida ocupada que tenho levado, nunca dei importância à questão. Agora, por vezes dou comigo a pensar por que motivo não arranjámos tempo para esse tipo de coisas, ou o que isso pode significar para o nosso futuro, ou até se terá qualquer importância.

A conversa com Noah deixara-me a pensar acerca dos anos que passaram depois de os meus filhos terem saído de casa. Poderia ter sido um marido melhor? Sem dúvida que sim. Contudo, olhando para trás, penso que foi nos meses que se seguiram à ida de Leslie para a universidade que eu mais desapontei a minha mulher, se assim se pode caracterizar uma completa ausência de atenção da minha parte. Recordo agora que nesses dias Jane parecia calada e até um pouco amuada, que ficava a olhar sem ver o que estava para lá das portas de vidro ou a remexer, sem ouvir nada, em velhas caixas com coisas dos miúdos. Mas eu tivera um ano especialmente trabalhoso na firma: o velho Ambry sofrera um ataque cardíaco e fora obrigado a reduzir o horário de trabalho, transferindo muitos dos problemas do seus clientes para mim. As duas situações, uma imensa sobrecarga de trabalho e a reorganização imposta à firma pela doença do Ambry, deixaram-me exausto e preocupado.

Quando, de repente, Jane decidira decorar a casa de novo, fora um sinal de que ela estava no bom caminho, entretida com um novo projecto. O trabalho, julguei, não lhe deixaria tempo para pensar na ausência dos filhos. E foi assim que apareceram sofás de couro onde havia outros forrados de tecido, mesinhas de café feitas de madeira de cerejeira, candeeiros de latão trabalhado. A sala de jantar tem novo papel de parede e a mesa tem cadeiras suficientes para acomodar os nossos filhos e os seus futuros cônjuges. Mesmo considerando que Jane fez um excelente trabalho, devo admitir que me senti frequentemente chocado quando as

facturas do cartão de crédito chegavam através do correio electrónico, embora tivesse achado por bem não fazer comentários sobre a questão.

Contudo, foi depois de ela ter terminado que ambos começámos a notar novos problemas no casamento, dificuldades que não eram consequência de o ninho ter ficado vazio, mas que tinham antes a ver com o género de casal em que nos tínhamos transformado. Porém, nenhum de nós se referiu ao assunto. Foi como se ambos estivéssemos convencidos de que dizer as palavras em voz alta as tornaria definitivas e, segundo penso, ambos tivemos medo do que daí podia resultar.

Devo dizer que, pelo mesmo motivo, nunca recorremos ao aconselhamento matrimonial. Chamem-me conservador, mas nunca me senti confortável a discutir os nossos problemas com outras pessoas; e Jane pensa como eu. Além disso, já sei o que o conselheiro nos iria dizer. Não, a saída dos filhos não era a causa do problema, diria o conselheiro, nem o aumento do tempo livre de Jane. Estes foram apenas os catalisadores que fizeram emergir problemas que já existiam.

Então, como é que chegámos a este ponto?

Por doloroso que seja dizê-lo, suponho que o nosso verdadeiro problema nasceu de descuidos inocentes, principalmente meus, para ser totalmente franco. Para além de ser frequente eu colocar as necessidades da minha carreira acima das da família, sempre considerei a estabilidade do meu casamento como um dado adquirido. Como eu via as coisas, o nosso era um relacionamento sem problemas, e Deus sabe que nunca fui o tipo de homem capaz de inventar, como Noah, pequenas coisas para agradar às mulheres. Quando pensava nisso - o que, francamente, não acontecia com frequência -, aliviava-me crer que Jane sempre soubera o género de homem que eu era, e que isso seria suficiente.

Mas o amor, acabei por perceber, é mais do que três palavras murmuradas antes de chegar a altura de ir para a cama. O amor alimenta-se de gestos, da devoção que pomos nas coisas que fazemos pelo outro, todos os dias.

Ora, ao olhar para a fotografia, não podia deixar de pensar que trinta anos de descuidos inocentes fizeram com que o meu amor parecesse uma mentira e que era chegada a hora de pagar a factura. Só éramos casados formalmente. Havia seis meses que não fazíamos amor e os poucos beijos que trocávamos significavam pouco para qualquer de nós.

Eu sentia-me a morrer por dentro, magoado pelo que tinha perdido e, ao olhar para a fotografia do nosso casamento, odiei-me por ter permitido que as coisas tivessem tomado aquele caminho.

CAPÍTULO CINCO.

A despeito do calor, passei o resto da tarde a jardinar e mais tarde tomei um duche, para me dirigir à mercearia. Afinal, era sábado, o meu dia de cozinhar, e decidira experimentar uma nova receita que levava massa de cotovelos e verduras. Embora pensasse que o prato seria suficiente para nós os dois, à última hora decidi comprar aperitivos e uma salada.

Às cinco horas já estava na cozinha; às cinco e meia, os aperitivos estavam adiantados. Preparara cogumelos estufados com salsichas e creme de queijo, que estavam a aquecer no fogão, juntamente com o pão que trouxera da padaria. Tinha acabado de pôr a mesa e preparava-me para abrir uma garrafa de *Merlot*, quando ouvi Jane a entrar pela porta da frente.

- Estás cá? - gritou Jane, da entrada.

- Estou na sala de jantar - respondi.

Quando dobrou a esquina do corredor, fiquei estupefacto com o aspecto dela. O meu cabelo está a ficar ralo e salpicado de cinzento, mas o dela continua tão preto e tão forte como no dia em que nos casámos. Tinha algumas madeixas presas atrás das orelhas e, ao pescoço, trazia um pequeno pendente com diamantes que eu lhe ofereci num dos primeiros anos de casados. Por muito preocupado que possa ter estado em certas fases do casamento, tenho de confessar honestamente que nunca me cansei da beleza da minha mulher.

- Ena! - exclamou. - Que bem que cheira. O que é o jantar?

- Vitela em vinho *Marsala* - anunciei, pegando na garrafa para lhe servir um copo de vinho. Ao estudar-lhe a expressão, notei que a ansiedade da noite anterior fora substituída por um ar de excitação que não lhe via há muito tempo. Pude adivinhar que as coisas tinham corrido

bem entre ela e Anna; mesmo sem me ter apercebido de que estivera a conter a respiração, soltei um longo suspiro de satisfação.

- Nem vais acreditar no que aconteceu hoje - disse de rompante. - Não vais acreditar, nem depois de te contar.

Tomando um gole de vinho, agarrou-me o braço para se equilibrar enquanto descalçava um sapato e depois o outro. Senti o calor do toque mesmo depois de me ter largado.

- O que é que foi? - perguntei. - O que é que aconteceu? Fez um gesto de entusiasmo com a mão livre. - Anda daí - incitou-me. - Vem comigo até à cozinha para te contar tudo. Estou esfomeada. Andámos tão ocupadas que não tivemos tempo para almoçar. Quando nos apercebemos de que estava na hora de ir comer, quase todos os restaurantes estavam fechados e ainda tínhamos uns quantos lugares aonde ir, antes de Anna ter de se ir embora. A propósito, obrigada por teres feito o jantar. Estava completamente esquecida de que era o teu dia de cozinhar e andava à procura de uma desculpa para mandar vir uma refeição já pronta. Continuou a falar enquanto passava pelas portas de vaivém e entrava na cozinha. Caminhando atrás dela, ia a admirar o subtil movimento da ancas dela ao andar.

- De qualquer modo, julgo que a Anna está a entrar nos eixos. Pareceu-me bastante mais entusiasmada do que ontem à noite continuou, a olhar por cima do ombro, de olhos brilhantes.

- Mas, oh, espera. Nem vais acreditar.

As bancadas da cozinha estavam cheias de ingredientes para o prato principal: vitela às fatias, verduras diversas, uma tábua de corte e uma faca. Deslizei até junto do fogão para tirar os aperitivos e coloquei a folha de estanho em cima do fogão.

- Olha - chamei.

Olhou-me surpreendida. - Já estão prontos?

Encolhi os ombros. - Há horas de sorte.

Jane pegou num cogumelo e deu-lhe uma dentada.

- Por isso, esta manhã fui buscá-la... Ena, isto está mesmo bom - comentou e fez uma pausa para examinar o cogumelo. Deu outra dentada

e saboreou-a, antes de continuar: - Ora bem, a primeira coisa que discutimos foi a presença de fotógrafos, de alguém bastante mais qualificado do que eu. Sei da existência de uns quantos estúdios na baixa, mas tinha quase a certeza de não conseguirmos contratar um, assim à última hora. Por isso, na noite passada pensei que o filho da Claire podia fazer o trabalho. Está a ter aulas de fotografia no Carteret Community College e é o que pretende fazer quando se formar. Telefonei à Claire esta manhã e disse-lhe que talvez passássemos por lá, mas a Anna, como não conhecia qualquer trabalho dele, não estava muito convencida. A minha ideia era recorrer a alguém que ela conheça do jornal, uma pessoa que faça trabalhos como independente. Ora bem, para tornar curta uma história comprida, ela quis verificar nos estúdios se eles tinham alguém disponível. E nem vais acreditar no que aconteceu.

- Diz lá - encorajei.

Jane levou mais um dos cogumelos à boca, fazendo aumentar a expectativa. Os dedos dela brilhavam ao estender a mão para outro cogumelo.

- Estão realmente bons - disse com entusiasmo.

- É uma receita nova?

- É.

- É complicada?

- Nem por isso.

Jane respirou fundo. - Assim, de qualquer modo, como eu pensava, os dois primeiros lugares aonde fomos não tinham vagas. Fomos, então, ao Cayton's Studio. Já alguma vez viste fotografias de casamentos feitas pelo Jim Cayton?

- Ouvi dizer que é o melhor da praça.

- É espantoso - retorquiu Jane. - O trabalho é excelente. Até a Anna ficou impressionada e tu sabes como ela é. Foi ele quem fez o casamento da Dana Crowe, recordas-te? Habitualmente tem marcações para os seis ou sete meses seguintes e, mesmo assim, é difícil de apanhar. Quero dizer, não tinhas hipóteses, pois não? Mas quando perguntei à mulher dele - é ela quem dirige o estúdio -, disse-me que houvera recentemente uma desistência.

Comeu outro pedaço de aperitivo, mastigando lentamente.

- E o que é facto - anunciou com o mais ligeiro dos encolheres de ombros - é que ele tinha uma vaga para o próximo sábado.

Alcei as sobrancelhas. - Isso é maravilhoso. Agora que o clímax fora revelado, Jane começou a falar mais depressa, pondo-me a par do restante.

- Olha, nem consegues acreditar como a Anna ficou feliz. O Jim Cayton? Mesmo que dispusesse de um ano para planear tudo, era ele quem eu teria escolhido. Devemos ter passado umas duas horas a ver alguns dos álbuns que eles conservam para amostra, só para assentarmos ideias. A Anna perguntava-me se eu gostava de certos tipos de fotografias, ou então era eu quem lhe perguntava quais os que ela preferia. Tenho a certeza de que Mrs. Cayton ficou a pensar que somos malucas. Logo que terminávamos um álbum, pedíamos outro; ela foi bastante simpática ao esclarecer todas as dúvidas que apresentámos. Quando saímos dali, acho que ambas demos beliscões a nós mesmas para nos convenceremos da sorte que tivemos.

- Faço ideia.

- Assim, depois disso - continuou Jane com vivacidade -, dirigimo-nos para as pastelarias. Uma vez mais, tivemos de fazer uma série de paragens, mas eu não estava demasiado preocupada com o bolo. Não é coisa que tenha de ser preparada com meses de antecedência, pois não? De qualquer das formas, descobrimos uma casa pequena que o faz, mas eu não fazia ideia de quantas opções teria de considerar. Existe um catálogo só para bolos de noiva. Há bolos grandes, bolos pequenos e de todos os tamanhos intermédios. Depois, é claro, tens de decidir o sabor, o tipo de cobertura, o feitio, as decorações adicionais e todas essas coisas...

- Parece excitante - interrompi.

Ela dirigiu o olhar para o céu. - Não sabes da missa a metade - respondeu, e ambos nos rimos com a sua alegria bem evidente.

As estrelas nem sempre estão bem alinhadas, mas naquela noite pareciam estar. Ela sentia-se arrebatada, a noite era uma criança e estávamos prestes a iniciar uma romântica refeição em conjunto. Tudo parecia correr bem neste mundo e, ao ver-me ali, ao lado da minha mulher de três dezenas de anos, ocorreu-me subitamente que o dia não poderia ter corrido melhor se o tivesse planeado de antemão.

Enquanto eu acabava de preparar o jantar, Jane ia dando conta dos outros eventos do dia, entrando em pormenores acerca do bolo (duas camadas, sabor a baunilha, cobertura com iogurte) e das fotografias (Cayton remedeia qualquer imperfeição em computador). À luz quente da cozinha, apenas adivinhava os finos pés-de-galinha à volta dos olhos dela, marcas suaves da nossa vida em comum.

- Estou feliz por ter corrido tudo bem. E considerando que foi o teu primeiro dia, acho que fizeste progressos notáveis.

O odor a manteiga derretida encheu a cozinha e o assado começou a chiar ligeiramente.

- Eu sei. E acredita que me sinto feliz - respondeu a Jane.

- Mas continuamos sem saber onde se deve realizar a cerimónia e, até isso estar resolvido, não consigo entrar nos restantes preparativos. Disse à Anna que podia ser aqui, mas ela não se mostrou muito agradada com a ideia.

- O que é que ela pretende?

- Ainda não tem a certeza. Pensa que talvez preferisse um casamento num jardim qualquer. Um lugar não demasiado formal.

- Não deve ser assim tão difícil encontrar um lugar.

- Talvez tenhas uma surpresa. O único lugar de que me lembrei foi o Tryon Palace, mas não penso que o consigamos num prazo tão curto. Nem sei se eles autorizam a realização de casamentos.

- Hum... - adicionei sal, pimenta e alho em pó ao assado.

- A Orton Plantation também é interessante. Recordas-te? O casamento dos Bratton foi lá, no ano passado.

Lembrava-me; fica entre Wilmimngton e Southport, a quase duas horas de caminho de New Bern. - E um bocado fora de mão, não achas? - perguntei. - Tendo em conta que a maioria dos convidados é aqui das redondezas.

- Eu sei. Foi apenas uma ideia. De qualquer maneira, tenho a certeza de que já está alugado.

- E um lugar na baixa? Numa das residenciais?

Jane abanou a cabeça. - Acho que, na maioria dos casos, são muito pequenas, nem sei quantas delas dispõem de jardins, mas posso dar uma vista de olhos. E se a ideia não resultar... bem, encontrarei outro lugar. Pelo menos espero encontrá-lo.

Jane franziu as sobrancelhas, perdida em pensamentos. Encoscou-se à bancada e apoiou um pé, ainda com a meia calçada, contra o armário por detrás dela, parecendo a mesma moça jovem que me pediu que a levasse até ao carro. Da segunda vez que a conduzi ao carro, parti do princípio de que ela se limitaria a entrar e a arrancar, como fizera da primeira vez. Em vez disso, colocara-se naquela mesma pose, encostada ao carro do lado do condutor, e tivemos aquela que eu considero a nossa primeira conversa. Recordo-me da animação patente nas suas feições ao descrever os pormenores da sua infância em New Bern e que, pela primeira vez, notei os atributos que nunca mais deixei de lhe apreciar: a inteligência e a paixão, o charme, a maneira descuidada como parecia encarar o mundo. Anos mais tarde, mostrou os mesmos traços quando houve necessidade de criar os nossos filhos e eu sei as razões que os levaram a tornar-se os adultos simpáticos e responsáveis que são actualmente.

Interrompendo os devaneios de Jane, pigarreei e disse: - Hoje, fui visitar o Noah.

Ela acordou ao ouvir as minhas palavras. - Como é que ele está?

- Está bem. Pareceu-me cansado, mas muito bem-disposto.

- Estava outra vez junto do lago?

- Estava - respondi. Antecipando a pergunta seguinte, acrescentei: - O cisne também lá estava.

Vi que contraía os lábios, mas como não desejava estragar-lhe a boa disposição, continuei a falar.

- Falei-lhe do casamento.

- Ficou excitado?

Fiz um gesto de assentimento. - Muito. Disse-me que vai adorar estar lá.

Jane juntou as mãos. - Amanhã, vou lá e levo a Anna comigo. Ela não o viu na semana passada e sei que vai querer falar do assunto ao avô - concluiu, com um sorriso cúmplice. - E, a propósito, obrigada por teres ido vê-lo hoje. Sei quanto ele apreciava as tuas visitas.

- Sabes que eu também gosto de estar com ele.

- Pois sei. Mas agradeço-te, mesmo assim.

A carne estava pronta e acrescentei-lhe os restantes ingredientes: vinho *Marsala*, sumo de limão, cogumelos, caldo de carne, cebolinhas-de-frança picadas, cebola às rodelas. Adicionei mais um pouquinho de manteiga para ficar no ponto, um prémio pelos dez quilos que eu conseguira perder no ano transacto.

Já falaste com o Joseph e com a Leslie? - perguntei.

Por momentos, a Jane ficou a ver-me mexer o tacho. Então, tirando uma colher da gaveta, mergulhou-a no molho e provou. Isto está bom - comentou erguendo as sobrancelhas.

- Pareces surpreendida.

- Não, na verdade não estou. Transformaste-te num bom cozinheiro. Pelo menos, se compararmos com o que eras no início.

- O quê? Não adoraste sempre os meus cozinhados?

Levou um dedo ao queixo. - Digamos apenas que puré de batata queimado e molhos espessos são coisas a que a gente se habitua.

Sorri, sabendo que tudo aquilo era verdade. As minhas primeiras experiências na cozinha não foram um sucesso de arromba.

Antes de pousar a colher na bancada, a Jane provou uma vez mais o molho.

- Wilson? Ainda acerca do casamento... - começou.

Olhei para ela. - O que é que tem?

- Sabes que vai sair caro arranjar um bilhete para o Joseph à última hora, não sabes?

- Sei.

- E o fotógrafo não leva barato, mesmo tendo havido uma desistência.

Assenti. - Já calculava.

- E o bolo é um bocado caro. Para um bolo, está bem de ver.

- Não há problema. Dá para muita gente, não dá?

Olhou para mim com curiosidade, obviamente admirada com as minhas respostas. - Bem... Só quis avisar-te com antecedência para não fiques aborrecido. - Por que motivo iria ficar aborrecido? - Oh, tu sabes. Por vezes, ficas aborrecido quando as coisas começam a sair-te caras.

- Como?

Jane alçou uma sobrancelha. - Não finjas que não estás a perceber. Não te recordas do que aconteceu com a renovação da casa? Ou quando o sistema de aquecimento se avariava? Até engraxas os teus próprios sapatos...

Levantei as mãos, num gesto teatral de rendição. - Muito bem, já sei a tua opinião. Mas não te preocupes. Isto é diferente afirmei, sabendo que ela estava atenta ao que eu dizia. - Mesmo que gastássemos tudo o que temos, ainda valeria a pena.

Quase se engasgou com o vinho e mirou-me de olhos arregalados. Depois, passado um bom bocado, deu um passo rápido em frente e tocou-me no braço com a ponta de um dedo.

- Para que foi isso? - indaguei.

- Foi só para confirmar se eras mesmo o meu marido, ou se tinhas sido substituído por um alienígena.

- Um alienígena?

- Sim. *A Invasão dos Violadores*. Não te lembras do filme?

- E claro que me lembro. Mas sou eu, em carne e osso.

- Graças a Deus - respondeu, a simular alívio. E, então, maravilha das maravilhas, sorriu-me.

- Mesmo assim, não quis deixar de te avisar.

Sorri, como se o meu coração acabasse de ser acalentado. Tentava imaginar quanto tempo passara desde a última vez em que nos rimos e brincámos assim, na cozinha. Meses? Talvez anos? Embora percebesse que era apenas uma situação temporária, não deixava de atizar a pequena fogueira de esperança que eu começara a alimentar em segredo.

A minha primeira saída com Jane, não correu exactamente como eu previra.

Reservara mesa no Harper, que era considerado o melhor restaurante da cidade. E também o mais caro. Tinha dinheiro suficiente para pagar o jantar, mas sabia que teria de fazer sacrifícios durante o resto do mês, se queria pagar as outras contas. Também planeara algo de especial para depois do jantar.

Apanhei-a defronte do dormitório do Meredith e a viagem até ao restaurante levou apenas uns minutos. Conversa típica de primeira saída, que apenas trata os temas pela rama. Falámos da escola, reconhecemos que o tempo estava frio e eu notei que fora uma boa ideia aquela de ambos levarmos abafos. Também me lembro de ter dito que considerava a camisola dela um encanto e Jane informou-me que a tinha comprado no dia anterior. Embora gostasse de saber se ela a comprara de propósito para o encontro, achei que a pergunta directa seria inconveniente.

Devido a haver muita gente a fazer compras, foi difícil encontrar espaço para o carro e tivemos de o deixar a alguns quarteirões de distância do restaurante. No entanto, como dispunha de uma certa folga de tempo, tinha a certeza de poder chegar ao restaurante a tempo de utilizar a mesa reservada. No caminho, as pontas dos nossos narizes fizeram-se vermelhas e o ar que nos saía da boca formava pequenas nuvens. Algumas das lojas tinham as montras rodeadas de luzes que piscavam e, ao passarmos nas imediações das casas que vendiam pizzas, ouvimos canções de Natal vindas das máquinas que tocavam no interior.

Estávamos já perto do restaurante quando vimos o cão. Encolhido num beco, era um animal de médio porte, mas estava magro e coberto de sujidade. Tremia e, pelo aspecto do pêlo, via-se que andava perdido havia algum tempo. Sem saber se o cão era perigoso, coloquei-me entre ele e Jane, mas ela passou por mim e agachou-se, a tentar atrair a atenção do animal.

- Tudo bem - sussurrou. - Não te vamos fazer mal. O cão recuou mais para o escuro.

- Tem coleira - indicou Jane. - Aposto que anda perdido. Não desviava os olhos do cão, que parecia estudá-la com prudente curiosidade.

Consultando o relógio, verifiquei que ainda dispúnhamos de alguns minutos até à hora marcada no restaurante. Embora continuasse com dúvidas quanto ao perigo que o cão poderia representar, baixei-me junto de Jane e comecei a falar ao animal no mesmo tom que ela usava. Continuámos por algum tempo e o cão não se mexeu. A Jane deu um pequeno passo na direcção dele, mas o cão ganiu e desandou.

- Está assustado - explicou Jane. - Que havemos de fazer? Não quero deixá-lo por aí abandonado. Está anunciado que esta noite a temperatura vai descer abaixo de zero. E, se estiver perdido, a única coisa que quer é regressar a casa.

Suponho que deveria ter-lhe dito qualquer coisa. Podia dizer-lhe que tínhamos tentado, que podíamos ligar para o canil, ou até que podíamos voltar depois do jantar e, no caso de o cão ainda andar por ali, voltaríamos a tentar apanhá-lo. Porém, a expressão de Jane obrigou-me a ficar calado. O rosto dela mostrava um misto de preocupação e desafio, a primeira indicação que eu tinha da sua bondade e preocupação com os seres mais desfavorecidos. Descobri que não tinha outro remédio, que tinha de a acompanhar no que ela desejava fazer.

- Deixa-me tentar - propus.

Para falar com franqueza, não sabia muito bem o que havia de fazer. Crescera sem nunca ter tido um cão, pela simples razão de a minha mãe ser alérgica a estes animais, mas estendi a mão e continuei a falar-lhe em voz baixa, tentando imitar o que vira as pessoas fazerem nos filmes.

Deixei que o cão se habituasse à minha voz e, quando avancei um pouco, ele permaneceu quieto. Sem querer espantar o pateta, parei, deixei que se habituasse um pouco mais a mim e avancei um pouco mais. Depois do que me pareceu uma eternidade, quando já estava muito perto dele, estendi a mão e ele esticou o nariz na direcção dela. Depois, decidindo que nada tinha a temer da minha parte, lambeu-me as pontas dos dedos.

Momentos depois, já podia dar-lhe palmadinhas na cabeça e olhei para Jane por cima do ombro.

- Ele gosta de ti - constatou ela, parecendo admirada. Encolhi os ombros. - Parece que sim.

Consegui ler o número de telefone inscrito na coleira, e Jane foi à livraria próxima para ligar de um telefone público e avisar o dono do animal. Enquanto ela esteve ausente, fiquei à espera junto do cão que, quanto mais acarinhado, mais parecia apreciar o toque da minha mão. Quando Jane voltou, ainda tivemos de esperar cerca de vinte minutos, até o dono chegar para levar o cão. Era um homem na casa dos trinta anos e mal teve tempo de sair do carro.

A agitar a cauda, o cão surgiu imediatamente ao lado do dono. Depois de levar o seu tempo a receber as lambidelas do animal, o homem virou-se para nós.

- Muito obrigado por terem telefonado. Andava perdido há uma semana, e o meu filho nunca mais deixou de chorar todas as noites. Não fazem ideia do que o regresso do cão vai significar para ele. Ter o cão de volta foi a única coisa que pôs na sua lista de presentes de Natal.

Embora oferecesse uma recompensa, nem Jane nem eu quisemos aceitá-la, pelo que ele voltou a agradecer-nos, antes de tornar a entrar no carro. Ao vê-lo arrancar, creio que ambos sentimos que fizéramos algo de útil. Depois de o som do motor deixar de se ouvir, Jane tomou-me o braço.

- Ainda estamos a tempo de utilizar a mesa reservada? - perguntou.

Consultei o relógio. - Estamos atrasados meia hora.

- Mas ainda devem ter a nossa mesa, não é?

- Não sei. Para começar, foi difícil fazer a marcação. Tive de pedir a um dos professores que fizesse a chamada por mim.

- Talvez tenhamos sorte - adiantou Jane.

Não tivemos. Quando chegámos ao restaurante, a nossa mesa já fora ocupada e a próxima vaga era para as 21h45. Jane levantou a cabeça e olhou para mim.

- Pelo menos fizemos a felicidade de uma criança - concluiu.

- Eu sei - concordei, respirando fundo. - E voltaria a fazer o mesmo.

Ficou a estudar-me por momentos e apertou-me o braço.

- Também estou feliz por termos parado, mesmo que não consigamos jantar aqui.

Rodeada por um halo de luz da rua, ela parecia quase etérea.

- Há algum outro lugar aonde gostasses de ir? - perguntei. Inclinou a cabeça para um lado. - Gostas de música?

Dez minutos depois, estávamos sentados numa mesa da sala da pizaria que víamos ao passar. Embora tivesse planeado um jantar com velas e vinho, acabámos por pedir cerveja para beber com a nossa pizza.

Contudo, Jane não parecia desapontada. Discorreu com facilidade acerca das suas aulas de mitologia grega e de literatura inglesa, dos seus anos no Meredith, das amigas e de tudo o que lhe veio à cabeça. Durante a maior parte do tempo, limitei-me a acenos de cabeça e a fazer as perguntas necessárias para a manter a falar durante as duas horas que se seguiram, devendo confessar que nunca me agradara mais a companhia de qualquer outra pessoa.

Na cozinha, notei que Jane me olhava com curiosidade. Tentando afastar as recordações, dei os toques finais na refeição e trouxe a comida para a mesa. Depois de nos sentarmos, baixámos as cabeças e fiz a oração, agradecendo a Deus todas as benesses recebidas.

- Tu estás bem? Há uns minutos parecias preocupado - comentou Jane ao pôr alguma salada no prato.

Enchi os copos de ambos. - Na verdade, estava a recordar-me da nossa primeira saída - respondi.

- Ai estavas? - perguntou com o garfo a meio do caminho.

- Porquê?

- Não sei - disse eu, a empurrar o copo de vinho para a frente dela. - Ainda te lembras?

- Claro que me lembro. Foi pouco antes de irmos passar as férias de Natal a casa. Tínhamos planeado um jantar no Harper, mas encontrámos

um cão desgarrado e perdemos a marcação. Por isso, jantámos naquela pizzaria pequena que há na mesma rua. E depois disso...

Semicerrou os olhos, a tentar ordenar os eventos correctamente.

- Metemo-nos no carro e fomos ver as decorações ao longo da Havermill Road, certo? Insististe em que eu saísse do carro para darmos uma volta, embora estivesse um frio de rachar. Uma das lojas instalara uma aldeia do Pai Natal e, quando me levaste até lá, o homem vestido de Pai Natal deu-me a prenda que tinhas escolhido como meu presente de Natal. Recordo-me de ter ficado espantada por teres tido aquele trabalho todo com uma primeira saída.

- Lembras-te do que escolhi para ti?

- Como é que poderia esquecer-me? - retorquiu, a sorrir.

- Um chapéu-de-chuva.

- Ora bem - exclamou, levantando as mãos para o tecto - depois disso, como é que eu poderia aceitar convites de outros tipos? Na altura, a minha forma de os caçar era pedir-lhes que me levassem ao carro. Não nos podemos esquecer de que no Meredith os únicos homens visíveis eram os professores e os serventes.

- Foi por isso que escolhi o chapéu - retorqui. - Já conhecia a tua maneira de agir.

Não tiveste indicação nenhuma - contrariou, sempre a sorrir. - Fui a primeira rapariga que convidaste para sair.

- Não, não foste. Já tinha saído com raparigas.

Mostrou uma expressão zombeteira. - Está bem, então fui a primeira rapariga que beijaste.

Aquilo era verdade, embora lamentasse ter-lhe dito isso, pois nunca mais se esqueceu desse facto, que tende a ressurgir em momentos como este. No entanto, em minha defesa, afirmei:

- Andava demasiado ocupado a preparar o futuro. Não dispunha de tempo para esse género de coisas.

- Eras tímido.

- Era estudioso. Há uma certa diferença.

- Não te lembras do nosso jantar? Ou do passeio de carro? Praticamente não me disseste nada, a não ser descreveres-me as tuas aulas.

- Também falei de outros assuntos - contrapus. - Disse que gostava da tua camisola, ou não te lembras?

Sorriu. - Isso não conta. Tiveste a sorte de eu ter sido tão paciente contigo.

- Sim - concordei. - Tive.

Disse aquilo da forma que gostaria de ouvir da boca dela e penso que ela captou o tom da minha voz. Fez um sorriso breve.

- Queres saber a melhor recordação que tenho daquela noite? - continuei.

- A minha camisola?

A minha mulher, devo acrescentar, sempre foi de resposta pronta. Soltei uma gargalhada, mas era claro que estava com disposição para coisas mais sérias e prossegui: - Gostei da forma como paraste por causa do cão, de não queres afastar-te até teres a certeza de que ele ficava em segurança. Isso revelou-me que tinhas o coração no sítio certo.

Iria jurar que o meu comentário a fez corar, mas não tardou a pegar no copo de vinho, não me permitindo ter a certeza. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, mudei de assunto.

- E então, a Anna já começa a ficar nervosa? - indaguei. Jane abanou a cabeça. - De maneira nenhuma, não me parece minimamente preocupada. Julgo que acredita que tudo vai dar certo, como hoje aconteceu em relação às fotografias e ao bolo. Esta manhã, quando lhe mostrei a lista de tudo o que havia a fazer, limitou-se a dizer-me: «Nesse caso, é melhor que comecemos de imediato, não é?"

Fiz um gesto de concordância. Julgo a Anna muito capaz de dizer aquilo.

- E quanto ao amigo dela, o pastor?

- Diz que lhe telefonou na noite passada, que ele se mostrou muito feliz com a ideia.

- Isso é bom. Um problema a menos.

- Hum... - começou Jane, mas calou-se. Eu sabia que a cabeça dela já estava virada para as actividades da semana seguinte.

- Julgo que vou precisar da tua ajuda - acabou por dizer.

- O que é que tens em mente?

- Bem, vais ter de arranjar um *smoking* para ti, outro para o Keith e outro para o Joseph. E também para o papá...

- Isso não é problema.

Ajeitou-se na cadeira. - A Anna deve arranjar os nomes das pessoas que gostaria de convidar. Como não temos tempo para enviar convites, alguém tem de se encarregar de os fazer pelo telefone. E como vou andar por fora, com a Anna, e tu estás de férias...

Ergui as duas mãos. - Não me importo de me encarregar disso. Começo amanhã.

- Sabes onde está o livro de endereços?

Este é o tipo de pergunta a que tive de me habituar com a passagem dos anos. De há muito que Jane está convencida da minha incapacidade natural para encontrar certas coisas dentro da nossa própria casa. Também crê que, por eu às vezes pôr qualquer objecto fora do sítio, a tornei responsável por saber o sítio exacto em que eu não o devia ter colocado. Nada disto, tenho de afirmar, é da minha inteira responsabilidade. Embora seja verdade que eu não conheço o sítio onde se encontra cada objecto que temos dentro de casa, isso deve-se mais aos diversos sistemas de arrumação utilizados do que à minha inaptidão. A minha mulher crê, por exemplo, que o lugar da lanterna é numa das gavetas da cozinha, embora, na minha maneira de ver, ache que o seu lugar é na despensa, onde mantemos a máquina de lavar e de secar. Resultado: a lanterna anda em bolandas de um lado para o outro e, como eu trabalho fora de casa, não é possível manter-me actualizado sobre estas questões. Outro exemplo: se pouso as chaves do carro em cima da bancada, o meu instinto diz-me que elas ainda lá estão quando forem precisas, embora Jane decida automaticamente que eu irei procurá-las junto ao quadro que está à entrada. Quanto à localização do livro de endereços, para mim era um dado assente que estaria na gaveta da mesa

do telefone. Fora ali que o pusera da última vez que me servira dele e ia dizer isso mesmo quando Jane me interrompeu os pensamentos.

- Está na estante, junto dos livros de culinária. Olhei para ela.

- Pois claro - concordei.

A boa disposição entre nós durou até acabar o jantar e começar a arrumação da mesa.

Então, lentamente, de forma quase imperceptível no início, os gracejos fáceis entre nós deram lugar a uma conversa mais formal, entrecortada por longas pausas. Na altura em que começámos a limpar a cozinha, tínhamos regressado ao diálogo habitual, em que os sons mais animados não provinham de qualquer de nós, eram produzidos pelo manusear dos pratos.

Nem consigo explicar como é que chegámos a esta situação, para além de constatar que parecíamos não ter nada mais a dizer um ao outro. Jane voltou a fazer perguntas acerca de Noah e eu repeti a resposta que já lhe dera. Um minuto depois, ela voltou a falar do fotógrafo, porém, a meio da história, parou, ao aperceber-se de que também já tinha contado aquele episódio. Como nenhum de nós falara com o Joseph ou com a Leslie, também não havia quaisquer novidades em relação a eles. Quanto a trabalho, como eu estava de férias, não tinha qualquer pormenor de que me pudesse valer. Comecei a sentir a disposição com que iniciáramos o serão a desvanecer-se e queria evitar que o inevitável acontecesse. Pus a mente a funcionar, à procura de qualquer saída, e finalmente aclarei a garganta.

- Ouviste falar do ataque de um tubarão, em Wilmington? perguntei.

- Estás a falar daquele da semana passada? Em que a vítima foi uma rapariga?

- Sim, desse mesmo.

- Já me falaste nisso.

- Já te contei?

- Na semana passada, leste-me o artigo.

Lavei, à mão, o copo de que a Jane se servira para beber o vinho, depois passei o funil por água. Ouvi-a a remexer no armário, à procura de um *Tupperware*.

- Que maneira mais horrorosa para começar umas férias - observou Jane. - A família ainda nem tinha despejado completamente a mala do carro.

Os pratos vinham a seguir e limpei-os dos restos de comida. Abri a porta do tubo que leva ao contentor do lixo e o deslizar dos restos pareceu ecoar pelas paredes, fazendo ressaltar o silêncio que reinava entre nós. Quando acabei, pus os pratos dentro da máquina de lavar.

- Entretive-me a arrancar umas ervas do jardim - expliquei.

- Pensava que tinhas feito isso há uns dias.

- Pois fiz.

Carreguei também os talheres e passei por água as pinças da salada. Abri e fechei a torneira da água e fiz deslizar o tabuleiro dos pratos para fora e para dentro.

- Espero que não tenhas ficado tempo demasiado ao sol - comentou.

Mencionara aquilo porque o meu pai morrera de ataque cardíaco, quando tinha 61 anos de idade e estava a lavar o carro. A minha família era atreita a doenças do coração, uma situação que eu sabia preocupar Jane. Embora naquela altura fôssemos mais amigos do que amantes, sabia que Jane nunca deixaria de tratar de mim. Tratar dos outros era um imperativo da sua natureza e nunca deixaria de ser assim.

As irmãs também são assim, o que atribuo à educação recebida de Noah e de Allie. Abraços e gargalhadas eram o pão nosso de cada dia naquela casa, um lugar onde eram apreciadas anedotas, pois ninguém admitia mesquinhas. Por vezes dou comigo a pensar que género de pessoa eu seria se tivesse nascido no seio daquela família.

- Amanhã, espera-se um dia igualmente quente - informou Jane, interrompendo-me os pensamentos.

Corrobrei a informação. - Ouvi no noticiário que a temperatura poderá atingir os 35 graus. E também se espera muita humidade.

- Trinta e cinco?

- Foi o que disseram.

- É calor a mais.

Jane guardou os restos do jantar no frigorífico e eu limpei as bancadas. Depois da intimidade de há pouco, a ausência de conversa com sentido parecia ensurdecedora. Pela expressão na cara da Jane, percebia que também ela estava desapontada pelo regresso à situação normal. Sacudiu o vestido, como se procurasse palavras nos bolsos. Por fim, inspirou profundamente e forçou um sorriso.

- Acho que vou telefonar à Leslie - informou. Momentos depois, encontrei-me sozinho na cozinha, a desejar uma vez mais ser outra pessoa qualquer e a ponderar se seria possível recomeçarmos tudo.

Nas duas semanas que se seguiram à nossa primeira saída, Jane e eu encontrámo-nos mais cinco vezes, antes de ela regressar a New Bern para as férias de Natal. Estudámos juntos por duas vezes, fomos uma vez ao cinema e passámos duas tardes a passear pelo *campus* da Universidade de Duke.

Mas houve um passeio especial, que me ficou para sempre gravado na memória. Estava um dia triste, tinha chovido durante toda a manhã e o céu estava carregado de nuvens cinzentas mais parecendo que estávamos no final do dia. Era domingo dois dias depois de termos salvo o cão perdido, e Jane e eu caminhávamos por entre os diversos edifícios que compõem a universidade - Como é que são os teus pais? - perguntou Jane.

Dei uns passos a pensar e acabei por responder - São boas pessoas.

Ela ficou à espera de mais, mas como não ouviu mais nada, deu um toque com o seu ombro no meu.

- É tudo o que tens a dizer?

Sabia que era uma tentativa para me obrigar a abrir-me e, embora não fosse coisa que me agradasse muito fazer, também sabia que Jane continuaria a picar-me, com simpatia e persistência, até o conseguir. Era esperta, de uma esperteza não muito comum, não só em termos académicos como também no conhecimento das pessoas. De mim, em especial.

Tentei rodear a questão: - Não sei o que mais posso dizer-te. Acho que são pais normais. São funcionários públicos e vivem há quase vinte

anos numa casa da cidade, em Dupont Circle. E na capital federal, onde eu fui criado. Penso que, há alguns anos, pensaram comprar casa nos subúrbios, mas nenhum deles pareceu disposto a suportar as deslocações; por isso, ficámos onde estávamos.

- Tinhas quintal?

- Não. Mas havia um pátio bonito e por vezes as ervas irrompiam por entre os tijolos.

Riu-se. - Onde foi que os teus pais se conheceram?

- Em Washington. Foram ambos criados na cidade e conheceram-se quando trabalhavam para o Departamento dos Transportes. Penso que estiveram durante algum tempo na mesma secção, mas não tenho a certeza. Nunca me falaram muito do assunto.

- Têm algum passatempo?

Ia pensando na pergunta ao mesmo tempo que revia mentalmente os meus pais. - A minha mãe escreve cartas ao director do *Washington Post* - respondi. - Penso que pretende mudar o mundo. Está sempre a tomar o partido dos desfavorecidos e, isso é verdade, está sempre cheia de ideias sobre a forma de transformar o mundo num lugar melhor. Deve escrever pelo menos uma carta por semana. Nem todas são publicadas, mas ela recorta as que o foram e recolhe-as num álbum. E o meu pai... é do género pacato. Gosta de construir barcos dentro de garrafas. Ao longo dos anos deve ter feito centenas e, sempre que deixa de ter espaço nas estantes, começa a oferecê-los às escolas para serem exibidos nas bibliotecas. Os miúdos adoram-nos.

- E tu, também os adoras?

- Não. Trata-se do escape do papá. Nunca se mostrou muito interessado em ensinar-me como se faz, pois sempre pensou que eu havia de arranjar o meu próprio passatempo. Mas estava autorizado a vê-lo trabalhar, desde que não mexesse em nada.

- Que tristeza!

- Não me afectava - contrapús. - Nunca conheci nenhum passatempo diferente e achava aquele interessante. Lento, mas interessante. Não falava muito enquanto trabalhava, mas era agradável estar ao pé dele.

- Jogava à bola contigo? Ou iam andar de bicicleta?

- Não. Não era grande adepto do ar livre. Só gostava dos barcos. Ensinou-me muito acerca da paciência.

Jane baixou os olhos, a observar o terreno que pisávamos, e eu sabia que estava a estabelecer comparações com a forma como fora criada.

- E és filho único?

Embora nunca tivesse contado a mais ninguém, dei comigo a querer dizer-lhe o motivo. Já nessa altura pretendia que ela me conhecesse, que soubesse tudo a meu respeito. - A minha mãe não pôde ter mais filhos. Sofreu uma espécie de hemorragia quando eu nasci e, depois disso, uma nova gravidez seria muito arriscada.

Enrugou a testa. - Lamento.

- Penso que ela também lamentou.

Nesta altura, tínhamos chegado junto da capela principal e a Jane parou uns instantes para apreciar a arquitectura.

- Foi a maior descrição que me fizeste de ti de uma vez só - notou ela.

- Disse mais do que provavelmente contei a qualquer outra pessoa.

Pelo canto do olho, via-a prender uma madeixa de cabelo atrás da orelha. - Julgo que fiquei a perceber-te um pouco melhor concluiu.

Hesitei. - E isso é bom?

Em vez de responder, voltou-se para mim e, de súbito, percebi que já conhecia a resposta.

Suponho que deveria lembrar-me exactamente de como aconteceu mas, para ser franco, os momentos seguintes varreram-se-me da memória. Num instante, dei comigo a atraí-la docemente para mim. Ela mostrou-se um tanto admirada, contudo, ao ver o meu rosto aproximar-se do dela, fechou os olhos e aceitou o que eu estava prestes a fazer. Inclinou-se, e, quando os lábios dela tocaram os meus, soube que recordaria aquele primeiro beijo para sempre.

Ao ouvir Jane a falar ao telefone com Leslie, pensei que o som da voz se parecia muito com o da rapariga que naquele dia passeou ao meu

lado pelo *campus* universitário. A voz era animada e as palavras fluíam livremente; ouvia-a rir como se Leslie estivesse ali na sala.

Sentei-me no sofá, afastado meia sala, ouvindo com metade do ouvido. Jane e eu costumávamos conversar durante horas, mas agora parecia haver outras pessoas que ocuparam o meu lugar. Nunca lhe faltavam as palavras quando falava com os filhos, nem tinha de se esforçar muito para conseguir encontrar os termos certos sempre que visitava o pai. Tinha um círculo alargado de amigas e também se dava lindamente com elas. Gostaria de saber o que as amigas pensariam se passassem um serão normal em nossa casa.

Seríamos o único casal afectado por este problema? Ou passar-se-ia o mesmo com todos os casamentos de longa duração, uma acção inevitável do tempo? A lógica parecia apontar para a segunda causa, mas, mesmo assim, atormentava-me pensar que a frivolidade acabaria no momento em que ela desligasse o telefone. Em vez de gracejos fáceis, discutiríamos miudezas e a magia perdia-se de imediato, para além de sentir que não aguentaria mais uma discussão sobre o tempo.

Porém, o que poderíamos nós fazer? Esta era a questão para a qual procurava resposta. No espaço de uma hora, vivera os nossos dois casamentos e não tinha dúvidas sobre aquele que preferia, sobre aquele que julgava que Jane e eu merecíamos.

Como ruído de fundo, ouvia Jane a preparar-se para acabar a conversa com Leslie. Existe uma forma de acabar uma chamada telefónica e eu conhecia a da Jane, tal como ela conhecia a minha. Não tardaria a ouvi-la dizer à nossa filha que a adorava, que fizesse uma pausa para dar tempo a que Leslie lhe dissesse o mesmo e que se despedisse. Sabendo o que estava para acontecer, e subitamente decidido a aproveitar aquela oportunidade, levantei-me do sofá e voltei-me para Jane.

Ia atravessar a sala, disse a mim mesmo, e pegar-lhe na mão, exactamente como fizera à porta da capela da Universidade de Duke. Jane ficaria com dúvidas sobre o que estava a acontecer, as mesmas que a assaltaram da primeira vez, mas eu puxaria o corpo dela para o meu. Acariciava-lhe o rosto, fechava os olhos e, logo que os meus lábios tocassem os dela, ela saberia que aquele beijo era diferente de todos os outros que lhe dera até então. Seria um gesto simultaneamente novo e conhecido; apreciado mas cheio de saudade; o próprio facto de acontecer

evocaria nela o mesmo tipo de sentimentos. Seria, pensava eu, um novo começo nas nossas vidas, tal como acontecera com o primeiro beijo, trocado havia tantos anos.

Imaginava a cena claramente e, momentos depois, ouvi as palavras esperadas e o pousar do auscultador. Chegara a hora e, apelando a toda a minha coragem, comecei a aproximar-me dela.

Jane estava de costas para mim, com a mão ainda pousada no telefone. Ficou quieta por momentos, a olhar pela janela da sala de estar, a observar o céu cinzento que começava lentamente a mudar de cor. Era a pessoa mais fantástica que eu conhecera e ia dizer-lhe isso mesmo, logo depois de a beijar.

Continuei a andar. Estava agora muito perto, tão perto que conseguia notar o odor familiar do seu perfume. Senti o coração acelerar. Apercebi-me de que estava muito perto, que podia tocar-lhe, mas, de súbito, ela levantou outra vez o auscultador. Com movimentos rápidos e eficientes, limitou-se a premir duas teclas.

Um número registado em memória e logo percebi o que ela acabara de fazer.

Momentos depois, Joseph atendeu o telefone. Perdi a coragem, só me restava iniciar o caminho de regresso ao sofá. Durante cerca de uma hora, mantive-se sentado debaixo do candeeiro, com a biografia de Roosevelt aberta em cima das pernas.

Embora me tivesse pedido que telefonasse aos convidados, depois de falar com Joseph, Jane telefonou aos amigos mais íntimos da família. Apreciei a vivacidade da minha mulher apesar de nos obrigar a viver em mundos separados até depois das 21 horas, o que me levou a concluir que a frustração dos sonhos, mesmo os de pouca monta, provoca sempre tristeza.

Logo que Jane acabou, tentei captar-lhe a atenção. Em vez de ir sentar-se ao pé de mim no sofá, foi buscar um saco que deixara debaixo da mesa da entrada, em que eu não tinha reparado, e trouxe-o para a sala.

- A caminho de casa, aproveitei para comprar umas coisas para a Anna - explicou, mostrando-me duas revistas dedicadas a noivas -, mas, antes de lhas oferecer, quero aproveitar a oportunidade de dar-lhes uma vista de olhos.

Respondi com um sorriso forçado, pois percebi que o resto do serão estava perdido: - Boa ideia.

Quando ficámos em silêncio, eu no sofá e a Jane na espreguiçadeira, dei comigo a olhá-la de forma sub-reptícia. Os olhos brilhavam-lhe ao passar de um vestido para o seguinte, vi-lhe rugas nos cantos dos lábios ao analisar alguns deles. Os olhos dela, tal como os meus, já não são o que foram e reparei que tinha de estender o pescoço para ver com mais clareza o que tinha à frente do nariz. Uma vez por outra, ouvia-a murmurar qualquer coisa, exclamações abafadas, e sabia que estava a imaginar Anna a usar qualquer dos artigos expostos em determinada página.

Ao observar aquele rosto expressivo, maravilhei-me com o facto de, numa altura ou noutra, ter beijado cada pedacinho dele. Apetecia-me gritar: *foste a única que amei*, mas o bom senso prevaleceu, lembrei-me de que seria mais sensato guardar tais manifestações para outra ocasião em que beneficiasse de toda a atenção dela e as palavras pudessem ser retribuídas.

O serão prosseguiu sem que eu tirasse os olhos dela, apesar de fingir que lia o livro. Poderia fazer aquilo durante toda a noite, pensei, mas o cansaço instalou-se, pois percebi que Jane iria ficar acordada pelo menos mais uma hora. As páginas marcadas não deixariam de exigir uma segunda análise, o que implicaria folhear de novo as duas revistas.

- Jane?

Diz - foi a resposta automática.

- Tive uma ideia.

Não tirou os olhos da página da revista. - Sobre o quê?

- Sobre o local para a cerimónia. Finalmente pareceu ouvir e olhou para mim.

- Talvez não seja a solução ideal, mas tenho a certeza de que o local está disponível - informei. - E ao ar livre e há imenso espaço para estacionamento. E também há flores. Flores aos milhares. - Onde? Hesitei.

- Em casa do Noah! - exclamei. - Sob a latada, ao lado do roseiral.

A Jane abriu e fechou a boca, pestanejou várias vezes, como se quisesse clarear a visão. Então, muito lentamente, começou a sorrir.

CAPÍTULO SEIS.

De manhã, encomendei os fatos para os homens e comecei a telefonar aos amigos e vizinhos que constavam da lista de convidados da Anna e, na maioria dos casos, recebi as respostas que esperava.

Claro que vamos lá estar, disse um casal. Não perderíamos a cerimónia por nada deste mundo, afirmou um outro. Embora se tratasse de chamadas amigáveis, não gastei muito tempo ao telefone e deu a tarefa por concluída ainda antes do meio-dia.

Jane e Anna tinham ido à procura de flores para o ramo de noiva; para o fim da tarde, pensavam passar por casa de Noah. Como tinha muito tempo, até à hora a que devíamos juntar-nos, decidi ir até Creekside. No caminho, passei pelo supermercado e comprei três pães *Wonder Bread*.

Enquanto conduzia, os meus pensamentos divagaram para a casa de Noah e para a primeira vez que lá fui, há muitos anos.

Jane e eu já namorávamos havia seis meses quando ela me convidou a ir a sua casa. Tinha acabado o curso em Meredith, em Junho, e depois da cerimónia voltámos a New Bern no meu carro, sempre atrás do carro dos pais dela. Jane era a mais velha dos irmãos - os quatro estavam separados por apenas sete anos; quando chegámos, as caras deles mostraram que eu ainda estava a ser avaliado. Mesmo tendo estado presente com a família na cerimónia de graduação e de Allie ter chegado a dar-me o braço, não conseguia deixar de me sentir constrangido por não saber a impressão que causara.

Ao adivinhar a minha ansiedade, logo que chegámos à casa dela, Jane sugeriu que fôssemos dar um passeio. A beleza sedutora das terras baixas teve um efeito calmante sobre os meus nervos; o céu apresentava uma cor azul-esverdeada e o ar já não estava fresco como na Primavera e ainda não era quente como no Verão. Ao longo dos anos, Noah tinha plantado milhares de bolbos e os lírios irrompiam ao longo da sebe em ramalhetes de cores variegadas. As árvores apresentavam mil tons de verde e o ar enchia-se do chilrear dos pássaros. Contudo, mesmo visto de longe, foi o roseiral que mais me encantou. Os cinco corações concêntricos, com os espécimes mais altos no meio e os mais baixos nos bordos, explodiam em manchas de vermelho, rosa, laranja, branco e amarelo. Os

canteiros revelavam um caos intencional, uma espécie de compromisso entre o homem e a natureza que parecia quase deslocado ao sobressair de um fundo de beleza inculta.

A seu tempo, acabámos sob a latada, junto do roseiral. Era óbvio que, por aquela altura, já me tornara um bom amigo de Jane, mesmo sem ter a certeza de que pudéssemos vir a ter um futuro comum. Como já disse, antes de me envolver numa relação séria, pretendia ter um emprego que me garantisse um rendimento. Ainda me faltava um ano para concluir a licenciatura em Direito e não me parecia decente pedir-lhe que esperasse por mim. Na altura não sabia, como é evidente, que ficaria a trabalhar em New Bern. Na realidade, no ano seguinte já tinha entrevistas marcadas com firmas de Atlanta e de Washington, enquanto ela fizera planos para regressar a casa.

Todavia, Jane estava a tornar difícil o cumprimento dos meus planos. Parecia apreciar a minha companhia. Ouvia-me com interesse, desafiava-me alegremente e nunca deixava de me pegar na mão enquanto estávamos juntos. Recordo como me senti bem da primeira vez que ela fez isso. Por mais ridículo que pareça, quando um casal anda de mãos dadas, pode sentir-se bem ou não. Julgo que terá algo a ver com o entrelaçar dos dedos e a colocação correcta do polegar, porém, quando tentei explicar-lhe o meu raciocínio, ela desatou a rir e pôs em dúvida a importância de semelhante análise.

No dia em que recebeu o diploma, voltou a pegar-me na mão e, pela primeira vez, mencionou a história dos pais, Allie e Noah. Encontraram-se na adolescência e apaixonaram-se, mas Allie mudou-se e não voltaram a falar-se durante catorze anos. Enquanto viveram em estados diferentes, Noah trabalhara em New Jersey, de onde partira para a guerra para, no final, regressar a New Bern. Entretanto, Allie ficara noiva de outro homem. Em vésperas do casamento, porém, foi fazer uma visita a Noah e percebeu que era a ele que sempre amara. Acabou por romper o noivado e permaneceu em New Bern.

Embora já tivéssemos falado de muitos assuntos, nunca me contara nada acerca daquilo. Na altura, a história não me pareceu tão tocante como acho agora, o que atribuo à minha idade e ao facto de ser homem. No entanto, verifiquei que significava muito para ela e acabei por me sentir comovido pelo carinho com que Jane tratava os pais. Pouco depois de começar a narrativa, tinha os olhos brilhantes de lágrimas, que lhe

escorriam pelas faces. Começou por tentar escondê-las, mas depressa cessou a luta, como se tivesse decidido que não se importava que eu a visse chorar. O alívio implícito na decisão de Jane tocou-me profundamente, por me fazer compreender que ela estava a confiar-me algo que só era do conhecimento de poucas pessoas. Por mim, raramente encontrei motivos para chorar e, quando acabou, ela pareceu compreender essa minha característica.

- Lamento que me tenha emocionado desta maneira - desculpou-se suavemente. - De facto, há muito que decidi contar-te a história. Contudo, só queria fazê-lo no momento exacto e no lugar certo.

Então, apertou-me mais a mão, como se quisesse segurá-la para sempre.

Desviei o olhar, sentindo um aperto no peito, como nunca sentira. O cenário à minha volta era intensamente colorido, com cada pétala e cada folhinha de erva a destacar-se nitidamente. Por detrás dela, vi a família a juntar-se no alpendre. Os raios de sol faziam estranhos desenhos no chão.

- Obrigado por me teres contado - murmurei e, quando me voltei para ficar de frente para ela, soube finalmente o que era estar enamorado.

Cheguei a Creekside e encontrei Noah junto do lago.

- Viva, Noah!

- Viva, Wilson! - saudou, mas continuou a olhar para a água.

- Obrigado por teres vindo.

Pus o saco com os pães no chão. - Tem passado bem?

- Podia estar melhor. Mas também podia estar pior.

Sentei-me no banco, ao lado dele. No lago, o cisne não mostrou medo de mim e deixou-se ficar onde a água era mais baixa, perto de nós.

- Sugeriste-lhe - perguntou Noah - que a cerimónia se realizasse na casa?

Fiz um sinal de assentimento. Fora aquela a ideia que mencionara ao Noah no dia anterior.

- Penso que ficou surpreendida por não ser a primeira a lembrar-se disso.

- Ela tem muitas coisas em que pensar.

- Pois tem. Ela e a Anna saíram de casa logo que tomaram o pequeno-almoço.

- Não consegue estar quieta?

- Bem pode dizê-lo. Praticamente, a Jane arrastou a Anna pela porta fora. Ainda não deram notícias.

- A Allie também reagiu assim quando do casamento da Kate.

Estava a falar da irmã mais nova da Jane. Como o casamento do próximo fim-de-semana, o de Kate também se realizara em casa de Noah. A Jane fizera de dama de honor.

- Suponho que já deve andar à procura de vestidos de noiva.

Olhei para ele, surpreendido.

- Para a Allie, essa era a melhor parte, penso eu - continuou.

- Ela e a Kate passaram dois dias em Raleigh, à procura do vestido perfeito. A Kate experimentou mais de uma centena e, ao chegar a casa, a Allie descreveu-mos um por um. Laço para aqui, mangas para ali, seda e tafetá, cinturas cingidas... deve ter falado durante horas, mas era tão bonita quando estava entusiasmada que eu mal ouvia o que ela estava a dizer.

Descansei as mãos sobre o colo. - Não penso que ela e a Anna tenham tempo para uma aventura dessas.

- Não, suponho que não terão - concordou, voltando-se para mim. - Mas sabes que ela irá bonita, qualquer que seja o vestido.

Concordei.

Actualmente, os filhos de Noah partilham a manutenção da casa. É propriedade comum; Noah e Allie trataram de tudo antes de se mudarem para Creekside. Como a casa significava tanto para eles, e também para os filhos, nunca conseguiriam separar-se dela. Nem poderiam dá-la apenas a um dos filhos, pois trata-se do lugar onde está enraizado um sem-número de recordações de toda a família.

Como já disse, visito a casa com frequência e, enquanto percorria a propriedade, depois de sair de Creekside, ia tomando nota, mentalmente,

do que tinha de ser feito. Um zelador mantinha a relva aparada e a cerca em bom estado, mas havia muito a fazer para pôr a propriedade em condições de receber visitantes e eu não tinha possibilidades de o fazer sozinho. A casa, pintada de branco, acumulara uma camada de poeira cinzenta vinda com mil tempestades, mas isso não era nada que uma boa agulheta de pressão não pudesse resolver. Contudo, a despeito dos esforços do zelador, os terrenos encontravam-se em mau estado. As ervas cresciam à volta dos postes da cerca, as sebes tinham de ser podadas e dos lírios que tinham florescido só restavam caules secos. Hibiscos, hortênsias e gerânios acrescentavam manchas de cor mas também precisavam de arranjo.

Conquanto tudo aquilo pudesse ser arranjado relativamente depressa, o roseiral preocupava-me. Tinha crescido ao acaso desde que, havia anos, a casa ficara desabitada; cada um dos corações concêntricos estava mais ou menos da mesma altura, e cada ramo parecia crescer por cima do último. As hastes apareciam de todos os lados e as folhas obscureciam boa parte da cor. Nem sabia se a iluminação exterior ainda funcionava. Do ponto onde me encontrava, parecia não haver maneira de resolver a situação que não passasse por uma poda total, ficando-se a aguardar um ano pelo regresso das flores.

Esperava que o meu jardineiro conseguisse fazer um milagre. Se alguém podia executar o projecto, era ele. Um homem calmo, apaixonado pela perfeição, Nathan Little tinha trabalhado nos mais célebres jardins do estado da Carolina do Norte - Biltmore Estate, Tryon Place, Duke Botanical Gardens - e eu nunca encontrara alguém que soubesse mais acerca de plantas.

A minha paixão pelo jardim lá de casa, pequeno mas, apesar disso, magnífico, mais os anos de convívio, tinham-nos tornado amigos e Nathan muitas vezes fazia questão de passar por lá, depois de terminado o seu dia de trabalho. Tínhamos longas conversas sobre a acidez dos solos e a importância da sombra no desenvolvimento das azaleas, sobre os diversos fertilizantes e até sobre as necessidades de água dos amores-perfeitos. Conversas que nada tinham a ver com o meu trabalho no escritório e que, talvez por isso, me proporcionavam tamanha alegria.

Ao observar a propriedade, estava também a visualizar o aspecto com que pretendia que ficasse. O contacto com Nathan foi dos primeiros que fiz e, embora fosse domingo, concordou em vir ter comigo. Disponha

de três equipas, que praticamente só falavam espanhol, e a quantidade de trabalho que cada equipa conseguia num só dia era impressionante. Mesmo assim, aquele era um projecto grande e só me restava rezar para que conseguissem terminá-lo a tempo.

Quando estava a fazer os meus cálculos mentais vi, lá longe, Harvey Wellington, o pastor. Estava no seu alpendre da frente, encostado a um dos postes, de braços cruzados. Não se mexeu depois eu ter reparado nele. Parecíamos estar a observar-nos mutuamente e, passados momentos, vi-o sorrir. Vi no sorriso um convite para me aproximar, mas, distraído com qualquer coisa por um instante, quando voltei a olhar para o mesmo sítio, ele tinha desaparecido. Embora já tivéssemos falado, e ainda que já tivéssemos apertado as mãos, nunca entrara em casa dele.

Nathan apareceu depois do almoço e passámos uma hora juntos. Ia fazendo gestos de concordância à medida que eu falava, mas fez um mínimo de perguntas. Quando acabei, ficou a olhar, com os olhos protegidos pelas palmas das mãos.

- Só o roseiral é que vai dar problemas - comentou. Dar-lhe um aspecto condigno será uma tarefa difícil.

- Mas é possível?

Antes de responder, levou o seu tempo a estudar o roseiral.

- Quarta e quinta-feira - acabou por dizer. - Trago a equipa toda - acrescentou. - Trinta pessoas.

- Apenas dois dias? - inquiri. - Incluindo o jardim?

Ele sabia tanto da sua profissão como eu sabia da minha, mas a decisão não deixava de me confundir.

Sorriu e pôs-me a mão no ombro. - Não se preocupe, meu amigo - rematou. - Ficaré magnífico.

Estávamos a meio da tarde e o calor subia do chão em ondas quase visíveis. A humidade tinha tornado o ar espesso, fazendo o horizonte parecer desfocado. Sentindo a transpiração na testa, levei a mão ao bolso para tirar um lenço. Depois de limpar o rosto, sentei-me no alpendre, à espera de Jane e de Anna.

A casa fora entaipada, mas não por razões de segurança. Nada disso; as janelas foram tapadas para prevenir actos de vandalismo e para evitar que as pessoas bisbilhotassem o que havia lá dentro. Fora Noah quem projectara tudo antes de se mudar para Creekside - mas, na realidade, foram os filhos quem fez a maior parte do trabalho - e as protecções estavam ligadas às paredes por dobradiças e seguras por fechos interiores, de modo a poderem ser abertas com facilidade pelo lado de dentro. O zelador abria-as duas vezes por ano para arejar a casa. A corrente eléctrica fora cortada, mas havia um gerador nas traseiras, que o zelador também costumava pôr a funcionar para ver se estava tudo em ordem. A água nunca fora desligada por causa do sistema de rega e o zelador informou-me de que costumava abrir as torneiras da cozinha e das casas de banho para evitar que a ferrugem se acumulasse nos canos.

Tenho a certeza de que, um dia, alguém voltará a habitar a casa. Não serei eu nem Jane, nem imagino que venha a ver aqui qualquer dos irmãos dela, mas o aproveitamento da casa parece-me inevitável. Também é inevitável que isso só possa acontecer depois da partida de Noah.

Jane e Anna chegaram poucos minutos depois, com a poeira a fazer turbilhão atrás do carro quando travaram no caminho de acesso à garagem. Reuni-me a elas debaixo da sombra de um gigantesco carvalho. Ambas olhavam à volta e notei que Jane estava a ficar cada vez mais angustiada. Anna mascava pastilha elástica e presenteou-me com um breve sorriso.

- Boa tarde, papá.

- Boa tarde, minha querida. Como é que correu hoje o dia?

- Foi giro. A mamã entrou em pânico, mas acabámos por resolver as coisas. O ramo de noiva está encomendado e também os arranjos para os vestidos e as botoeiras.

Jane não parecia estar a ouvir; continuava a esquadrinhar tudo ansiosamente. Eu sabia que ela não julgava possível que a propriedade ficasse pronta a tempo. Como vinha ali menos vezes do que eu, penso que retivera o aspecto anterior do lugar e não o aspecto que apresentava agora.

Pus-lhe a mão no ombro. - Não te preocupes, ficará magnífico - assegurei-lhe, fazendo minha a promessa do jardineiro.

Mais tarde, eu e Jane percorremos juntos as veredas. Anna tinha-se afastado para falar com Keith pelo telemóvel. Enquanto caminhávamos, fui-lhe relatando o que estava combinado com Nathan, mas via bem que ela tinha a mente ocupada com qualquer outra coisa.

Quando a pressionei, Jane abanou a cabeça. - O problema é a Anna - confessou com um suspiro. - Num momento está interessada nos planos, no minuto seguinte desliga-se. E parece incapaz de tomar qualquer decisão sozinha. Nem sobre as flores. Não sabe as cores que deseja no ramo de noiva, nem quais as variedades de flores que pretende. Porém, logo que eu afirmo gostar de qualquer coisa, ela diz que também gosta. Isto está a pôr-me maluca. Quero dizer, eu sei que tudo isto partiu de uma ideia minha, mas não deixa de ser o casamento dela.

- A Anna sempre foi assim - ripostei. Não te recordas de quando era pequena? Costumavas contar-me as mesmas peripécias quando a levavas contigo a comprar as roupas para a escola.

- Eu sei - anuiu, mas num tom que sugeria haver qualquer outra coisa a preocupá-la.

- O que é que se passa? - inquiri.

A Jane soltou um suspiro. - Só queria dispor de um pouco mais de tempo. Sei que já conseguimos alguns resultados, mas, se tivéssemos mais tempo, poderia preparar uma espécie de copo-d'água. Por mais encantadora que seja a cerimónia, o que é que se faz depois? A Anna não terá outra oportunidade de passar por uma experiência destas.

A minha mulher, uma romântica incorrigível!

- Nesse caso, por que é que não havemos de ter um copo-d'água?

- De que é estás a falar?

- O copo d'água não se pode fazer aqui? Basta abrirmos a casa. Olhou para mim como se eu tivesse perdido o juízo. - Para quê? Não temos fornecedor, não temos mesas, não temos música. Tudo coisas que levam tempo a contratar. Não basta bateres as palmas para toda a gente aparecer, pronta para te servir.

- Não foi isso que disseste quando se falou do fotógrafo.

- Um copo-d'água é diferente - respondeu com ar de quem não admite réplica.

- Então vamos fazer de maneira diferente - persisti. - Talvez possamos fazer com que alguns convidados tragam comida.

Olhou-me com cara de poucos amigos. - Improvisos? - perguntou, sem sequer tentar esconder o desalento. - Queres improvisar um copo-d'água com restos trazidos pelos convidados?

Senti-me encolher um pouco. - Foi apenas uma ideia - tartamudeei.

Ela abanou a cabeça e fixou o olhar lá longe, dizendo: - Não faz mal. De qualquer forma, não é importante. O que interessa é a cerimonia.

- Deixa-me fazer uns telefonemas - avancei. - Pode ser que arranje qualquer coisa.

- Não há tempo suficiente - repetiu.

- Eu conheço pessoas que fazem coisas dessas.

O que era verdade. Como um dos três advogados especialistas em propriedades que havia na cidade - e no início da minha carreira chegara a ser o único -, tinha a sensação de conhecer a maior parte dos empresários do distrito.

Ela hesitou. - Sei que conheces - respondeu, mas as palavras mais pareciam uma desculpa. Surpreendendo-me a mim próprio, peguei-lhe na mão.

- Vou fazer uns telefonemas. Tem confiança em mim. Talvez a causa fosse a seriedade com que falei, ou a sinceridade patente no meu olhar mas, quando nos levantámos, olhou-me e pareceu analisar-me. Depois, muito lentamente, fez pressão na minha mão, como a dizer-me que tinha confiança em mim.

- Obrigada - agradeceu e, com a mão dela a envolver a minha, tive uma estranha sensação de *déjà vu*, como se os nossos anos de vida em comum tivessem, de súbito, começado a voltar para trás. E, durante um momento fugidio, voltei a ver Jane sob a latada - tinha acabado de ouvir a história dos pais dela e também éramos ambos jovens, com um futuro brilhante e promissor à nossa frente. Tudo era novo, como fora tanto tempo antes; e quando, no minuto seguinte, a vi partir acompanhada de

Anna, adquiri a certeza de que aquele casamento era a coisa mais abençoada que nos acontecia desde há muitos anos.

CAPÍTULO SETE.

No final da tarde, quando Jane entrou em casa, o jantar estava quase pronto.

Fiz estabilizar a temperatura do fogão - nessa noite tínhamos galinha *cordón bleu* - e saí da cozinha a limpar as mãos.

- Estou aqui - anunciei.

- Viva. Como é que correram os telefonemas? - inquiriu Jane, ao deixar a bolsa em cima da mesa da sala de estar. - Já me esquecia de perguntar.

- Tudo bem, até agora - respondi. - Todas as pessoas constantes da lista disseram que podiam vir. Pelo menos, aqueles com quem falei.

- Todos? Isso é... espantoso. Nesta altura do ano, costuma haver muita gente de férias.

- Como nós?

A Jane soltou uma gargalhada descuidada e fiquei satisfeito por vê-la com melhor disposição. - Pois, é claro - assentiu, fazendo um gesto largo com a mão -, estamos para aqui de perna estendida e descontraídos, não estamos?

- Não é assim tão mau.

Apercebeu-se do odor vindo da cozinha e mostrou uma expressão de espanto. - Estás outra vez a fazer o jantar?

- Não pensei que esta noite viesses com disposição para cozinhar. Sorriu. - Isso foi bonito.

Os olhos dela encontraram os meus e pareceram fixar-se neles um pouco mais do que o habitual. - Importas-te de que tome um duche antes de jantarmos? Andámos todo o dia a entrar e a sair do carro.

Fiz um gesto de concordância com a mão: - Está à vontade.

Minutos depois senti a água a correr nos canos. Salteei as verduras, aqueci o pão do dia anterior e estava a pôr a mesa quando Jane entrou na cozinha.

Também eu tinha tomado um duche depois de regressar da casa de Noah.

A seguir, enfiei um novo par de calças de caqui, pois muitas das antigas tinham deixado de me servir.

- Essas são as calças que te comprei? - perguntou Jane, parando à porta da cozinha.

- São. Como é que me ficam? Fez um olhar de apreciadora.

- Assentam bem - observou. - Visto deste ângulo, bem podes dizer que perdeste muito peso.

- Isso é bom. Se os resultados não estivessem à vista, detestaria pensar que sofri um ano inteiro em vão.

- Não sofreste nada. Talvez tivesses caminhado um bocado, mas não sofreste.

- Tenta levantar-te antes do Sol, especialmente quando estiver a chover.

- Oh, pobre querido - troçou a Jane. - Deves estar cheio de pena de ti.

- Nem fazes ideia.

Sorriu. Enquanto estivera no primeiro andar, também ela vestira umas calças confortáveis, mas as pontas pintadas das unhas apareciam por baixo das bainhas. Trazia o cabelo húmido e várias manchas de água na blusa. Mesmo sem fazer nada por isso, era uma das mulheres mais sensuais que eu alguma vez vira.

- Agora, ouve - começou Jane. - A Anna diz que o Keith está entusiasmado com os nossos planos. Parece mais excitado do que ela.

- A Anna anda excitada. Está nervosa por não saber como tudo isto vai acabar.

- Não, não está. A Anna nunca se enerva com o que quer que seja. É como tu.

- Eu enervo-me - protestei.
- Não, nunca te enervas.
- E claro que me enervo.
- Cita uma ocasião.

Fiquei a pensar. - Ora bem. Estava nervoso quando voltei para fazer o último ano da Faculdade de Direito.

Pensou um pouco e abanou a cabeça. - Não estavas nervoso por causa da Faculdade de Direito. Eras uma estrela. Participavas na *Law Review*.

- Não estava nervoso acerca dos meus estudos, tinha medo de te perder. Começaste a ensinar em New Bern, lembras-te? Receava que um jovem galante descesse à cidade e te roubasse. Uma coisa dessas teria desfeito este meu coração.

A Jane olhou-me com curiosidade, a tentar perceber o que acabava de ouvir. Contudo, em vez de responder ao meu comentário, pôs as mãos nas ancas e inclinou a cabeça. - Sabes, parece-me que também começaste a deixar-te apanhar por tudo o que está a acontecer.

- O que é que pretendes dizer-me?

- Estou a falar do casamento. A fazeres o jantar dois dias seguidos, a ajudares-me nos meus planos, a alimentares sentimentos de nostalgia como estes. Penso que esta agitação está a afectar-te.

Ouvi o toque da campainha do forno.

- Sabes - concordei -, julgo que és capaz de ter razão.

Não menti quando disse a Jane que estava nervoso, com receio de a perder, quando regresssei à Universidade de Duke para fazer o último ano e tenho de admitir que, na altura, não enfrentei essas circunstâncias difíceis tão bem como deveria. Ao ir frequentar o meu último ano, sabia que Jane e eu não podíamos manter o tipo de relação que tínhamos desenvolvido durante os nove meses anteriores e dei comigo a tentar perceber como é que ela iria reagir perante a mudança. Com o Verão a chegar ao fim, discutimos a situação umas quantas vezes, mas Jane não parecia preocupar-se. Mostrava uma confiança quase arrogante de que conseguiria ultra- passar o contratempo e, embora pudesse ficar

descansado com a atitude dela, por vezes era assaltado pela ideia de lhe querer mais do que ela me queria a mim.

Como é óbvio, eu sabia que tinha boas qualidades, mas não encaro as minhas boas qualidades como extraordinariamente raras. Em contrapartida, as minhas más qualidades não são extraordinariamente horríveis. De facto, em muitos aspectos considero-me uma pessoa média e, mesmo há trinta anos, sabia que não estava destinado à fama nem tampouco à obscuridade.

Jane, pelo contrário, podia tornar-se aquilo que desejasse. De há muito pensava que ela estaria igualmente à vontade na pobreza ou na opulência, num ambiente cosmopolita ou numa comunidade rural. Sempre me impressionara a sua capacidade de adaptação. Quando se apreciavam em conjunto, a sua inteligência e a sua paixão, juntamente com a sua simpatia e o seu charme, parecia evidente que Jane poderia tornar-se uma esposa maravilhosa para qualquer género de marido.

Nesse caso, por que me teria escolhido?

Era uma questão que me atormentava constantemente nos primeiros tempos da nossa relação e nunca conseguia encontrar uma resposta que fizesse sentido. Temia que um belo dia ela acordasse e percebesse que eu não tinha nada de especial, que fosse à procura de um tipo com outro carisma. Sentindo-me assim inseguro, também não conseguia expressar o que sentia por ela. Havia alturas em que pretendia fazê-lo, mas a situação mudava antes que eu conseguisse reunir a coragem necessária.

Não estou a querer dizer que mantinha em segredo o facto de sair com ela. Na realidade, o meu namoro com a Jane era um dos tópicos frequentes das conversas da hora do almoço com os outros estagiários, em que era ponto de honra eu descrevê-la quase como a mulher ideal. Nunca fiz qualquer revelação de que mais tarde viesse a arrependê-me, mas recordo-me de pensar que alguns dos meus companheiros de trabalho pareciam sentir inveja por a minha vida parecer bem encaminhada, tanto na profissão como a nível pessoal. Um deles, Harold Larson, que, tal como eu, colaborava na *Law Review* da Universidade de Duke, ficava especialmente atento sempre que eu mencionava o nome de Jane, levando-me a suspeitar de que isso acontecia por ele também ter uma namorada. Andava a namorar Gail havia mais de ano e sempre falara da sua relação com grande desenvoltura. Como Jane, Gail já não estava a

viver na zona, tinha ido morar para casa dos pais, em Fredericksburg, na Virgínia. Harold falara por diversas vezes em casar-se com ela, logo que acabasse a licenciatura.

Para o final do Verão, estávamos juntos quando alguém perguntou se gostaríamos de trazer as respectivas namoradas à nossa festa de despedida da firma e regresso às aulas. A questão pareceu deixar o Harold maldisposto e, quando insistiram, ficou de mau humor.

- A Gail e eu rompemos a relação na semana passada - admitiu. Embora fosse um tema doloroso, pareceu sentir a necessidade de se explicar. - Pensei que tudo era fantástico entre nós, embora não tivesse a oportunidade de a ver muitas vezes. Julgo que a distância foi um fardo excessivo para ela, que não quis esperar até eu acabar a licenciatura. Conheceu outra pessoa.

Suponho que foi a recordação desta conversa que alterou a última tarde que passámos juntos nesse Verão. Era domingo, dois dias depois de ter levado Jane à festa da firma, e estávamos sentados em cadeiras de balouço no alpendre da casa dela. Eu partia para Durham nessa noite e recorde-me de estar a olhar para o rio e a pensar se seríamos capazes de manter a relação ou se Jane faria como Gail, se encontraria alguém para me substituir.

Jane acabou por me interpelar: - Olá, forasteiro, qual o motivo de estares tão calado?

- Só estou a pensar que tenho de voltar para a faculdade.

A Jane sorriu. - Estás a detestar a ideia ou estás deseioso de ir?

- As duas coisas, penso.

- Encara a situação desta maneira: só faltam nove meses para a licenciatura e está feito.

Assenti mas não disse nada.

Jane ficou a estudar-me. - Tens a certeza de que é só isso que está a preocupar-te? Tens estado todo o dia de mau humor.

Mudei de posição na cadeira. - Lembras-te do Harold Larson? - perguntei. - Apresentei-to na festa.

Semicerrou os olhos, a tentar recordar-se dele. - Aquele que estava contigo na *Law Review*? Alto, de cabelo castanho?

- Esse mesmo.

- O que é que se passa com ele? - inquiriu Jane.

- Acaso reparaste que ele estava sozinho?

- Na verdade, não. Porquê?

- A namorada acabou de romper com ele.

- Oh! - exclamou, mas tive a sensação de que não fazia ideia do que poderia ter a ver com aquilo, nem percebia o motivo de eu estar a pensar no assunto.

Vai ser um ano difícil - comecei. - Vou, de certeza, passar o ano praticamente metido na biblioteca.

Deu-me uma palmada amigável no joelho. - Foste muito bem nos dois primeiros anos. Tenho a certeza de que vais sair-te bem.

Espero que sim - continuei. - É que, com tudo o que terei de estudar, é provável que não consiga vir ver-te todos os fins-de-semana, como aconteceu durante o Verão.

- Já pensei nisso. Mas continuaremos a ver-nos. Também não se vai dar o caso de não dispores de tempo nenhum. E não te esqueças de que eu também posso ir ver-te.

Lá longe, vi um bando de estorninhos levantar voo das árvores.

- Terás de verificar se podes ir. Quero dizer, para saber se eu estarei livre. O último ano é considerado o mais trabalhoso de todos.

Ela inclinou a cabeça de lado, a tentar decifrar o que me ia na cabeça.
- Wilson, o que é que se passa?

- O que é que pretendes saber?

- Só uma coisa. O que acabas de dizer. Parece que já estás a pensar em desculpas para não te encontrares comigo.

- Não são desculpas. Só quis que percebesses quanto o meu horário vai ser apertado.

A Jane reclinou-se na cadeira, com os lábios contraídos numa linha fina. - E então? - indagou.

- Então o quê?

- E o que é que isso quer exactamente dizer? Que não pretendes voltar a ver-me?

- Não - protestei -, é claro que não. Mas o facto é que tu vais ficar aqui e eu vou estar lá. Não conheces o efeito que o afastamento para tão longe pode ter numa relação.

Ela cruzou os braços. - Então?

- Bem, é que a distância pode deitar por terra as melhores das intenções e, para te ser franco, não quero que nenhum de nós se magoe.

- Se magoe?

- Foi o que aconteceu ao Harold e à Gail - expliquei. - Não se viam muitas vezes por ele andar muito ocupado e separaram-se por causa disso.

A Jane hesitou. - E julgas que vai acontecer-nos o mesmo? - disse, falando com cuidado.

- Tens de admitir que as vantagens não estão do nosso lado. Os olhos dela faiscaram. - As vantagens? Tu estás a tentar quantificar a nossa relação?

- Só estou a tentar ser honesto...

- Acerca de quê? Vantagens? O que é que isso tem a ver connosco? E o que é que o Harold tem a ver com tudo isto?

- Jane, eu...

Voltou-me as costas, sem conseguir olhar para mim. - Se não queres voltar a ver-me, diz isso mesmo. Não uses um horário apertado como desculpa. Limita-te a dizer-me a verdade. Já sou crescida. Sou capaz de encaixar isso.

- Estou a dizer-te a verdade - apressei-me a esclarecer.

- é claro que pretendo ver-te. Não consegui explicar-me correctamente - continuei, tendo de engolir em seco. - Quero dizer... bem... és uma pessoa muito especial e significas muito para mim.

Jane não disse nada. No silêncio que se seguiu, vi, com surpresa uma única lágrima a descer-lhe pela face. Limpou-a com a mão e cruzou os braços. Tinha o olhar fixo no arvoredo da beira do rio.

- Por que será que tens de fazer sempre isto? - perguntou com voz dura.

- Fazer o quê?

- Isto... o que estás a fazer agora. A falar de vantagens, a usar estatísticas para explicar as coisas... para explicar o que somos. O mundo nem sempre funciona dessa maneira. E as pessoas também não. Nós não somos o Harold e a Gail.

- Eu sei isso...

Encarou-me e, pela primeira vez, apercebi-me da ira e da dor que tinha provocado. - Então, por que é que dizes essas coisas? - inquiriu. - Sei que não vai ser fácil, e depois? A minha mãe e o meu pai não se encontraram durante catorze anos e não deixaram, por isso, de se casar. E tu estás a falar-me de nove meses? Quando vais estar apenas a duas horas de distância? Podemos telefonar-nos, podemos escrever-nos... - concluiu, abanando a cabeça.

- Desculpa. Acho que estou apenas com medo de te perder. Não quis aborrecer-te...

- Porquê? - perguntou. - Por eu ser uma pessoa especial? Por eu significar muito para ti?

Fiz um sinal de assentimento. - Sim, é claro que significas muito para mim. E és uma pessoa especial.

Ela inspirou profundamente. - Bem, também estou satisfeita por te conhecer.

Com isto, acabei por compreender. Se eu pretendia que as minhas palavras fossem um elogio, a Jane interpretara-as de outra forma; só de pensar que a tinha magoado, senti a garganta ficar subitamente seca.

- Peço desculpa - repeti -, a intenção não era dizer as coisas como elas acabaram por ser ditas. És muito especial para mim, mas... sabes... o que se passa é...

Senti que a língua me dava voltas na boca e o meu tartamudear acabou por provocar um suspiro na Jane. Sabendo que estava a chegar a hora de partir, aclarei a voz e tentei dizer-lhe o que me ia no coração.

- O que queria dizer é que penso que te amo - sussurrei. Ficou calada, mas percebi que me ouvira quando finalmente a boca se lhe começou a franzir num ligeiro sorriso.

- Bem - comentou -, amas ou não amas?

Engoli em seco. - Amo - consegui dizer. Então, desejando fazer-me entender com toda a clareza, acrescentei: - Quero dizer que te amo.

Riu-se pela primeira vez desde que aquela conversa começara, agora divertida por eu a ter tornado tão difícil. Depois, erguendo as sobrancelhas, acabou por sorrir. - Oh! Wilson - começou, engrolando as palavras num sotaque sulista exagerado -, acho que essa é a coisa mais romântica que alguma vez me disseste.

De surpresa, levantou-se da cadeira e sentou-se no meu colo. Rodeou-me o pescoço com um braço e beijou-me levemente. Para além dela, o mundo ficou todo desfocado e à luz da tarde que morria, como se não estivesse ali, senti as minhas próprias palavras a regressarem.

- Eu também - murmurou Jane. - Quero dizer que também te amo.

Estava a recordar este episódio, quando a voz de Jane me chamou ao presente.

- De que é que estás a rir-te?

Estava a olhar para mim, do outro lado da mesa. Hoje, o jantar não era cuidado, tínhamos enchido os pratos na cozinha e não nos déramos ao trabalho de acender uma vela.

- Alguma vez pensas naquela noite em que foste ver-me à Universidade de Duke? - perguntei. - Quando finalmente conseguimos ir ao Harper.

- Isso foi depois de teres conseguido o emprego em New Bern, não foi? Quando disseste que querias comemorar?

Assenti. - Levavas um vestido preto, sem alças...

- Lembras-te disso?

- Como se tivesse sido ontem - respondi. - Tínhamos estado um mês sem nos vermos e recordo-me de estar a espreitar pela janela quando tu saíste do carro.

A Jane pareceu-me ligeiramente agradada. Continuei: - Até consigo recordar-me do que estava a pensar quando te vi.

- Consegues?

- Estava a pensar que aquele ano do nosso namoro fora o mais feliz da minha vida.

Baixou os olhos para o prato e depois olhou novamente para mim, quase com timidez. Encorajado pela memória, mergulhei de cabeça.

- Recordas-te do presente que te dei? No Natal?

Levou uns momentos para responder. - Uns brincos - respondeu, passando lentamente as mãos pelos lóbulos das orelhas. - Compraste-me uns brincos de diamantes. Soube que tinham sido caros e recordo-me de ter ficado chocada com a tua ostentação.

- Como sabes que foram caros?

- Tu disseste-me.

Não me recordava deste pormenor. - Eu fiz isso?

- Uma ou duas vezes. - esclareceu, a sorrir. Por instantes, continuámos a comer em silêncio. Entre duas garfadas, eu apreciava-lhe a curva do queixo e os desenhos que os reflexos da luz do final do dia lhe traçavam no rosto.

Nem parece que já passaram trinta anos, pois não? - comentei.

Uma sombra da velha tristeza, bem minha conhecida, passou-lhe pelas faces.

- Pois não. Nem consigo acreditar que, na realidade, a Anna já está na idade de casar. Não consigo descobrir como é que o tempo passa tão depressa.

Perguntei: - Se pudesses, o que é que terias feito de maneira diferente?

A Jane desviou o olhar. - Em quê? Na minha vida? Não sei. Acredito que teria tentado tirar o melhor partido das coisas à medida que fossem acontecendo.

- Também penso assim.

- De verdade? - perguntou Jane, parecendo verdadeiramente surpreendida.

Acenei que sim. - Com certeza.

Ela pareceu recuperar o equilíbrio. - Wilson, acontece apenas que tu, e por favor não me leves a mal, não costumavas reviver o passado. Quero dizer, vês sempre o lado prático das coisas. Acho que tens muito pouco a lamentar... - disse, sem conseguir continuar.

- E tu tens muito? - perguntei com voz suave.

Ficou uns instantes a observar as mãos. - Não, nem por isso.

Estive quase a estender o braço para lhe pegar na mão, mas ela mudou de assunto e disse, com uma certa vibração na voz: - Hoje fomos ver o Noah. Depois de sairmos da casa.

- Oh?

- Ele disse-nos que já tinhas passado por lá.

- Pois passei. Quis ter a certeza de que ele não ficaria contrariado por usarmos a casa.

- Foi isso mesmo que ele disse - continuou, a enrolar pedaços de verduras no garfo. - Ele e a Anna parecem tão bonitos quando estão juntos. Manteve sempre a mão dele entre as suas enquanto estive a falar-lhe do casamento. Gostaria que tivesses assistido. Recordou-me a maneira como ele e a mamã costumavam estar juntos.

Por momentos, pareceu perdida nos próprios pensamentos. Depois levantou a cabeça. - Adoraria que a mamã ainda cá estivesse - acabou por dizer. - Sempre adorou casamentos.

- Julgo que é uma característica da família - murmurei. Fez um sorriso melancólico. - É provável que tenhas razão. Nem imaginas a graça

que tem, mesmo que o tempo disponível seja tão pouco. Mal posso esperar que a Leslie decida casar-se e que tenhamos tempo para nos concentrarmos bem nos preparativos.

- Ela nem parece ter um namorado a sério, quanto mais alguém disposto a propor-lhe casamento.

- Detalhes, meros detalhes - respondeu, levantando a cabeça.

- Não quer dizer que não comecemos a fazer planos, pois não? Quem era eu para argumentar? - Ora bem, quando acontecer - comentei -, espero que o candidato procure obter o meu consentimento antecipado.

- O Keith fez isso?

- Não, mas como este casamento é uma correria, não esperava que o fizesse. No entanto, considero que é uma experiência importante para a formação do carácter, uma experiência que deveria ser obrigatória para os jovens.

- Como aconteceu quando pediste autorização ao meu pai?

- Oh, esse dia foi muito importante na formação do meu carácter.

- O quê!? - exclamou, a olhar-me com curiosidade.

- Julgo que devia ter conduzido o assunto um pouco melhor.

- O papá nunca me falou disso.

- É provável que não tenha falado por ter tido pena de mim. Não o fiz exactamente no mais oportuno dos momentos.

- Por que é que nunca me falaste disso?

- Porque nunca quis que soubesses.

- Pois bem, agora tens de me contar tudo.

Peguei no meu copo de vinho e, a tentar minimizar a questão, disse:
- Então, vamos lá à história. Eu viera directamente do trabalho, mas como nessa noite ainda teria de me reunir com os sócios da firma, não dispunha de muito tempo. Encontrei o Noah a trabalhar na oficina. Isto aconteceu antes de termos ido todos para a praia. Adiante. Ele estava a fazer uma gaiola para uns pássaros cardeais que tinham feito o ninho no alpendre,

estava mesmo a meio da operação de colocar o tecto na gaiola. O Noah estava desejoso de terminar o trabalho antes do fim-de-semana e eu procurava uma maneira de meter a relação entre nós na conversa, mas a oportunidade não aparecia. Finalmente, deixei escapar as palavras. Ele pediu-me que lhe desse mais um prego e, quando lho entreguei, disse: - Aí tem. E, olhe, a propósito, lembrei-me agora de uma coisa: importa-se de que eu me case com a Jane?

A Jane soltou uma risadinha. - Sempre foste amável - observou. - Não devia surpreender-me, tendo em conta a maneira como te declaraste. Foi tão...

- Memorável?

- O Malcolm e a Linda nunca se cansam de ouvir essa história - informou, referindo-se a um casal nosso amigo de muitos anos. - Especialmente a Linda. Sempre que estamos com outras pessoas, pede-me que conte esse episódio.

- E tu mais que desejosa de lhe fazer a vontade.

Ergueu as mãos com ar inocente. - Se os amigos apreciam as minhas histórias, quem sou eu para lhes negar esse prazer?

Enquanto a conversa fluía com facilidade durante o jantar, eu ia observando tudo o que Jane fazia. A forma como cortava a galinha em pedacinhos antes de os levar à boca e a maneira como a cabeleira dela filtrava a luz; cheirava o mais ténue vestígio do perfume de jasmim que ela usara antes. Não havia qualquer explicação para a facilidade reencontrada com que conversávamos, nem sequer tentei compreendê-la. Gostaria de saber se Jane também teria reparado. Se reparou, não deu qualquer indicação e eu, aliás, procedi da mesma maneira; prolongámos o jantar até tudo o que restava em cima da mesa ter arrefecido.

A história do meu pedido de casamento é, sem dúvida, memorável e nunca deixa de provocar estrondosas gargalhadas a quem a ouve.

Esta troca de histórias é bastante comum no nosso círculo social e, quando estamos entre amigos, a minha mulher e eu deixamos de ser indivíduos, para passarmos a ser um casal, uma equipa, e não é raro que estes jogos nos divirtam. Cada um de nós pode saltar a meio de uma conversa iniciada pelo outro e continuar na mesma linha de pensamento, sem hesitações. Ela pode começar a história do jogo de futebol em que

Leslie era chefe da claque, em que um dos avançados escorregou junto à linha lateral e continuou a deslizar na direção dela. Se Jane pára, já sei que é a minha vez de informar os presentes de que ela foi a primeira a saltar do banco para ver se a filha estava bem, pois eu ficara paralisado de medo. Porém, uma vez vencida a inércia, atravessei pelo meio da multidão, empurrando, afastando e derrubando pessoas, como se fosse o avançado que caíra momentos antes. Então, no preciso momento em que parei para respirar, Jane continuou com toda a facilidade a partir do lugar onde eu me quedei. Fico espantado por nenhum de nós considerar que isto é extraordinário, ou mesmo difícil. Este dar e receber tornou-se natural entre nós e muitas vezes dou comigo a pensar como é que as coisas se passarão entre casais em que os parceiros não se conhecem tão bem. Leslie, verdade seja dita, não se magoou nesse dia. Quando conseguimos chegar junto dela, já estava pronta a empunhar o seu pompom.

Todavia, nunca me meto quando está a ser contada a história do meu pedido de casamento, pois sei que Jane a considera muito mais engraçada. Afinal, não procurei que aquele fosse um evento humorístico. Tinha a certeza de que ia ser um dia que ela recordaria sempre e esperava que viesse a considerá-lo romântico.

Fosse como fosse, Jane e eu conseguimos ultrapassar aquele ano e manter o nosso amor intacto. Em finais da Primavera, começámos a falar de noivado e a única dúvida era a data em que devíamos tornar a decisão oficial. Eu sabia que ela desejava algo de especial, pois o romance dos pais dela colocara a fasquia muito alta. Quando Noah e Allie estavam juntos, parecia que todo o mundo era perfeito. Se chovesse quando estavam juntos fora de casa - uma experiência desastrosa para a maioria -, Allie e Noah considerariam a chuva uma desculpa para fazerem uma fogueira e ficarem juntos, cada vez mais enamorados. Se Allie se sentia com disposição poética, Noah recitaria séries de poemas, de memória. Se Noah era o exemplo, eu sabia que tinha de seguir as suas indicações e, por essa razão, planeei fazer o pedido na praia de Ocracoke, em Julho, quando a família de Jane ali estivesse a passar férias.

Um plano inspirado, na minha opinião. Tudo muito simples: depois de escolher o anel de noivado, planeei escondê-lo na concha que eu tinha apanhado no ano anterior, para que ela o achasse mais tarde, quando andássemos pela areia à procura de ouriços-do-mar. Quando ela o

encontrasse, eu apoiar-me-ia num dos joelhos para declarar que ela faria de mim o homem mais feliz da Terra se aceitasse casar comigo.

Infelizmente, nem tudo correu exactamente como estava planeado. Houve uma tempestade terrível durante esse fim-de-semana, com chuvas intensas e ventos suficientemente fortes para dobrar as árvores até parecer que os troncos ficavam na horizontal. Passei todo aquele sábado à espera de que a tempestade amainasse, mas a natureza parecia ter outras ideias; só a meio da manhã de domingo é que o céu começou a clarear.

Estava mais nervoso do que imaginara e dei comigo a ensaiar mentalmente tudo aquilo que queria dizer. Esta forma de mecanização sempre me fora útil na Faculdade de Direito, mas não me apercebi de que a preparação da cena me inibia de falar com Jane enquanto caminhávamos ao longo da praia. Não sei por quanto tempo continuámos a caminhar em completo mutismo, mas foi o suficiente para me assustar com o som da voz de Jane, quando ela resolveu finalmente quebrar o silêncio.

- A maré está mesmo a subir, não está?

Não me tinha apercebido de que a maré fosse subir tanto, mesmo depois de passada a tempestade, e embora tivesse quase a certeza de que a concha estava em segurança, não estava disposto a arriscar. Preocupado, comecei a andar ainda mais depressa, ainda que fizesse o possível para não levantar suspeitas.

- Vais a correr, porquê? - perguntou - A correr, eu?

Não pareceu satisfeita com a resposta e acabei por abrandar. Durante algum tempo, até avistar a concha, pelo menos, caminhei sozinho, uns passos adiante dela. Quando vi o Urmte atingido pela maré, que estava perto da concha, achei que ainda tínhamos tempo. Não muito, mas o suficiente para poder descontraí-me um pouco. Voltei-me para dizer qualquer coisa a Jane, sem perceber que ela se deixara ficar para trás. Estava inclinada sobre a areia, com um braço estendido, e eu sabia exactamente o que ela estava a fazer. Sempre que vinha à praia, a Jane tinha por hábito procurar pequenos ouriços-do-mar. Os melhores, os que conservava, eram finos como folhas de papel e translúcidos; não eram maiores do que uma unha.

- Vem cá, depressa! - chamou, sem desviar os olhos. - Há aqui um monte deles.

A concha com o anel estava vinte metros mais adiante, a Jane estava vinte metros atrás. Finalmente, apercebendo-me de que só trocáramos umas poucas palavras desde a chegada à praia, fui ter com a Jane. Quando cheguei junto dela, mostrou-me um ouriço-do-mar, equilibrando-o na ponta de um dedo, como se fosse uma lente de contacto.

- Olha para este.

Era o mais pequeno que alguma vez encontráramos. Depois de o pôr na minha mão, tornou a dobrar-se para a areia, à procura de mais.

Juntei-me à busca, com a intenção de a levar lentamente até à concha, mas, por mais que eu tentasse seguir adiante, a Jane continuava a rapar no mesmo sítio. Tinha de olhar, quase de segundo a segundo, para ter a certeza de que a concha continuava em segurança.

- Para onde estás a olhar? - acabou por me perguntar.

- Para lado nenhum - respondi, mas tive de olhar outra vez uns segundos depois e, quando notou o gesto, a Jane ergueu uma sobrancelha, com ar de dúvida.

Com a maré a continuar a encher, percebi que o tempo estava a esgotar-se. Mas a Jane continuava debruçada no mesmo sítio. Encontrara mais dois ouriços-do-mar, ainda mais pequenos que o primeiro, e parecia não fazer tenção de sair dali. Por fim, sem saber o que mais poderia fazer, fingi que avistava a concha, lá mais adiante.

- Não está ali uma concha? Ela olhou.

- Por que não vais apanhá-la? - encorajou. - Parece ser bem bonita.

Fiquei sem saber muito bem u M'' - fosse ela a encontrá-la. Mas as ondas já estavam a rebentar perigosamente perto.

- Pois parece - concordei.

- Vais apanhá-la?

- Não.

- Como não?

- Talvez deveses ser tu a ir apanhá-la. Ficou espantada. - Eu?

- Se a quiseres.

Pareceu debater a questão por momentos, mas acabou por abanar a cabeça. - Temos montes delas lá em casa. Não interessa.

- Tens a certeza?

- Tenho.

Aquilo não estava a correr nada bem. Ao tentar descobrir o que fazer de seguida, notei que uma onda enorme se aproximava da praia. Desesperado, e sem lhe dar cavaco, arranquei de junto dela e corri em direcção à concha.

Nunca me salientara pela rapidez de movimentos, mas naquele dia corri como um atleta. Correndo o mais que podia, agarrei a concha, mais parecendo um extremo a recuperar uma bola de basebol, momentos antes de a onda varrer o local. Por pouca sorte, o gesto de me lançar para agarrar a concha fez-me perder o equilíbrio e caí na areia, com o ar a fazer um som cavo ao escapar-se dos meus pulmões. Levantei-me, dando o meu melhor para parecer digno, enquanto sacudia a areia e a água das roupas ensopadas. À distância, vi que a Jane ficara de boca aberta, a olhar para mim.

Trouxe a concha e ofereci-lha.

- Aí a tens - disse, ainda a respirar com dificuldade.

Ela continuava a olhar-me com uma expressão curiosa. - Obrigada.

Suponho que esperava vê-la abrir a concha, ou agitá-la de maneira a que pudesse ouvir o movimento do anel lá dentro, só que ela não fez nada. Em vez disso, ficámos a olhar um para o outro.

- Querias mesmo esta concha, não querias? - acabou a Jane por perguntar.

- Queria. - É bonita.

- Pois é.

- Obrigada, uma vez mais.

- Não tens de quê.

No entanto, continuava a não lhe mexer. Já a ficar algo impaciente, disse-lhe: - Agita-a. Pareceu avaliar a minha proposta.

- Agito-a?

- Sim.

- Wilson, estás a sentir-te mal?

- Não - respondi, a encorajá-la por gestos para que abrisse a concha.

- Está bem - aceitou, com alguma relutância.

Quando o fez, o anel caiu na areia. Logo me apoiei num joelho, para o procurar. Esquecendo todo o discurso que tencionava declamar, fui directo ao assunto, sem mesmo ter a presença de espírito de olhar para ela.

- Queres casar comigo?

Quando acabámos de arrumar a cozinha, Jane saiu e foi instalar-se na sacada, deixando a porta aberta, como que a convidar-me a segui-la. Quando saí, vi-a encostada ao corrimão, como na noite em que Anna nos anunciara o casamento.

O Sol já tinha desaparecido e uma Lua alaranjada estava a aparecer por cima da copa das árvores, como um fogo-fátuo. Vi Jane a apreciá-la. O calor abrandara finalmente e a brisa aumentara um pouco.

- De verdade, pensas que vais conseguir arranjar quem forneça o copo-d'água? - perguntou-me.

Inclinei-me junto dela. - Farei o que puder.

- Oh! - exclamou subitamente. - Recorda-me para amanhã tratar da reserva para o Joseph. Sei que pode vir por Raleigh, mas, com um pouco de sorte, talvez se consiga uma ligação directa para New Bern.

- Posso encarregar-me disso - ofereci. - De qualquer das maneiras, tenho de estar agarrado ao telefone.

- Não te importas?

- Não é nada difícil - conclui. No rio, via-se um barco a passar defronte da casa, uma mancha negra com uma luz frouxa à frente.

- Então, o que é que tu e a Anna ainda têm para fazer?

- Mais coisas do que consegues imaginar.

- Ainda?

- Ora bem, começa pelo vestido. A Leslie pretende ir connosco e é provável que a procura leve uns dois dias, pelo menos.

- Para escolher um vestido?

- Ela tem de escolher o modelo certo e depois é preciso ajustá-lo. Esta manhã falámos com uma costureira, que nos disse que pode arranjá-lo se lho entregarmos até quinta-feira. E depois, não te esqueças, há a recepção. Quero dizer, se houver. O fornecedor do copo-d'água é uma coisa, mas, mesmo que resolvas essa parte, continuamos a precisar de música. E precisamos de tratar da decoração, o que obriga a contactar a companhia que aluga esse tipo de materiais...

Ao ouvi-la falar, não consegui evitar um ligeiro suspiro. Sabia que não devia estar surpreendido, mas mesmo assim...

- Nesse caso, amanhã, enquanto eu faço os contactos pelo telefone, tu andarás ocupada com a compra do vestido, é isso?

Estremeceu. - Não posso esperar mais. Tenho de a ver experimentar, de ver aquele de que ela gosta. Estou à espera de um momento como este desde os meus tempos de menina. E excitante.

- Tenho a certeza disso - concordei.

Fez com que o polegar e o indicador quase se tocassem. - E pensar que a Anna esteve assim tão perto de não me deixar fazer isto.

- É espantoso a que ponto os filhos podem ser ingratos, não é? Riu-se, voltando o olhar para a água. Como música de fundo, começavam a ouvir-se os grilos e as rãs, que iniciavam a canção da noite, uma canção que parece nunca mudar.

De súbito, perguntei: - Não te apetece dar um passeio?

Ela hesitou. - Agora?

- Por que não?

- Aonde pretendes ir?

- Que interessa isso? Embora parecesse surpreendida, respondeu: - Nada, na verdade.

Minutos depois, estávamos a dobrar a esquina do quarteirão. As ruas estavam desertas. Nas casas, de cada lado, por detrás das cortinas, víamos luzes acesas e sombras em movimento. Jane e eu caminhávamos pelo meio da rua, com pedrinhas e gravilha a gemerem sob os nossos pés. Acima de nós, as camadas de luz iam de um lado ao outro do céu, formando uma tira prateada.

- De madrugada, quando vens fazer as tuas caminhadas, costuma estar tudo assim tão silencioso? - perguntou Jane.

Habitualmente, saio de casa antes das seis horas, muito antes de ela acordar.

- Por vezes. Andam quase sempre por aí uns tipos a correr. E cães. Gostam de se pôr atrás das pessoas, para lhes ladrarem subitamente.

- Bom para o coração, julgo eu.

- E como um treino extra - concordei. - Mas mantém-me desperto.

- Tenho de recomeçar as minhas caminhadas. Costumava adorar a marcha.

- Podes acompanhar-me.

- Às 5h30? Acho que não.

O seu tom era um misto de zombaria e incredulidade. A minha mulher costumava ser madrugadora, só deixou de o ser desde que Leslie saiu de casa.

- Tiveste uma boa ideia - elogiou. - Está uma noite magnífica.

- Pois está - concordei, a olhar para ela. Caminhámos em silêncio durante alguns momentos, até que Jane olhou para uma casa perto da esquina.

- Não ouviste falar no acidente vascular que a Glenda sofreu?

Glenda e o marido eram nossos vizinhos e, mesmo sem frequentarmos os mesmos círculos sociais, não deixávamos de ser amigos. Em New Bern, toda a gente parecia saber tudo acerca de qualquer pessoa.

- Ouvi. É triste.

- Não é muito mais velha do que eu.

- Eu sei. Mas ouvi dizer que tem melhorado.

Recaímos no silêncio durante mais uns minutos, até que, de súbito, Jane perguntou: Alguma vez pensas na tua mãe?

Nem sabia como lhe responder. A minha mãe tinha morrido num acidente de viação, no segundo ano do nosso casamento. Mesmo sem ser tão ligado aos meus pais como Jane era aos seus, a morte da minha mãe foi um choque terrível. Ainda hoje não consigo recordar as cinco horas de condução, para ir encontrar-me com o meu pai, em Washington.

- Às vezes.

- Quando acontece, de que é que te recordas? Respondi-lhe com outra pergunta: - Lembras-te da última visita que lhe fizemos? Quando entrámos e vimos a mãe a sair da cozinha? Trazia uma blusa com flores roxas e pareceu tão feliz por nos ver. Abriu os braços e deu-nos um grande abraço em conjunto. E assim que me recordo sempre dela. É uma imagem que nunca muda, como uma espécie de fotografia. Parece-me sempre a mesma.

Jane fez um sinal de compreensão. - Eu recordo sempre a minha mãe no estúdio, com os dedos sujos de tinta. Estava a pintar um retrato da família, algo que nunca tinha feito, e recordo-me de como se sentia excitada com a perspectiva de o oferecer ao papá no dia dos anos dele.

Fez uma pausa. - Na verdade, não me lembro do seu aspecto depois de a doença começar. A mamã fora sempre tão expressiva. Quero dizer, costumava usar as mãos quando falava, o rosto dela ficava tão animado quando contava uma história... mas mudou, depois de ser afectada pela doença de Alzheimer - continuou.

- Já não era mesma pessoa.

- Eu sei.

- Por vezes sinto medo - disse em voz baixa. - De contrair Alzheimer, quero dizer.

Também já tinha pensado no assunto, mas não disse nada.

- Não consigo imaginar como seria - continuou Jane. - Não reconhecer o Joseph, a Anna ou a Leslie? Ter de perguntar-lhes os nomes

quando viessem visitar-me, como a mamã costumava fazer comigo? Só de pensar nisso, sinto o coração despedaçar-se.

Olhei-a em silêncio, à luz fraca da luz exterior de uma casa.

- Nem sei se a mamã fazia ideia de como a situação ia evoluir para pior - reflectiu Jane. - Quero dizer, ela dizia que sim, mas duvido de que, lá no fundo, soubesse que acabaria por não reconhecer os próprios filhos. Ou até o papá.

- Julgo que ela sabia - aventei. - Foi a razão de irem para Creekside.

Pensei vê-la fechar os olhos momentaneamente. Quando voltou a falar, fê-lo com um ar de profunda frustração. - Detestei que o papá não quisesse vir viver connosco depois da morte da mamã. Temos espaço de sobra.

Não disse nada. Mesmo que lhe conseguisse explicar os motivos que levavam Noah a pretender ficar em Creekside, ela não os queria ouvir. Conhecia-os tão bem quanto eu, porém, ao contrário de mim, não os aceitava e eu sabia que tentar a defesa dele só serviria para provocar uma discussão entre nós.

- Detesto aquele cisne - acrescentou Jane.

Há uma história por detrás do cisne, mas, uma vez mais, mantive-me calado.

Demos a volta a um quarteirão, depois a outro. Alguns dos nossos vizinhos já estavam de luzes acesas e Jane e eu continuávamos a caminhar, sem pressas nem vagares. Acabámos por chegar à vista de casa e, sabendo que o passeio estava a acabar, parei e olhei para as estrelas.

- O que é? - perguntou a Jane, seguindo o meu olhar.

- Jane, sentes-te feliz?

Olhou-me de frente. - A que propósito veio isso?

- Simples curiosidade.

Enquanto esperava a resposta, pus-me a pensar se ela adivinharia a razão da minha pergunta. Não pretendia saber se ela estava feliz em termos gerais, preferia saber se estava feliz com o marido que tinha.

Olhou para mim durante muito tempo, como se tentasse ler-me a mente.

- Bem, há uma coisa...

- Sim?

- É bastante importante. Esperei e vi Jane respirar fundo.

- Ficaria feliz se encontrasses um fornecedor do copo-d'água. Ao ouvir aquilo, tive de soltar uma gargalhada.

Embora me oferecesse para lhe preparar um descafeinado, Jane recusou com ar exausto. Aqueles dois longos dias tinham deixado marcas e, após um segundo bocejo, disse-me que ia deitar-se.

Suponho que podia tê-la seguido, mas não o fiz. Em vez disso, fiquei a vê-la subir as escadas e a reviver o nosso serão.

Mais tarde, quando eu próprio me arrastei para a cama, enfiei-me por debaixo do lençol e virei a cara para a minha mulher. A respiração dela era certa e profunda, mas vi que batia as pálpebras, sinal de que estava a sonhar. Sobre o quê, não saberia dizer, mas tinha um ar calmo, como o de uma criança. Fiquei a olhar para ela, querendo e não querendo acordá-la, amando-a mais do que à própria vida. A despeito da escuridão, vi que tinha uma madeixa de cabelo em cima de uma das faces e estendi os dedos para a afastar. A pele dela era macia como farinha, de uma beleza sem idade. Segurando a madeixa no lóbulo da orelha, limpei as lágrimas que haviam brotado misteriosamente dos meus olhos.

CAPÍTULO OITO.

Na noite seguinte, com a mala ainda suspensa do braço, Jane ficou a olhar para mim de boca aberta.

- Conseguiste?

- É o que parece - respondi, com ar indiferente, fazendo o que podia para dar a entender que encontrar um fornecedor para o copo-d'água fora uma tarefa fácil. Porém, antes, tinha andado inquieto para trás e para diante na sala, à espera de que ela chegasse a casa.

- Quem é que arranjaste?

- O Chelsea - anunciei. Situado na baixa de New Bern, em frente do meu escritório, o restaurante está instalado no prédio onde Caleb Bradham teve o seu escritório e onde produziu a fórmula de uma bebida agora conhecida pela marca *Pepsi-Cola*. Transformado em restaurante faz agora dez anos, era um dos lugares aonde Jane mais gostava de ir jantar. A ementa era diversificada e o chefe especializara-se em originais molhos exóticos e alimentos em escabeche, com que acompanhava pratos tipicamente sulistas. Nas noites de sexta-feira e sábado era impossível conseguir mesa sem reserva antecipada e os clientes faziam concursos para tentarem adivinhar os ingredientes que tinham sido usados para criar sabores tão diversos.

O Chelsea também era conhecido pelo nível do entretenimento. A um canto, encontrava-se um grande piano, onde por vezes John Peterson, que durante anos deu lições à Anna, tocava e cantava para os comensais. Com ouvido para as melodias contemporâneas e uma voz que fazia lembrar Nat King Cole, Peterson cantava qualquer canção pedida e era solicitado pelos os restaurantes de cidades mais distantes, como Atlanta, Charlotte e Washington. Jane era capaz de ficar a ouvi-lo durante horas, e sei que Peterson se comovia com o orgulho quase maternal com que ela o encarava. Afinal, Jane fora a primeira pessoa da cidade a ter oportunidade de receber lições dele.

Ela estava demasiado atordoada para me responder. No silêncio que se seguiu, enquanto se debatia com a dúvida de ter ou não percebido correctamente, até podia ouvir-se o tiquetaque do relógio de parede. Jane pestanejou: - Mas... como?

- Falei com o Henry, expliquei-lhe a situação e aquilo de que precisávamos, e ele disse que deixasse o assunto a cargo dele.

- Não percebo. Como é que o Henry pode encarregar-se de uma coisa destas, assim, à última hora? Não tinha mais nada programado?

- Não faço ideia.

- Portanto, limitaste-te a pegar no telefone, ligar para ele e pronto?

- Bem, não foi assim tão fácil mas, no fim, acabou por aceitar.

- E quanto à ementa? Não precisa de saber quantas pessoas vão estar presentes?

- Eu indiquei-lhe um total de cem pessoas, um número que me pareceu correcto. E, quanto à ementa, também a discutimos, mas ele disse que vai conseguir uma coisa especial. Julgo que ainda estou a tempo de lhe ligar e pedir qualquer iguaria original.

- Não, não - atalhou Jane, que começava a recompor-se. - É óptimo. Bem sabes que gosto de tudo o que sai daquela cozinha. Só me custa a acreditar.

Olhou para mim com um ar maravilhado. - Tu conseguiste!

- Pois consegui.

Abriu-se num sorriso, mas subitamente desviou o olhar de mim para o telefone. - Tenho de ligar à Anna - gritou. - Ela nem vai acreditar.

Henry MacDonald, o dono do restaurante, é um velho amigo meu. A despeito de New Bern ser um lugar onde a privacidade parece de todo impossível, a situação também tem as suas vantagens. Como há a tendência para encontrar as mesmas pessoas com regularidade - quando se vai às compras ou nos deslocamos de carro, na igreja e nas festas -, existe uma cortesia subjacente que há muito criou raízes na cidade, o que, em certos casos, permite fazer coisas que seriam impossíveis noutra sítio qualquer. As pessoas fazem favores por não saberem quando irão elas próprias precisar de favores, sendo esta uma das razões que torna New Bern diferente de outras cidades.

Com isto não quero dizer que não tenha ficado satisfeito por ter conseguido resolver a situação. Ao encaminhar-me para a cozinha, ouvi a voz de Jane ao telefone.

- O papá conseguiu! - ouvia-a exclamar. - Não faço ideia de como fez, mas conseguiu! - fazendo o meu coração saltar com o orgulho que punha na voz.

Sentado à mesa da cozinha, comecei a abrir o correio que tinha trazido para dentro. Facturas, catálogos, a revista *Time*. Como Jane continuava a falar com Anna, abri a revista. Imaginava que ela estaria ao telefone durante algum tempo, mas, para minha surpresa, desligou antes de eu começar a ler o primeiro artigo.

- Espera - pediu -, antes de começares, quero ouvir a história completa - continuou, aproximando-se mais. - Muito bem - começou -, sei que o Henry vai estar lá e que haverá comida para toda a gente. E que ele vai levar as pessoas necessárias para o serviço, correcto?

- Tenho a certeza - respondi. - Não pode ser ele a servir.

- Quem mais? Será um bufete?

- Com as dimensões da cozinha do Noah, pensei ser essa a melhor solução.

- Também acho. E quanto a mesas e toalhas? Ele leva tudo isso?

- Parto do princípio que sim. Para te ser franco, não perguntei, mas não penso que isso seja difícil de resolver, mesmo que ele não as leve. Se for necessário, poderemos alugar essas coisas todas.

Jane concordou sem dificuldade. Fez planos, actualizou a lista de tarefas. - Está bem - recomeçou mas, antes de ela dizer mais alguma coisa, ergui as mãos e, para a tranquilizar, sosseguei-a:

- Não te apoquentes. Telefone-lhe logo pela manhã para ver se está tudo a correr bem. Acredita em mim.

Jane reconheceu nas minhas palavras a noite anterior, em casa de Noah, e sorriu quase com modéstia. Esperei que se tratasse de um momento fugaz, mas não. Ficámos a olhar um para o outro, até que, com modos de quem está hesitante, ela se debruçou para mim e deu-me um beijo na face.

- Obrigada por teres arranjado o copo-d'água. Engoli com dificuldade.

- Foi um prazer.

O casamento realizou-se quatro semanas depois de eu ter pedido a mão de Jane; quando cheguei a casa, cinco dias depois de casados, ela estava à minha espera na sala de estar do apartamento que tínhamos alugado.

- Temos de conversar - começou, dando uma palmada no sofá em que estava sentada.

Pousei a pasta e sentei-me também no sofá. Ela pegou-me na mão.

- Está tudo bem? - indaguei.

- Tudo ótimo.

- Então, o que é que se passa?

- Tu amas-me?

- Sim, é claro que te amo.

- Nesse caso és capaz de fazer qualquer coisa por mim?

- Se puder. Sabes que faria tudo por ti.

- Mesmo sendo difícil? Mesmo que não a queiras fazer?

- Com certeza - repeti. Fiz uma pausa. - Jane, o que é que se passa?

Inspirou fundo antes de responder. - Quero que no domingo que vem vás comigo à igreja.

Aquelas palavras apanharam-me desprevenido e, antes que pudesse responder, ela continuou: - Sei que me disseste que não tinhas vontade de ir e que foste educado como ateu, mas quero que faças isto por mim. É muito importante para mim, mesmo que sintas que não pertences àquele meio.

- Jane... eu... - comecei.

- Preciso de ti, lá. - Já discutimos este assunto - protestei, mas Jane, uma vez mais, não me deixou continuar, desta vez com um gesto de negação com a cabeça.

- Sei que discutimos. E compreendo que não tivesses sido criado da mesma maneira que eu fui. Mas nada do que possas alguma vez vir a fazer por mim é mais importante do que esta coisa tão simples.

- Mesmo que eu não seja crente?

- Mesmo que não sejas crente - acentuou.

- Mas...

- Não aceito qualquer mas. Não acerca disto, nem de mim. Wilson, eu amo-te e tu amas-me. Porém, se queremos ter uma união feliz, ambos temos de ceder um pouco. Não te peço que sejas crente. Estou a pedir-te que me acompanhes à igreja. O casamento é um compromisso, implica

fazer alguma coisa pela outra pessoa, mesmo que não a queiramos fazer. Como eu fiz em relação ao casamento.

Cerrei os lábios, sabendo bem o que ela sentira acerca do nosso casamento civil.

- Está bem - anuí. - Eu vou.

Ao ouvir estas palavras, Jane beijou-me, um beijo tão etéreo como o próprio paraíso.

Quando Jane me beijou na cozinha, as recordações desse beijo irromperam do passado. Suponho que me recordou as ternas reaproximações que tinham funcionado tão bem, nas nossas desavenças passadas: na ausência de uma paixão ardente, que houvesse, pelo menos, a paz suficiente para permitir que ultrapassássemos a dificuldade do momento.

Quanto a mim, este compromisso mútuo está na base da duração do nosso casamento. Fora este o elemento do nosso casamento, percebi subitamente, que me preocupara tanto durante o ano que passara. Não só começara a pensar se Jane ainda gostaria de mim, começara a pensar se ela ainda teria vontade de me amar.

Afinal, os desapontamentos deviam ter sido demasiados: os anos em que regressava a casa depois de as crianças já estarem na cama;

os serões em que o meu único tema de conversa era o trabalho; os jogos, as festas e as férias com a família a que eu faltava; os fins-de-semana passados no campo de golfe com os sócios e os clientes. Pensando bem, devo ter sido uma espécie de esposo ausente, uma sombra do jovem impulsivo com quem a minha mulher se casara. Porém, com aquele beijo, ela parecia dizer que continuava disposta a tentar de novo, desde que eu quisesse.

- Wilson? Estás bem?

Forcei um sorriso. - Estou ótimo - respondi, a respirar fundo, ansioso por mudar de assunto. - Então, como é que correu o teu dia? Tu e a Anna, descobriram o vestido?

- Não. Fomos a várias lojas, mas a Anna não viu nada, com as suas medidas, de que gostasse. Não fazia ideia de que fosse tão demorado... quero dizer que a Anna é tão magra que, para se fazer uma ideia de como

Ihe fica, têm de lhe pôr alfinetes por todo o vestido. Mas, amanhã, vamos tentar outros estabelecimentos e veremos o que se consegue. Para compensar, disse-me que o Keith tomou a seu cargo tudo o que diga respeito à família dele, uma preocupação a menos para nós. O que me faz lembrar outra coisa: lembraste-te de marcar o voo para o Joseph?

- Lembrei. Chega na sexta-feira, ao fim da tarde.

- A New Bern ou a Raleigh?

- A New Bern. Se o horário for cumprido, chega às 20h30. E a Leslie, consegui ir contigo e com a Anna?

- Não, hoje não. Telefonou quando eu ia a caminho. Teve de fazer uma pesquisa adicional para o seu trabalho de laboratório, mas conseguirá estar connosco amanhã. Também nos falou de umas lojas em Greensboro, para o caso de querermos lá ir.

- E vais?

- São três horas e meia de carro - gemeu Jane. - Na verdade, não me agrada passar sete horas dentro do carro.

- Por que não passas lá a noite? - sugeri. - Assim, podes ir aos dois lados.

Suspirou. - A Anna sugeriu o mesmo. Disse que devíamos voltar a Raleigh, para podermos ir a Greensboro na quarta-feira. Mas não quero deixar-te pendurado. Há ainda muita coisa a fazer aqui.

- Avança - aconselhei. - Agora que já temos fornecedor para o copo-d'agua, isto está a compor-se. Posso encarregar-me dos restantes passos que ainda temos de dar por aqui. Mas não podemos fazer um casamento se não houver vestido.

Olhou-me com ar céptico. - Tens a certeza?

- Absoluta. De facto, estava a pensar na hipótese de conseguir meter uns jogos de golfe no programa.

Ela zombou: - Não querias mais nada.

Fingi protestar: - Pois, e a minha desvantagem, tenho de melhorar o meu jogo.

- Passados trinta anos, tenho a impressão de que, se ainda não conseguiste melhorar, é porque tal não está escrito nos astros.

- Estás a insultar-me?

- Não. É um facto. Ou não te recordas de que já te vi jogar? Concordei, ela tinha a sua razão. Apesar dos anos passados a tentar melhorar a tacada, não passo de um principiante. Consultei o relógio.

- Queres sair para comermos qualquer coisa?

- O quê? Esta noite não te apetece cozinhar?

- Não, a menos que queiras comer restos. Não tive oportunidade de ir ao supermercado.

- Estava a brincar - respondeu, a fazer-me um gesto com a mão para que eu não ligasse. - Não estou à espera que passes a cozinhar sempre, embora deva admitir que tens sido simpático - acrescentou, sorrindo. - Muito bem, agrada-me a ideia. Estou a ficar com fome. Dá-me um minuto para me arranjar.

- Estás bem assim - protestei.

- Só preciso de um minuto! - exclamou, ao encaminhar-se para a escada.

Não levaria um minuto. Conheço a Jane e, com o decorrer dos anos, aprendi que aquele «minuto» para se arranjar durava, na verdade, uns bons vinte minutos, em média. Aprendera a ocupar o tempo de espera com actividades de que gostava e exigissem pouco raciocínio. Por exemplo: ir até ao escritório e alinhar o que havia em cima da secretária ou ajustar o amplificador da instalação estereofónica depois de os meus filhos a terem utilizado.

Descobrira que estas actividades inócuas faziam com que não desse pela passagem do tempo. Por vezes, quando acabava o que estava a fazer, já a minha mulher estava com as mãos nas ancas, à espera.

- Estás pronta? - perguntaria.

- Estou pronta - diria ela, com cara de poucos amigos. - Há dez minutos que estou à espera que acabes isso que estás a fazer.

- Oh! - responderia eu. - Desculpa. Vou só buscar as chaves e podemos seguir.

- Não me digas que as perdeste.

- Não, é evidente que não - diria eu, a apalpar os bolsos, espantado por não as encontrar. Nessa altura, olhando à volta, acrescentaria rapidamente: - Tenho a certeza de que estão por aqui. Ainda há um minuto as tinha.

Chegados a este ponto, a minha mulher rolaria os olhos nas órbitas.

Contudo, esta noite, agarrei na revista *Time* e sentei-me no sofá.

Acabei de ler uns artigos, ouvi Jane ainda a andar pelo andar de cima e pus a revista de lado. Estava a imaginar o que lhe agradaria ir comer, quando o telefone tocou.

Ao ouvir a voz trémula que me falava do outro lado do fio, senti evaporar-se toda a imaginação, substituída por uma profunda sensação de temor. Ainda estava a pousar o auscultador quando Jane desceu.

Estacou ao ver a minha expressão.

- O que é que aconteceu? - perguntou. - Quem era?

- Era a Kate - respondi calmamente. - Vai agora para o hospital.

Jane tapou a boca com a mão.

- É o Noah - concluí.

CAPÍTULO NOVE.

Jane tinha os olhos marejados de lágrimas enquanto seguíamos a caminho do hospital. Sendo, por hábito, um condutor cuidadoso, mudei de faixa por várias vezes e carreguei no acelerador quando se me depararam semáforos na posição amarela, sempre a sentir a pressão de cada minuto que passava.

Quando chegámos, a cena das urgências parecia não ter mudado nos últimos quatro meses, desde a Primavera, altura em que Noah sofrera o acidente vascular. O ar cheirava a amoníaco e a anti-séptico, as

lâmpadas fluorescentes iluminavam com a sua luz crua uma sala de espera apinhada de gente.

Cadeiras de metal e plástico estavam alinhadas ao longo das paredes e formavam filas no meio da sala. Na sua maioria, as cadeiras estavam ocupadas por grupos de duas e três pessoas, que falavam com voz abafada, e formara-se uma fila para preencher os formulários que eram fornecidos no balcão de admissão.

A família de Jane agrupava-se perto da porta. Pálida e nervosa, Kate estava junto de Grayson, seu marido, que, com o seu fato-macaco e as botas sujas, não fazia nada para disfarçar a sua condição de cultivador de algodão. Tinha um rosto angular e sulcado de rugas. David, o irmão mais novo, estava ao lado deles e abraçava a mulher, Lynn, pela cintura.

Logo que nos avistou, Kate correu ao nosso encontro, já lavada em lágrimas. Ela e Jane caíram nos braços uma da outra.

- O que é que aconteceu? - perguntou Jane, com o medo estampado no rosto. - Como é que ele está?

A voz de Kate traiu-a. - Caiu junto do lago. Ninguém deu por nada, estava quase inconsciente quando a enfermeira deu com ele. Disse que ele bateu com a cabeça. A ambulância trouxe-o há cerca de vinte minutos e está agora a ser observado pelo Dr. Barnwell. É tudo o que sabemos.

Jane parecia presa aos braços da irmã. Nem David nem Grayson olharam para elas; estavam ambos de lábios cerrados, a formarem uma linha fina. Lynn mantinha-se de braços cruzados, a balouçar para diante e para trás sobre os saltos dos sapatos.

- Quando é que poderemos vê-lo?

Kate abanou a cabeça. - Não sei. As enfermeiras que estão cá fora só nos dizem que temos de esperar pelo Dr. Barnwell ou por uma das outras enfermeiras. Acho que nos darão notícias.

- Mas ele vai ficar bom, não vai?

Ao ver que Kate não respondia de imediato, Jane inspirou profundamente.

- Oh, Jane... - Kate cerrou os olhos. - Não sei. Ninguém consegue saber.

Por momentos, limitaram-se a ficar abraçadas uma à outra.

- Onde é que está o Jeff? - indagou Jane, ao notar a falta do irmão. - Está a caminho, não está?

- Já consegui contactá-lo - informou David. - Vai passar por casa para trazer a Debbie e vem direito para aqui.

David juntou-se às irmãs, ficando todos agarrados, como se tentassem juntar as forças de que sabiam ir precisar.

Jeff e Debbie chegaram momentos depois. Jeff juntou-se aos irmãos que o puseram de imediato ao corrente da situação, fazendo-o juntar-se ao grupo de rostos cansados e receosos.

Com o decorrer dos minutos, separámo-nos em dois grupos: o da prole de Noah e de Allie e o dos cônjuges. Apesar de eu gostar de Noah e de Jane ser minha mulher, acabei por perceber que havia alturas em que ela precisava mais dos irmãos do que de mim. Jane iria precisar de mim mais tarde, ainda não chegara a altura.

Todos, Lynn, Grayson, Debbie e eu, já tínhamos passado por aquela situação, na Primavera, quando Noah tivera o acidente vascular e quando Allie morrera e, ainda, quando Noah sofrera um ataque cardíaco, havia seis anos. Falando de grupos, o deles tinha os

seus rituais, que incluíam abraços, preces ditas em comum e perguntas ansiosas e repetidas com frequência, enquanto o nosso era mais estóico. Grayson, tal como eu, sempre fora um homem calado. Quando está nervoso, enfia as mãos nos bolsos e faz tilintar as chaves. Lynn e Debbie - embora aceitassem que David e Jeff precisassem mais das irmãs do que delas em situações como aquela pareciam perdidas logo que aquelas crises se desencadeavam, não sabiam o que fazer ou dizer, ficavam de lado e falavam em voz baixa. Eu, pelo contrário, dava sempre comigo a procurar maneiras de ser útil, um método eficaz de não perder o domínio das emoções.

Ao verificar que a fila para o balcão de admissão tinha diminuído, dirigi-me para lá. Momentos depois, a enfermeira encarou-me de detrás de uma pilha enorme de formulários. Mostrava uma expressão de fadiga.

- O que deseja?

- Desculpe, gostaria de saber se tem mais alguma informação sobre Noah Calhoun. Deu entrada há cerca de meia hora.

- O médico ainda não veio cá fora para falar consigo?

- Não. Mas os membros da família já chegaram todos e estão deveras preocupados.

Acenei com a cabeça na direcção deles e reparei que o olhar da enfermeira me seguira.

- Tenho a certeza de que o médico ou uma das enfermeiras não tarda a dar informações.

- Eu sei. Mas não conseguirá arranjar maneira de saber quando é que poderemos ver o nosso pai? Ou saber se a evolução vai ser boa?

Por momentos, fiquei sem saber se ela estaria disposta a ajudar-me, mas quando voltou a olhar para a família, ouvia-a soltar um suspiro.

- Aguarde só uns minutos até eu poder despachar alguns destes papéis. Então, verei o que posso saber, está bem?

De mãos nas algibeiras, Grayson juntou-se a mim junto do balcão. - Estás a aguentar-te bem?

- Estou a tentar - respondi.

Voltou a acenar com a cabeça, a fazer tilintar as chaves.

- Vou sentar-me - informou passados uns segundos. Quem sabe quando tempo ainda teremos de ficar aqui.

Fomos ambos sentar-nos em cadeiras. Minutos depois, chegaram Anna e Keith. Anna juntou-se à confusão, mas Keith dirigiu-se para junto de mim. Vestida de preto, Anna já parecia estar de regresso de um funeral.

A espera é sempre a parte mais difícil de uma situação deste tipo e é um dos motivos que me leva a detestar os hospitais. Não acontece nada, mas a mente forja imagens cada vez mais negras, como se o subconsciente estivesse a preparar-se para o pior. Naquele silêncio tenso conseguia ouvir os batimentos do próprio coração e sentia uma estranha secura da garganta.

Notei que a enfermeira da recepção já não estava sentada à secretária e alimentei a esperança de que tivesse ido tentar obter notícias acerca de Noah. Pelo canto do olho, vi Jane a aproximar-se. Levantando-me da cadeira, ergui um braço para ela se encostar a mim.

- Odeio isto! - exclamou.

- Sei que sim. Eu também. Por detrás de nós, um jovem casal com três crianças chorosas deu entrada no serviço de urgência. Desviámo-nos para lhes dar passagem e quando eles chegaram junto do balcão, vi a enfermeira aparecer, vinda lá de dentro. Fez um sinal com o dedo para o casal esperar e dirigiu-se para nós.

- Agora está consciente - anunciou -, mas ainda um pouco confuso. Os sinais vitais são bons. É provável que, dentro de uma hora ou duas, seja transferido para um quarto.

- E vai ficar bem?

- Não está previsto que seja encaminhado para os cuidados intensivos, se é isso que quer saber - respondeu. - É provável que tenha de permanecer no hospital durante alguns dias para ser observado.

Ouvidas aquelas palavras, houve um murmúrio colectivo de alívio.

- Mas já podemos vê-lo? - pressionou Jane.

- Não podemos deixá-los entrar todos ao mesmo tempo. Não há espaço para todos, e o médico acha conveniente que o deixemos descansar um pouco. O médico disse que agora pode entrar uma pessoa, desde que a visita não seja demasiado prolongada.

Parecia óbvio que devia ir Kate ou Jane mas, antes de podermos dizer alguma coisa, a enfermeira continuou.

- Qual de vocês é o Wilson Lewis? - perguntou.

- Sou eu.

- Por que é que não vem comigo? Estão a preparar-lhe o soro e talvez devesse vê-lo antes que ele fique demasiado sonolento.

Senti os olhos da família cravados em mim. Julguei saber o motivo de ele me querer ver, mas ergui as mãos para descartar a possibilidade.

- Apesar de ter sido eu a falar consigo, acho que deve ir Jane ou Kate - sugeri. - São filhas dele. Ou, talvez, David ou Jeff.

A enfermeira abanou a cabeça.

- Ele pediu que fosse vê-lo. Deixou muito claro que você era a primeira pessoa que queria ver.

Apesar de Jane ter sorrido ligeiramente, vi no sorriso dela o que pressentia nos outros. Curiosidade, certamente. E também surpresa. Porém, da parte de Jane, a sensação mais forte que tive foi de uma traição subtil, como se ela soubesse exactamente o motivo que o levava a escolher-me.

Noah estava deitado, com dois tubos enfiados nos braços e ligado a uma máquina que anunciava o ritmo regular do seu batimento cardíaco. Tinha os olhos semicerrados, mas rodou a cabeça na almofada logo que a enfermeira abriu a cortina que o encobria. Senti os passos da enfermeira a afastar-se, deixando-nos sós.

Parecia demasiado pequeno para a cama e tinha o rosto branco como a cal. Sentei-me na cadeira que estava ao lado da cama.

- Olá, Noah.

- Viva, Wilson - cumprimentou-me com voz trémula.

- Obrigado por teres passado por cá.

- Como é que se sente?

- Podia estar melhor - respondeu, em voz trémula. Fez um arremedo de sorriso. - Mas também podia estar pior.

Peguei-lhe na mão. - O que é que aconteceu?

- Uma raiz - informou. - Já tinha passado ali mil vezes, mas, desta vez, saltou e apanhou-me o pé.

- E bateu com a cabeça?

- Com a cabeça, com o corpo. Com tudo. Caí como se fosse um saco de batatas, mas, graças a Deus, não tenho nada partido. Só me sinto um pouco zozzo. O médico disse que poderei levantar-me e andar por aí dentro de poucos dias. Disse-lhe que era uma boa notícia, pois neste fim-de-semana há um casamento a que não posso faltar.

- Não se preocupe com isso. Preocupe-se só com a sua saúde.

- Estarei óptimo. Ainda disponho de algum tempo para andar por cá.

- Uma excelente ideia.

- E então, como é que estão Kate e Jane? Muito preocupadas, acho eu.

- Estamos todos preocupados. Até eu.

- Pois, mas tu não olhas para mim com aqueles olhos tristes nem desatas a chorar mal eu diga qualquer coisa.

- Faça isso quando não está a olhar para mim.

Sorriu. - Não como elas. Aposto que uma delas vai ficar junto de mim, as vinte e quatro horas de cada um dos próximos dias, a entalar os cobertores, a ajustar a cama e a pôr as almofadas mais fofas. São como mães galinhas. Sei que fazem tudo com boa intenção, mas aquele adejar à minha volta é suficiente para me pôr maluco. Na última vez em que estive no hospital, julgo que não passei um minuto sozinho. Nem podia ir à casa de banho sem que qualquer delas fosse à minha frente para me indicar o caminho e, depois, ficava à espera de que eu acabasse o que fora fazer.

- Precisava de ajuda. Não conseguia andar sozinho, ou já não se recorda?

- Um homem precisa da sua dignidade.

Comprimi-lhe a mão nas minhas. - Será sempre o mais digno dos homens que eu conheci.

Noah fitou-me nos olhos, a sua expressão adoçou-se. - Sabes que, mal me vejam, vão debruçar-se imediatamente sobre mim. A pairarem e a fazerem coisas desnecessárias, como sempre acrescentou, a sorrir maliciosamente. - Até poderei divertir-me um pouco com elas.

- Calma, Noah. Elas fazem tudo isso porque o adoram.

- Eu sei. Mas não é necessário que me tratem como uma criança.

- Não vão fazer nada disso.

- Vão, sim. Por isso, na altura certa, fazes-me o favor de lhes dizer que eu estou a precisar de descansar um pouco, está bem? Se for eu a dizer que estou cansado, isso só serve para lhes trazer novas preocupações.

Sorri. - Eu faço isso.

Por momentos, ficámos em silêncio. O monitor cardíaco emitia o seu sinal regular, de uma monotonia repousante.

- Fazes ideia do motivo que me levou a pedir que cá viesses em vez de um dos miúdos? - perguntou.

Acenei que sim, automaticamente. - Quer que eu vá a Creekside, não é? Alimentar o cisne, como fiz na Primavera passada?

- Importas-te?

- Não me importo nada. Tenho gosto em ser útil.

Fez uma pausa, a implorar-me com o olhar. - Sabes que não podia pedir-te uma coisa destas se os outros estivessem aqui. Ficam aborrecidos só de ouvirem falar no cisne. Julgam que isso significa que estou a ficar maluco.

- Eu sei.

- Mas tu sabes que isso não é verdade, não sabes, Wilson?

- Sei.

- Porque também acreditas em mim. Ela estava lá quando eu acordei. Debruçada sobre mim, para ter a certeza de que eu estava bem e a enfermeira teve de a empurrar dali para fora. Nunca saiu de ao pé de mim.

Sabia o que ele desejava que eu dissesse, mas sentia dificuldade em encontrar as palavras que ele queria ouvir. Em vez de falar, sorri. - *Wonder Bread* - esclareci. - Quatro pedaços de manhã e três pedaços à tarde, correcto?

Noah apertou-me a mão, forçando-me a olhar novamente para ele.

- Wilson, tu acreditas em mim, não acreditas?

Fiquei calado. Como Noah me conhecia melhor que qualquer outra pessoa, sabia que não podia ocultar-lhe a verdade. - Não sei - acabei por dizer.

Nos seus olhos, vi perfeitamente o desapontamento que a minha resposta lhe provocou.

Uma hora mais tarde, Noah foi levado para um quarto no segundo piso, onde finalmente pôde juntar toda a família à sua volta.

Jane e Kate entraram no quarto a murmurar, em coro: - Oh, papá - logo seguidas de Lynn e de Debbie, enquanto David e Jeff se foram colocar do outro lado da cama. Grayson ficou junto aos pés da cama, e eu fiquei mais atrás.

Como Noah previra, debruçaram-se sobre ele. Pegaram-lhe na mão, ajeitaram as cobertas, levantaram a cabeceira da cama. Examinaram-no, tocaram-lhe, fizeram-lhe festas, abraçaram-no e beijaram-no. Todos eles, a fazerem coisas desnecessárias e a bombardearem-no com perguntas.

Jeff foi o primeiro a falar. - Sente-se bem, de certeza? O médico disse-nos que foi uma queda grave.

- Estou óptimo. Tenho um galo na cabeça, mas, para além disso, só me sinto um pouco cansado.

- Apanhei um susto de morte - declarou Jane. - Mas estou tão feliz por o ver bem.

David fez coro com ela. - Também eu.

- Se estava a sentir-se tonto, não devia andar lá fora sozinho sentenciou Kate. - Para a próxima vez, espere até alguém o ir buscar. Eles virão buscá-lo.

- Bem, foi o que fizeram - concordou Noah.

Jane estendeu a mão para a cabeça do pai e ajeitou-lhe as almofadas.
- Não estive lá fora durante muito tempo, pois não? Nem me atrevo a pensar que não tenham dado imediatamente pela sua falta.

Noah abanou a cabeça. - Não mais do que umas duas horas, segundo penso.

- Umass duas horas! - exclamaram Jane e Kate em uníssonoo. Ficaram petrificadas, a trocar olhares horrorizados.

- Talvez um pouco mais. é difícil calcular, porque as nuvens encobriam o Sol.

- Um pouco mais? - perguntou Jane. Tinha os punhos cerrados.

- E também estava molhado. Acho que choveu enquanto estive caído. Ou então foi o sistema de rega automática.

- Podia ter morrido ali sozinho - choramingou Kate.

- Oh, não foi assim tão mau. Um pouco de água nunca fez mal a ninguém. O pior foi quando acordei e dei com o urso-lavador. Pela forma cono olhava para mim, cheguei a pensar que estivesse raivoso. Foi quando vieram à minha procura.

Jane deu a ideia de que ia desmaiar. - Foi atacado por um urso-lavador?

- Não cheguei a ser atacado. Consegui afugentá-lo antes de ele me morder.

- O bicho tentou mordê-lo? - lamentou-se Kate.

- Oh, não foi nada do outro mundo. Não foi a primeira vez que tive de enfrentar um urso-lavador.

Kate e Jane olharam uma para a outra, revelando nervosismo, e em seguida voltaram-se para os irmãos. Instalou-se um silêncio de medo, até que, finalmente, Noah sorriu. Apontado-lhes um dedo, zombou: - Apanhei-os!

Levei a mão à boca, a tentar conter o riso. Ao meu lado, vi Anna a esforçar-se o mais possível para manter uma expressão séria.

- Não nos goze dessa maneira - repreendeu Kate, a bater na parte lateral da cama.

- Não, papá, isso não foi bonito - acrescentou Jane.

Noah semicerrou os olhos de gozo. - Teve de ser. Vocês é que armaram a cena. Só para que saibam, encontraram-me passados poucos minutos. E estou óptimo. Ofereci-me para conduzir até ao hospital, mas eles obrigaram-me a vir na ambulância.

- O pai não pode conduzir. A sua carta já perdeu a validade.

- Isso não quer dizer que me tenha esquecido de como se faz. E o carro continua no parque de estacionamento.

Mesmo sem dizerem nada, já estava a ver Jane e Kate a planearem mentalmente apoderarem-se das chaves.

Jeff pigarreou. - Estava a pensar se não seria conveniente dar-lhe um daqueles alarmes de pulso. Assim, se voltasse a acontecer, podia pedir ajuda de imediato.

- Não preciso disso. Aconteceu apenas que tropecei numa raiz. Durante a queda nunca teria tempo de premir o botão do alarme. E quando recuperei os sentidos já lá estava a enfermeira.

- Vou ter uma conversa com o director - interrompeu David. - E se ele não tratar dessa raiz, trato eu. Vou eu próprio cortá-la.

Grayson deu sinal de vida: - E eu dou-te uma ajuda.

- Se com a idade estou a ficar trôpego, a culpa não é do director. Vou levantar-me e andar por aí dentro de um ou dois dias, no fim-de-semana estou como novo.

- Não se preocupe com isso - interveio Anna. - Limite-se a pôr-se bom, de acordo?

- E não se esforce - pediu Kate. - Estávamos tão preocupados consigo.

- Mortos de medo - repetiu Jane.

Tudo a cacarejar. Ri-me para dentro. Noah tinha razão, era um bando de mães galinhas.

- Vou ficar ótimo - insistia Noah. - E não se atrevam a cancelar esse casamento por minha causa. Estou morto por ir e não quero crer que um galo na cabeça seja suficiente para me afastar da festa.

- Isso agora não é importante - atalhou Jeff.

- Avô, o tio tem razão.

- Nem o adiem - acrescentou Noah.

- Não fale assim, papá - repreendeu-o Kate. - Vai ficar aqui o tempo que for necessário para se pôr bom.

- Estarei ótimo. Só quero que me prometam que não há alteração dos planos. É uma coisa que desejo muito.

- Não seja teimoso - pediu Jane.

- Quantas vezes é que tenho de dizer a mesma coisa? Isto é importante para mim. Não é todos os dias que acontece um casamento nesta família - rematou. Todavia, reconhecendo que a conversa com as filhas não conduzia a nada, voltou-se para Anna.

- Anna, tu compreendes o que eu quero dizer, não é?

Anna hesitou. No silêncio que se seguiu, olhou para mim, antes de voltar a olhar para o avô. - É claro que compreendo, avô.

- Nesse caso, vais para a frente com a cerimónia, não vais?

Instintivamente, ela procurou a mão de Keith e disse, simplesmente:

- Se é isso que quer.

Noah sorriu, visivelmente aliviado. - Obrigado - sussurrou.

Jane ajustou o cobertor. - Muito bem, nesse caso vai ter cuidado consigo durante o resto da semana - recomendou. - E, de futuro, terá de ser mais cauteloso.

- Não se preocupe, papá - prometeu David. - Essa raiz não vai lá estar quando regressar.

A discussão voltou a centrar-se na forma como Noah tinha caído e, de súbito, apercebi-me do pormenor que tinha ficado fora da conversa até ao momento. Reparei que nenhum deles desejava falar do motivo principal das idas dele até ao lago.

Uma vez mais, ninguém queria falar do cisne.

Noah falou-me do cisne há pouco menos de cinco anos. Allie falecera havia um mês e Noah parecia estar a envelhecer em ritmo acelerado. Raramente saía do quarto, nem mesmo para ler poesia aos outros. Em vez disso, sentava-se à secretária e lia as cartas que ele e Allie tinham trocado ao longo dos anos ou corria os dedos pelo seu exemplar de *Leaves of Grass*.

É claro que fizemos tudo o que poderia ser feito para o tirar do quarto e a grande ironia é que fui eu quem o conduziu até ao banco junto do lago. A primeira vez que vimos o cisne foi nessa manhã.

Não posso dizer que sabia o que Noah estava a pensar, nem ele deu qualquer indicação de que atribuía ao facto um significado especial. Lembro-me bem de o cisne ter nadado na nossa direcção, como à espera de encontrar alguma coisa para comer.

- Devia ter trazido um pedaço de pão - notou Noah.

- Trazemos da próxima vez - respondi com uma certa indiferença.

Quando voltei a visitá-lo, dois dias mais tarde, surpreendi-me por não encontrar Noah no quarto. A enfermeira disse-me onde ele estava. Encontrei-o sentado no banco, junto do lago. A seu lado tinha um bocado de *Wonder Bread*. Ao aproximar-me, o cisne pareceu observar-me, mas já nessa altura não mostrou medo.

- Parece-me que arranjou um amigo - comentei.

- Pois parece.

- *Wonder Bread*? - perguntei.

- Ela parece gostar mais deste.

- Como é que sabe que é uma fêmea?

Noah sorriu. - Acontece que sei - murmurou. E foi assim que tudo começou.

Depois disso alimenta o cisne com regularidade, fazendo visitas ao lago, qualquer que seja o estado do tempo. Já ali esteve sentado à chuva ou sob um calor tórrido e, com a passagem dos anos, passou a demorar-se cada vez mais tempo naquele banco, a observar o cisne e a falar-lhe em voz baixa. Agora, passa dias inteiros sem abandonar o banco.

Uns meses depois do seu primeiro encontro com o cisne, perguntei-lhe o motivo de ele passar tanto tempo ao pé do lago. Julguei que considerasse o lugar agradável e que gostasse de falar com qualquer ser vivo, mesmo que fosse um animal, e nem esperava que me desse resposta.

- Venho aqui para satisfazer um desejo dela.

- Do cisne? - perguntei.

- Não - respondeu. - Da Allie.

Senti um nó no estômago ao ouvir o nome da minha sogra, mas não compreendi o que ele estava a dizer-me. - A Allie deseja que alimente o cisne?

- Sim.

- Como é que sabe?

Com um suspiro, levantou os olhos para mim e disse: - É ela.

- Quem?

- O cisne - explicou.

Confuso, dei comigo a abanar a cabeça. - Não percebo muito bem o que está a tentar dizer-me.

- A Allie - repetiu o Noah. - Encontrou uma forma de voltar para mim, tal como me prometeu que faria. O problema era encontrá-la.

É por esta razão que os médicos dizem que Noah vive num mundo irreal.

Ficámos no hospital durante mais trinta minutos. O Dr. Barnwell prometeu telefonar-nos na manhã seguinte, depois da ronda pelos doentes, para nos pôr ao corrente da evolução. Era chegado à nossa família e tratava de Noah como se estivesse a tratar o próprio pai. Confiávamos inteiramente nele. Conforme prometera, dei a entender à família que Noah parecia fatigado e que seria melhor deixá-lo descansar.

À saída, combinámos visitá-lo por turnos e depois, chegados ao parque de estacionamento seguiram-se os abraços e os beijos. Momentos mais tarde, Jane e eu ficámos sozinhos, a ver partir os outros.

Notei a exaustão patente no olhar absorto e no ar cansado de Jane, uma exaustão que eu próprio sentia.

- Tu estás bem? - indaguei.

Suspirou. - Acho que sim. Reconheço que ele parece estar óptimo, mas creio que não percebe que tem quase noventa anos. Não vai poder levantar-se e ter alta tão depressa quanto pensa.

Fechou os olhos por instantes e pensei que estaria igualmente preocupada com os planos do casamento.

- Não estás a pensar em pedir à Anna que adie o casamento, pois não? Depois do que Noah disse?

Jane abanou a cabeça. - Teria tentado se não se tivesse mostrado tão inflexível. Só espero que ele não esteja a insistir por saber...

Não conseguiu acabar a frase. Sabia exactamente o que ela ia dizer.

- Por saber que já não dispõe de muito tempo - continuou. - E que este será o último grande evento da sua vida, percebes?

- Ele não acredita nisso. Ainda lhe restam mais alguns anos.

- Como se tivesses a certeza do que estás dizer.

- Pois tenho. Para a idade, está realmente bem. Em especial se o compararmos com as outras pessoas da mesma idade que estão em Creekside. Mal saem dos quartos e não fazem mais nada senão ver televisão.

- Pois, e ele tudo o que faz é ir para o lago, para ver aquele cisne estúpido. Qual é a diferença?

- É o que o faz feliz - acentuei.

- Mas está errado - afirmou com veemência. - Será que não vês isso? A mamã morreu. Aquele cisne não tem nada a ver com ela.

Como não sabia o que responder, fiquei calado.

- Eu penso que é uma loucura. Alimentar o animal é uma coisa. Mas pensar que o espírito da mamã arranhou forma de regressar não faz qualquer sentido - continuou, cruzando os braços.

- Sabes que já o ouvi a falar com o cisne. Quando fui vê-lo. Uma conversa normal, como se acreditasse honestamente que o cisne consegue compreendê-lo. Kate e David já o apanharam a fazer a mesma coisa. E sei que também já o ouviste.

Deitou-me um olhar acusador.

- É verdade - admiti -, também já o ouvi.

- E isso não te preocupa?

Mudei o peso do corpo de um pé para o outro. - Penso comecei, medindo as palavras - que, agora, Noah tem necessidade de acreditar que o regresso é possível.

- Mas, porquê? , ' - Porque a ama. Tem saudades dela.

Ao ouvir as minhas palavras, vi que o queixo lhe tremia, antes de dizer: - Também eu.

Mesmo que ela o dissesse com as mesmas palavras, ambos sabíamos que não era a mesma coisa.

Apesar do cansaço, depois da prova por que passáramos no hospital, nenhum de nós encarava a possibilidade de ir direito a casa. Quando, de repente, a Jane me disse que estava esfomeada, decidimos passar pelo Chelsea para um jantar atrasado.

Ainda antes de entrarmos, ouvimos, vindo lá de dentro, o som do piano de John Peterson. De volta à cidade para uma estada de algumas semanas, tocava ali todos os fins-de-semana; por vezes, nos dias úteis, John aparecia sem ser esperado. Aquela era uma dessas noites, com as mesas à volta do piano todas ocupadas, o bar apinhado de gente.

Arranjaram-nos mesa no andar de cima, longe da música e da multidão, numa sala onde havia poucos lugares ocupados. Jane surpreendeu-me ao mandar vir um segundo copo de vinho com as entradas, e a bebida pareceu atenuar a tensão vivida nas últimas horas.

- O que é que o papá te disse quando estiveram sós? perguntou ela, a tirar, com todos os cuidados, uma espinha do peixe que tinha no prato.

- Nada de importante - respondi. - Perguntei-lhe como estava, o que tinha acontecido. No essencial, não me disse nada de muito diferente do que ouviste depois.

Ela ergueu uma sobrancelha. - No essencial? Que mais disse ele?

- Queres mesmo saber?

A Jane pousou o talher. -- Voltou a pedinte que fosses alimentar o cisne, não foi?

- E tu vais?

- Claro - respondi, mas, ao ver a expressão dela, acrescentei rapidamente -, mas, antes de te zangares, lembra-te de que não faço isso por estar convencido de se tratar da Allie. Faço-o porque ele me pediu e porque não quero que o cisne morra de fome. E provável que já se tenha esquecido de como procurar comida sozinho.

Olhou-me com ar céptico.

- Sabes uma coisa: a mamã detestava *Wonder Bread*. Nunca comeria esse pão. Gostava de comer o que ela própria fazia.

Felizmente, a chegada do empregado de mesa salvou-me de mais discussões sobre o tema. Quando ele perguntou se estávamos a apreciar as entradas, Jane perguntou se aqueles pratos faziam parte das ementas feitas para fora.

Ao ouvir a pergunta, o empregado pareceu reconhecer-nos.

- São os senhores que encomendaram o copo-d'água? - perguntou. - O que vai ser oferecido em casa do nosso amigo Calhoun neste fim-de-semana?

- Sim, somos nós - confirmou uma Jane exuberante.

- Bem me pareceu. Julgo que temos metade da equipa a trabalhar só para esse evento - riu-se o empregado. - Bom, foi um prazer conhecê-los. Deixem que volte a encher os copos e, quando voltar cá, trago-vos a ementa completa do copo-d'água. Logo que ele se afastou, Jane debruçou-se sobre a mesa.

- Julgo que isto responde a uma das minhas perguntas. Sobre o serviço, bem entendido.

- Disse para não te preocupares.

Engoliu o resto do vinho. - Ouve lá, vais montar uma tenda? Não vamos comer no exterior?

- Por que não usar a casa? - ripostei. - De qualquer maneira, vou estar lá quando chegarem os jardineiros; por que não ter uma equipa para limpar o interior? Ainda temos uns dias, tenho a certeza de que hei-de encontrar alguém.

- Será melhor que tentemos - disse Jane, lentamente, e eu sabia que ela estava a pensar na última vez que entrara na casa.

- Embora, deva estar tudo muito sujo. Há anos que não deve ser limpa.

- É verdade, mas só precisa de limpeza. Vou fazer umas chamadas. Vamos lá ver o que consigo.

- Estás sempre a dizer isso.

- Estou sempre a ter de fazer coisas - redargui, fazendo-a soltar uma gargalhada. Pela janela ao lado do ombro de Jane, conseguia ver o meu escritório e reparei que no gabinete do Saxon a luz ainda estava acesa. Como o Saxon raramente ficava até tarde, devia haver algum problema urgente a resolver. Jane percebeu para onde eu estava a olhar.

- Já estás a sentir a falta do trabalho? - perguntou.

- Não. É agradável não fazer nada durante algum tempo. Olhou-me com cuidado. - Estás a ser sincero, quando dizes isso?

- É claro - respondi, a apontar para o pólo que vestia. É agradável não ter de passar a semana toda de fato completo.

- Julgo que já estavas esquecido de como era, ou não? Não fizeste umas férias prolongadas durante... quanto tempo? Oito anos?

- Não foram tantos.

Concordou, passados instantes. - Tiraste uns dias, uma vez por outra, mas a última vez que estiveste uma semana inteira sem ir ao escritório foi em 1995. Recordas-te? Quando levámos os miúdos todos à Florida? Foi quando o Joseph acabou o curso secundário?

Sabia que ela tinha razão mas, o que antes eu considerava uma virtude, aparecia-me agora como um defeito.

- Peço desculpa - foi tudo o que disse.

- De quê?

- De não ter tido mais férias. Não foi justo para ti e para o resto da família. Devia ter tentado estar mais contigo e com os miúdos.

- Não há problema - respondeu, com um gesto de negação com o garfo -, não é nada de importante.

- É, sim - admiti. Apesar de, desde há muito, se ter habituado à minha dedicação ao trabalho, a ponto de agora a aceitar como parte do meu carácter, eu sabia que isso lhe causava um desgosto permanente. Sabendo que ela estava atenta ao que eu dizia, continuei.

- Sempre foi importante - acrescentei. - Mas não é apenas isso que lamento. Peço desculpa por deixar o trabalho interferir com todos os outros eventos a que faltei, quando os miúdos estavam a crescer. Até faltei a alguns dos baptizados. Nem consigo lembrar-me de quantos perdi por ter reuniões tardias que me recusei a adiar. E tudo o resto que perdi: os jogos de voleibol e as provas de atletismo, os concertos de piano, as peças do teatro escolar... É uma maravilha que os miúdos me tenham perdoado, para já não falar no facto de gostarem de mim.

Concordou com um aceno mas não disse nada. Uma vez mais, não havia nada que pudesse dizer. Inspirei profundamente e lancei-me de cabeça.

- Também reconheço que nem sempre fui o melhor dos maridos - continuei, a falar calmamente. - Por vezes, dou comigo a pensar como é que pudeste aturar-me durante tanto tempo.

Ao ouvir isto, Jane ergueu uma sobrancelha.

- Sei que passaste demasiados serões e fins-de-semana sozinha, que coloquei toda a responsabilidade da educação dos nossos filhos em cima dos teus ombros. Não foi justo para ti. E, mesmo quando afirmaste desejar, antes de tudo, passar mais tempo comigo, não te dei ouvidos. Foi o que aconteceu no teu trigésimo aniversário concluí, fazendo uma pausa para que as palavras ganhassem peso. Do outro lado da mesa, observei os

olhos de Jane a brilharem com as recordações. Aquele fora um dos meus erros do passado e estava agora a tentar esquecê-lo.

Na altura, ela pedira uma coisa bem simples: sobrecarregada pelas recentes obrigações impostas pela maternidade, desejava sentir-se novamente mulher, pelo menos durante uma noite, e fora dando diversas sugestões acerca do que pensava que devia ser um serão romântico - roupas dispostas em cima da cama para ela, flores, um grande carro alugado que nos levasse a um restaurante calmo, uma mesa junto a uma janela com vista maravilhosa, uma conversa calma sem a preocupação de voltar para casa a correr. Já na altura soube quanto aquilo era importante para ela e recordo-me de ter tomado nota de tudo o que ela pretendia. No entanto, embrenhei-me de tal forma num processo relativo a uma grande propriedade, que o aniversário de Jane chegou antes que eu tivesse tempo para tratar dos preparativos. Em vez disso, à última hora, mandei a minha secretária comprar uma pulseira elegante, a caminho de casa, convenci-me de que, por se tratar de um presente caro, ela o encararia como algo de especial. Quando ela a desembalhou, prometi-lhe que ia tratar de tudo para passarmos um maravilhoso serão juntos, um serão ainda melhor do que aquele que ela me tinha descrito. Afinal, tratou-se apenas de mais uma de uma longa lista de promessas que acabei por não cumprir e, vendo a situação à distância, julgo que a Jane percebeu que ia ser assim, logo que as palavras me saíram da boca.

Ao sentir que perdera uma nova oportunidade, não continuei. Fiquei a esfregar a testa, em silêncio. Afastei o prato para o lado e, com o passado a correr pela mente numa série de desconcertantes lembranças, senti os olhos de Jane cravados em mim. Contudo, para minha surpresa, estendeu o braço por cima da mesa e tocou-me na mão.

- Wilson? Sentes-te bem? - perguntou, com uma ternura e preocupação na voz que eu já mal reconhecia.

Acenei que sim. - Estou bem.

- Posso fazer-te uma pergunta?

- É claro que sim.

- A que propósito vêm todas as recriminações desta noite? Foi alguma coisa que o papá te disse?

- Não.

- Então, por que motivo falaste nisso?

- Não sei... talvez por causa do casamento - respondi com um sorriso pouco convincente. - Efectivamente, há uns dias que ando a pensar nestas coisas.

- Isso nem parece teu.

- Não, não parece - admiti. - Contudo, é a pura verdade. Jane inclinou a cabeça para um lado. - Eu também não tenho sido perfeita, como sabes.

- Tens estado bastante mais próxima da perfeição do que eu.

- Isso é verdade - confirmou Jane, com um encolher de ombros.

Mesmo sem vontade, não pude deixar de me rir, ao sentir a tensão a diminuir um pouco.

- É, isso também é verdade, tens trabalhado muito - continuou. - Talvez demasiado. Mas eu sempre soube que fazias isso para dares a melhor vida possível à nossa família. Haveria muito a dizer acerca do assunto, mas foi graças ao teu trabalho que eu pude ficar em casa a tratar dos miúdos. Isso sempre foi importante para mim.

Sorri, a pensar nas suas palavras e no perdão implícito nelas. Era um homem de sorte, pensei, e inclinei-me sobre a mesa.

- Queres saber o que mais tenho andado a pensar? - perguntei.

- Ainda há mais?

- Para começar, tenho andado a tentar descobrir as razões que te levaram a casar comigo.

A expressão dela suavizou-se. - Não sejas tão duro contigo próprio. Não teria casado contigo se não o desejasse.

- Qual o motivo de te teres casado comigo?

- Porque te amava.

- Mas, porquê?

- Havia uma quantidade de razões.

- Como, por exemplo?

- Pretendes pormenores?

- Esclarece-me. Acabo de contar todos os meus segredos. Sorrii perante a minha insistência.

- Ora bem. Qual o motivo de ter casado contigo... Bom, eras honesto, trabalhador e simpático. Eras bem-educado e paciente, tinhas mais maturidade do que qualquer dos meus namorados anteriores. Quando estávamos juntos, ouvias-me de uma maneira que me fazia sentir a mulher mais importante do mundo. Fizeste-me sentir completa e passar tempo contigo pareceu-me a coisa mais justa.

Por instantes, hesitou. - Porém, não foram apenas os meus sentimentos. Quanto melhor te conhecia, mais me convencia de que farias tudo o que estivesse ao teu alcance para sustentares a tua família. Um dado importante para mim. Tens de perceber que, na altura, muitas das pessoas da nossa idade pretendiam mudar o mundo. A despeito de pensar que se tratava de uma ideia nobre, eu pretendia algo de mais tradicional. Queria uma família como a que os meus pais criaram, queria concentrar-me no meu pequeno canto do mundo. Queria alguém que pretendesse casar-se com uma esposa e uma mãe, alguém que respeitasse a minha escolha.

- E eu, satisfiz essas condições?

- A maioria delas.

Soltei uma gargalhada. - Reparei que não mencionaste a minha elegância e o meu bom aspecto, ou a minha personalidade fascinante.

- Não quiseste saber a verdade? - zombou.

Voltei a rir-me e Jane acariciou-me a mão. - Estava a brincar. Em tempos, adorava o teu aspecto pela manhã, logo que vestias o teu fato completo. Eras alto e elegante, um jovem fura-vidas a construir uma boa vida para nós. Eras muito atraente.

Aquelas palavras animaram-me. Durante a hora seguinte, enquanto líamos atentamente a ementa para o casamento, bebíamos café e ouvíamos a música que subia do andar inferior, notei, uma vez por outra, que ela olhava para mim com uma expressão de que estava quase desabituada. Um efeito calmamente desconcertante.

Talvez ela estivesse a recordar-se das razões que a levaram a casar comigo, as que acabara de me descrever. E, embora não tivesse a certeza absoluta, a sua expressão ao olhar para mim fez-me acreditar que, uma vez por outra, ela ainda se sentia feliz com a decisão que tomara.

CAPÍTULO DEZ.

Na manhã de terça-feira, acordei antes de amanhecer e deslizei para fora da cama, fazendo o possível para não acordar Jane. Depois de me vestir, saí pé ante pé pela porta da frente. O céu estava negro e os pássaros ainda não davam sinal de vida, mas a temperatura era agradável e o asfalto estava escorregadio devido à chuva que caíra durante a noite. Já se notavam os primeiros sinais de que íamos ter um dia húmido e sentia-me satisfeito por ter decidido sair tão cedo.

Comecei por uma marcha descontraída e depois, quando já tinha os músculos aquecidos, fui aumentando o ritmo da passada. Ao longo do último ano, tivera tempo para apreciar aqueles passeios, muito mais do que julgara possível quando comecei. A ideia original era parar logo que perdesse o número de quilos que julgava ter a mais mas, em vez disso, fui sempre aumentando um pouco mais a distância percorrida e fazia questão de anotar as horas de saída e de regresso.

Acabara por apreciar a quietude do amanhecer. Havia poucos carros àquela hora e sentia todos os meus sentidos despertos. Conseguia ouvir a minha própria respiração, sentir a pressão nos pés ao percorrer o caminho de asfalto, observar o próprio desenrolar do amanhecer: primeiro aparecia uma luz fraca no horizonte, um brilho alaranjado por cima da copa das árvores, a que se seguia a passagem do preto para cinzento. Mesmo com condições de tempo desagradáveis, dei comigo a desejar a chegada da manhã para fazer a minha marcha e a tentar perceber os motivos de não ter começado a exercitar-me daquela maneira enquanto era mais novo.

Habitualmente, a minha caminhada durava quarenta e cinco minutos e, quando estava a aproximar-me do fim, comecei a abrandar para recuperar o ritmo normal de respiração. A transpiração escorria-me pela testa mas sentia-me bem. Ao notar que a luz da cozinha já estava acesa, entrei no caminho de acesso com um sorriso prazenteiro.

Logo que abri a porta da frente, chegou-me às narinas o aroma do *bacon* que estava a ser frito na cozinha, um cheiro que me fez recordar uma fase mais antiga da minha vida. Quando havia crianças em casa, era habitual que Jane preparasse o pequeno-almoço para toda a família, mas, com os nossos horários diferentes, nos anos mais recentes o hábito tinha-se perdido. Uma outra mudança que, de certa forma, tinha ensombrado o nosso relacionamento.

Jane espreitou à porta enquanto eu percorria a sala de estar. Já estava vestida e de avental.

- Como é que correu o teu passeio?

- Senti-me bastante bem, tendo em conta que já sou velhote - respondi ao juntar-me a ela na cozinha. - Levantaste-te cedo.

- Ouvi-te sair da cama, e como sabia que não voltaria a adormecer, decidi levantar-me. Queres um café?

- Acho que, antes, preciso de um copo de água. O que há para o pequeno-almoço?

- Bacon e ovos - informou, pegando num copo. - Espero que venhas com fome. Apesar de ontem termos jantado muito tarde, quando me levantei senti fome - acrescentou, enquanto enchia o copo na torneira e mo entregava. - Deve ser dos nervos - concluiu, a sorrir.

Ao pegar no copo, os dedos dela roçaram pelos meus. Talvez fosse apenas imaginação, mas achei que o olhar dela pousara em mim durante mais tempo que o habitual. - Deixa-me ir tomar um duche e vestir roupa limpa. Daqui a quanto tempo é que o pequeno-almoço estará pronto?

- Ainda dispões de uns minutos - respondeu Jane. - Vou preparar as tostas.

Quando desci a escada, Jane já tinha a mesa posta. Sentei-me ao lado dela.

- Tenho estado a matutar na ideia de ficar lá de um dia para o outro.

- E?

- Tudo depende do que o Dr. Barnwell nos disser quando ligar. Se ele pensar que o papá está a reagir bem, é provável que vá até Greensboro. Isto, se não encontrarmos antes um vestido. De outra forma, terei sempre

de fazer a viagem amanhã. Mas levo o telemóvel, para o caso de acontecer qualquer coisa.

Mastiguei um pedaço de bacon. - Não julgo que vás precisar disso. Se a situação tivesse piorado, o Dr. Barnwell já teria ligado. Sabes quanto ele se preocupa com o Noah.

- Mesmo assim, vou esperar até depois de termos falado com ele.

- Pois claro. E logo que começar a hora das visitas, eu lá estarei para ver o teu pai.

- Sabes que vais encontrá-lo macambúzio. Detesta hospitais.

- Quem é que não detesta? A menos que seja para ter um filho, não imagino ninguém a gostar de hospitais.

Jane barrou uma tosta com manteiga. - O que é que estás a pensar fazer acerca da casa? Pensas que haverá realmente espaço para toda a gente?

Acenei que sim. - Se tirarmos a mobília, haverá espaço suficiente. Pensei armazená-la no palheiro. Só durante uns dias.

- E vais contratar pessoas que façam as mudanças?

- Se tiver de ser. Mas não penso que seja necessário. O jardineiro vai trazer uma equipa bastante grande. Não acho que ele levante obstáculos se os seus homens perderem uns minutos a ajudar-me.

- Ficaré um pouco vazio, não é?

- Não, a partir do momento que lá ponhamos as mesas. Estive a pensar em colocar as mesas do bufete junto das janelas, o que nos permitirá deixar um espaço aberto para dança, em frente da lareira.

- Qual dança? Não contratámos nenhuma banda.

- Na verdade, isso consta da minha agenda para hoje. Para além de contratar o pessoal de limpeza e de deixar a ementa no Chelsea, claro.

Pôs a cabeça de lado, a perscrutar-me. Segundo parece, tens reflectido muito sobre este assunto.

- O que é que pensas que andei a fazer durante o meu passeio matinal?

- A ofegar. A resfolegar. O costume.

Ri-me. - Alto lá! Na realidade, pode dizer-se que estou em muito boa forma. Hoje, passei por uma pessoa.

- Outra vez o velhote da bengala?

- Ah! Ah! - trocei, mas estava a apreciar a boa disposição da minha mulher. Gostaria de saber se aquilo teria alguma coisa a ver com a maneira como me olhara na noite anterior. Qualquer que fosse a razão, sabia que não se tratava de imaginação minha.

- A propósito, obrigado por teres feito o pequeno-almoço.

- Era o mínimo que podia fazer. Tendo em conta o facto de que foste uma grande ajuda durante toda a semana. E fizeste o jantar por duas vezes.

- Pois - concordei -, tenho sido praticamente um santo.

Riu-se. - Não iria tão longe.

- Não?

- Não. Mas, sem a tua ajuda, a esta hora poderia estar maluca.

- E esfomeada.

Voltou a rir-se. - Preciso da tua opinião. O que é tu achas de qualquer coisa sem mangas para o fim-de-semana? Com um corpete cintado e uma pequena cauda.

Pus a mão no queixo e reflecti sobre a questão. - Parece-me bem - reflecti -, mas acho que o *smoking* me fica melhor.

Fuzilou-me com um olhar exasperado, o que me levou a erguer as mãos a protestar uma inocência zombeteira.

- Oh!, para a Anna - reconsiderarei. Depois, a imitar o que Noah dissera, continuei: - Tenho a certeza de que irá bonita, qualquer que seja o vestido.

- Mas não tens uma opinião?

- Eu nem sei o que é um corpete cintado. Jane suspirou. - Homens!

- Eu sei - reconheci, a imitar o suspiro dela. - É uma verdadeira maravilha o simples facto de conseguirmos viver em sociedade.

O Dr. Barnwell ligou pouco depois das oito horas. Noah estava óptimo e esperavam dar-lhe alta no final do dia ou, o mais tardar, na manhã seguinte. Respirei de alívio e passei o telefone a Jane. Ela ouviu a mesma informação. Depois de desligar, ligou para o hospital e falou com o pai, que a incitou a sair com a Anna.

- Parece que o melhor é fazer a mala - concluiu Jane, ao desligar.

- Também acho.

- Ainda não perdi a esperança de encontrarmos qualquer coisa hoje.

- Mas, se não conseguir, diverte-te na companhia das raparigas. Isto só acontece uma vez.

- Ainda temos mais dois miúdos para casar - disse, com o ar mais feliz. - Isto é apenas o princípio.

Sorri. - Espero que seja.

Uma hora depois, Keith deixou Anna, que trazia uma pequena mala, em frente da nossa casa. Jane continuava no andar de cima a juntar as suas coisas e fui eu quem abriu a porta quando Anna já vinha no caminho de acesso à casa. Surpresa das surpresas, vinha vestida de preto!

- Bom dia, papá.

Dei um passo para o alpendre. - Bom dia, minha querida. Como é que estás?

Pousando a mala, inclinou-se para me abraçar.

- Estou óptima - respondeu. - Realmente, isto é muito divertido. Não estava muito certa disso ao princípio, mas até agora tem sido fantástico. E a mamã tem andado num virote. Devias vê-la. Há muito tempo que não a via tão entusiasmada.

- Ainda bem - comentei.

Quando sorriu, fiquei espantado por ela revelar tanta maturidade. Ainda há pouco parecia uma menina. Como é que o tempo podia correr tão depressa?

- Tomara que chegasse o fim-de-semana - sussurrou-me.

- Comigo passa-se o mesmo.

- Conseguem ter tudo pronto na casa?

Acenei que sim.

Olhou à volta. Ao ver a sua expressão, já sabia o que ela ia perguntar.

- Como é estão as coisas entre ti e a mamã?

Fizera a mesma pergunta uns meses depois de Leslie ter saído de casa; no ano que passou, repetiu-a com frequência, mas sempre quando Jane não estava presente. A princípio, fiquei admirado mas, mais recentemente, estou sempre à espera dela.

- Bem - respondi.

A propósito, esta era a resposta que eu dava sempre, embora soubesse que Anna nem sempre acreditava em mim.

Porém, desta vez, dei com ela a observar-me atentamente e, então, para grande surpresa minha, abraçou-me outra vez. Sentia os braços dela bem apertados à volta das costas. - Adoro-te, papá sussurrou-me. - Acho que és fantástico.

- Também te adoro, minha querida.

- A mamã é uma mulher de sorte - acrescentou. - Nunca te esqueças disso.

- Ora bem! - exclamou Jane, já no caminho de saída.

- Parece-me que é tudo.

Anna estava à espera no carro.

- Tu telefonas, está bem? Quero dizer, no caso de acontecer alguma coisa.

- Prometo. E dá um beijo à Leslie por mim.

Ao abrir a porta do carro para ela entrar, já estava a sentir o calor do dia a cair sobre mim. O ar estava húmido e pesado, quase desfocando a visão das casas do fundo da rua. Mais um dia de esturrar, pensei.

- Espero que o dia te corra bem - disse eu, já a sentir saudades dela.

Jane acenou com a cabeça e deu um passo para a porta já aberta do carro. Ao observá-la, sabia que ela ainda era capaz de dar a volta à cabeça de qualquer homem. Como é que eu me transformara num homem de meia-idade, enquanto o desgaste do tempo lhe passava ao lado? Não sabia e nem me interessava saber e, antes que conseguisse conter-me, as palavras já tinham sido ditas.

- Estás bonita - murmurei.

Com um ar de tímida surpresa, Jane virou-se para trás. Pela sua expressão, vi que estava a tentar perceber se me ouvira correctamente. Suponho que talvez devesse esperar pela resposta mas, em vez disso, fiz aquilo que antes fazia com a mesma naturalidade com que respirava. Aproximando-me mais, antes que ela se fosse embora, beijei-a suavemente, só os lábios macios dela contra os meus. Não foi como qualquer dos outros beijos, rápidos e superficiais como os de pessoas conhecidas, que tínhamos trocado nos tempos mais recentes. Não me afastei e ela também não, o beijo pareceu adquirir vida própria. E, quando finalmente nos separámos e vi a expressão dela, fiquei com a certeza de que tinha procedido da forma mais correcta.

Estava ainda no caminho de acesso, a reviver aquele beijo, quando decidi entrar no carro para iniciar o meu dia. Depois de passar pelo supermercado, tomei o caminho de Creekside. Contudo, em vez de seguir directamente para o lago, entrei no edifício e dirigi-me ao quarto de Noah.

Como sempre, o interior da casa cheirava a anti-séptico. Os azulejos coloridos e os corredores amplos recordaram-me os do hospital e, ao passar pela sala de convívio, notei que poucas mesas e cadeiras se encontravam ocupadas. Dois homens jogavam xadrez num dos cantos, outros viam televisão num aparelho montado na parede. Uma enfermeira estava sentada à mesa principal, de cabeça baixa, parecendo não notar a minha presença.

O som da televisão perseguiu-me enquanto seguia pelo corredor, pelo que a entrada no quarto do meu sogro foi um alívio. Ao contrário de muitos dos hóspedes da casa, cujos quartos pareciam destituídos de qualquer elemento pessoal, Noah tinha transformado o seu num espaço a que poderia chamar seu. Um quadro pintado por Allie - uma lagoa florida e uma cena de jardim, a fazer lembrar Monet - estava pendurado na

parede, por cima da cadeira de balouço. Nas estantes alinhavam-se dezenas de fotografias dos filhos e de Allie, mas havia outras que tinham sido pregadas na parede. O casaco de malha ficara na borda da cama e, a um canto, encontrava-se a secretária de tampo de correr, algo desconjuntada, que costumava ocupar a parede do fundo da sala de estar da família. Pertencera ao pai de Noah e revelava a idade através de vincos, arranhões e manchas de tinta das canetas de tinta permanente que ele sempre preferira.

Sabia que era frequente Noah ficar ali sentado ao fim da tarde, pois nas gavetas encontravam-se os bens que ele prezava mais do que quaisquer outros: o livro de notas escritas à mão, onde recordava o seu romance de amor com Allie, os diários com capas de pele, cujas páginas iam ficando amarelas com o passar do tempo, as centenas de cartas que escreveu a Allie ao longo dos anos e a última carta que ela lhe escreveu. Havia mais coisas: flores secas e recortes de jornais que noticiavam as exposições de Allie, prendas especiais dos filhos, além de um exemplar de *Leaves of Grass*, de Walt Whitman, que lhe fizera companhia durante toda a Segunda Guerra Mundial.

Talvez estivesse a dar largas aos meus instintos de advogado especialista em propriedades, mas não conseguia deixar de pensar no que ia suceder àqueles bens depois da partida definitiva de Noah. Como seria possível distribuir bens deste género pelos filhos? A solução mais fácil era dividir tudo pelos filhos, em partes iguais, uma solução que apresentava os seus problemas. Quem, por exemplo, levaria o livro de notas para casa? Na gaveta de quem seriam depositadas as cartas e guardados os diários? Uma coisa era dividir os bens mais volumosos, mas como é que se dividem sentimentos?

As gavetas não estavam fechadas à chave. Apesar de, dentro de um ou dois dias, Noah dever estar de regresso ao seu quarto, procurei as coisas que ele gostaria de ter consigo no hospital e saí com tudo debaixo do braço.

Cá fora, quando comparado com o ar condicionado do interior do edifício, o ar estava abafado e comecei a transpirar imediatamente. Como sempre, o quintal estava vazio. Enquanto percorria o carreiro coberto de gravilha, procurei a raiz que tinha provocado a queda de Noah. Não me foi difícil encontrá-la, junto de uma magnolia enorme; cruzava o caminho de um lado ao outro, como uma pequena cobra a estirar-se ao sol.

O lago de água salobra reflectia o céu como se fora um espelho e, por instantes, fiquei a ver as nuvens que deslizavam lentamente pela superfície líquida e ao sentar-me notei um ligeiro odor a maresia. O cisne apareceu, vindo da margem oposta do lago, e deslizou direito a mim.

Abri a embalagem de *Wonder Bread* e parti o primeiro pedaço em bocadinhos pequenos, como Noah sempre fazia. Ao atirar o primeiro dos pedacinhos de pão, fiquei a pensar se, quando conversámos no hospital, ele estaria a dizer-me a verdade. Seria verdade que o cisne ficara junto dele durante a provação? Não tinha dúvidas de que ele viu o cisne na altura em que retomou a consciência - a enfermeira que o encontrou testemunhou o facto - mas teria o cisne estado a observá-lo durante todo o tempo em que estive desmaiado? Sem poder ter a certeza, desejei acreditar com o coração.

Não estava, porém, preparado para acompanhar Noah no salto que ele dera. O cisne, dizia eu para mim mesmo, ficara porque Noah o alimentava e se preocupava com ele; tinha-se tornado um animal doméstico, já pouco tinha de selvagem. Não tinha nada a ver com a Allie ou com o seu espírito. Recusava-me, pura e simplesmente, a acreditar que tais coisas pudessem acontecer.

O cisne ignorou o pedacinho de pão que lhe atirei; limitou-se a olhar para mim. Estranho. Quando atirei outro pedaço, o cisne olhou-o antes de virar a cabeça para trás, na minha direcção.

- Come! - exclamei. - Tenho mais que fazer.

Vi as patas do cisne, abaixo da superfície, a moverem-se apenas o suficiente para o animal se manter a flutuar.

- Vá lá - ordenei, a sentir a respiração apressada -, já comeste da minha mão noutra altura.

Atirei o terceiro pedaço de pão para a água, que caiu a poucos centímetros do ponto onde o cisne flutuava. Ouvei o som suave que o pão fez ao bater na água. Porém, uma vez mais, o cisne não fez qualquer movimento para o alcançar.

- Não tens fome? - perguntei.

Por detrás de mim, ouvi o sistema de rega automática entrar em funcionamento, a esguichar água com um ritmo sempre igual. Olhei por

cima do ombro para a janela do quarto de Noah, mas a vidraça apenas reflectia o brilho do sol. Sem descortinar o que poderia fazer mais, lancei um quarto pedaço de pão para a água, mas não tive sorte.

- Foi ele quem me pediu para cá vir - informei.

O cisne espichou o pescoço e bateu as asas. De súbito, apercebi-me de que estava a fazer as mesmas coisas que levavam os médicos a preocuparem-se com Noah; estava a falar com o cisne e a querer que ele me percebesse.

A fingir que falava com Allie?

Claro que não, pensei, e calei-me. As pessoas falam com cães e gatos, falam com plantas, por vezes gritam ao assistirem a eventos desportivos pela televisão. Concluí que Jane e Kate não deviam preocupar-se tanto. Todos os dias Noah passava várias horas neste local; a situação seria bem mais preocupante se ele não falasse com o cisne.

Todavia, falar era uma coisa. Acreditar que falava com Allie era outra. E Noah estava verdadeiramente convencido disso.

Os pedaços de pão que lançara já tinham desaparecido. Ensopados de água, tinham-se dissolvido e mergulhado, mas o cisne continuava a não olhar para mim. Ainda lancei mais um pedaço mas, como a ave não fez qualquer movimento para o abocanhar, olhei à minha volta para ver se alguém estava a observar-me. Por que não? Por fim, decidi-me e inclinei-me para diante.

- Ele está bem - informei. - Fui vê-lo ontem e esta manhã falei com o médico. Amanhã estará de regresso.

O cisne pareceu ponderar o que eu dissera e, instantes depois, senti os pêlos do pescoço eriçados, pois o cisne tinha começado a comer.

Chegado ao hospital, pensei ter-me enganado no quarto.

Em todos aqueles anos de contacto com Noah nunca o vira de olhos postos num televisor. Apesar de ter um aparelho em casa, este servira principalmente para os filhos enquanto eles foram pequenos e na altura em que conheci a família já era ligado muito poucas vezes. Em vez disso, a maioria dos serões era passada no alpendre, onde se contavam histórias. Em certas alturas, a família cantava enquanto Noah tocava guitarra, mas havia dias em que as pessoas se limitavam a conversar, tendo como

música de fundo o canto dos grilos e das cigarras. O mesmo que a família fazia na sala de estar durante as noites mais frias, depois de Noah ter acendido a lareira. Também havia serões em que cada um se limitava a enroscar-se nos sofás ou nas cadeiras de balouço e ficava a ler. O único ruído que se ouviria, durante horas, era o de folhear as páginas dos livros, o que permitia a cada um evadir-se para um mundo diferente, mesmo que nas proximidades dos mundos dos outros.

Era um regresso a outra era, a um tempo em que os valores da família estavam acima de tudo, e eu adorava participar naqueles serões. Faziam-me lembrar as noites passadas junto do meu pai, que se entretinha com os seus barcos, e levaram-me a compreender que, embora a televisão fosse encarada como uma forma de evasão, o ambiente que proporciona não tem nada de calmo nem de pacífico. Noah sempre conseguira resistir ao seu apelo. Até àquela manhã.

Fui assaltado pelo som do televisor logo que abri a porta. Noah estava quase sentado na cama, de olhos postos no ecrã. Fiquei ali, a segurar as coisas que fora buscar às gavetas da secretária dele.

- Viva, Noah - saudei, mas, em vez de me responder com o cumprimento habitual, virou-se para mim com um ar de incredulidade.

- Chega aqui - pediu, fazendo um gesto para que me aproximasse -, nem vais acreditar no que eles estão a mostrar.

Atravessei o quarto. - O que é que está a ver?

Respondeu-me sem tirar os olhos do aparelho. - Não sei. Uma espécie de entrevista. Pensei tratar-se de Johnny Carson, mas enganei-me. Nem imaginas aquilo de que estão a falar.

De imediato, pensei em toda uma série de programas vulgares, do género daqueles que me faziam pensar se os seus produtores conseguiriam dormir à noite. O canal estava, como me parecera inevitável, a transmitir um desses programas. Nem era preciso conhecer o tema da conversa para descobrir o que ele tinha visto, pois, na sua maior parte, todos eles falavam das mesmas questões revoltantes, discutidas da forma mais lúgubre possível pelos convidados, cujo único objectivo era, segundo me parecia, aparecer na televisão, mesmo à custa da imagem degradante que eram obrigados a dar de si próprios.

- Como é que se lembrou de escolher um programa destes?

- Nem sabia que o programa estava no ar - explicou. Andava à procura das notícias, transmitiram um anúncio e apareceu-me isto. E quando percebi o que estava a passar-se, não consegui desviar os olhos. Era como estar à beira da auto-estrada a observar as consequências de um acidente.

Sentei-me na cama, a seu lado. - É assim tão mau?

- Limitemo-nos a dizer que não me agradaria ser jovem nos tempos que correm. A sociedade está em decadência acelerada e sinto-me feliz por já cá não estar quando acontecer o trambolhão final.

Sorri. - Noah, isso é conversa de idoso.

- Talvez, o que não significa que eu esteja errado - concluiu, abanando a cabeça, à procura do controlo remoto. Instantes depois, o quarto ficou silencioso.

Pousei as coisas que tinha ido buscar ao quarto dele.

- Pensei que gostasse de ter consigo estas coisas, para ajudar a passar o tempo. A menos que prefira ver televisão.

O rosto do meu sogro distendeu-se ao ver o molho de cartas e o livro *Leaves of Grass*, de Whitman. As páginas do livro, mil vezes marcadas pela passagem dos dedos, pareciam inchadas. Noah passou os dedos pela capa já gasta. - Wilson, és um bom homem afirmou. - Com isto, percebo que foste ao lago.

- Quatro pedaços, pela manhã - informei.

- Como é que ela estava hoje?

Mudei de posição, a tentar encontrar uma resposta.

- Julgo que ela sente a sua falta - acabei por dizer. Satisfeito, fez um gesto de assentimento. Endireitando-se mais na cama, perguntou: - Nesse caso, a Jane saiu com a Anna?

- É provável que ainda vão a caminho. Saíram há cerca de uma hora.

- E a Leslie?

- Vai encontrar-se com elas em Raleigh.

- Vai ser um acontecimento - reflectiu. - Estou a falar do fim-de-semana. Como é que estão os vossos preparativos? Quanto à casa?

- Tudo bem, até agora - comecei. - A minha esperança é que tudo esteja pronto na quinta-feira e tenho quase a certeza de que estará.

- Qual é o teu programa para hoje?

Contei-lhe o que planeava fazer e, quando acabei, soltou um assobio de apreço, ao mesmo tempo que dizia: Dá-me a ideia de que te puseram à frente um prato de comida bem pesada.

- Também acho. Mas até agora tenho tido sorte.

- Concordo. Com excepção do meu tombo, que certamente poderia ter deitado tudo a perder.

- Já lhe disse que tenho tido sorte.

Levantou ligeiramente o queixo. - E quanto ao aniversário do teu casamento? - perguntou.

Revi mentalmente as muitas horas gastas a preparar o aniversário: todas as chamadas telefónicas, todas as idas aos correios e a diversas lojas. Trabalhei na prenda durante os momentos de que pude dispor no escritório e durante a hora do almoço, além de ter pensado muito e profundamente sobre a melhor forma de a apresentar. No escritório, todos tiveram conhecimento do que eu planeei, mas obriguei-os a jurar que guardariam segredo. Além do mais, todos me têm dado uma ajuda incrível; sozinho, nunca teria conseguido materializar a prenda.

- Na noite de quinta-feira - informei. - Parece ser a nossa única oportunidade. Hoje passa a noite fora, amanhã é provável que queira vir vê-lo e, na sexta-feira, chegam o Joseph e a Leslie. Não é necessário dizer que o sábado está excluído, por motivos óbvios - continuei, até fazer uma pausa. - Só espero que ela goste da prenda.

Noah sorriu. - Wilson, não deves preocupar-te com esse aspecto. Não terias escolhido uma prenda melhor, nem que dispusesse de todo o dinheiro do mundo.

- Oxalá tenha razão.

- Tenho. E não consigo imaginar uma maneira melhor de iniciar o fim-de-semana.

A sinceridade da voz foi como um bálsamo e senti-me comovido por ele parecer gostar tanto de mim, apesar de sermos tão diferentes.

- Tenho à minha frente a pessoa que me deu a ideia - lembrei-lhe.

Noah abanou a cabeça, acrescentando: - Não, a ideia foi toda tua. As prendas sentidas só podem ser atribuídas ao dador - enfatizou, a bater no próprio peito. - A Allie adoraria o que fizeste - notou. Em momentos destes, derretia-se como manteiga.

Cruzei as mãos em cima das coxas. - Bem gostaria que ela lá estivesse neste fim-de-semana.

Ele deu uma olhadela à pilha de cartas. Sabia que estava a ver Allie em pensamento e, por instantes, pareceu estranhamente jovem, ao dizer:

- Também eu.

Ao percorrer o parque de estacionamento, parecia-me que as plantas dos meus pés ardiam. Lá longe, os edifícios tinham o aspecto de estar a derreter-se, sentia a camisa colada às costas.

Uma vez dentro do carro, dirigi-me para as estradas sinuosas que rodeavam a cidade e que eu conhecia tão bem como as ruas do meu bairro. Havia uma beleza austera naquelas terras baixas e passei por herdades e instalações de secagem de tabaco que pareciam quase abandonadas. Reparei que as herdades eram separadas por filas de pinheiros e, num terreno afastado, mal conseguia ver um tractor a mover-se pelo campo, deixando atrás de si uma nuvem de poeira.

Em certos ponto da estrada podia ver-se o rio Trent, com as suas águas a ondular suavemente à luz do sol. As bermas eram limitadas por filas de carvalhos e ciprestes, com os troncos pintados de branco e as raízes nodosas que provocavam sombras retorcidas. Viam-se tilândsias suspensas dos ramos e, à medida que as herdades iam cedendo o lugar à floresta, imaginei que as extensas linhas de árvores que eu via através do óculo traseiro eram as mesmas que haviam sido vistas pelos soldados, tanto pelos confederados como pelos da União, quando passaram pela zona durante a Guerra Civil. À distância, avistei um telhado que reflectia o sol e logo a seguir o prédio todo; momentos depois, estava em casa de Noah.

Ao observar a casa a partir do caminho de acesso rodeado de árvores, pensei que apresentava um aspecto de abandono. De um dos lados, erguia-se o barracão pintado de vermelho onde Noah guardava madeira e equipamento; agora apresentava numerosos buracos nas paredes e um tecto metálico revestido de uma camada de ferrugem. A oficina, onde Noah passava a maior parte das horas do dia, ficava mesmo por detrás da casa. As portas de vaivém estavam tortas e as janelas cobertas de sujidade. Logo a seguir, estava o roseiral que crescera desordenadamente, o mesmo que sucedera às plantas da margem do rio. Notei que o zelador não tinha cortado a relva recentemente, pois o relvado, antes bem aparado, parecia agora um prado natural.

Arrumei o carro junto da casa, parando um momento a analisá-la. Finalmente, achei a chave num dos bolsos e abri a porta. Logo os raios de luz cruzaram o chão.

Estava escuro, pois as janelas estavam entaipadas, e tomei uma nota para me lembrar de ligar o gerador antes de sair. Depois de os olhos se terem habituado à semiobscuridade, pude estudar as características da casa. Mesmo à minha frente, estava a escada que conduzia aos quartos; à minha esquerda ficava a sala de estar da família, larga e comprida, que ia da frente da casa até ao alpendre das traseiras. Era ali, pensei, que tínhamos de pôr as mesas para o copo-d'água, pois aquela sala acomodava facilmente todos os convidados.

A casa cheirava a pó, que se via perfeitamente em cima dos lençóis que cobriam a mobília. Sabia que o pessoal que ia fazer a mudança tinha de ser recordado que cada uma daquelas peças era uma antiguidade, que datava da construção da casa. A lareira era coberta por azulejos pintados à mão; recordo-me de Noah me contar que, quando houve necessidade de substituir os que estavam rachados, sentiu um grande alívio ao saber que o fabricante dos originais ainda existia. Ao canto, havia um piano, também coberto por um lençol, onde tinham tocado os filhos de Noah, bem como os netos.

De cada lado da lareira havia três janelas. Tentei imaginar o aspecto da sala depois de pronta mas a falta de luz não mo permitia. Apesar de ter planeado o aspecto que pretendia que apresentasse, chegando até a debater as minhas ideias com a Jane, o facto de estar no interior da casa fez-me evocar memórias que pareciam impossibilitar a mudança do seu aspecto.

Quantos serões a Jane e eu tínhamos ali passado na companhia de Noah e de Allie? Demasiados para os poder enumerar; se me concentrasse, quase poderia ouvir o som confuso e baixos das despreocupadas conversas.

Suponho que a minha ida até lá se ficou a dever ao que se passou durante a manhã, aos eventos que apenas serviram para acentuar os meus inveterados sentimentos de nostalgia e de saudade. Ainda agora consigo sentir a macieza dos lábios de Jane e o gosto do baton que usava. As relações entre nós estariam realmente a mudar? Desesperava por pensar que sim, mas não tinha a certeza, poderia estar apenas a projectar na Jane os meus alentos. Todas as minhas certezas se tesunham a um momento a um breve instante, em que, pela primeira vez num longo período de tempo, Jane pareceu tão feliz por estar comigo quanto eu me sentia por estar junto dela.

CAPÍTULO DOZE.

Passei o resto do dia no meu canto, a fazer telefonemas. Falei com a empresa de limpezas que trabalhava para nós e decidimos o que era necessário fazer para ter a casa de Noah limpa até quinta-feira; falei com o homem que lavou os nossos soalhos à pressão e ele estaria lá por volta do meio-dia para pôr a grande casa a brilhar. O electricista iria verificar o estado de funcionamento do gerador, da instalação eléctrica do interior e ver se os candeeiros ocultos do jardim continuavam a funcionar. Falei para a empresa que, no ano anterior, pintara os escritórios da firma de advogados e prometeram-me mandar uma equipa reparar a pintura das paredes interiores e da sebe que rodeia o roseiral. Contratei outra empresa que alugaria as tendas, mesas e cadeiras que fossem necessárias, toalhas, copos e talheres, ficando de entregar tudo na manhã de quinta-feira. Uns quantos empregados do restaurante seriam mandados para lá, bem antes de sábado, para aprontar o que fosse necessário. Nathan Little estava ansioso por iniciar o seu projecto e, quando lhe telefonei, informou-me que as plantas que ele tinha encomendado no princípio da semana já se encontravam carregadas no seu camião. Também aceitou que o seu pessoal se encarregasse de retirar da casa a mobília em excesso. Finalmente, contratei música, tanto para a cerimónia do casamento como para o copo-d'água; o piano seria afinado na quinta-feira.

Os arranjos para ter tudo pronto a tempo e horas não se revelaram tão difíceis como se poderia imaginar. Não só por eu conhecer a maioria das pessoas com quem falei, mas também por aquele ser um trabalho que já fizera antes. Em muitos aspectos, este surto de actividade frenética tinha semelhanças com o trabalho que Jane e eu tínhamos desenvolvido na primeira casa que comprámos, pouco depois do casamento. Uma velha casa, inserida num fileira, que tinha passado tempos difíceis e necessitava de um minucioso trabalho de recuperação... motivo por que tínhamos podido comprá-la. Fizemos nós próprios uma boa parte do trabalho inicial, mas não tardou muito tempo que não tivéssemos de recorrer às aptidões de carpinteiros, canalizadores e electricistas.

Entretanto, não perdêramos tempo, pois logo começámos a construir a família.

Ambos éramos virgens quando pronuncíamos os nossos votos; eu tinha 26 anos, Jane 23. Ensinámo-nos mutuamente a fazer amor, de uma maneira que tinha tanto de inocente como de apaixonada, aprendendo a pouco e pouco os modos de nos satisfazermos um ao outro. Havia a ideia de que, por mais cansados que estivéssemos, podíamos passar a maior parte dos serões abraçados um ao outro.

Nunca tomámos precauções para evitar a gravidez. Recordo-me de acreditar que Jane ficaria grávida imediatamente e, antecipando o evento, até comecei a pôr dinheiro numa conta a prazo. No entanto, ela não engravidou durante o primeiro mês do casamento, nem no segundo ou no terceiro.

Por alturas do sexto mês, Jane teve uma conversa com a mãe e, mais para o fim do serão, informou-me de que tínhamos de conversar. Uma vez mais, sentámo-nos no sofá, para ela me dizer que eu tinha algo a fazer. Então, em vez de me pedir que a acompanhasse à igreja, pediu-me que rezasse com ela, o que eu fiz. Não sei bem por quê, pareceu-me ser o procedimento mais correcto. Começámos a orar juntos, como um casal, com regularidade, noite após noite e quanto mais rezávamos mais a tarefa me agradava. Porém, passaram mais alguns meses sem que Jane ficasse grávida. Não sei se ela estaria verdadeiramente preocupada acerca da sua capacidade de concepção, mas sei que a ideia não lhe saía da cabeça e eu próprio começava a alimentar dúvidas. Entretanto, estávamos a um mês do nosso primeiro aniversário de casamento.

Na semana anterior ao nosso aniversário inventei desculpas para afastar Jane da casa, pois é na última semana de quaisquer obras de renovação que a casa deixa de ser um abrigo para se transformar num lar. Queria fazer-lhe uma surpresa que ela recordasse para sempre.

- Não há necessidade de irmos ver as obras esta noite – diria eu. - Já lá estive hoje e nem sequer vi o mestre de obras - continuava. - Ultimamente tenho tido muito que fazer e preferia ficar a descansar, contigo perto de mim.

Nunca soube se ela acreditava nas minhas desculpas e, olhando para trás, julgo que terá suspeitado de qualquer coisa, mas nunca me forçou a levá-la. E no dia do nosso aniversário, depois de um romântico jantar num restaurante da baixa, segui para a nova casa em vez de a levar para o apartamento.

Era tarde. A Lua estava cheia e manchada de crateras, as cigarras já tinham iniciado a canção da noite e enchiam o ar com os seus sons agudos. Havia montes de desperdícios no quintal, latas de tinta empilhadas perto da porta e o pó acumulado fazia o alpendre parecer cinzento. Jane deu uma olhadela à casa e depois olhou para mim com ar zombeteiro.

- Só quero verificar o que eles têm andado a fazer - expliquei.

- Esta noite?

- Por que não?

- Bem, para começar, está escuro lá dentro. Não conseguiremos ver seja o que for.

- Anda daí - propus, empunhando uma lanterna que tinha guardada debaixo do banco. - Só nos demoramos o tempo que quiseres.

Saí do carro e abri-lhe a porta. Depois de a conduzir com cuidado por entre os montes de desperdícios, chegámos ao alpendre e abri a porta.

Mesmo no escuro, não era possível ignorar o cheiro da alcatifa nova e, instantes depois, quando dirigi o foco da lanterna para a sala de estar e para a cozinha, vi Jane a arregalar os olhos. E claro que as obras não estavam acabadas mas, mesmo ali da porta, era evidente que já fora feito o suficiente para podermos fazer a mudança.

Jane ficou como que petrificada, até que lhe peguei na mão.

- Bem-vinda a casa.

- Oh, Wilson! - suspirou.

- Feliz aniversário - sussurrei.

Quando se voltou para mim, a sua expressão era uma mistura de esperança e de confusão.

- Mas como... quero dizer, na semana passada, não parecia possível...

Pretendi fazer-te uma surpresa. Mas, vem daí, há ainda mais. É uma coisa que quero mostrar-te.

E levei-a a subir a escada e virámos à esquerda, em direcção ao quarto principal. Ao abrir a porta, dirigi o foco e desviei-me para um lado para que Jane conseguisse ver.

E no quarto encontrava-se a única peça de mobília que alguma vez escolhi sozinho: um leito antigo, com dossel, parecido com aquele do hotel de Beaufort, onde fizemos amor durante a lua-de-mel.

Jane ficou calada e, de súbito, fui assaltado pelo receio de ter cometido algum erro.

- Não posso acreditar que tenhas feito uma coisa destas - acabou por dizer. - A ideia foi tua?

- Não gostas?

Sorriu. - Adoro - sussurrou. - Mas não consigo imaginar-te a pensar numa coisa destas. Isto é quase... romântico.

Para ser franco, tal ideia não me passara pela cabeça. Existia uma necessidade, precisávamos de uma cama decente e tinha a certeza de que aquele estilo lhe agradava. Contudo, sabendo que ela pretendia fazer-me um elogio, ergui um sobrolho, como que a perguntar: «O que é que esperavas?» Jane aproximou-se da cama e passou um dedo pelo dossel. E instantes depois sentou-se na beira da cama e bateu no colchão, um convite para me sentar ao lado dela. - Temos de conversar - anunciou.

Ao dirigir-me para junto dela, não pude deixar de me recordar das outras vezes em que me fizera a mesma exigência. Esperava que fosse

pedir-me mais qualquer coisa mas, logo que me sentei, inclinou-se para mim e beijou-me.

- Também te preparei uma surpresa - declarou. - Tenho estado à espera do momento mais conveniente para te contar.

- Qual é a surpresa?

A hesitação mal durou um segundo. - Estou grávida!

Comecei por não entender o que ouvira mas, quando percebi, achei que ela me proporcionara uma surpresa bem maior do que a minha.

Para o final da tarde, quando o Sol estava a ficar baixo e a temperatura começava a descer, Jane telefonou. Depois de perguntar pelo pai, informou que a Anna ainda não decidira nada acerca do vestido e que não viria para casa nessa noite. Apesar de lhe ter assegurado que estava à espera disso, não deixei de notar alguma frustração na voz dela. Estava mais aborrecida do que zangada e eu a sorrir, a perguntar como é que Jane ainda conseguia surpreender-se com o comportamento da nossa filha.

Depois de desligar, dirigi-me a Creekside para alimentar o cisne com três pedaços de *Wonder Bread*, acabando por passar pelo escritório quando vinha de regresso a casa.

Arrumei no meu lugar habitual do parque de estacionamento, de onde podia ver o Chelsea Restaurant e, um pouco mais acima mas do outro lado da rua, um pequeno jardim com relvados, onde a aldeia de Natal era erguida todos os invernos. Apesar dos meus trinta anos de trabalho naquele edifício, continuava a deslumbrar-me por ver que a história primitiva do estado de Carolina do Norte podia ser apreciada em qualquer direcção que olhasse. O passado sempre tivera um significado especial para mim e adorava o facto de, a poucos quarteirões de distância, entrar na primeira igreja católica construída no estado, percorrer as salas da primeira escola pública e ver como os pioneiros eram instruídos ou passear pelos terrenos de Tryon Palace, a antiga casa do governador colonial, que agora se gaba de possuir um dos mais belos jardins de todo o Sul. Não estou sozinho neste orgulho pela minha cidade; a New Bern Historical Society é uma das sociedades históricas mais activas do país e, praticamente a cada canto, existem vestígios que documentam o importante papel desempenhado por New Bern nos primeiros anos de existência do nosso país.

Os meus sócios e eu somos proprietários do prédio onde temos o escritório de advocacia; embora gostasse que houvesse qualquer história interessante sobre o passado do edifício, o certo é que não existe nenhuma. Construído em finais da década de 1950, numa altura em que a funcionalidade era a única característica que os arquitectos valorizavam, pode dizer-se que é realmente desinteressante. Numa estrutura quadrada, só de um piso, construída em tijolo, existem gabinetes para os quatro sócios e para quatro estagiários, três salas de reuniões, um arquivo e uma área de recepção de clientes.

Abri a porta da frente, ouvi o aviso de que o alarme seria disparado em menos de um minuto e digitei o código para o desligar. Ligando a luz da área de recepção, dirigi-me para o meu gabinete.

Tal como acontece com os dos meus sócios, o meu gabinete ostenta um certo ar formal, de que os clientes estão à espera: uma secretária de cerejeira escura, com um candeeiro de latão, estantes baixas ao longo das paredes, cheias de livros de direito, e um conjunto de confortáveis cadeiras forradas de pele, colocadas de frente para a secretária.

Como advogado especialista em imobiliário, penso já ter visto todos os tipos de casais que existem. Apesar de, na maioria dos casos, os que me aparecem sejam perfeitamente normais, há alguns que começam a discutir como brigões de rua e uma vez vi uma mulher despejar café quente no regaço do marido. Mais vezes do que julgaria possível, já fui posto de lado por maridos que me perguntavam se eram obrigados por lei a deixar alguma coisa às esposas ou se poderiam omiti-las por completo, deixando todos os seus bens às respectivas amantes. Estes casais, devo acrescentar, vestem bem e, quando se sentam diante de mim, parecem totalmente normais; porém, quando finalmente saem do meu gabinete, dou comigo a pensar naquilo que se passa para além das portas cerradas das suas casas.

De pé, por detrás da secretária, procurei a chave apropriada no molho de chaves que trago comigo e abri a gaveta. Guardara o presente de Jane na secretária e pus-me a imaginar como é que ela iria reagir quando lho desse. Pensei que ia gostar dele mas, mais do que isso, pretendia que o visse como uma tentativa sincera, se bem que tardia, de pedir desculpa pelo marido que tinha sido durante quase todo o nosso casamento.

Porém, como já tinha perdido a conta às vezes em que falhara, não pude deixar de reflectir sobre a expressão dela, quando, de manhã,

estivemos juntos no caminho de acesso à casa. Não tinha sido quase... bem, como um sonho? Ou dar-se-ia o caso de estar a imaginar coisas?

Fiquei por momentos a olhar através da janela e, de repente, percebi que não se tratava de imaginação minha. Não, de qualquer forma, talvez por acidente, tinha tropeçado na chave para o êxito com que a cortejara muitos anos antes. Apesar de ser o mesmo homem que fora durante o último ano, um homem profundamente apaixonado pela mulher e a tentar conservá-la, houvera um pequeno mas significativo ajustamento.

Nesta semana não me tinha concentrado apenas nos meus problemas e na melhor maneira de os ultrapassar. Nesta semana tinha pensado nela, tinha decidido ajudá-la a enfrentar as suas responsabilidades familiares, tinha-a ouvido com interesse sempre que ela falara e tudo o que discutimos parecia ser novidade. Ri-me com as piadas dela, pedi perdão pelas minhas faltas e mostrei-lhe o afecto de que ambos necessitamos e que ambos merecemos. Por outras palavras, tenho sido o homem que ela sempre desejou que eu fosse, o homem que eu já fora e - como um velho hábito reencontrado - agora percebo que era tudo o que precisava para recomeçarmos a apreciar a companhia um do outro.

CAPÍTULO TREZE.

Na manhã seguinte, quando cheguei a casa de Noah, olhei espantado para os camiões dos viveiros que já se encontravam arrumados no caminho de acesso. Viam-se três grandes veículos de caixa baixa carregados de pequenas árvores e arbustos, enquanto outro estava cheio de caruma que seria espalhada nos canteiros de flores, à volta das árvores e ao longo da sebe. Um camião e o respectivo reboque traziam ferramentas e equipamentos diversos, havendo ainda três carrinhas carregadas com vasos de plantas rasteiras.

Em grupos de cinco ou seis, os trabalhadores juntavam-se em frente dos camiões. Uma contagem apressada revelou-me a presença de perto de quarenta pessoas - não as trinta que Little me prometera - e, apesar do calor, todas vestiam calças de ganga e bonés de basebol. O sorridente Little caminhou para mim mal eu saí do carro.

- Ainda bem que chegou - exclamou, a pôr a mão no meu ombro. - Temos estado à sua espera. Podemos, então, começar, não é assim?

As máquinas segadoras e as ferramentas foram descarregadas em poucos minutos e o ar encheu-se rapidamente com os sons dos motores, mais ou menos audíveis conforme os veículos iam percorrendo toda a propriedade. Alguns dos trabalhadores começaram a descarregar as plantas, arbustos e árvores, carregando-as em carros de mão e levando-as para os lugares que lhes estavam destinados.

Todavia, era o roseiral que merecia mais atenções e por isso acompanhei Little, que se dirigiu para lá empunhando uma tesoura de podar, juntando-se a uma dezena de trabalhadores que já estavam à espera dele. Restituir a beleza àquele jardim era o tipo de trabalho em que parecia impossível saber por onde começar, mas Little começou a podar logo que chegou junto da primeira roseira, enquanto descrevia o que devia ser feito. Os trabalhadores apinharam-se à sua volta, sussurraram entre si palavras em castelhano enquanto observavam para, finalmente, depois de terem percebido o que se esperava deles, se dispersarem. Hora após hora, com cada arbusto a ficar cada vez mais magro graças à poda, as cores naturais das rosas iam sendo artisticamente expostas. Little tinha a preocupação de perder o menor número de hastes das roseiras, o que exigia muitos entrelaçamentos, com as hastes a serem puxadas e presas, dobradas e rodadas, até ficarem na posição adequada.

A seguir foi a vez da latada. Uma vez lançado, Little começou a compor a forma do roseiral que a cobria. A vê-lo trabalhar, aponte o lugar onde deveriam ser colocadas as cadeiras dos convidados, fazendo o meu amigo sorrir.

- Quer a coxia delimitada por vasos de *impaciens* balsâmica, não é?

Quando viu que eu concordava, levou dois dedos à boca e assobiou. Instantes depois foram trazidos dois carros de mão para o local e, duas horas mais tarde, já se podia ver uma coxia suficientemente bonita para ser fotografada para uma revista.

O resto da propriedade começou a tomar forma durante a manhã. Logo que as ervas do quintal foram aparadas e os arbustos podados, os trabalhadores começaram a cuidar dos postes da cerca, dos caminhos e da própria casa. O electricista chegou para ligar o gerador, verificar as tomadas e as lâmpadas ocultas do jardim. Os pintores chegaram uma hora

depois; seis homens de fato-macaco, que saltaram de uma carrinha maltratada e foram ajudar os jardineiros a mudar a mobília para o celeiro. O carro do homem que vinha lavar as paredes com agulheta de pressão apareceu no caminho de acesso e parou junto do meu. Minutos depois de ele ter descarregado o equipamento, o primeiro jacto de água atingiu a parede e, lenta mas seguramente, o cinzento das tábuas começou a desaparecer e a dar lugar ao branco original.

Com todas as equipas ocupadas no seu trabalho, fui buscar uma escada à oficina. As protecções das janelas tinham de ser removidas, tarefa, de que resolvera encarregar-me. Tendo com que me ocupar, a tarde passou depressa.

Pelas quatro da tarde, já os jardineiros estavam a carregar os camiões e a preparar o regresso à base; o homem da mangueira de pressão e os pintores também estavam a terminar; pela minha parte, tinha conseguido retirar a maioria das protecções das janelas; só restavam algumas do segundo piso, mas sabia que podia deixar esse trabalho para a manhã seguinte.

Quando acabei de arrumar as protecções debaixo da casa, a propriedade pareceu-me estranhamente silenciosa e dei comigo a analisar o trabalho que tinha sido feito.

Como todos os projectos que estão a meio, o aspecto geral era agora pior do que quando começáramos, pela manhã. O equipamento de jardinagem estava espalhado por todo o lado; os vasos vazios tinham sido empilhados ao acaso. Tanto no interior como no exterior, só metade das paredes haviam sido tocadas, fazendo-me lembrar os anúncios dos detergentes, em que uma marca promete lavar uma camisa mais branca do que a que vem a seguir. Perto da cerca havia um monte de restos resultantes dos trabalhos no quintal; embora os corações exteriores do roseiral estivessem tratados, os interiores pareciam abandonados e selvagens.

Apesar de tudo, senti-me estranhamente aliviado. Tinha sido uma boa jornada de trabalho, um dia que me deixara a certeza de que tudo iria estar pronto a tempo. Jane ia ficar espantada e, sabendo que ela vinha a caminho de casa, estava a dirigir-me para o carro quando vi Harvey Wellington, o pastor, encostado à cerca que separava a propriedade de Noah da dele. Abrandando o passo, hesitei muito brevemente antes de

atravessar o quintal para me juntar a ele. A testa do homem brilhava como mogno polido, os óculos encarrapitados quase na ponta do nariz. Como eu, estava vestido como quem tinha passado o dia a trabalhar no exterior. Quando eu já estava perto, acenou com a cabeça na direcção da casa.

- Vejo que está a preparar tudo para o fim-de-semana - começou.

- Estou a tentar.

- Pode ter a certeza, com toda essa gente a trabalhar para isso. Isto hoje parecia um parque de estacionamento. Quantas pessoas é que contratou para hoje? Um total de cinquenta?

- Perto disso.

Assobiou baixinho ao apertarmos as mãos. - É um rombo e pêras na carteira, não é?

- Já estou a temer o resultado - respondi.

Riu-se. - Então, quantas pessoas espera que venham no fim-de-semana?

- Penso que serão umas cem.

- Vai ser uma grande festa, sem dúvida. Sei que a Alma desejaria que já fosse amanhã. Nos últimos dias, só tem falado deste casamento. Ambos achamos fantástico que estejam a dar tanta importância ao assunto.

- É o mínimo que podemos fazer.

Durante um bom bocado aguentou-me o olhar, sem qualquer resposta. Ao sentir-me observado, tive a estranha impressão de que, apesar de nos conhecermos mal, ele me estava a perceber perfeitamente. Era um pouco enervante, mas não devia ter-me deixado surpreender. Como pastor, era frequente ser procurado para ouvir e dar conselhos; senti nele a simpatia de alguém que aprendeu a ouvir e a procurar minorar as desgraças alheias. Era provável, pensei eu, que estivesse ali um homem a quem centenas de criaturas encaravam como um dos seus melhores amigos.

Como se soubesse o que eu estava a pensar, sorriu: - Portanto, às oito horas da noite?

- Penso que mais cedo estará demasiado calor.

- De qualquer maneira, estará calor. Mas não penso que alguém se vá preocupar com esse género de pormenores - sentenciou, ao fazer um aceno na direcção da casa. - Estou satisfeito por, finalmente, se fazer qualquer coisa pela casa. É um lugar maravilhoso. Sempre foi.

- Eu sei.

Tirou os óculos e começou a limpar as lentes com a fralda da camisa.

- Ora, deixe-me dizer-lhe, tenho tido muita pena de ver o que tem estado a acontecer nos últimos anos. Só era preciso que houvesse alguém disposto a tratar de novo a propriedade.

Voltou a pôr os óculos, a sorrir com doçura. - Engraçado, mas já notou que quanto mais especial é uma coisa menos as pessoas se preocupam com ela? Parecem pensar que as coisas nunca mudam. Foi o que aconteceu com esta casa. Só necessitava de um pouco de atenção e, em primeiro lugar, nunca deveria ter sido deixada chegar a este estado.

Quando cheguei a casa, tinha duas mensagens no gravador: uma do Dr. Barnwell a informar que Noah tinha regressado a Creekside, outra de Jane a informar que se encontraria lá comigo por volta das 19 horas.

Quando cheguei a Creekside, a maior parte da família fizera a visita e já se fora embora. Quando entrei no quarto, só Kate permanecia ao lado do pai. Levou um dedo aos lábios, levantou-se e abraçámo-nos.

- Acabou por adormecer - murmurou. - Devia estar exausto.

Surpreendido, olhei para ele. Conhecia-o há muitos anos e não me recordava de ele dormir durante o dia. - Ele está bem?

- Mostrou-se algo irritado quando quisemos que se deitasse novamente mas, para além disso, parece-me bem - afirmou, agarrando uma das minhas mangas. - Agora diz-me: como é que as coisas correram hoje na casa? Quero ouvir a história toda.

Informei-a acerca dos progressos, observando a expressão de gozo com que tentava imaginar as situações. - A Jane vai adorar. Oh!, isso fez-me lembrar que falei com ela há pouco. Ligou para saber como é que estava o papá.

- Tiveram alguma sorte no que respeita ao vestido?

- É melhor que seja ela a contar-te. Mas pareceu-me bastante entusiasmada ao telefone - adiantou, pegando na mala que estava suspensa das costas de uma cadeira. - Ouve, acho que tenho de ir-me embora. Passei aqui a tarde toda e sei que o Grayson está à minha espera. Cuida bem do papá, mas faz o possível para não o acordares, está bem? Precisa de dormir - concluiu, beijando-me na face.

- Não faço barulho - prometi.

Caminhei para a cadeira que estava perto da janela e estava quase a sentar-me quando ouvi um sussurro atrás de mim.

- Olá, Wilson. Obrigado por teres passado por cá. Sorriu quando me voltei para ele. - Pensei que estivesse a dormir.

- Na! - exclamou. Começou a sentar-se na cama. - Tive de fingir. Andou todo o dia agarrada a mim, como se eu fosse um bebé. Até voltou a ir comigo à casa de banho.

Soltei uma gargalhada. - Então, não era isso que queria? Uns miminhos da sua filha?

- Ora bem, é mesmo disso que preciso. Não tive nem metade destes cuidados enquanto estive no hospital. Pela maneira como ela te falou, podias pensar que eu estava com um pé na cova e outro em cima de uma casca de banana.

- Bem, hoje está em excelente forma. Julgo que estará a sentir-se como novo?

- Podia estar melhor - disse, com um encolher de ombros. Embora também pudesse estar pior. Mas a cabeça está excelente, se é isso que queres saber.

- Nada de tonturas? Nem dores de cabeça? Afinal, talvez fosse conveniente que descansasse um pouco. Se quiser que lhe dê um iogurte, é só pedir.

Agitou um dedo na minha direcção. - Olha lá, não comeces também. Sou um homem paciente, mas não sou nenhum santo. E não estou com disposição. Estive engaiolado durante vários dias, sem conseguir respirar um pouco de ar puro - protestou, acenando na direcção do armário. - Importas-te de me passar o casaco de malha?

Já sabia onde ele pretendia ir.

- Ainda está muito quente lá fora - protestei.

- Dá-me o casaco e cala-te - respondeu. - E se estás a pensar em te oferecer para me ajudares a vesti-lo, devo avisar-te de que poderás levar um murro no nariz.

Uns minutos depois, saímos do quarto, com o saco de *Wonder Bread* na mão. Reparei que ficava mais calmo à medida que ia arrastando os pés pelo caminho. Apesar de Creekside ter sido sempre um lugar estranho para nós, para Noah tinha-se tornado o seu lar e era óbvio que se sentia bem ali. Via-se também que os outros haviam sentido a falta dele, pois, ao passar pelas portas abertas dos quartos, acenava um cumprimento e trocava algumas palavras com os amigos, prometendo à maioria que depressa regressaria para a habitual sessão de leitura.

Recusou-se a dar-me o braço e, por isso, eu caminhava a seu lado. Parecia ligeiramente menos estável do que era habitual e só depois de termos saído do edifício conseguiu convencer-me de que podia continuar sozinho. No entanto, à velocidade a que caminhávamos, levámos um bom bocado até atingirmos o lago, dando-me tempo suficiente para verificar que a raiz tinha desaparecido. Bem gostaria de saber se fora Kate quem tinha lembrado a questão a um dos irmãos.

Sentámo-nos nos lugares habituais e olhámos a extensão de água, mas não consegui avistar o cisne. A pensar que ele poderia estar oculto pelos arbustos da margem oposta à nossa, inclinei-me para trás no assento. Noah começara a partir o pão em pedaços pequenos.

- Ouvi-te falar da casa com a Kate - afirmou. - Como é que as minhas roseiras se estão a portar?

- Ainda não estão todas podadas, mas acho que apreciaria o trabalho que já foi feito.

Juntou os pedaços de pão no regaço. - Aquele jardim significa muito para mim. É quase tão velho como tu.

- Ai é?

- As primeiras plantas foram postas na terra em Abril de 1951 - explicou, a acenar com a cabeça. - É certo que, ao longo dos anos, tivemos

de substituir a maior parte delas, mas foi nessa data que concebi a disposição das roseiras e comecei a prepará-las.

- A Jane contou-me que preparou uma surpresa para a Allie... para lhe mostrar quanto a amava.

Noah resfolegou, antes de continuar: - Isso é apenas parte da história. Mas não me surpreende que ela pense assim. Por vezes, penso que a Jane e a Kate crêem que eu passava a maior parte do meu dia a apaparicar a minha mulher.

- Quer dizer que não foi assim? perguntei, a fingir que a revelação me tinha chocado.

Riu-se. - Mais ou menos. Tínhamos as nossas discussões uma vez por outra, como toda a gente. Só que éramos muito eficientes a fazer as pazes. Porém, quanto ao jardim, acho que elas têm razão, em parte. Pelo menos quanto ao início - informou, colocando os pedaços de pão de lado. - Foi plantado quando a Allie estava grávida da Jane. A gravidez ainda não ia avançada e ela estava sempre enjoada. Calculei que os enjoos desaparecessem passadas as primeiras semanas, mas tal não aconteceu. Havia dias em que mal podia pôr os pés fora da cama e eu sabia que, com a aproximação do Verão, ela iria sentir-se muito pior. Logo, quis dar-lhe qualquer coisa bonita, algo que ela pudesse ver da janela do quarto continuou, semicerrando os olhos por causa do sol. - Sabias que, de início, havia apenas um coração, que não eram cinco?

Ergui as sobrancelhas. - Não, não sabia.

- É claro que não planeei nada daquilo mas, depois de a Jane ter nascido, devo ter começado a pensar que o primeiro coração parecia extremamente mesquinho e que precisava de plantar mais umas roseiras para encher os espaços. Continuava, porém, a evitar meter-me nisso, pois a operação dera-me demasiado trabalho na primeira vez e, na altura em que me senti pronto a recomeçar, ela estava novamente grávida. Quando viu o que eu andava a fazer, partiu do princípio de que isso acontecia por vir mais um filho a caminho, dizendo-me que aquela era a coisa mais adorável que eu alguma vez fizera por ela. Dito isto, não me era fácil parar. E isso que pretendo dizer quando afirmo que a história só é verdadeira em parte. O primeiro talvez tenha sido um gesto romântico mas, quando chegou ao último, aquilo tinha-se tornado mais uma obrigação. Não se tratava apenas de plantar, havia que manter. As rosas

são difíceis de tratar. Quando são novas, parecem sair da terra como árvores, mas temos de estar sempre a podá-las para que cresçam como deve ser. Todas as vezes que começavam a lançar novos ramos tinha de lá ir, de tesoura em punho, para manter o desenho e, passado algum tempo, parecia-me que o jardim nunca teria o aspecto que eu queria. Além de ser um trabalho doloroso. Aqueles picos são aguçados. Passei muito tempo de mãos ligadas, como se fosse uma múmia.

Sorri. - Julgo que ela apreciava o que você estava a fazer.

- Oh, é verdade que sim. Pelo menos durante algum tempo. Até me pedir que enterrasse tudo aquilo.

A princípio, pensei que não tinha ouvido bem mas, pela expressão dele, concluí que ouvira perfeitamente. Recordei a melancolia que por vezes sentia ao olhar as pinturas de Allie que tinham por motivo o jardim.

- Porquê?

Antes de responder, Noah quase cerrou os olhos por causa do sol. - Tanto quanto sei, ela adorava o jardim, mas a visão do roseiral era demasiado dolorosa. Sempre que o olhava da janela começava a chorar, dando a ideia de que jamais conseguiria parar.

Levei algum tempo a perceber o motivo do desgosto.

- Por causa do John - sussurrei, referindo-me ao menino que morrera de meningite quando tinha quatro anos. Jane, tal como Noah, raramente o mencionava.

- A perda quase a matou.

Noah fez uma pausa. - Quase me matou, também. Era um rapazinho tão encantador, que estava a chegar à idade de descobrir o mundo, em que tudo é novo e excitante. Como era o mais novo, costumava tentar agir como os mais crescidos. Andava sempre a persegui-los pelo jardim. Além de ser saudável. Antes de adoecer, nem tivera uma otite ou uma constipação grave. Por isso, o choque foi tão grande. Numa semana andava a brincar no jardim, na semana seguinte tivemos de o sepultar. Depois da morte do filho, a Allie quase não dormia e mal conseguia comer; quando não chorava, parecia andar por ali, numa espécie de sonho. Não tinha a certeza de que ela alguma vez ultrapassasse o desgosto. Foi então que me pediu que destruísse o roseiral.

Calou-se. Eu não disse nada, sabendo que era impossível imaginar a dor de perder um filho.

- Por que é que não enterrou as roseiras? - perguntei, passado algum tempo.

- Pensei que era apenas o desgosto a manifestar-se - respondeu, calmamente -, e não tive a certeza de que ela o desejasse verdadeiramente, ou que apenas o dissesse num dia em que a dor se tornara insuportável. Por isso, esperei. Pensei que se me fizesse o pedido outra vez lhe faria a vontade. Ou que lhe proporia remover apenas o coração exterior, desde que ela desejasse manter os restantes. Afinal, o segundo pedido nunca foi feito. E depois? Mesmo que o usasse bastante como tema dos seus quadros, nunca mais senti o mesmo em relação ao roseiral. Deixou de ser uma felicidade para ela, desde o momento em que perdemos o John. Mesmo quando a Kate celebrou lá o casamento, a ideia não a entusiasmou muito.

- E os seus filhos sabem a razão da existência de cinco corações?

- Talvez saibam, sem terem consciência disso, mas, nesse caso, tiveram de o descobrir por si próprios. Não era assunto que eu ou a Allie gostássemos de abordar. Depois da morte do John, tornou-se mais fácil imaginar que, em vez de cinco, o roseiral fora uma prenda única. E foi assim que começou a ser considerado. E quando os miúdos cresceram e acabaram por fazer perguntas, a Allie apenas lhes disse que eu o plantara para ela. Portanto, para eles, ficou apenas este gesto romântico.

Pelo canto do olho, vi o cisne aproximar-se e deslizar na nossa direcção. É curioso que não tivesse aparecido antes e gostaria de saber por onde teria andado. Pensei que Noah ia mandar-lhe imediatamente um pedaço de pão, mas ele não o fez. Em vez disso, ficou a vê-lo aproximar-se. Quando estava a poucos metros de distância, o cisne pareceu hesitar por breves instantes mas, então, para minha surpresa, aproximou-se da margem.

Instantes depois nadou para junto de nós e Noah estendeu a mão. O cisne aceitou a carícia e ao vê-lo falar calmamente com o animal, de repente, percebi que o cisne também tinha sentido a falta do meu sogro.

Noah alimentou o cisne e depois eu, maravilhado, vi a ave aconchegar-se a seus pés, como ele me contara que costumava acontecer.

As nuvens começaram a surgir uma hora mais tarde. Grandes e de barriga cheia, prenunciavam o tipo de tempestade estival que é tão comum no Sul: chuva intensa durante vinte minutos, para depois o céu ir clareando lentamente. O cisne recomeçara a nadar no lago, e eu estava prestes a sugerir a Noah que devíamos regressar ao quarto, quando ouvimos a voz de Anna a chamar-nos.

- Eh, avô, eh papá! - chamava. - Como não vos encontrei no quarto, achámos que devíamos procurá-los aqui.

Voltei-me, para ver uma Anna sorridente a aproximar-se. Contrariada, Jane vinha uns metros atrás da filha. O seu sorriso era contrafeito; este, eu sabia, era o lugar onde ela detestava ver o pai.

- Olá, minha querida - saudei ao levantar-me. Anna abraçou-me com força, com os braços bem apertados nas minhas costas.

- Como é que as coisas correram hoje? - perguntei. - Encontrei o vestido?

Quando me largou, não conseguia evitar a excitação. - Vais adorá-lo - prometeu, a apertar-me os braços. - É perfeito.

Jane chegara junto de nós e libertei Anna para abraçar a mãe, como se aquele gesto tivesse de alguma forma voltado a ser normal entre nós. Pareceu-me descontraída e agradável, uma presença tranquilizadora.

Noah dirigiu-se à neta, batendo no banco, a convidá-la a sentar-se. - Anda cá. Conta-me o que tens andado a fazer como preparação para o próximo fim-de-semana.

Anna sentou-se e pegou na mão do avô, dizendo: - Tem sido fantástico. Nunca poderia imaginar que tivesse tanta graça. Devemos ter entrado numa dúzia de estabelecimentos. E devia ver a Leslie! Também encontrámos um vestido para ela, uma coisa pavorosa.

Jane e eu ficámos à parte, a ouvir Anna contar o rodopio de actividades dos dois dias anteriores. Ao contar um episódio após outro, alternadamente, dava cotoveladas ao avô ou estreitava a mão dele entre as suas. Apesar da diferença de sessenta anos de idade entre ambos, era evidente que se sentiam bem à vontade um com o outro. Embora sejam frequentes as relações especiais entre avós e netos, Noah e Anna eram verdadeiros amigos, uma constatação que me provocava assomos de

orgulho paternal, ao ver a jovem mulher em que Anna se transformara. A expressão serena de Jane mostrava que estava a sentir-se exactamente como eu e, apesar de já não fazer tal coisa há muitos anos, pus-lhe um braço à roda dos ombros.

Suponho que não sabia ao certo qual seria a reacção dela durante uma fracção de segundo pareceu-me espantada -, mas, ao senti-la descontrair-se por baixo do meu braço, houve um momento em que o mundo me pareceu perfeito. No passado, em momentos como aquele, era comum que me faltassem as palavras. Talvez alimentasse o medo secreto de exprimir os meus sentimentos em voz alta, que receasse que as palavras os diminuíssem. Contudo, agora estava a verificar que tinha sido um erro esconder o que pensava e, pondo os lábios junto do ouvido de Jane, sussurrei-lhe as palavras que nunca deveria ter guardado dentro de mim.

- Amo-te, Jane, e ter-te a meu lado faz de mim o homem mais feliz do mundo.

A despeito de ter mantido o silêncio, a forma como se encostou mais a mim foi a resposta que eu procurava.

A trovoada começou hora e meia mais tarde, um estrondo profundo que pareceu rasgar o céu. Depois de levarmos Noah ao seu quarto, Jane e eu fomos para casa, despedindo-nos de Anna no parque de estacionamento.

Atravessei a baixa, a ver os raios de sol a atravessarem as nuvens cada vez mais espessas, a desenharem sombras e a fazer o rio brilhar como ouro. Jane ia surpreendentemente calada, a olhar através dos vidros e dei comigo a espreitá-la pelo canto do olho. Os cabelos iam bem arrumados atrás das orelhas e a blusa cor-de-rosa que vestia tornava-lhe a pele rosada como a de uma criança de tenra idade. Na mão, brilhava o anel que usava há quase trinta anos, o anel de noivado com um diamante a coroar o fino fio de ouro.

Momentos depois de entrarmos no nosso bairro, parámos o carro no desvio de acesso à casa e Jane animou-se com um sorriso forçado.

- Desculpa por ter vindo tão calada. Acho que estou um bocado cansada.

- Não faz mal. Esta foi uma semana comprida. Transporte a mala dela para dentro de casa e fiquei a vê-la largar a mala de mão na mesa que está junto à porta.

- Apetece-te um copo de vinho? - perguntei.

Jane bocejou e abanou a cabeça. - Não, esta noite não. Se bebesse um copo, acho que ficava logo a dormir. Mas adorava um copo de água.

Fui à cozinha encher dois copos com gelo e água tirada do frigorífico. Bebeu uma grande golada, encostou-se à bancada e descansou um pé nos armários que estavam atrás dela, a sua pose habitual.

- Estes meus pés matam-me. Quase não parámos um minuto em todo o dia. Antes de escolher um, a Anna analisou mais de cem vestidos. E, na realidade, foi a Leslie que o tirou do cabide. Penso que já estava a ficar desesperada, pois a Anna é a pessoa mais indecisa que eu já vi.

- Como é o vestido?

- Oh, tens de a ver dentro dele. É um desses vestidos estilo sereia que, na verdade, lhe dá uma figura achatada. Ainda tem de ser adaptado, mas o Keith vai adorá-lo.

- Aposto que fica muito bonita.

- Isso é verdade.

Pela sua expressão sonhadora, via-se que estava de novo a vê-lo.

- Eu mostrava-to, mas a Anna não quer que o vejas antes do dia do casamento. Quer fazer-te uma surpresa - acrescentou, fazendo uma pausa. - Então, e da tua parte, como é que correu? Apareceu alguém lá pela casa?

- Toda a gente - respondi, descrevendo-lhe com pormenores a forma como decorreu a manhã.

- Espantoso - comentou, a encher de novo o copo. - Quero dizer, considerando que foi tudo decidido à última hora.

Da cozinha, podíamos ver as janelas envidraçadas de correr, que abriam para a varanda. A luz exterior diminuía por causa das nuvens espessas e, leves a princípio, as gotas de chuva começaram a bater contra a janela. O rio parecia cinzento e ameaçador; instantes depois, houve um relâmpago e logo se ouviu o ribombar do trovão, seguido de um dilúvio.

Com a tempestade a dar largas a toda a sua fúria, Jane voltou-se para a janela.

- Sabes se dão chuva para sábado? - perguntou. A pergunta foi feita numa voz surpreendentemente calma; esperava que estivesse mais ansiosa. Pensei na calma que demonstrara durante a viagem para casa e apercebi-me de que não dissera uma palavra sobre a presença de Noah no lago. Ao observá-la, tive a estranha sensação de que o seu humor tinha uma qualquer relação com Anna.

- Não se espera - respondi. - As previsões indicam céu limpo. Supõe-se que esta seja a última chuvada desta fase.

Em silêncio, ficámos a ver a chuva cair. Para além do bater leve da chuva, tudo estava silencioso. Jane olhava a chuvada com ar sonhador e a sombra de um sorriso perpassou-lhe pelos lábios.

- É belo, não é? - perguntou. - Não é lindo ver a chuva a cair? Costumávamos fazer isto em casa dos meus pais, recordas-te? Quando ficávamos sentados no alpendre?

- Recordo-me.

- Era agradável, não era?

- Muito.

- Há muito tempo que não fazíamos isto.

- Não - concordei -, não o temos feito.

Parecia perdida em pensamentos, enquanto eu rezava para que aquela sensação de calma não viesse a dar lugar à habitual tristeza. Mas a sua expressão não mudou e, passado um bom bocado, olhou para mim.

- Hoje aconteceu uma outra coisa - informou, ficando a olhar para o copo.

- Oh?

Levantando o olhar, encontrou o meu. Os olhos dela pareciam brilhar com as lágrimas reprimidas.

- Não poderei ficar sentada junto de ti durante a cerimónia do casamento.

- Não podes?

- Não posso. Terei de estar lá à frente, junto da Anna e do Keith.

- Porquê?

Jane estendeu a mão para o copo. - Porque a Anna pediu-me que fosse sua dama de honor - explicou, com uma ligeira tremura na voz. - Disse que se sentia mais ligada a mim do que a qualquer outra pessoa e que eu fizera tanto por ela e pelo casamento...

Pestanejou rapidamente e fungou um pouco. - Sei que é uma tontaria, mas fiquei tão surpreendida quando ela me pediu que mal consegui responder-lhe. Nunca tal ideia me passara pela cabeça. Foi tão simpática ao fazer o pedido, como se estivesse a esmolar uma coisa realmente importante para ela.

Enxugou as lágrimas e eu senti um aperto na garganta. Pedir ao pai para servir de padrinho era bem típico do Sul, mas era raro que a mãe fosse escolhida para dama de honor.

- Oh, querida murmurei. - Que ideia maravilhosa. Fico tão contente, por ti.

Novo relâmpago seguido de trovão e quase não demos por ele, pois ficámos ambos parados na cozinha, a partilhar a nossa alegria em silêncio, até bastante tempo depois de a tempestade ter passado. Quando a chuva parou por completo, Jane abriu a janela de correr e fomos para a varanda. A água continuava a pingar das goteiras e do corrimão, enquanto ligeiras nuvens de vapor subiam do chão da varanda.

Ao segui-la, senti que as costas e os braços me doíam por causa das tensões a que estivera sujeito. Rodei os ombros na tentativa de me descontraír.

- Já comeste? - perguntou Jane.

- Ainda não. Não queres sair para comermos qualquer coisa? Negou com um movimento de cabeça. - Não. Estou bastante cansada.

- E se mandássemos vir qualquer coisa para celebrarmos? Qualquer coisa ligeira? Algo de... divertido.

- Tal como?

- O que dizes a uma pizza?

Jane pôs as mãos nas ancas. - Não mandamos vir uma pizza desde o dia em que a Leslie se foi embora.

- Eu sei. Mas parece uma boa ideia, não achas?

- É sempre uma boa ideia. O problema é que ficas sempre indisposto.

- Isso é verdade - admiti. - Mas esta noite apetece-me viver perigosamente.

- Não preferes que eu prepare qualquer coisa? Tenho a certeza de que haverá algo que se coma no frigorífico.

- Deixa-te disso. Há anos que não partilhamos uma pizza. Só os dois, quero dizer. Sentamo-nos no sofá, comemos directamente da embalagem, percebes? Como costumávamos fazer. Vai ser giro.

Olhou-me com ar de espanto. - Queres fazer uma coisa... gira. Tratava-se mais de uma afirmação do que de uma pergunta.

- Quero.

- Encomendas tu ou encomendo eu? - acabou por perguntar.

- Deixa isso comigo. O que é que queres que lhe ponham? Ficou uns instantes a pensar. - E se fosse com todos?

- Por que não?

A pizza chegou meia hora depois. Na altura, Jane já tinha mudado de roupa, vestira calças de ganga e uma *T-shirt*, e comemos a pizza como dois estudantes num dormitório universitário. Apesar de antes ter recusado um copo de vinho, Jane partilhou comigo uma cerveja que tirámos do frigorífico.

Enquanto comíamos, deu-me mais pormenores sobre o que fizera durante o dia. A manhã fora passada à procura de vestidos para Leslie e para si própria, apesar dos protestos de Jane que dizia: «Arranjo qualquer coisa simples no Belk». Anna tinha insistido para que Leslie e a mãe escolhessem vestidos de que gostassem e pudessem voltar a usar.

- A Leslie encontrou o mais elegante dos vestidos: à altura do joelho, como um vestido de *cocktail*. Ficava tão bem à Leslie que a Anna também

quis experimentá-lo, só por graça - continuou Jane, soltando um suspiro. - As miúdas transformaram-se em duas belezas.

- Têm os teus genes - expliquei, com o ar mais sério deste mundo.

Jane limitou-se a rir e a fazer um gesto com a mão, com a boca cheia de pizza.

Lá fora, com o andar do serão, o céu mudara para azul-escuro, e as nuvens, iluminadas pelo luar, apresentavam-se debruadas de prata. Quando acabámos, não nos mexemos, ficámos calados, a ouvir o som das campainhas agitadas pela brisa de Verão. Jane descansou a cabeça nas costas do sofá, olhando para mim com os olhos semicerrados, com um ar estranhamente sedutor.

- Foi uma boa ideia. Estava mais esfomeada do que parecia.

- Não comeste assim tanto.

- Neste fim-de-semana tenho de caber dentro do vestido.

- No teu caso, não estaria preocupado - comentei. - continuas tão bonita como no dia em que me casei contigo.

Pelo seu sorriso tenso, verifiquei que as minhas palavras não tinham surtido o efeito desejado. Abruptamente, Jane voltou-se no sofá, de forma a ficar de frente para mim. - Wilson, posso fazer-te uma pergunta?

- Claro.

- Exijo que me digas a verdade.

- De que se trata?

Hesitou um instante. - É sobre o que se passou hoje no lago.

O cisne, pensei de imediato, mas, antes que eu pudesse explicar como Noah me pedira que o levasse até lá, e como ele teria ido quer eu o acompanhasse ou não, ela continuou:

- O que é que tu me quiseste dizer?

Fiquei intrigado, a franzir o sobrolho. - Julgo não ter percebido a pergunta.

- Quando disseste que me amavas e que eras o homem mais feliz do mundo.

Espantado, por momentos limitei-me a olhar para ela. - Queria dizer exactamente aquilo que ouviste - respondi, ainda sem perceber onde ela queria chegar.

- Só isso?

- Sim - disse, incapaz de esconder a minha confusão. - Porquê?

- Estou a tentar descobrir um motivo para me dizeres aquilo - respondeu com naturalidade. - Uma declaração feita assim, de repente, nem parece coisa tua.

- Bem... pareceu-me que eram as palavras apropriadas.

Perante a minha resposta, Jane cerrou os lábios, com uma expressão cada vez mais grave. Olhou para o tecto e pareceu estar a concentrar energias, antes de se virar de novo para mim: - Será que tens uma amante? - indagou.

Pestanejei. - O quê?

- Ouviste o que eu disse.

De repente, apercebi-me de que ela não estava a brincar. Via-se que estava a tentar ler o que me ia na alma, a avaliar a verdade do que eu lhe iria dizer em seguida. Peguei-lhe na mão e coloquei a minha mão livre em cima das duas. Não respondi, olhando-a nos olhos. - Não tenho uma amante. Nunca tive qualquer amante e nunca terei. Mais, nunca tive um tal desejo.

Após uns momentos de minucioso escrutínio, fez um sinal de assentimento. - Está bem!

- Estou a falar a sério - enfatizei.

Sorriu e apertou ligeiramente a minha mão. - Acredito. Não acreditei que tivesses, mas a pergunta tinha de ser feita.

Olhei para ela com espanto. - Como é que tal ideia te pôde alguma vez passar pela cabeça?

- Foi por causa de ti. Pela maneira como tens agido.

- Não compreendo.

Mediu-me francamente com os olhos. - Ora bem, tenta ver as coisas segundo a minha perspectiva. Primeiro, começaste a fazer exercício e a perder peso. Depois, começaste a cozinhar e a fazer-me perguntas acerca de como passava os meus dias. Como se ainda não fosse suficiente, tens-me dado uma ajuda preciosa em toda esta última semana... e, ultimamente, em todas as situações. E agora, começaste a dizer essas coisas amorosas, nada habituais em ti. Comecei por pensar que era apenas uma fase, depois pensei que era por causa do casamento. Mas agora... bem, é como se, de repente, te tivesses transformado noutra pessoa. Quero dizer... andares a pedir desculpa por não passares comigo o tempo suficiente? A dizeres que me amas, assim, sem mais nem menos? A passares horas a ouvires-me falar de compras? Vamos mandar vir uma piza para nos divertirmos? Acho que é formidável, mas só quis ter a certeza de que não estavas a agir assim por te sentires culpado de qualquer coisa. Continuo a não perceber o que está a acontecer contigo.

Neguei com movimentos de cabeça. - Não é uma questão de me sentir culpado. Bem, se exceptuarmos o facto de trabalhar demasiado, é evidente. Sinto-me realmente culpado disso. Mas a forma como tenho estado a agir... é apenas...

Quando me engasguei, Jane inclinou-se para mim, a pressionar:

- Apenas o quê?

- Como te disse na outra noite, não tenho sido o melhor dos maridos e não sei... acho que estou a tentar modificar-me.

- Porquê?

«Porque pretendo que voltes a gostar do teu marido», pensei, mas guardei essas palavras para mim.

Parei, a reflectir antes de responder: - Porque, para mim, tu e os miúdos são as pessoas mais importantes do mundo, sempre foram, e passei demasiado tempo a agir como se não o fossem. Sei que não posso alterar o passado, mas posso mudar o futuro. E eu também posso mudar. E vou mudar.

Olhou-me com os olhos semicerrados. - Queres dizer que vais começar a trabalhar menos?

O tom era amável, mas céptico, e pensar no que me tinha tornado fez-me sentir mal.

- Se, neste momento, me pedires para me reformar, eu reformo-me - respondi.

O brilho sedutor voltou aos olhos dela.

- Estás a ver o que eu pretendo dizer? Nos dias que correm já não és o mesmo.

Apesar de ela estar a picar-me, e de não saber se me acreditava ou não, vi bem que apreciava o que acabara de ouvir.

- Ora bem, agora chegou a minha vez. Posso fazer-te uma pergunta?

- Por que não?

- Como a Anna vai estar em casa dos pais do Keith amanhã à noite, e como a Leslie e o Joseph só chegam na sexta-feira, estava a pensar que amanhã poderíamos organizar um programa especial para nós.

- Em que é que estás a pensar?

- E se... me deixasses pensar melhor, para te fazer uma surpresa? Brindou-me com um sorriso recatado. -- Tu sabes como eu adoro surpresas.

- Sim, é claro que sei. - Vou adorar - concluiu, sem disfarçar o prazer que sentia.

CAPÍTULO CATORZE.

Na manhã de quinta-feira, de mala aviada, cheguei cedo a casa de Noah. Como acontecera no dia anterior, a propriedade já estava atravancada de veículos; o meu amigo Nathan Little acenou-me do outro lado do quintal, a informar-me por gestos de que iria ter comigo dentro de minutos.

Arrumei o carro à sombra e lancei-me de imediato ao trabalho. Usando a escada, acabei de remover as protecções das janelas, de maneira que as agulhetas de limpeza por pressão tivessem acesso a toda a superfície das paredes.

Guardei o resto das pranchas por debaixo da casa. Estava quase a fechar a cave quando chegou uma equipa de limpeza, com cinco elementos, que pôs a casa toda em estado de sítio. Como os pintores já estavam a trabalhar no piso inferior, trouxeram para dentro baldes, esfregões, panos de limpeza, detergentes e, movendo-se com rapidez e eficiência, limparam a cozinha, a escada, as casas de banho, as janelas e os quartos do primeiro andar. As camas foram feitas de novo, com lençóis e cobertores que eu trouxera de casa; entretanto, Nathan tinha colocado flores frescas em todas as divisões da casa.

Passada uma hora, chegou o camião da empresa de aluguer de equipamento e os trabalhadores começaram a descarregar cadeiras brancas de abrir e fechar, colocando-as em filas. Cavaram buracos junto da latada, onde colocaram vasos com glícínias já em flor; as flores de cor púrpura eram passadas pela latada e atadas. Para lá da latada, o ar descuidado antes apresentado pelo roseiral dera lugar a uma mancha de cores.

Apesar do céu limpo previsto pelos serviços de meteorologia, contratei a montagem de uma tenda para proporcionar abrigo do sol do meio-dia. A tenda branca foi posta de pé durante a manhã; logo que ficou completa, foram colocados mais vasos de glícínias no chão, depois à volta dos postes, juntamente com linhas de luzes brancas.

A agulheta de limpeza por pressão limpou a fonte existente no centro do roseiral; pouco depois do almoço, liguei o repuxo e ouvi a água a cair pelos três degraus da fonte, que formavam uma pequena cascata.

O afinador do piano chegou e gastou três horas a afinar o instrumento que não era usado há muito tempo. Quando ele acabou, foi instalado um conjunto de microfones especiais para encaminhar a música, primeiro para o local da cerimónia e depois para a sala do copo-d'água. O sistema de colunas e microfones permitia que o pastor fosse ouvido durante a celebração e asseguravam que a música chegaria a todos os cantos da casa.

As mesas foram espalhadas por toda a sala principal, cada uma com a sua toalha de pano, só ficando livre um espaço destinado à dança, em frente da lareira. Velas novas e centros florais apareceram como por magia, de modo que, quando chegassem, os empregados do restaurante

só tivessem de pôr guardanapos de pano, em forma de cisne, e dar os toques finais nos preparativos.

Também recordei ao pessoal que pretendia uma mesa isolada no alpendre; minutos depois, estava montada.

O toque final foi a colocação de vasos com hibiscos, decorados com luzes brancas e colocados em cada canto da sala.

A azáfama começou a diminuir a meio da tarde. Toda a gente iniciou a tarefa de carregar os carros e camiões, enquanto a equipa do quintal dava os últimos retoques na limpeza. Pela primeira vez, desde o desencadear do projecto, encontrei-me sozinho na casa. Senti-me bem. Se bem que frenético, o trabalho dos últimos dois dias decorrera sem incidentes e, mesmo sem a mobília, o aspecto opulento da casa recordava os dias em que fora habitada.

Ao ver os camiões a entrar na estrada, soube que eram horas de também eu me ir embora. Depois de levarem os vestidos a fazer os últimos ajustamentos durante a manhã, Jane e Anna tinham reservado a tarde para irem arranjar as unhas.

Gostaria de saber se Jane estaria a pensar na saída que lhe prometera. Dada a excitação em que andávamos, não era provável que se lembrasse e, conhecendo-me tão bem, não estaria à espera de uma surpresa digna desse nome, apesar da minha confissão da noite anterior. Ao longo dos anos, procurara com fervor não criar expectativas demasiadas, mas agora tinha esperança de que esse fosse um factor capaz de tornar ainda mais especial o que eu tinha planeado.

Ao olhar para a casa, compreendi que os meses que passara a preparar o nosso aniversário iam ser compensados. Manter Jane na ignorância do que andava a preparar fora relativamente fácil mas agora, quando a noite estava tão perto, apercebi-me de que a maioria das coisas que pretendia para Jane e para mim já tinham acontecido. No início, planeara o meu presente de forma a que ele fosse visto como o sinal para um novo começo, mas agora ele apresentava-se mais como o final de uma jornada que me preencheria mais de um ano.

Com a propriedade finalmente vazia, dei uma última volta antes de me dirigir para o carro. A caminho de casa, fiz um desvio para ir ao supermercado e a outras lojas, reunindo tudo aquilo de que viria a

precisar. Quando cheguei a casa eram quase 17 horas. Para me recompor, fiquei quieto durante uns minutos e depois meti-me debaixo do chuveiro para limpar a sujidade acumulada durante todo o dia.

Sabendo que dispunha de pouco tempo, andei a correr na hora seguinte. Sempre a seguir a lista que tinha preparado no escritório, comecei os preparativos para o serão em que pensara durante meses. Os passos foram dados um por um. Pedira a Anna que me avisasse logo que mãe a deixasse, para me dar uma ideia da altura em que Jane chegaria a casa. Foi o que ela fez, alertando-me para o facto de a mãe ir chegar dentro de quinze minutos. Depois de me ter assegurado que a casa estava perfeita, completei a tarefa, dacti-lografando um bilhete que deixei na porta da frente, pregado de forma que Jane não pudesse deixar de o ver.

«Emenda a casa, minha quenda. A tua surpresa espera-te no interior...»

Feito isto, entrei no carro e afastei-me.

CAPÍTULO QUINZE.

Cerca de três horas mais tarde, olhei por uma das janelas da frente da casa de Noah e vi faróis que se aproximavam. Consultando o relógio, verifiquei que ela ia chegar mesmo na hora.

A ajeitar o casaco, tentei imaginar o estado de espírito de Jane. Apesar de não a ter visto quando ela chegou a nossa casa, tentei adivinhar os passos dela. Teria ficado surpreendida por não ver o meu carro no desvio de acesso à casa? Bem gostaria de saber. Certamente teria notado que eu correra as cortinas antes de sair; talvez tenha ficado uns instantes dentro do carro, admirada ou até intrigada.

Previ que ela tivesse as mãos ocupadas ao sair do carro, talvez com o vestido para o casamento, certamente com os sapatos que tinha comprado durante o dia. Como quer que fosse, ao aproximar-se dos degraus, não deixaria de reparar no bilhete e só posso calcular a expressão de curiosidade que lhe teria perpassado pelo rosto.

Teria reagido às minhas palavras logo que as conseguiu ler, a partir dos degraus? Não o poderia saber. Um sorriso fugaz, talvez? A sua

incerteza não deixaria de aumentar pelo facto de eu não me encontrar em casa.

Que teria pensado depois, ao abrir a porta para encontrar uma sala de estar às escuras, iluminada pela claridade pálida de velas, com a música melancólica de Billie Holiday a tocar na instalação de alta-fidelidade? Quando tempo teria demorado a reparar nas pétalas de rosa espalhadas pelo chão, desde o vestíbulo até à escada, passando pela sala de estar, onde que eu deixara o segundo bilhete colado na balaustrada:

«Minha querida,

Este serão é para ti. Porém, para o gozares por intoro, tem de desempenhar o teu papel. Pensa que estás a palpar num jogo: dar-te um rol de instruções e o teu papel é fazeres tudo como te eu pedir.

A primeira tarefa é simples: fazes o favor de apagares as velas e segues as pétalas até ao quarto. Lá encontrarás novas instruções."

Teria ficado sem fôlego devido à surpresa? Ou soltado uma gargalhada de quem não acredita no que está a acontecer-lhe? Não podia ter a certeza mas, conhecendo Jane, sabia que ela não se recusaria a entrar no jogo. Quando chegasse ao quarto, a sua curiosidade já estaria suficientemente espicaçada.

Dentro do quarto, encontraria velas acesas em todas as superfícies lisas e a música de Chopin a tocar baixinho. Um ramo de trinta rosas em cima da cama; junto do ramo de flores, uma de cada lado, encontraria duas caixas devidamente embrulhadas e com um bilhete em cada uma. No presente da esquerda lia-se: «Abrir agora». No da direita, estava escrito: «Abrir às 20 horas».

Imagino-a a caminhar lentamente na direcção da cama e a levar as flores ao nariz, a apreciar o seu cheiro forte. Quando abrisse o bilhete do lado esquerdo, leria:

«Tiveste um dia cansativo, por isso pensei que gostasses de descansar um pouco antes do nosso encontro desta noite. Abre o presente que acompanha este bilhete e leva o seu conteúdo para a casa de banho. Lá, esperam-te novas instruções."

Se olhasse por cima do ombro, Jane veria mais velas acesas, agora na casa de banho e, ao abrir a prenda encontraria um conjunto de óleos para banho e loções para a pele, além de um novo robe de seda.

Conhecendo a Jane, acho que deve ter-se sentido tentada a abrir o presente do lado direito, aquele que só deveria abrir às 20 horas.

Teria debatido a questão de seguir ou não as instruções? Teria feito deslizar os dedos sobre o papel da embalagem, antes de se retrair? Suspeito que sim mas também sei que, finalmente, se encaminharia para a casa de banho.

No toucador encontraria uma outra nota:

«Depois de um dia atarefado, haverá alguma coisa melhor que um demorado banho quente? Escolhe o óleo de banho que preferires, faz montes de bolhas e enche a banheira de água. Ao lado da banheira, encontrarás uma garrafa do teu vinho preferido, ainda fresca mas já desrolhada. Bebe um copo. A seguir, liberta-te da roupa, entra na banheira, inclina a cabeça para trás e descontraí-te. Quando estiveres pronta para sair da banheira, seca-te com a toalha e usa uma das novas loções que comprei para ti. Não te vistas. Em vez disso, enverga o novo robe e senta-te na cama para abrires o outro presente.»

Na segunda caixa havia um novo vestido de *cocktail* e sapatos pretos, que eu comprara depois de ter calculado os tamanhos apropriados a partir das roupas que estão no guarda-fatos. O bilhete que acompanhava o vestido de noite era simples:

«Estás quase pronta. Por favor, abre a caixa e veste o que comprei para ti. Se assim o desejares, podes pôr os brincos que te dei pelo Natal, na altura em que começámos a namorar. Mas não percas tempo, minha, querida, porque dispões apenas de 45 minutos para fazer tudo o que falta. Apaga todas as velas, despeja a banheira e desliga a alta-fidelidade. As 20h45 desce para a entrada principal. Pecha a porta depois de saíres. Fecha os olhos e fica de costas para a rua. Quando te voltares de novo, abre os olhos, pois estarás pronta para começar o teu serão...» Em frente da casa, à espera dela, estaria a limusina que eu alugara. O motorista, que se apresentava com outro presente, tinha instruções para dizer:

- Mrs. Lewis? Vou levá-la até junto do seu marido. Ele deseja que abra este presente logo que entre no carro. Dentro da caixa, tem qualquer coisa para si.

Na caixa entregue pelo motorista havia um frasco de perfume, acompanhado de uma curta nota:

«Escolhi este perfume especialmente para esta noite. Depois de entrares no carro, põe algum e abre a outra prenda. Encontrarás instruções sobre o que tens a fazer.»

Na segunda caixa, havia um lenço preto, onde estava pregado um bilhete com a seguinte mensagem:

«Vais ser conduzida ao lugar onde estou à tua espera, mas quero fazer-te uma surpresa. Por favor, usa o lenço como uma venda e não te lembres de espreitar. A viagem durará menos de quinze minutos e o motorista só arranca depois de lhe dizeres: "Estou pronta!" Quando o automóvel parar, o motorista abre-te a porta. Mantém os olhos vendados e pede-lhe que te guie para fora do carro.

Estarei à tua espera.»

CAPÍTULO DEZASSEIS.

Respirei fundo ao ver a limusina parar em frente da casa. Ao sair do carro o motorista fez-me sinal de que tudo tinha corrido com normalidade; correspondi com um aceno nervoso.

Durante o último par de horas, tinha oscilado entre a excitação e o terror de saber se Jane teria encontrado todas aquelas coisas... digamos, patéticas. De repente, ao ver o motorista pronto a abrir a porta, senti dificuldade em engolir. Mesmo assim, cruzei os braços e encostei-me contra o corrimão do alpendre, fazendo o possível para parecer descontraído. A Lua brilhava e ouviam-se os sons dos grilos.

O motorista abriu a porta. Uma perna de Jane apareceu primeiro e, quase como se fosse uma cena passada em câmara lenta, ela emergiu do carro, com a venda ainda colocada.

Não conseguia tirar os olhos dela. À luz do luar, notei o ligeiro sorriso que lhe arrepanhava os cantos da boca e ela pareceu-me simultaneamente exótica e elegante. Fiz sinal ao motorista, fazendo-o saber que podia ir-se embora.

Quando o automóvel se afastou, aproximei-me lentamente de Jane, tentando arranjar coragem para falar.

- Estás com um aspecto maravilhoso - murmurei-lhe ao ouvido.

Ela voltou-se para mim, a responder ao cumprimento com um largo sorriso: - Obrigada.

Esperou que eu acrescentasse mais qualquer coisa mas, como não o fiz, mostrou-se pouco à vontade. - Ainda não posso tirar a venda?

Olhei à volta para ter a certeza de que tudo estava como eu queria.

- Podes - sussurrei.

Levou a mão ao lenço que, de imediato, se soltou e caiu. Precisou de uns instantes para se adaptar à luz, começando por concentrar o olhar em mim, depois na casa e de novo em mim. Tal como Jane, eu estava vestido a rigor; o meu *smoking* era novo e feito por medida. Pestanejou, como quem acorda de um sonho.

- Pensei que gostarias de ver o aspecto que isto vai ter no fim-de-semana - desculpei-me.

Rodou a cabeça lentamente para abarcar tudo. Mesmo de longe, a propriedade parecia encantada. Por baixo do céu negro, o branco da tenda brilhava e as luzes do jardim iluminavam os botões de rosa e formavam sombras que pareciam dedos. A água da fonte parecia faiscar com a luz do luar.

- Wilson... que coisa... incrível - tartamudeou. Peguei-lhe na mão. Notei a fragrância do novo perfume que lhe comprara e vi os pequenos diamantes a brilharem-lhe nas orelhas. Um batom escuro acentuava-lhe os lábios generosos.

Enfrentou-me com um olhar cheio de interrogações. - Mas, como? Quero dizer... só dispuseste de uns dois dias.

- Prometi-te que o aspecto seria magnífico - respondi. - Como o Noah disse, não é todos os fins-de-semana que acontece haver um casamento por aqui.

Só então Jane pareceu reparar no meu aspecto, o que a fez recuar um passo.

- Tu vens de *smoking*?

- Comprei-o para o fim-de-semana, mas quis ver como me ficava.

Analisou-me da cabeça aos pés. - Estás com um aspecto... fantástico - admitiu.

- Pareces surpreendida.

- E estou - disse, mas emendou rapidamente: - Isto é, não estou surpreendida por me pareceres tão bem, mas não estava à espera de ter ver assim vestido.

- Vou considerar isso um elogio.

Riu-se. - Anda daí - disse, a puxar-me pela mão. - Quero ver de perto tudo o que fizeste.

Tenho de admitir que a visão era magnífica. Montada entre carvalhos e ciprestes, a tela fina da tenda brilhava com as luzes do jardim e parecia que tinha vida própria. As cadeiras tinham sido colocadas em filas curvas, como uma orquestra, ajustando-se ao feitio do jardim que tinham por detrás. Havia sido colocadas a partir de um ponto central, de onde a latada brilhava com a luz colorida da folhagem.

Jane começou a caminhar lentamente pela coxia. Eu sabia que, mentalmente, estava a ver a multidão de convidados e a imaginar Anna, mais o que esta poderia ver do seu vantajoso ponto de observação, perto da latada. Quando se voltou para me olhar, a sua expressão era um misto de incompreensão e deslumbramento.

- Nunca acreditei que pudesse ter este aspecto.

Pigarreei. - Os homens fizeram um rico trabalho, não foi?

Abanou a cabeça com ar solene: - Não. Não fizeram. Tu fizeste.

Quando chegou ao fim da coxia, Jane libertou-me a mão e aproximou-se da latada. Fiquei onde estava, a vê-la passar a mão pelos contornos e a seguir com o dedo os fios de luz. Desviou o olhar para o jardim.

Pareceu maravilhada: - Era exactamente este o aspecto que tinha antigamente.

Ao vê-la caminhar à volta da latada, dei comigo a observar o vestido que ela usava, a notar a forma perfeita como se adaptava às curvas que eu conhecia tão bem. O que é que ela ainda tinha, que ainda era capaz de me deixar sem fôlego? A sua personalidade?

A nossa vida em comum? Apesar dos anos passados desde o dia em que a conheceu, o efeito que ela provocava em mim não fizera senão aumentar.

Entrámos no roseiral e andámos à volta do coração concêntrico mais exterior; ao prosseguirmos, as luzes da tenda foram-se tornando menos visíveis. A fonte borbulhava com um riacho de montanha. Jane não dizia nada, limitava-se a registar o que a rodeava, olhando uma vez por outra para ver se eu continuava a segui-la. Do outro lado do jardim já só se avistava o tecto da tenda. Jane parou e observou as roseiras, até que finalmente escolheu um botão e o soltou. Tirou-lhe os picos antes de se aproximar de mim e o prender na lapela do meu *smoking*. Depois de o ajeitar até se sentir satisfeita, deu-me uma palmadinha no peito e olhou para mim.

- Fica-te bem uma *boutonnière*.

- Obrigado.

- Já te disse como ficas bonito, assim de fato completo?

- Julgo que usaste a palavra... fantástico. Mas deixo-te a liberdade de dizeres isso quantas vezes quiseres.

Pousou a mão num dos meus braços. - Obrigada pelo que fizeste aqui. A Anna vai ficar absolutamente maravilhada.

- Não tens de quê.

Aproximando-se ainda mais, murmurou: - E obrigada também por esta noite. Aquilo foi... um jogo delicioso, quando cheguei a casa.

No passado, teria aproveitado a oportunidade para a pressionar e para me convencer de que tinha agido bem; hoje, em vez disso, peguei-lhe na mão.

- Há ainda mais qualquer coisa que pretendo que vejas - limitei-me a dizer.

- Não me digas que, ali no celeiro, tens uma carruagem puxada por uma parelha de cavalos brancos - zombou.

Disse que não com a cabeça. - Não é bem isso. Mas se pensas que a ideia é boa, posso tentar fazer qualquer coisa.

Riu-se. Quando se aproximou de mim, senti a tentação do calor do seu corpo. Lançou-me um olhar travesso. - Então, que mais é que tens para me mostrar?

- Uma outra surpresa.

- Não sei se o meu coração vai aguentar este ritmo.

- Anda daí - convidei -, por aqui.

Conduzi-a para fora do jardim, por um caminho de gravilha que seguia na direção da casa. Acima de nós, as estrelas brilhavam num céu sem nuvens e a Lua reflectia-se nas águas do rio, junto às traseiras da casa. As tilândsias davam a ideia de escorrerem dos ramos das árvores, que pareciam membros nodosos a estenderem-se em todas as direcções, como dedos fantasmagóricos. O ar transportava os habituais cheiros a pinheiro e a sal, um odor típico das terras baixas. No silêncio, senti o polegar de Jane a roçar pelo meu.

Ela não parecia sentir a necessidade de nos apressarmos. Caminhávamos com lentidão, atentos aos sons da noite: grilos e cigarras, folhas das árvores agitadas pela brisa, a gravilha a esmagar-se debaixo dos nossos pés.

Ficou a olhar para a casa. Uma imagem sem idade, uma silhueta a destacar-se por entre as árvores, com as colunas brancas do alpendre a darem-lhe um ar quase opulento. O telhado de zinco tinha escurecido com a passagem dos anos, parecia perder-se no céu nocturno e mais acentuava as luzes amareladas das velas que se viam através das janelas.

Ao abrirmos a porta provocámos uma deslocação de ar que fez tremeluzir as chamas das velas. Jane ficou à porta, a olhar para a sala de estar. Do piano, limpo e sem pó, emanava um ligeiro brilho; o soalho de madeira, em frente da lareira, onde Anna iria dançar com Keith, brilhava como novo. As mesas, com os guardanapos brancos dobrados em forma de cisnes e colocados em cima das porcelanas e cristais, pareciam fotografias de publicidade de um restaurante de luxo. Os cálices de prata, colocados em todos os lugares, brilhavam como enfeites de Natal. As mesas colocadas ao longo da parede mais afastada, onde iria ser servido o bufete na festa do fim-de-semana, pareciam desaparecer por entre as flores que alternavam com os rescaldeiros.

- Oh! Wilson... - murmurou.

- No sábado, depois da chegada dos convidados, tudo ficará diferente, mas quis que visses o aspecto geral, sem a multidão.

Soltou-me a mão e andou à volta da sala, a registar o mais pequeno pormenor.

Seguindo o aceno dela, fui à cozinha, abri uma garrafa de vinho e enchi dois copos. Levantando os olhos, vi Jane a apreciar o piano, mostrando-me as suas feições de perfil.

- Quem é o pianista? - perguntou.

Sorri. - Se fosses tu a decidir, quem é que escolherias? Presenteou-me com um olhar de esperança. - O John Peterson? Assenti.

- Mas como? Ele não está a tocar no Chelsea?

Sabes que ele sempre teve um fraquinho por ti e pela Anna.

O Chelsea não abre falência por ficar sem ele uma noite.

Maravilhada, continuou a olhar a sala enquanto se aproximava de mim. - Continuo a não perceber como é que conseguiste fazer tudo isto, tão depressa... Quero dizer, estive aqui há apenas uns dias.

Passai-lhe um copo de vinho. - Então, aprovas?

- Se aprovo? - perguntou ao beber um gole. - Penso que nunca vi a casa com um aspecto tão bonito.

Observei a luz da vela a bruxulear nos olhos dela e perguntei:

- Tens fome?

Pareceu sobressaltar-se. - Para te ser franca, nem sequer pensei nisso. Antes de termos de sair, acho que prefiro apreciar o meu copo de vinho e dar mais uma vista de olhos.

- Não precisamos de ir a parte alguma? A ideia era jantarmos aqui.

- Mas como? Não há nada naqueles armários.

- Espera, para veres - respondi, a olhar por cima do ombro. - Enquanto eu começo, por que não te descontrais e dás uma volta por aí?

Deixando-a, dirigi-me para a cozinha, onde os preparativos para a refeição elaborada que eu planeava já estavam adiantados. O linguado

estufado com marisco que preparara estava pronto para cozinhar, bastava pô-lo no forno e regular a temperatura. Os ingredientes para o molho *bollandaise* tinham sido medidos e preparados; bastava metê-los no tacho. As saladas tinham sido limpas e temperadas.

Eu trabalhava e, de quando em vez, dava uma olhadela, para ver Jane a percorrer a sala lentamente. Embora as mesas fossem todas iguais, parava junto de casa uma, a imaginar quem seria o convidado que ficaria ali sentado. Sempre com ar sonhador, ajustava a posição dos talheres e rodava os vasos de flores, que quase sempre voltava a colocar na posição original. Notava-se nela uma satisfação calma, quase alegre, que achei estranhamente comovedora. No entanto, tenho de confessar que, na altura, comovia-me com quase tudo o que lhe dizia respeito.

Em silêncio, reflectia sobre a sucessão de ocorrências que nos tinham feito chegar àquele ponto. A experiência ensinara-me que até a mais preciosa das recordações se esfuma com a passagem do tempo, mas não queria esquecer um simples momento da última semana que acabávamos de passar juntos. E, como não podia deixar de ser, desejava que Jane também viesse a recordar todos os momentos.

- Jane? - chamei. Encontrava-se fora da minha linha de visão, julguei que estivesse junto do piano.

Apareceu, vinda do canto da sala. Mesmo vista de longe, mostrava uma expressão radiosa. - Cá estou!

- Fazes-me um favor, enquanto acabo o jantar?

- É claro. Precisas de ajuda na cozinha?

- Não. Deixei o avental lá em cima. Importas-te de ir buscá-lo? Está em cima da cama do teu antigo quarto.

- Não me importo nada.

Instantes depois vi-a desaparecer, escada acima. Sabia que não voltaria a descer antes de o jantar estar quase pronto.

Cantarolei ao iniciar a lavagem dos espargos, a imaginar a sua reacção quando descobrisse a outra prenda que a esperava lá em cima.

- Feliz aniversário - murmurei.

Quando a água começou a ferver no fogão, introduzi o linguado no forno e resolvi ir apanhar ar para o alpendre das traseiras, onde o pessoal da empresa de aluguer de equipamento, montara uma mesa para nós os dois. Pensei em abrir o champanhe, mas decidi esperar que Jane descesse. Respirei fundo, a tentar desanuviar a cabeça.

Jane já teria certamente encontrado aquilo que eu tinha deixado para ela em cima da cama. O álbum, cozido à mão e com uma capa decorada, era esquisito, mas a minha esperança é que o conteúdo comovesse verdadeiramente a minha mulher. Fora a prenda que conseguira montar, com a ajuda de muitos, para lhe entregar no dia do nosso trigésimo aniversário de casados. Como todos os presentes que ela recebera esta noite, também este ia acompanhado de uma mensagem. Tratava-se da carta que tentara, sem o conseguir, escrever-lhe anos antes, uma carta do tipo da que Noah me sugerira e que eu, na altura, me sentira incapaz de escrever, mas as ocorrências do último ano, e especialmente as da última semana, emprestavam às minhas palavras uma graça que normalmente não teriam.

Quando acabei de a escrever, li-a uma vez, mas não deixei de fazer uma segunda leitura. E continuava a ter todas aquelas palavras na mente, tão nítidas como as das folhas que Jane estaria a ler naquele momento.

«Minha querida,

A noite vai adiantada, estou sentado à secretária, numa casa em silêncio, se exceptuarmos o tiquetaque do relógio do avô. Estás a dormir no quarto do primeiro andar e, embora anseie pelo calor do teu corpo de encontro ao meu, algo me obriga a escrever-te esta carta, mesmo que não saiba muito bem por onde começar. Também, percebo agora, não sei exactamente o que devo dizer, mas não posso deixar de concluir que, depois de todos estes anos, é algo que tenho de fazer, não só por ti mas também por mim. Passados trinta anos, é o mínimo que posso fazer.

Passou assim tanto tempo? Apesar de saber que sim, só de pensar nisso fico admirado. Afinal, muitas coisas nunca mudaram. Por exemplo: de manhã os meus primeiros pensamentos vão, como sempre foram, para ti. Por vezes, limito-me a deitar-me de lado e fico a observar-te, a ver como o teu cabelo se espalha pela almofada, o braço que colocas sobre a cabeça, o suave subir e descer do teu peito. Outras vezes, quando estás a sonhar, chego-me mais para ti na esperança de que assim me seja, sem eu saber porquê, permitido entrar nos teus sonhos. Afinal, sempre senti o mesmo por ti. Ao longo do tempo que dura o nosso casamento o

meu sonho tens sido tu e nunca me esquecerei de quanto tenho sido feliz depois daquele primeiro dia em que caminhámos juntos, à chuva.

Penso muitas vezes nesse dia. É uma imagem que nunca me abandonou e, sempre que o relâmpago ilumina o céu, dou comigo a experimentar uma sensação déjà-vu. Parece-me, nesses momentos, que estamos a recomeçar tudo de novo, parece-me sentir o pulsar do meu coração jovem, um jovem que subitamente anteviu o futuro e deixou de ser capaz de imaginar a vida sem ti.

Experimento esta mesma sensação com quase todas as recordações que consigo rever. Se penso no Natal, vejo-te sentada debaixo da árvore, feliz, a entregares os presentes aos nossos filhos. Quando penso em noites de Verão, sinto a pressão da tua mão contra a minha ao passearmos à luz das estrelas. Mesmo no escritório, é frequente dar comigo a olhar para o relógio e a imaginar o que poderás estar a fazer naquele preciso momento. Coisas simples: posso imaginar uma mancha de terra na tua cara se estiveres a trabalhar no jardim, ou como ficas ao encostares-te à bancada da cozinha, ou a passares a mão pelos cabelos enquanto conversas pelo telefone. Julgo que estou a tentar dizer-te que estás presente em tudo aquilo que eu sou, em tudo aquilo que fiz e que, olhando para trás, reconheço que deveria ter-te dito quão importante para mim sempre foste.

Peço desculpa por isso e por todas as situações em que te desiludi. Gostaria de poder alterar o passado, mas ambos sabemos que tal não é possível. Acabei por chegar à conclusão de que, sendo o passado inalterável, as maneiras como o percebemos são maleáveis. É aqui que entra o álbum.

Vais encontrar nele muitas, muitas, fotografias. Algumas são cópias obtidas nos nossos próprios álbuns, mas essas não são a maioria. Pedi aos nossos amigos e à família que me emprestassem quaisquer fotografias em que estivéssemos juntos e, durante o ano que passou, fui recebendo fotografias enviadas de vários cantos do país. Encontrarás uma fotografia que a Kate nos tirou no baptizado da Leslie, outra tirada por Joshua Tundle num piquenique da empresa realizado há um quarto de século. Noah contribuiu com uma fotografia que nos tirou num chuvoso Dia de Acção de Graças, quando estavas grávida do Joseph e, se olhares com cuidado, é possível que reconheças o lugar em que primeiro me apercebi de que estava apaixonado por ti. A Anna, a Leslie e o Joseph também contribuíram.

Com cada fotografia que me chegou às mãos, tentei recordar o momento em que foi tirada. A princípio, a minha memória parecia-se com o instantâneo, que é uma imagem breve e contida, mas descobri que, se fechasse os olhos e me concentrasse, o tempo começaria a rodar para trás. E recordei aquilo que, em cada momento, eu estivera a pensar.

Esta é, portanto, a outra parte do álbum. Na pasta oposta a cada fotografia escrevi tudo o que recordo acerca desses momentos ou, para ser mais específico, aquilo de que recordo em relação a ti.

O título que pus a este álbum é: Tudo O Que Eu Deveria Ter Dito.

Certo dia, nas escadarias do tribunal, pronunciei um voto e, como teu marido durante trinta anos, chegou a altura de fazer outro: A partir deste momento vou ser o homem que sempre deveria ter sido. Vou ser um marido mais romântico e tornar a nossa vida o melhor possível durante os anos que ainda tivermos para viver juntos. E em cada um desses preciosos momentos, espero conseguir dizer ou fazer qualquer coisa que te faça compreender que eu nunca poderia ter estimado outra mulher tanto quanto te estimei a ti.

Com todo o meu amor,

Wilson»

Levantei os olhos ao ouvir os passos de Jane. Estava no cimo da escada, com as luzes do corredor de onde tinha vindo a obscurecerem-lhe as feições. Apoiou-se no corrimão e começou a descer.

As luzes das velas iluminaram-na por fases: primeiro as pernas, depois a cintura e finalmente o rosto. Parando a meio do caminho, olhou-me nos olhos e, mesmo de longe, percebi que chorava.

- Feliz aniversário - saudei, com a minha voz a fazer eco pela sala. Continuando de olhos pregados em mim, Jane acabou de descer a escada. Com um sorriso gentil, atravessou a sala na minha direcção e, de súbito, eu soube exactamente o que tinha de fazer.

Abri os braços e apertei-a contra mim. O seu corpo era quente e macio, a face húmida encostava-se à minha. E ali de pé, em casa de Noah, dois dias antes do trigésimo aniversário do nosso casamento, abracei-a, desejando de todo o coração que o tempo parasse, então e para sempre.

Ficámos abraçados durante muito tempo, até que Jane acabou por se inclinar para trás. Com os braços à minha volta, levantou os olhos para mim. Naquela luz fraca, mostrava as faces húmidas e brilhantes.

Só murmurou: - Obrigada.

Apertei-a ligeiramente. - Anda daí. Há uma coisa que quero mostrar-te.

Conduzi-a através da sala de estar, para as traseiras da casa. Abri a porta dos fundos e desembocámos no alpendre.

Mesmo com o luar, conseguia descobrir a Via Láctea por cima de nós, uma espécie de jacto de jóias; Vénus já se erguera, para o lado do Sul. A temperatura descera ligeiramente e a brisa trouxe-me às narinas o odor do perfume de Jane.

- Pensei que poderíamos comer aqui. E de qualquer das maneiras não queria desfazer o arranjo de nenhuma das mesas lá de dentro.

Deu-me o braço e analisou a mesa que tínhamos diante de nós.

- Wilson, está uma maravilha.

Afastei-me com alguma relutância para acender as velas e pegar na garrafa de champanhe.

- Apetece-te um copo?

A princípio, não tive a certeza de que me ouvira. Estava a olhar para longe, para além do rio, com o vestido ligeiramente agitado pela brisa.

- Adorava.

Tirei a garrafa, do balde com gelo, aguentei a pressão da rolha e torci. Abriu-se com um estouro. Depois de encher duas taças, esperei que as borbulhas se estabilizassem e levei-as. Jane seguiu junto a mim.

- Há quanto tempo é que andas a planear isto? - perguntou.

- Desde o ano passado. Era o mínimo que poderia fazer depois de me esquecer do último aniversário.

Abanou a cabeça e obrigou-me a virar a cara na direcção dela.

- Nunca conseguiria sonhar nada de melhor do que o que preparaste para esta noite - começou. Hesitou. - Quero dizer, quando encontrei o álbum e a carta e todas aquelas passagens que escreveste... bem, foi a coisa mais notável que alguma vez fizeste por mim.

Comecei a resmungar umas coisas, que era o mínimo que podia fazer, mas Jane interrompeu-me.

- Não digo isto por acaso - continuou, calmamente. - Nem consigo exprimir por palavras tudo o que representou para mim.

Então, com um sorriso tímido, apontou-me para a lapela:

- Ficas terrivelmente bonito dentro desse *smoking*, meu vadio.

Ri-me por dentro, sentindo uma ligeira acalmia da tensão, pus a mão em cima da dela e apertei. - A propósito, odeio informar que tenho de te deixar...

- Mas?

- Mas tenho de ir ver como está o jantar.

Fez um gesto de assentimento, a parecer sensual, a parecer bonita. - Precisas de ajuda?

- Não. Está quase pronto.

- Nesse caso, não te importas que fique cá fora?

- Não me importo nada.

Na cozinha, vi os espargos já cozidos mas frios; tive de os pôr a aquecer. A *hollandaise* tinha coalhado um pouco, mas pareceu-me bem depois de a agitar. Só então pensei no linguado e abri o forno com a ajuda de um garfo. Só precisava de mais uns dois minutos.

O posto que sintonizei no rádio da cozinha estava a transmitir música da era das grandes bandas e estava a preparar-me para rodar o botão quando ouvi Jane atrás de mim: - Deixa ficar!

Levantei os olhos. - Pensei que estavas a apreciar a noite.

- Pois estava, mas não é a mesma coisa sem ti - respondeu. Encostou-se à bancada e ficou na pose habitual. - Também fizeste algum pedido para que hoje tocassem música desta? - zombou.

- Este programa está no ar há mais de duas horas. Julgo que é o tema especial desta noite.

- Não há dúvida de que evoca recordações - disse ela. - O papá costumava estar sempre a ouvir música das grandes bandas continuou, a passar a mão lentamente pelo cabelo, perdida em reminiscências. - Sabias que ele e a mamã costumavam dançar na cozinha? Tão depressa estavam a lavar pratos como, no minuto seguinte, estavam nos braços um do outro, a dançar ao som da música. Da primeira vez que os vi, devia ter à volta de seis anos e não me impressionei muito. Quando cresci um pouco,

costumava rir-me do espectáculo, juntamente com a Kate. Apontávamos e zombávamos, mas eles limitavam-se a rir e continuavam a dançar, como se fossem os dois únicos habitantes do planeta.

- Não sabia disso.

- A última vez que os vi assim foi cerca de uma semana antes de se mudarem para Creekside. Resolvera vir cá, para ver como eles estavam. Enquanto arrumava o carro avistei-os pela janela da cozinha e não consegui evitar o choro. Sabia que era a última vez que os veria fazerem aquilo, ali na cozinha, e pareceu que o meu coração rebentava - recordou, perdida em pensamentos. Mas, logo a seguir, abanou a cabeça. - Desculpa. Uma ideia excelente para estragar a festa, não foi?

- Não faz mal. Eles são parte das nossas vidas, estamos na sua casa. Para te ser franco, ficaria chocado se não te lembrasses dos teus pais. Além disso, essa é uma maneira fantástica de os recordares.

Por instantes, pareceu ponderar as minhas palavras. No silêncio que se seguiu, retirei o linguado do forno e coloquei-o em cima do fogão. , Ouvi-a interpelar-me em voz baixa: - Wilson?

Voltei-me.

- Quando na tua carta dizias que, a partir de agora, ias tentar ser mais romântico, querias realmente dizer isso?

- Queria.

- Isso significa que poderei esperar mais noites como esta?

- Se é isso que queres.

Pôs um dedo no queixo. - Porém, vai ser mais difícil surpreenderes-me. Tens de congeminar novas ideias.

- Não julgo que vá ser tão difícil como dizes.

- Não?

- Se tivesse de ser, é provável que descobrisse qualquer coisa, neste preciso momento.

- Tal como?

Encontrei o seu olhar de apreciadora e, de repente, decidi que não podia falhar. Depois de uma breve hesitação, estendi a mão para apagar o fogão e desviei o tacho dos espargos para um lado. Sempre seguido pelo olhar atento da Jane. Ajustei o *smoking*, antes de atravessar a cozinha e lhe estender a mão.

- Não te apetece dançar?

Jane corou ao agarrar-me a mão, colocando o outro braço a rodear-me as costas. Atraindo-a com firmeza, senti-lhe o corpo a fazer pressão contra o meu. Com a música a inundar o espaço à nossa volta, começámos e deslizar em pequenos círculos. Cheirava o champô de lavanda que ela tinha usado e sentia as suas pernas coladas às minhas.

- És muito bonita - murmurei, e Jane correspondeu fazendo o polegar deslizar pelas costas da minha mão.

Quando a música parou, continuámos agarrados, à espera da seguinte, para recomeçarmos a dançar com lentidão, com subtis movimentos inebriantes. Jane deu um passo atrás, para me olhar com um sorriso terno e levar a mão à minha face. O toque dela era suave e, como quem volta a descobrir um velho hábito, inclinei-me para ela, com as nossas faces cada vez mais próximas.

O seu beijo foi quase de cortar a respiração e pusemos nele tudo o que sentíamos, tudo o que desejávamos. Envolvi-a nos braços e beijei-a de novo, sentindo o desejo dela e o meu. Mergulhei a cara na sua mão e Jane gemeu suavemente, um som simultaneamente familiar e electrizante, novo e velho, um milagre como deviam ser todos os milagres.

Sem uma palavra, afastei-me e fiquei a olhar para ela, antes de a conduzir para fora da cozinha. Senti o polegar dela a correr pelas costas da minha mão enquanto caminhávamos por entre as mesas, apagando uma vela a seguir a outra.

Naquela escuridão benfazeja, conduzi-a pela escada acima. No seu velho quarto, o luar jorrava pela janela e ficámos abraçados, banhados de luz leitosa e de sombras. Beijámo-nos, uma vez e outra, e Jane fez deslizar as pontas dos dedos pelo meu peito, ao mesmo tempo que eu levei a mão ao fecho de correr do vestido dela. Ouvi-a suspirar docemente quando o vestido começou a abrir-se.

Passei-lhe os lábios pela face e pelo pescoço, provei-lhe a curva do ombro. Jane agarrou o meu casaco, que escorregou para o chão, juntamente com o vestido que ela usava. Quando nos deixámos cair na cama, a sua pele estava bem quente debaixo dos meus dedos.

Fizemos amor com lentidão e ternura, a paixão que sentíamos um pelo outro a ser uma redescoberta estonteante, que quase atormentava pela novidade. Queria que aquele momento durasse para sempre e beijei-a repetidamente, ao mesmo tempo que lhe murmurava palavras de amor. Depois, exaustos, deixámo-nos ficar nos braços um do outro. Passei-lhe as pontas dos dedos pela pele quando ela adormeceu, a tentar reter aquele momento de perfeição absoluta.

Pouco depois da meia-noite, Jane acordou e deu comigo a observá-la. Na escuridão, apenas podia adivinhar a sua expressão travessa, como que simultaneamente escandalizada e incensada pelo que acabara de acontecer.

- Jane?

- O que é?

- Quero que me digas uma coisa. Sorriui de contentamento, ficou à espera.

Hesitei, antes de respirar fundo. - Se tivesses de fazer tudo de novo, e sabendo o que iria passar-se entre nós, voltavas a casar comigo?

Ficou calada durante um bom bocado, pensando cuidadosamente na questão. Depois, batendo-me no peito, olhou para cima, com uma expressão suave, e limitou-se a dizer:

- Sim, voltava.

Aquelas eram as palavras que eu mais desejava ouvir e puxei-a para mim. Beijei-lhe o cabelo e o pescoço, desejando que aquele momento não acabasse mais.

- Amo-te mais do que alguma vez saberás - informei. Beijou-me o peito, dizendo: - Eu sei. Também te amo.

CAPÍTULO DEZASSETE.

Quando a luz da manhã começava a infiltrar-se pela janela, acordámos nos braços um do outro e, antes de nos apartarmos e de nos prepararmos para o longo dia que tínhamos pela frente, fizemos amor uma vez mais.

Depois do pequeno-almoço, demos uma volta pela casa, deixando tudo preparado para o casamento a realizar no sábado. As velas das mesas foram substituídas, a mesa do alpendre foi limpa e guardada no celeiro e, com uma ponta de desilusão, o jantar que eu preparara foi deitado para o lixo.

Quando ficámos satisfeitos com o aspecto do lugar, dirigimo-nos para nossa casa. Leslie era esperada por volta das 16 horas e Joseph, que entretanto conseguira um voo mais cedo, devia chegar por volta das 17. No gravador de chamadas havia uma mensagem de Anna, a informar que ia, juntamente com Keith, fazer uns preparativos de última hora: para além de ter a certeza de que o vestido estava pronto, queria assegurar-se que nenhum dos contratados teria desistido à última hora. Também prometia ir buscar o vestido da mãe e levá-lo para nossa casa, onde nessa noite levaria Keith a jantar.

Na cozinha, Jane e eu metemos os ingredientes necessários para um guisado de carne no tacho de barro, onde ficaria a cozer em lume brando durante o resto da tarde. Assim ocupados, íamos discutindo os arranjos logísticos para o casamento mas, uma vez por outra, o sorriso secreto de Jane dizia-me que ela estava a recordar a noite anterior.

Sabendo que teríamos mais que fazer no decorrer do dia, resolvemos ir almoçar pacatamente na baixa. Comprámos umas sanduíches no restaurante de Pollock Street e fomos a pé até à igreja episcopal, onde as comemos à sombra das magnolias que cobrem o adro.

Depois do almoço, fomos de mãos dadas até Union Point, de onde se avista o rio Neuse. As ondas eram mansas e o rio estava cheio de barcos de todos os tipos, com os miúdos a gozarem os últimos dias de Verão, antes de voltarem para a escola. Pela primeira vez naquela semana, Jane parecia completamente descontraída; quando lhe pus um braço por cima dos ombros tive a estranha sensação de que éramos um casal que só agora tinha começado a sair. Era o melhor dia que passávamos juntos desde há

muitos anos e gozei a sensação até regressarmos a casa e ouvirmos a mensagem registada no gravador.

Era Kate, a dar notícias de Noah.

- É melhor que venham até cá - dizia. - Não sei o que hei-de fazer.

Quando chegámos a Creekside, encontrámos Kate no corredor.

- Não quer falar do que sucedeu - informou com voz angustiada. - A única coisa que faz é olhar para o lago. Quando tentei falar com ele, mandou-me calar, disse que, como eu não acreditava, também não conseguiria compreender. Está sempre a dizer que pretende que o deixem sozinho, até que finalmente me mandou sair do quarto.

- Mas fisicamente, está bem? - perguntou Jane.

- Julgo que sim. Recusou o almoço, pareceu zangar-se com a ideia, mas, para além disso, parece-me bem. Acho que está muito deprimido. Da última vez que espirei para dentro do quarto acabou por me gritar que o deixasse em paz.

Olhei para a porta fechada. Conhecia-o há muitos anos e não me lembrava de o ter ouvido levantar a voz.

Com os nervos, Kate não deixava de torcer o lenço de seda. Recusou-se a falar com o Jeff ou com o David; saíram daqui há alguns minutos. Penso que iam um bocado magoados pela maneira como ele os tratou.

- E também não quer falar comigo? - perguntou Jane.

- Não - respondeu Kate, com um encolher de ombros desconsolado. - Como eu dizia na mensagem, não sei se ele querará falar com quem quer que seja. Tu és a única pessoa com quem talvez queira falar - concluiu, a olhar-me com cepticismo.

Acenei que sim. Apesar de preocupado com a hipótese de Jane não gostar, como aconteceu quando Noah esteve internado e pediu que fosse eu a ir vê-lo; ela, porém, olhou para mim e apoiou a ideia com um ligeiro aperto na minha mão.

- Acho melhor ires ver como é que ele está.

- Também acho.

- Fico aqui à espera, com a Kate. Vê se consegues fazê-lo comer qualquer coisa.

- Fica descansada.

Procurei a porta de Noah, bati duas vezes e abri uma fresta.

- Noah! Sou eu, o Wilson. Posso entrar?

Sentado na cadeira, junto da janela, não me respondeu. Aguardei um instante e entrei. Na cama vi a bandeja com o almoço que ele não comera e, depois de fechar a porta, juntei as mãos.

- A Kate e a Jane pensaram que talvez quisesse falar comigo. Vi que os ombros se lhe levantavam ao inspirar profundamente, para baixarem logo de seguida. Sentado na cadeira de balouço, com o cabelo branco a espalhar-se por cima da gola do casaco de malha, era uma figura minúscula.

- Ainda estão lá fora?

A voz era doce e mal consegui ouvi-lo.

- Estão.

Não disse mais nada. Em silêncio, atravessei o quarto e sentei-me na cama. Percebi as rugas aprofundadas pela tensão, embora ele se recusasse a olhar para mim.

- Gostaria de saber o que aconteceu - aventei, com cautela. Deixou cair o queixo e voltou a erguer a cabeça. Sem deixar de olhar lá para fora.

- Foi-se embora - acabou por dizer. - Esta manhã, quando lá cheguei, não estava lá.

Percebi rapidamente ao que ele estava a referir-se.

- Podia estar noutra parte do lago. Talvez não soubesse que fora visitá-la - sugeri.

Respondeu-me com uma voz átona, sem mostrar qualquer emoção. - Foi-se embora. Soube isso logo que acordei. Não me perguntes como, mas soube, senti que se fora embora e, quando comecei a caminhar na direcção do lago, a sensação foi-se tornando cada vez mais forte. Porém, não quis acreditar e chamei-a durante uma hora. Mas ela nunca apareceu - contou.

A sorrir, levantou-se da cadeira, embora continuasse a olhar pela janela. - Finalmente, acabei por desistir.

Para lá da janela, o lago brilhava ao sol. - Quer lá voltar para ver se ela já lá está?

- Não está.

- Como é que sabe?

- Porque sei - ripostou. - Da mesma maneira que, logo pela manhã, soube que ela tinha partido.

Ainda abri a boca para lhe responder, mas resolvi ficar calado. Não valia a pena discutir a questão. Noah já formara a sua opinião. Além disso, uma voz interior parecia dizer-me que ele tinha razão.

- Ela vai voltar - disse eu, a tentar parecer convincente.

- Talvez - respondeu. - Ou talvez não volte. Não podemos decidir o sim ou o não.

- Vai sentir demasiado a sua falta, não vai conseguir manter-se longe daqui.

Negou com acenos de cabeça, depois de dar uma palmada com a mão saudável no braço da cadeira.

- Gostaria que eles conseguissem entender.

- Quem?

- Os meus filhos. As enfermeiras. Até o Dr. Barnwell.

- Está a referir-se à ideia de que o cisne é a Allie?

Olhou para mim pela primeira vez. - Não. Estou a referir-me à ideia de eu ser o Noah. A ideia de que sou o mesmo homem que sempre fui.

Não sabia o que ele estava a querer dizer-me, mas conhecia-o suficientemente bem para permanecer em silêncio enquanto esperava que se explicasse.

- Devias tê-los visto hoje. Todos eles. Em que é que pode interessar-lhes o facto de eu não querer falar do assunto? De uma maneira ou de outra, ninguém me acredita e não estou com disposição para os convencer de que sei daquilo que estou a falar. Iam pôr-se para aí a

argumentar comigo, como nunca deixam de fazer. E então, quando viram que não comi o almoço? Ora bem, pensarias que eu tinha tentado atirar-me da janela abaixo. Estou aborrecido e tenho todo o direito de estar aborrecido. Quando me aborreço, não como. Sempre fui assim, em toda a minha vida, mas agora eles agem como se as minhas capacidades mentais tivessem descido mais um degrau. Kate esteve aí, a tentar meter-me a comida na boca, a fingir que nada acontecera. Consegues acreditar numa coisa destas? E quando apareceram o Jeff e o David, e tentaram explicar a situação com o argumento de que o cisne talvez se fosse embora à procura de comida, ignorando totalmente o facto de eu o alimentar duas vezes por dia. Nenhum deles parece preocupado em saber o que lhe terá acontecido.

Enquanto lutava para conseguir entender o que estava a passar-se, ocorreu-me, de súbito, que a raiva repentina de Noah tinha causas mais profundas do que a maneira como os filhos tinham reagido.

- O que é que o preocupa verdadeiramente? - inquiri com voz suave.
- O facto de terem reagido como se fosse apenas um cisne? - continuei, antes de fazer uma pausa. - Sempre pensaram assim, como muito bem sabe. E nunca deixou que isso o incomodasse.

- Eles não se preocupam.

Reagi. - Se há algo a dizer, então digamos que se preocupam demasiado.

Teimoso, virou-me as costas.

- Só gostava de entender. Por que é que tinha de se ir embora? - voltou a perguntar a si mesmo.

Ao ouvi-lo dizer aquilo, subitamente fez-se luz na minha cabeça: Noah não estava zangado com os filhos. Nem estava apenas a reagir perante o facto de o cisne ter desaparecido. Não, tratava-se de algo mais profundo, de algo que não tinha a certeza de ele alguma vez vir a admitir, mesmo para si próprio.

Em vez de o pressionar, não disse nada, ficámos sentados em silêncio. Enquanto esperava, observei a agitação com que afagava a coxa.

- Como é que correram as coisas com a Jane, ontem à noite? - indagou passados momentos, a propósito de nada.

Ao ouvir aquelas palavras, e a despeito de tudo o que tínhamos estado a discutir, de repente, vi mentalmente a imagem dele a dançar com Allie em plena cozinha.

- Melhor do que seria de esperar.

- Ela gostou do álbum?

- Adorou.

- Ótimo! - exclamou. Sorriu, pela primeira vez desde a minha chegada; mas o sorriso desapareceu com a rapidez com que tinha surgido.

- Tenho a certeza de que ela quer falar consigo. E a Kate também continua lá fora, à espera.

- Eu sei - respondeu, parecendo derrotado. - Podem entrar.

- De certeza?

Quando ele assentiu, estendi o braço e pus-lhe a mão num joelho. - E vai portar-se bem?

- Vou.

- Quer que as avise para não mencionarem o cisne? Ponderou a minha proposta por instantes, mas acabou por acenar que não com a cabeça. - Não tem importância.

- É preciso pedir-lhe que não seja muito duro com elas? Olhou-me com uma expressão de profundo sofrimento. - Não estou com disposição para brincadeiras, mas prometo que não torno a gritar. E não estejas preocupado: não farei nada que possa deixar Jane perturbada. Não quero que se preocupe comigo, quando devia estar a pensar no dia de amanhã.

Levantei-me da cama e pus-lhe a mão no ombro, antes de me voltar para sair.

Sabia que Noah estava zangado com ele mesmo. Tinha passado os últimos quatro anos a crer que o cisne era a mulher, Allie; sentira necessidade de crer que ela encontrara uma forma de regressar para junto dele, mas o desaparecimento súbito da ave abalara profundamente a sua fé.

Ao sair do quarto, quase o ouvia perguntar: - *E se os miúdos tivessem tido razão durante todo este tempo?*

Chegado ao corredor, guardei aquela informação para mim. No entanto, sugeri que deixassem o pai falar e que reagissem o mais naturalmente possível perante o que ele dissesse.

Kate e Jane concordaram e a minha mulher seguiu à frente quando entrámos no quarto. Noah olhou-nos. As duas filhas pararam, à espera de serem convidadas a avançar, sem saberem o que as esperava.

- Viva, papá - cumprimentou Jane.

Ele forçou um sorriso: - Olá, minha querida.

- Está bom?

Olhou para Jane e para mim, e depois para o almoço, já escurecido, que estava na bandeja deixada em cima da cama. - Estou a sentir alguma fome mas, para além disso, sinto-me óptimo. Kate, importas-te...

- Não me importo nada, papá - disse a filha, dando um passo em frente. - Vou buscar qualquer coisa. Que me diz a uma sopa? Ou prefere uma sanduíche de fiambre?

Noha concordou com um aceno de cabeça. - A sandes parece-me bem. E talvez uma caneca de chá frio.

Kate decidiu-se a ir de imediato. - Vou lá abaixo buscá-la. Não quer também uma fatia de bolo? Ouvi dizer que foi feito hoje.

- Claro - respondeu Noah. - Obrigado. Oh!, peço desculpa pela maneira como te tratei. Estava zangado e não havia necessidade de te aborrecer.

Kate respondeu-lhe com um breve sorriso. - Não faz mal, papá.

Olhou-me com alívio, embora continuasse visivelmente preocupada. Logo que ela deixou a sala, Noah apontou para a cama.

- Venham cá - convidou com voz calma. - Ponham-se à vontade.

Ao atravessar o quarto, observei Noah, tentando perceber o que estava a passar-se. De certo modo, suspeitei que ele despachara a Kate para poder falar só comigo e com a Jane.

Jane sentou-se na cama. Quando me aproximei, ela pegou-me na mão. - Papá, lamento o que se passou com o cisne.

- Obrigado - respondeu o pai. Pela sua expressão, bem vi que ele não diria mais nada acerca do assunto. Em vez disso, disse:

- O Wilson esteve a falar-me da casa. Ouvi dizer que está um espanto.

A expressão de Jane suavizou-se. - Papá, é como um conto de fadas. Está ainda mais bonita do que no dia do casamento da Kate - informou, fazendo uma pausa. - Estivemos a pensar que Wilson devia passar por aqui, para o apanhar, por volta das cinco da tarde. Sei que é muito cedo, mas assim teremos a oportunidade de passar algum tempo na casa. O papá já não vai lá há algum tempo.

- Bem pensado - concordou. - Será bom voltar a ver o velho quintal.

Desviou os olhos de Jane para mim e voltou a dirigir o olhar para a filha. Pareceu notar, pela primeira vez, que estávamos de mãos dadas, e sorriu.

- Tenho uma coisa para os dois - anunciou. - E, se não se importam, gostaria de vo-la dar antes do regresso de Kate. Ela poderia não compreender.

- O que é? - perguntou Jane.

- Ajuda-me a levantar, se fazes favor. Está na secretária e, depois de estar algum tempo sentado, sinto dificuldade em me levantar.

Levantei-me e amparei-o por um braço. Pôs-se de pé e atravessou o quarto com passos pouco seguros. Depois de abrir a gaveta, pegou num presente embrulhado e regressou à cadeira. A caminhada pareceu cansá-lo, mas sorriu ao voltar a sentar-se.

- Ontem, pedi a uma enfermeira que o embrulhasse - informou, e entregou-nos um pacote.

Era pequeno e rectangular, embrulhado em papel encarnado mas, logo que ele o mostrou, soube o que lá estava dentro. Jane também pareceu saber, pois nenhum de nós lhe deitou a mão.

- Por favor - pediu Noah.

Jane hesitou mas acabou por aceitar o presente. Passou a mão pelo papel e depois levantou os olhos.

- Mas... papá... - balbuciou, sem conseguir continuar.

- Abre - insistiu Noah.

Jane arrancou a fita e abriu a folha de papel de embrulho; sem nenhuma caixa, reconhecemos de imediato o livro muito usado. Como reconhecemos o pequeno buraco de bala que se via no canto direito, uma bala que lhe vinha destinada, no tempo da Segunda Guerra Mundial. Tratava-se de *Leaves of Grass*, de Walt Whitman, o livro que eu lhe trouxera para o hospital, pois não podia imaginar o meu sogro sem a companhia daquele livro.

- Feliz aniversário - saudou.

Jane segurou o livro como se receasse que ele se partisse. Olhou para mim e novamente para o pai. - Não podemos aceitar disse em voz baixa, que soava tão abafada como eu me sentia.

- Ai isso é que podes - atalhou Noah.

- Mas... porquê?

Olhou para nós. - Sabes que eu o lia todos os dias enquanto estive à espera da tua mãe? Depois de ela ter partido quando éramos crianças? De certo modo, era como se estivesse a ler poesia para ela. E mais tarde, depois de sermos casados, costumávamos lê-lo no alpendre, exactamente como eu imaginara que faríamos. Ao longo dos anos, devemos ter lido cada poema umas mil vezes. Havia alturas em que estava a ler e olhava por cima do livro, vendo que a tua mãe mexia os lábios como se também estivesse a ler. Chegou a ser capaz de recitar todos os poemas de cor.

Voltou a desviar o olhar para a janela e, de repente, reconheci que ele estava outra vez a pensar no cisne.

- Já não consigo ler - continuou Noah. - Já não consigo distinguir as palavras, mas fico perturbado quando penso que ninguém voltará a ler este livro. Não pretendo que seja uma relíquia, um objecto que se põe na estante como uma espécie de recordação da Allie e de mim. Sei que não tens por Whitman a mesma paixão que eu mas, de todos os meus filhos, vocês foram os únicos que o leram de uma ponta à outra. E, quem sabe, talvez ainda o leiam outra vez.

Jane baixou os olhos para o livro e prometeu: - Eu leio-o.

- Também eu - acrescentei.

- Eu sei - disse Noah, olhando para um de nós e depois para o outro.
- Foi por isso que pretendi que ele ficasse nas mãos de ambos.

Depois de ter almoçado, Noah parecia ter necessidade de descansar, pelo que Jane e eu regressámos a casa.

Anna e Keith chegaram a meio da tarde e, uns minutos depois, Leslie estava a arrumar o carro no desvio; deixámo-nos ficar juntos na cozinha, a conversar e a brincar uns com os outros, como antigamente. Apesar de termos mencionado as notícias sobre o cisne, não nos demorámos no tema. Em vez disso, com o fim-de-semana a chegar, metemo-nos em dois carros e seguimos para casa de Noah. Como acontecera com Jane na noite anterior, Anna, Keith e Leslie ficaram espantados. Passaram uma hora a percorrer o jardim e a casa, de boca aberta, e, quando eu estava junto da escada da sala de estar, uma Jane radiante aproximou-se e deixou-se ficar ao pé de mim. Encontrou-me os olhos, fez um aceno na direcção da escada e sorriu. Soltei uma gargalhada. Quando Leslie perguntou onde é que estava a piada, Jane fez de inocente.

- É uma coisa entre o teu pai e eu. Uma piada íntima.

De regresso a casa, fiz um desvio para ir buscar Joseph ao aeroporto. Saudou-me com o habitual: - Olá, papá! - e, a despeito de tudo o que estava a acontecer, acrescentou apenas: - Perdeste peso.

Depois de recolher a bagagem, acompanhou-me a Creekside para irmos buscar o avô. Como sempre, Joseph estava pouco à vontade na minha presença; porém, logo que viu o avô, animou-se consideravelmente. Noah também se mostrou satisfeito por Joseph ter vindo. Sentaram-se no banco traseiro a conversar, cada um deles mais animado à medida que percorríamos o caminho até casa, onde foram submergidos por abraços no próprio momento em que chagaram à porta. Passado pouco tempo, Noah estava sentado no sofá, com Leslie de um lado e Joseph do outro, contando histórias uns aos outros, enquanto Anna e Jane conversavam na cozinha. Subitamente, a casa voltara a encher-se de sons conhecidos e dei comigo a pensar que deveria ter sido sempre assim.

O jantar foi interrompido por gargalhadas, sempre que Anna e a mãe reviviam os pormenores da correria louca que fora aquela semana;

mais para o fim do serão, Anna surpreendeu-me ao bater com o garfo no copo para chamar a atenção.

Quando todos se calaram, ela disse:

- Desejo fazer um brinde à mamã e ao papá - declamou, ao mesmo tempo que erguia o copo. - Sem vós os dois nada disto teria sido possível. Este vai ser o mais maravilhoso casamento que alguém já desejou.

Quando Noah se sentiu cansado, levei-o de regresso a Creekside. Seguimos para o quarto dele através de corredores desertos.

- Obrigado pelo livro, uma vez mais - agradei, parando junto da porta. - É o presente mais especial que nos poderia dar.

Os seus olhos, que estavam a ficar cinzentos devidos às cataratas, pareciam ver através de mim. - Não tens de quê. Pigarreei. - Talvez ela lá esteja de manhã - alvitrei. Fez um aceno, sabendo que a minha intenção era boa.

- Talvez - foi o único comentário.

Joseph, Leslie e Anna continuavam sentados à mesa quando regressei a casa. Keith tinha saído havia poucos minutos. Quando perguntei por Jane, apontaram-me para a varanda. Abrindo a porta envidraçada de correr, vi Jane encostada ao corrimão e dirigi-me para ela. Durante muito tempo, ficámos juntos, a gozar a brisa fresca de Verão, sem dizermos nada.

Jane acabou por perguntar: - Estava bem quando o deixaste lá?

- Tão bem quanto seria de esperar. Mas, para o final, julgo que estava cansado.

- Achas que ele apreciou o serão?

- Sem dúvida. Adora estar na companhia dos miúdos. Espreitou pela porta, a ver o que se passava na sala de jantar.

Leslie estava a fazer gestos com as mãos, obviamente a contar uma história divertida, e tanto Anna como Joseph soltavam gargalhadas que os faziam dobrar-se pela cintura, numa ruidosa hilaridade que se ouvia mesmo cá fora.

- Vê-los assim faz-nos recordar coisas - comentou Jane.

- Bem gostava que Joseph não vivesse tão afastado. Sei que as raparigas sentem a falta dele. Há mais de uma hora que estão a rir-se assim.

- Então, por que é que não estás sentada à mesa com eles?

- Estive, até há uns minutos. Deslizei cá para fora quando vi o clarão dos teu faróis.

- Porquê?

- Porque pretendia estar sozinha contigo - respondeu, muito bem-disposta, a dar-me uma cotovelada. - Pretendia entregar-te a tua prenda de aniversário e, como tu disseste, amanhã deve ser um dia em cheio - continuou, a fazer deslizar um sobrescrito na minha direcção. - Sei que parece pequena, mas não é o género de prenda que se possa embrulhar. Depois de veres o que é, vais compreender.

Curioso, abri o sobrescrito e encontrei o certificado.

Não pude deixar de sorrir ao perguntar: - Lições de culinária?

- Em Charleston - informou Jane, encostando-se mais a mim. Apontando o certificado, prosseguiu: - Presume-se que as lições sejam de nível elevado. Estás a ver? Passas o fim-de-semana no Mondori Inn com o chefe cozinheiro, que é considerado um dos melhores do país. Sei que és um excelente autodidacta, mas pensei que a tentativa de aprenderes coisas novas seria interessante para ti. Presume-se que te ensinem a usar a faca de trinchar, a verificar quando a frigideira está pronta para o *sauté*, ou até a guarnecer os pratos na altura de servir. Conheces a Helen, não conheces? A do coro da igreja? Disse-me que foi um dos seus melhores fins-de-semana de sempre.

Dei-lhe um abraço rápido, a agradecer. - Obrigado. Quando é que começa?

- As aulas são em Setembro e Outubro, no primeiro e terceiro fins-de-semana de cada mês, de modo que podes preparar a tua agenda antes de tomares a decisão. Nessa altura, só tens de telefonar.

Examinei o certificado, tentando imaginar como poderiam ser as lições. Preocupada com o meu silêncio, Jane disse, como que a medo: - Se não gostas, posso arranjar qualquer outra coisa.

- Não, é perfeito - disse eu, para a sossegar. Depois, enrugando a testa, acrescentei: - Há, porém, um pormenor.

- Qual?

Pus-lhe os braços à volta à volta da cintura. - Apreciaria mais as aulas se pudéssemos frequentá-las juntos. Vamos transformar as aulas num fim-de-semana romântico. Charleston é muito bonita nesta altura do ano e podemos divertir-nos um bocado na cidade.

- Estás a falar a sério? - perguntou Jane.

Puxando-a mais para mim, olhei-a nos olhos. - Nada me daria mais prazer. Se não fores, as saudades de ti vão ser tantas que não me deixarão apreciar o fim-de-semana.

Jane zombou: - A ausência pode aprofundar o amor.

Não vejo como isso possa acontecer - ripostei, a falar com mais seriedade. - Nem fazes ideia de quanto te adoro.

- Oh!, mas eu sei.

Pelo canto do olho, vi que os miúdos estavam a olhar quando me inclinei para a beijar, a sentir os lábios dela colarem-se aos meus. No passado, poderia ter-me sentido acanhado. Agora, porém, não dava importância nenhuma a esses pormenores.

CAPÍTULO DEZOITO.

Na manhã de sábado estava menos nervoso do que pensara vir a estar. Anna apareceu quando toda a gente já andava levantada e surpreendeu-nos com a descontração de que deu mostras ao tomar o pequeno-almoço com a família. Depois, reunimo-nos todos na varanda das traseiras, vendo o tempo a passar como um filme em rotação lenta. Talvez estivéssemos calmamente a reunir forças para o frenesim que teríamos de suportar lá para o final da tarde.

Mais de uma vez, topei Leslie e Joseph a observarem-nos, a mim e á Jane, aparentemente encantados por nos verem a brincar um com o outro, ou a rirmo-nos com as piadas um do outro. Enquanto Leslie estava quase em lágrimas, quase como se fosse uma mãe embevecida, Joseph mostrava

uma expressão mais difícil de decifrar. Não saberia dizer se ele estava satisfeito por nos ver felizes ou se estaria a fazer cálculos sobre a duração desta nova fase da nossa vida.

Talvez as suas reacções tivessem razão de ser. Ao contrário de Anna, ultimamente não nos tinham visto com frequência e, sem dúvida, estariam ambos a lembrar-se da maneira como nos tratámos na última vez que nos viram juntos; é preciso não esquecer que, quando Joseph nos visitou pelo Natal, Jane e eu quase não falávamos. Sem esquecer, claro, a visita que a mãe lhe fizera, em Nova Iorque, no ano anterior.

Não sei se Jane teria reparado na observação embaraçada dos filhos. Se reparou, não lhe deu importância. Em vez disso, empan-turrou Joseph e Leslie com histórias sobre os planos do casamento, incapaz de esconder o deleite que sentia por tudo se ter ajustado. Leslie tinha uma centena de perguntas a fazer e parecia desfalecida depois de cada uma daquelas revelações românticas; Joseph parecia contentar-se mais a ouvir em silêncio. Anna dava sinal de vida de tempos a tempos, quase sempre para responder a perguntas. Estava sentada ao meu lado, no sofá, e quando Jane se levantou para voltar a encher o bule de café, ficou a observar a mãe por cima do ombro. Então, pegando-me na mão, murmurou simplesmente: - Mal consigo aguentar até à noite.

As mulheres da família tinham marcações no salão de cabeleireiro para as 13 horas e, quando se encaminhavam para a porta, pairavam como colegas. Quanto a mim, tanto John Peterson como Henry MacDonald tinham telefonado a meio da manhã, a perguntar se eu queria encontrar-me com eles em casa de Noah. Peterson pretendia verificar a qualidade de som do piano, enquanto MacDonald desejava dar uma vista de olhos pela cozinha e verificar os restantes preparativos, para se assegurar de que o jantar decorreria na melhor ordem. Ambos os homens prometeram que a visita seria breve, mas assegurei-lhes que o tempo não era problema. Precisava de ir deixar uma coisa qualquer na casa, algo que Leslie deixara na mala e, portanto, tinha de lá ir, com visitas ou sem visitas.

Quando me preparava para sair, senti Joseph atrás de mim, a entrar na sala de estar.

- Eh! papá. Importas-te de que vá contigo?

- É claro que não.

Durante a viagem para casa do avô, Joseph manteve-se a olhar pela janela e quase não falou. Há anos que não ia à casa e parecia desejar absorver toda a paisagem enquanto percorríamos a estrada de três faixas. Apesar de Nova Iorque ser excitante, e de agora Joseph considerar a cidade como um lar, senti que não se tinha esquecido de quanto as terras baixas podem ser encantadoras.

Abrandei, entrei no desvio e arrumei o carro no lugar habitual. Quando saímos do carro, Joseph ficou parado por momentos, a olhar a casa, que parecia irradiar a luz do sol alto de Verão. Dentro de horas, Anna, Leslie e Jane estariam no andar superior, a vestirem-se para o casamento. Tínhamos decidido que o cortejo começaria junto da casa; ao olhar as janelas do andar de cima tentei, sem o conseguir, imaginar esses momentos finais antes do casamento, com todos os convidados sentados, na expectativa.

Quando acordei do meu devaneio, vi que Joseph se afastara do carro e seguia em direcção à tenda. Caminhava de mãos nos bolsos, a olhar a propriedade com ar de apreciador. Parou à entrada da tenda e olhou para trás, à espera de que me juntasse a ele.

Sempre em silêncio, atravessámos a tenda, depois o jardim, e entrámos em casa. Embora Joseph não se mostrasse excitado, senti que ficara tão impressionado como Anna e Leslie. Depois de completado o circuito, fez-me umas quantas perguntas acerca do que tinha sido feito, quem, o quê e como, mas, na altura em que o fornecedor do copo-d'água entrou no desvio, já se remetera novamente ao silêncio.

- Então, o que é que pensas? - inquiri.

Não respondeu logo de seguida, mas os lábios enrugaram-se-lhe num sorriso ligeiro enquanto passeava o olhar pela propriedade.

- Para te ser franco - acabou por admitir -, até me custa acreditar que tenhas conseguido fazer tudo.

A seguir-lhe o olhar, pensei no aspecto que tudo aquilo tinha uns dias antes. - Fez-se qualquer coisa, não fez? - comentei com ar ausente.

Perante o meu comentário, Joseph abanou a cabeça. - Não estou apenas a falar disto - afirmou, apontando a paisagem circundante. - Estou a referir-me à mamã - continuou, fazendo uma pausa para ver se eu estava

a ouvi-lo com atenção. - Nunca a tinha visto tão perturbada como quando me foi visitar, no ano passado. Saiu do avião a chorar. Sabias disso?

A resposta estava na minha expressão.

Enfiou as mãos nos bolsos e olhou para o chão, recusando olhar-me de frente. - Disse que não queria ver-se naquele estado, que tentara manter a compostura. Mas durante o voo... acho que acabou por quebrar.

Joseph hesitou. - Isto é, ali estava eu, no aeroporto, à espera da minha mãe, para vê-la sair do avião com o ar de quem vinha de um funeral. É um facto que no meu trabalho tenho de lidar todos os dias com o desgosto, mas quando se trata da própria mãe...

Não consegui prosseguir e eu fui suficientemente sensato para ficar calado.

- Na primeira noite que passou lá em casa, obrigou-me a ficar acordado até depois da meia-noite. Sempre no seu monólogo, a chorar, a falar de como as coisas estavam a correr entre os dois. E tenho de admitir que estava furioso contigo. Não só por teres esquecido o aniversário, mas por tudo. Parecia que sempre tinhas encarado a nossa família como uma espécie de propriedade que as outras pessoas te consideravam obrigado a manter, mas onde não desejavas ocupar-te dos trabalhos necessários. Finalmente, disse-lhe que, se ainda se sentia infeliz passados tantos anos, melhor seria que ficasse a viver sozinha.

Não soube o que dizer.

- Papá, ela é uma grande senhora e eu estava cansado de a ver sofrer. Nos dias seguintes recuperou, pelo menos um pouco. Mas continuava a detestar a ideia de regressar a casa. Sempre que se falava do assunto ficava com aquele ar de verdadeira tristeza, pelo que acabei por lhe pedir que ficasse a viver comigo em Nova Iorque. Durante uns dias, pensei que fosse aceitar a oferta mas, afinal, disse-me que não podia. Concluiu que tinha necessidade dela.

Senti um nó na garganta.

- Quando me falaste dos teus planos para o aniversário do casamento, a minha primeira reacção foi não desejar ter nada a ver com a questão. Nem estava a pensar vir até cá neste fim-de-semana. Mas, na noite passada... - ia para continuar, mas abanou a cabeça e respirou fundo.

- Devias ouvi-la quando saíste para ir levar o avô a casa. Não parou de falar em ti. Repetiu uma e mais vezes que tens sido fantástico e que ultimamente se têm dado muito bem. E depois, ao ver a maneira como se beijaram na varanda...

Encarou-me com uma expressão muito próxima da descrença e parecia estar a olhar para mim pela primeira vez. - Tu fizeste aquilo, papá. Não sei como, mas fizeste. E não me recordo de a ter visto tão feliz.

Peterson e MacDonald chegaram mesmo na hora e, como prometido, não se demoraram muito. Encontrei o objecto que se encontrava na mala de Leslie, guardada num quarto do primeiro andar e, de caminho para casa, parámos numa firma de aluguer de roupa e escolhemos um *smoking* para ele e outro para Noah. Deixei Joseph em casa e segui para Creekside, pois ele tinha uma missão a desempenhar antes da cerimónia.

Noah estava sentado perto da janela, que filtrava os raios de sol do final do dia, e quando se virou para me cumprimentar, percebi de imediato que o cisne não voltara. Parei à porta.

- Viva, Noah.

- Olá, Wilson - murmurou. Parecia exausto, como se as rugas da cara se tivessem tornado mais fundas durante a noite.

- Como é que está?

- Podia estar melhor - respondeu. - Mas também podia estar pior.

Forçou um sorriso, como se não quisesse que eu me preocupasse.

- Está pronto para ir?

Acenou que sim. - Sim, estou pronto.

Não mencionou o cisne durante o caminho. Em vez disso, manteve-se a olhar pela janela, como Joseph fizera, e eu deixei-o imerso nos seus pensamentos. No entanto, a minha ansiedade crescia à medida que nos aproximávamos da casa. Estava desejoso que ele visse o que tínhamos feito e, confesso, esperava que Noah ficasse tão espantado como todos os outros.

No entanto, estranhamente, não mostrou qualquer reacção ao sair do carro. Olhando a toda a volta, no final da inspecção, o mais que

consegui ver foi um ligeiríssimo encolher de ombros e uma observação: - Pensei ouvir-te dizer que tinhas arranjado o local.

Arregalei os olhos, a duvidar que tivesse ouvido bem.

- E arranjei.

- Onde?

- Em todo o lado - respondi. - Venha daí, deixe-me mostrar-lhe o jardim.

Recusou com um movimento de cabeça. - Daqui, vejo perfeitamente o jardim. Tem o aspecto que sempre teve.

- Agora, talvez, mas devia tê-lo visto na semana passada contrapuz, quase na defensiva. - Era um matagal. E a casa...

Fez-me calar, com um sorriso sardónico.

- Já percebi. Está bem, vamos lá ver o que fizeste.

Deu uma volta à propriedade e à casa, antes de se retirar para a cadeira de balouço do alpendre. Ainda tínhamos uma hora antes de termos de vestir o *smoking*. Joseph chegou já vestido, seguido uns minutos depois por Anna, Leslie e Jane, vindas directamente do salão de beleza. Ao saírem do carro, as raparigas pareciam umas tontas. Caminhando à frente de Jane, de vestidos dobrados no braço, apressaram-se a subir ao primeiro andar.

Jane parou à minha frente, de olhos esbugalhados, a vê-las subir.

- Agora, não te esqueças - avisou -, o Keith não deve ver a Anna antes do início da cerimónia; por isso, não o deixes subir.

- Está descansada - prometi.

- Na realidade, não deixes subir seja quem for. Estamos a preparar uma surpresa.

Levantei dois dedos, e jurei: - Guardarei as escadas com a própria vida.

- E isso também se aplica a ti, papá.

- Já calculava.

Olhou para os degraus vazios. - Já estás a ficar nervoso?

- Um pouco - admiti.

- Eu também. É difícil acreditar que a nossa menina já é adulta e que vai mesmo casar-se.

Apesar de excitada, pareceu-me um pouco melancólica, pelo que me inclinei para diante e dei-lhe um beijo na face. Presenteou-me com um sorriso.

- Ouve, tenho de ir dar uma ajuda à Anna. Precisa que a ajudem a meter-se dentro do vestido. A ideia é que fique bem justo. E também tenho de ir preparar-me.

- Eu sei. Vemo-nos mais logo.

Durante a hora seguinte, chegaram o fotógrafo, seguido de John Peterson e do pessoal do restaurante; cada um deles a demonstrar ser um bom profissional. O bolo foi entregue e colocado em cima da mesa, a florista chegou com o ramo de noiva, botoneiras e flores para os vestidos e, mesmo antes dos convidados começarem a aparecer, o pastor deu-me indicações sobre a ordem do cortejo nupcial.

Pouco depois o pátio começou a encher-se de automóveis. Noah e eu ficámos no alpendre para cumprimentar quase todos os convidados, antes de os conduzirmos para a tenda, onde Joseph e Keith se encarregavam de levar as senhoras até às cadeiras. John Peterson já estava sentado ao piano, a encher o ar quente do final da tarde com música suave de Bach. Não tardou que todos estivessem sentados, com o pastor à espera, no seu lugar.

Pela primeira vez, o acontecimento começou a parecer-me real. A tentar permanecer calmo, comecei a andar de um lado para o outro. A cerimónia teria início dentro de menos de quinze minutos e tive de partir do princípio de que a minha mulher e as filhas sabiam o que estavam a fazer. Tentei convencer-me de que estavam apenas à espera do último minuto para aparecerem, mas não conseguia resistir à curiosidade e quase de minuto a minuto espreitava pela porta aberta, no cimo das escadas. Noah estava no alpendre, sentado na cadeira de balouço, a observar-me com uma expressão bem-humorada.

- Pareces um alvo num desses jogos de tiro das feiras zombou. - Sabes, aqueles em que o pinguim anda para trás e para diante?

Descontraí-me um pouco. - Pareço assim tão mal?

- Acho que já gastaste uma das pranchas do alpendre. Decidindo que seria melhor sentar-me, começava a dirigir-me para ele quando ouvi passos pela escada abaixo.

Noah fez-me sinal de que ia ficar onde estava e, respirando fundo, entrei no vestíbulo. Jane vinha a descer as escadas lentamente, com uma das mãos a deslizar pelo corrimão, e a única coisa que consegui fazer foi ficar a olhar.

Com o penteado alto, parecia incrivelmente fascinante. O vestido de cetim cor de pêssego atraía o olhar, os lábios eram cor-de-rosa brilhante. Usava um mínimo de sombra, apenas o suficiente para lhe realçar os olhos escuros e, ao ver a minha expressão, parou, a gozar o meu apreço.

- Tu estás... incrível - consegui dizer. - Obrigada - agradeceu, em voz baixa.

Instantes depois caminhava na minha direcção. Ao aproximar-se, captei a fragrância do seu novo perfume mas, quando me inclinei para a beijar, afastou-se antes que a pudesse alcançar.

Não faças isso! - exclamou, toda sorridente. - Vais esborratar o batom.

- A sério?

- A sério - redarguiu, e afastou as minhas mãos com palmadinhas. - Podes beijar-me mais tarde. Prometo. De qualquer forma, quando eu começar a chorar a maquilhagem desfaz-se.

- Então, onde está a Anna?

Apontou para as escadas. - Está pronta, mas quis falar com a Leslie antes de descer. Um qualquer compromisso de última hora, espero - acrescentou, com um sorriso sonhador. - Mal posso esperar que a vejas. Não me parece que alguma vez tenha visto uma noiva mais bonita. Está tudo pronto para começar?

- Logo que receber o sinal, o John começará a tocar a *Marcha Nupcial*.

Jane assentiu, mas parecia nervosa. - Onde é que está o papá?

- No sítio onde deve estar - informei. - Não te preocupes, vai tudo correr na perfeição. Agora, só nos resta esperar.

Acenou de novo. - Que horas são?

Consultei o relógio. - Oito horas - respondi e, no próprio momento em que Jane estava para perguntar se devia ir buscar Anna, a porta do cima da escada abriu-se. Olhámos para lá ao mesmo tempo.

Leslie foi a primeira a aparecer e, tal como a mãe, era a imagem do encanto. A pele tinha a frescura da juventude e descia a escada com uma alegria que mal conseguia reprimir. O vestido também era de tecido cor de pêsego mas, ao contrário do da mãe, não tinha mangas, expondo-lhe os músculos bronzeados dos braços quando agarrava o corrimão. Falou apressadamente. - Já vem aí. Desce dentro de uns segundos.

Joseph surgiu da porta que havia atrás de nós e deslizou para junto da irmã. Jane agarrou-me na mão e, surpreendido, verifiquei que as mãos me tremiam. Chegara o momento, pensei, afinal tudo se resumia a isto. E Jane fez um sorriso agrotado quando ouviu a porta lá de cima a abrir-se.

- Aí vem ela - sussurrou.

Sim, Anna vinha a descer, mas mesmo então eu só estava preocupado com Jane. Naquele momento, com ela ali a meu lado, percebi que nunca a amara tanto. De súbito, ficara com a boca seca.

Quando Anna apareceu, Jane esbugalhou os olhos. Por um instante, pareceu paralisada, incapaz de falar. Ao ver a expressão da mãe, Anna desceu as escadas com a mesma velocidade de Leslie, com um braço escondido atrás das costas.

O vestido que envergava não era o mesmo que Jane lhe vira vestido minutos antes. Em vez dele, usava o vestido que eu viera deixar ali em casa durante a manhã. Tinha-o pendurado na mala de viagem, num dos guarda-fatos vazios. Era exactamente igual ao de Leslie.

Antes de Jane conseguir reunir forças para falar, Anna dirigiu-se para junto dela e mostrou o que escondia por detrás das costas.

- Achei que eras a pessoa indicada para usar isto - informou com toda a simplicidade.

Quando Jane viu o véu de noivado nas mãos de Anna, pestanejou várias vezes, incapaz de crer nos seus próprios olhos, mas exigindo uma explicação: - O que é que se passa? Por que motivo despiste o vestido de casamento?

Anna mostrou um sorriso sereno. - Porque não vou casar-me. Pelo menos por agora.

- De que é que estás a falar? - gritou Jane. - É claro que vais casar-te...

A filha abanou a cabeça. - Mamã, este nunca foi o meu casamento - informou. Fez uma pausa. - Como é que pudeste pensar que eu te deixava fazer as escolhas todas?

Jane não parecia em condições de perceber o que a filha estava a dizer-lhe. Em vez disso, olhava de Anna para Joseph e deste para Leslie, à procura de uma resposta nos rostos sorridentes dos filhos, até que se virou para mim.

Peguei-lhe nas mãos e levei-as aos lábios. Um ano de planificação, um ano de segredos, tinha conduzido àquele momento. Antes de olhar para ela, beijei-lhe levemente os dedos.

- Disseste que eras capaz de voltar a casar comigo, não disseste?

Por momentos, pareceu que éramos as únicas pessoas presentes na sala. Jane a olhar para mim, eu a pensar em todos os preparativos que tivera de fazer durante um ano, em segredo: umas férias na altura precisa, o fotógrafo e o fornecedor do copo-d'água que tinham tido uma «vaga», convidados para um casamento que não haviam feito planos para o fim-de-semana, equipas de trabalho com possibilidade de «inventar prazos» para conseguirem ter a casa pronta em poucos dias.

Isto levou apenas uns segundos, mas os olhos de Jane começaram a mostrar sinais de compreensão. E quando percebeu bem o que estava a passar-se, o verdadeiro significado daquele fim-de-semana, ficou a olhar-me, maravilhada e incrédula.

Quando despertou, a sua voz era calma, quase inaudível. - O meu casamento?

Fiz um sinal de assentimento. - O casamento que eu devia ter-te proporcionado há muito tempo.

Embora Jane pretendesse os pormenores todos, ali, no momento, peguei no véu que Anna continuava a segurar.

- Conto-te tudo durante o copo-d'água - prometi, ajeitando-lhe cuidadosamente o véu na cabeça. - Mas agora temos os convidados à espera. O Joseph e eu já devíamos estar lá à frente; por isso, tenho de ir. Não te esqueças do ramo.

Os olhos de Jane pareciam implorar que eu ficasse. - Mas... espera...

- De facto, não posso - redargui calmamente. - Nem devia ver-te antes de concluída a cerimónia, recordas-te? - perguntei, a sorrir. - No entanto, vemo-nos dentro de minutos, está bem?

Senti os olhos dos convidados pregados em mim e em Joseph quando caminhámos para a latada. Instantes depois estávamos junto de Harvey Wellington, o pastor a quem pedira que oficiasse.

- Tens as alianças, não tens? - perguntei.

Joseph apontou o bolso interior do casaco. - Estão aqui, papá. Fui buscá-las hoje, como me pediste.

Lá longe, o sol começava a mergulhar abaixo das copas das árvores e o céu ia lentamente ficando cinzento. Passei os olhos pelas filas de convidados, ouvi os seus murmúrios abafados e senti-me invadido por um sentimento de gratidão. Kate, David e Jeff estavam sentados na fila da frente, junto dos respectivos cônjuges, com Keith sentado logo atrás deles e, mais para trás, estavam os amigos que Jane e eu partilhámos durante uma boa parte da nossa vida. Estava grato a cada um deles por ter tornado tudo isto possível. Alguns tinham enviado fotografias para o álbum, outros ajudaram-me a encontrar as pessoas que auxiliaram na elaboração dos planos de casamento. No entanto, a minha gratidão não se esgotava neste género de pormenores. Naqueles dias, em que parecia impossível guardar segredos, não só mantiveram este, mas também colaboraram com entusiasmo, desejosos de celebrar este momento especial das nossas vidas.

Nos meus agradecimentos, não podia deixar de distinguir Anna. Nada disto teria sido concretizado sem a sua participação entusiasta e não deve ter sido fácil para ela. Teve de medir cada palavra que disse, sem nunca deixar de manter Jane preocupada. Também fora um fardo para Keith e dei comigo a pensar que, um dia, ele seria decerto um excelente

genro. Prometi a mim mesmo que, quando ele e Anna decidirem casar-se, terão exactamente o género de casamento que pretenderem, qualquer que seja o custo.

Leslie foi também uma grande ajuda. Foi ela que falou na ida a Greensboro, foi ela quem foi à loja comprar para a irmã um vestido a condizer com o seu, que depois levou para casa. Mais ainda, foi a ela que recorri para me dar ideias que pudessem tornar o casamento o mais belo possível. Sendo uma adoradora de filmes românticos, as ideias aparecem-lhe com naturalidade; a ideia de contratar Harvey Wellington e John Peterson foi dela.

E não posso esquecer-me de Joseph. Dos meus filhos, foi o que se mostrou menos entusiasmado com a ideia quando lhe disse o que tencionava fazer, embora fosse a reacção de que eu deveria estar à espera. O que não era de esperar era o peso da sua mão no meu ombro, quando estávamos debaixo da latada, a aguardar a chegada de Jane.

- Eh! Papá? - murmurou.

- O que é?

Sorriu. - Só quero que saibas que me sinto muito honrado por me teres escolhido para padrinho.

Palavras que me fizeram sentir um nó na garganta. - Obrigado - foi tudo o que consegui dizer.

O casamento correu exactamente como eu esperava. Nunca esquecerei a excitação abafada da pequena multidão ou a maneira como as pessoas esticavam o pescoço para verem as minhas filhas a caminhar pela coxia; nunca esquecerei a forma como as mãos me começaram a tremer quando ouvi os primeiros acordes da *Marcha Nupcial*, ou a expressão radiante de Jane ao ser conduzida pela coxia, de braço dado com o pai.

Com a cabeça tapada pelo véu, parecia uma noiva jovem e encantadora. A pegar com toda a naturalidade no ramo de tulipas e rosas em miniatura, parecia deslizar pela coxia. A seu lado, Noah exultava de prazer que mal conseguia disfarçar, um pai orgulhoso da cabeça aos pés.

Chegados ao final da coxia, pai e filha pararam e, lentamente, Noah levantou-lhe o véu. Depois de a beijar na face, sussurrou-lhe qualquer

coisa ao ouvido e foi tomar o seu lugar na fila da frente, ao lado de Kate. Por trás deles, já se viam mulheres a enxugar as lágrimas com os lenços.

Harvey começou a cerimónia com uma acção de graças. Depois de nos pedir que olhássemos um para o outro, falou de amor, de renovação e dos vínculos que eles impõem. Durante toda a cerimónia, Jane nunca deixou de exercer uma ligeira pressão nas minhas mãos e não tirou os olhos dos meus.

Chegada a altura, pedi a Joseph que me desse as alianças. Para Jane, tinha comprado uma aliança de aniversário com um diamante; para mim, optei por um duplicado da aliança que já usava, uma aliança que parecia brilhar com a esperança de melhores dias futuros.

Renovámos os votos já pronunciados muitos anos antes e enfiámos as alianças nos dedos um do outro. Chegada a altura de beijar a noiva, fi-lo sob uma chuva de vivas, assobios e aplausos, para não falar dos clarões das máquinas fotográficas.

O copo-d'água prolongou-se até à meia-noite. A refeição foi magnífica e, ao piano, John Peterson mostrou-se em excelente forma. Cada um dos nossos filhos propôs um brinde, o que eu próprio também fiz, para agradecer a colaboração de todos. Jane não conseguia parar de sorrir.

Depois do jantar, afastámos algumas mesas e dancei com Jane durante horas. Nos momentos em que parava para descansar, atenzava-me com questões que me tinham atormentado durante quase todos os dias da semana finda.

- E se alguém desvendasse o segredo?

- Mas ninguém o desvendou - respondi.

- Está bem, mas se alguém o desvendasse?

- Não sei. Julgo ter alimentado a esperança de que se alguém se descaísse, tu julgasses ter percebido mal. Ou não acreditasses que eu fosse tão louco para me meter numa coisa destas.

- Tiveste de confiar num grande número de pessoas.

- Eu sei. E agradeço-lhes por não me terem deixado mal.

- Também eu. Esta é a noite mais maravilhosa da minha vida. Hesitou, ao olhar a toda a volta da sala. - Obrigada, Wilson.

Por cada pedacinho de tudo isto.

Rodeei-lhe os ombros com um braço. - Não tens de quê.

Com os ponteiros do relógio a aproximarem-se da meia-noite, os convidados começaram a sair. Ao despedir-se, cada um deles me apertou a mão e beijou a Jane. Quando Peterson se decidiu a baixar a tampa do piano, Jane agradeceu-lhe com entusiasmo. Instintivamente, o pianista beijou-a na face, e disse: - Nada me faria perder uma coisa destas.

Harvey Wellington e a mulher foram dos últimos a sair, acompanhados até ao alpendre por Jane e por mim. Quando Jane estava a agradecer-lhe por ter sido o oficiante, o pastor abanou a cabeça. - Não há que agradecer. Não há nada de mais maravi-lhoso do que tomar parte numa festa assim. É isto que entendo por casamento.

Jane sorriu. - Ligo-lhe um dia destes para podermos jantar juntos.

- Bem gostaria.

Os miúdos tinham-se juntado à volta de uma das mesas, a reverem o serão mas, para além disso, a casa estava silenciosa. Jane juntou-se a eles e eu fiquei de pé, atrás dela, a esquadrinhar a sala à procura de Noah, que saíra sem ninguém notar.

Tinha mantido um silêncio estranho durante a maior parte do serão, pelo que pensei encontrá-lo no alpendre das traseiras, para onde teria ido para ficar só. Já o encontrara lá antes e, para ser franco, estava um pouco preocupado com ele. Fora um longo dia e como estava a fazer-se tarde queria perguntar-lhe se pretendia regressar a Creekside. Porém, ao chegar ao alpendre não o vi.

Quando já estava para reentrar em casa para o procurar nos quartos, avistei uma figura solitária junto da margem do rio, mas longe. Nunca saberei como é que consegui, mas talvez tenha notado as costas das mãos dele a moverem-se na escuridão. Envergando ainda o *smoking*, parecia alheio a tudo o que o rodeava.

Ponderei se devia ou não chamá-lo, mas pensei deixá-lo sozinho. Não sei por quê, tive a sensação de que ele não desejava que alguém soubesse que estava fora de casa. Contudo, por curiosidade, hesitei apenas uns instantes antes de descer os degraus e começar a caminhar na direcção dele.

Por cima de mim, as estrelas estavam bem visíveis, o ar era fresco, com o odor típico das terras baixas. Os meus sapatos provocavam sons fracos ao pisarem a gravilha ao de leve; porém, assim que atingi uma zona de erva alta, o caminho começou a descer, pouco, de início, mas com inclinação sempre crescente. Tive alguma dificuldade em manter o equilíbrio por entre a vegetação mais espessa. A afastar os ramos da cara, não conseguia perceber por quê, ou como, Noah tinha percorrido todo aquele caminho.

Ao aproximar-me, estava de costas para mim, a sussurrar. A cadência suave das suas palavras era inimitável. A princípio, pensei que falasse comigo mas, de súbito, apercebi-me de que ele nem sabia da minha presença naquele local.

- Noah? - chamei, com voz calma.

Surpreendido, voltou-se e encarou-me. Levou algum tempo a reconhecer-me no escuro, mas, pouco a pouco a sua expressão adoçou-se. Diante dele, tive a estranha sensação de o ter apanhado a fazer algo de errado.

- Não te ouvi chegar. O que é que andas a fazer por aqui? Respondi com um sorriso sardónico. - Ia agora perguntar-lhe a mesma coisa.

Em vez de me responder, acenou com a cabeça na direcção da casa. - Esta noite, deste uma festa e pêras. Na realidade, pode dizer-se que te excedeste a ti mesmo. Acho que Jane não parou de sorrir durante toda a noite.

- Obrigado - agradeci. - E o Noah, divertiu-se?

- Diverti-me imenso.

Por momentos, permanecemos ambos calados.

- Está a sentir-se bem? - acabei por perguntar.

- Podia estar melhor - retorquiu. - Mas também podia estar pior.

- Tem a certeza?

- Sim. Tenho a certeza.

Talvez para responder ao meu ar de curiosidade, comentou. - É que está uma noite mesmo agradável. Pensei passar um bocado a apreciá-la.

- Aqui? Acenou que sim.

- Porquê?

Suponho que devia ter adivinhado a razão que o levava a arriscar a descida até à margem do rio mas, na altura, a ideia não me ocorreu.

Limitou-se a dizer: - Eu sabia que ela não me tinha abandonado. E quis falar-lhe.

- Quem?

Noah nem pareceu ouvir a pergunta. Em vez disso, apontou na direcção do rio. - Julgo que veio por causa do casamento.

Foi assim que pude perceber o ele estava a dizer-me e olhei para o rio, mas não vi nada. Senti um baque no coração e, esmagado por um súbita sensação de impotência, dei comigo a pensar se, afinal, os médicos não teriam razão. Se calhar vivia num mundo de fantasia, ou talvez aquela noite tivesse sido demasiado excitante para ele. Contudo, quando ia abrir a boca para o convencer a ir para casa, as palavras pareceram ficar-me presas na garganta.

Pois, na água ligeiramente agitada por detrás dele, sem se saber de onde teria vindo, iluminado pelo luar, o cisne apareceu a deslizar. Ali, no mundo natural, parecia majestoso, de penas a brilhar como se fossem de prata; tive de fechar os olhos, com a esperança de fazer desaparecer aquela imagem da minha cabeça. Porém, ao abri-los de novo, o cisne fazia círculos em frente de nós e, de súbito, dei comigo a sorrir. Noah tinha razão. Apesar de não saber por quê, ou como ela tinha vindo, não tive dúvidas de que se tratava da mesma ave. Tinha de ser. Vira aquele cisne centenas de vezes e, mesmo de longe, não pude deixar de reparar na pequena mancha preta que ele tinha no meio do peito, directamente sobre o coração.

EPÍLOGO.

Estamos em pleno Outono, encontro-me no alpendre, de pé, a sentir o ar fresco e revigorante da noite, ao mesmo tempo que penso no meu casamento. Ainda o recorde nos mais ínfimos pormenores, tal como

consigo recordar tudo o que aconteceu no ano em que me esqueci do aniversário.

Pensar que tudo passou, provoca uma sensação esquisita. Os preparativos dominaram os meus sentimentos durante tanto tempo, visualizei-os tantas vezes, que agora pareço sentir a perda do contacto com um amigo íntimo, de alguém com quem aprendera a dar-me muito bem. Porém, em consequência destas recordações, acabei por me aperceber de que agora disponho de resposta para a questão que andava a ponderar quando decidi iniciar a tarefa.

Sim, agora tenho a certeza de que um homem pode mudar.

Os eventos do ano que passou ensinaram-me muito acerca de mim próprio, para além de me revelarem algumas verdades de carácter universal. Aprendi, por exemplo, que embora seja fácil magoar aqueles que amamos, a cura dessas feridas é com frequência muito difícil. Porém, o processo de cura das feridas proporcionou-me a mais rica experiência de toda a minha vida, obrigando-me a acreditar que, embora subestimasse muitas vezes o que conseguia fazer num dia, subestimaré também o que poderia fazer num ano. Porém, e acima de tudo, aprendi ser possível que duas pessoas voltem a enamorar-se, mesmo que haja toda uma vida de desapontamentos entre elas.

Não tenho certezas acerca do cisne nem do que vi naquela noite, além de ser obrigado a admitir que ser romântico todos os dias não se consegue com facilidade. É uma luta diária para me reinventar a mim mesmo e uma parte do meu ser interroga-se se isto terá de ser sempre assim. Mas, se tiver de ser? Agarro-me às lições que Noah me deu sobre o amor e as maneiras de o manter vivo e, embora nunca me possa tornar um romântico como o meu sogro, tal não significa que alguma vez vá desistir de o tentar.

